

# DJAMES PATTERSON

e Andrew Gross

2<sup>a</sup>

chance

Fleur

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



JAMES PATTERSON

e Andrew Gross

2<sup>a</sup> chance

Tradução de Alyda Sauer

Personagens e acontecimentos neste livro são fictícios.  
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência e sem a intenção do autor de fazer nenhuma alusão.

Copyright © 2002 by SueJack, Inc.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

"Primeira publicação pela Little, Brown & Co.,  
Nova York, NY. Todos os direitos reservados."

Edição brasileira pulicada mediante acordo com  
Linda Michaels Limited, International Literary Agents."

Direitos para a lingua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax (21) 3525-2001

[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

*Printed in Brazil/Impresso no Brasil*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P344s

Patterson, James, 1947.

2ª chance/James Patterson e Andrew Gross;  
tradução de Alyde Sauer. - Rio de Janeiro: Rocco,

2009.

Tradução de: 2<sup>nd</sup> chance  
ISBN 978-85-325-2470-6

1. Mulheres detetives – Ficção. 2. Homicídios em série – Ficção. 3. Ficção norte-americana. I. Gross, Andrew. II. Sauer, Alyda. III. Título.

CDD – 813 CDU – 823.111 (73)-3  
09-3631



## Sinopse

Uma menina de 11 anos é assassinada com um tiro de alta precisão quando um maniaco abre fogo contra uma igreja. Uma senhora idosa é encontrada enforcada no prédio onde mora. Em comum, as vítimas dos dois crimes – aparentemente sem relação – têm apenas o fato de serem negras. Designada para o caso, a tenente Lindsay Boxer, promovida a chefe do Departamento de Homicídios da polícia de São Francisco após solucionar um caso de grande repercussão, descobre que pode haver ainda mais por trás do que parece, inicialmente, ser uma onda de assassinatos motivados por racismo.

Além da busca pelo autor dos crimes, Lindsay Boxer terá que lidar com a pressão do novo cargo, enfrentando a interferência do FBI, a cobrança do chefe da polícia de São Francisco e do próprio prefeito por uma solução rápida para o caso. A investigação a levará à Universidade de Stanford, a uma das mais perigosas prisões de segurança máxima dos Estados Unidos, à cidade vizinha de Oakland, ao coração da polícia de São Francisco e a um acerto de contas com seu próprio passado familiar.

“2ª chance” é o segundo livro protagonizado pelo Clube das Mulheres contra o Crime, que reúne a tenente Boxer; a médica legista Claire Washburn; a assistente da promotoria Jill Bernhardt e a repórter policial Cindy Thomas. Juntas, as quatro buscam, investigam e analisam cada pista que possa levar ao autor dos assassinatos, enquanto conversam sobre suas carreiras e vidas amorosas, em encontros geralmente regados a margaritas. O sucesso das personagens, que fizeram sua estreia no livro “1º a morrer”, fez com que suas histórias fossem transformadas na série de televisão *Women’s Murder Club*.

## Agradecimentos

Agradeço especialmente à inspetora e sargento Holly Pera do setor de Homicídios da Polícia de San Francisco. Ao seu parceiro, inspetor e sargento Joe Toomey. E ao capitão aposentado Pete Ogten, também do Departamento de Polícia de San Francisco. Agradeço ainda ao Dr. Greg Zorman de Fort Lauderdale.

Mas, acima de tudo, agradeço a Lynn e a Sue, a quem dedico o livro.



## Prologo

*As crianças do coro*

Aaron Winslow jamais esqueceria os próximos minutos. Reconheceu o ruído aterrador assim que os estampidos ecoaram na noite. Seu corpo ficou gelado. Não podia acreditar que alguém estivesse disparando um rifle de alta potência no bairro.

Ca-pau, ca-pau, ca-pau... ca-pau, ca-pau, ca-pau.

O coro em que ele cantava acabava de sair da igreja La Salle Heights. Quarenta e oito crianças passavam por ele, em direção à calçada. Tinham terminado o ensaio final antes da apresentação no San Francisco Sing-Off e estavam excelentes.

Então ouviram os disparos. Muitos tiros. Não foi apenas um. Foi um tiroteio. Um ataque.

Ca-pau, ca-pau, ca-pau... ca-pau, ca-pau, ca-pau.

– Abaixem-se! – ele berrou o mais alto que pôde. – Todo mundo no chão! Cubram a cabeça. Protejam-se!

Quase não acreditava nas palavras que saíam da sua boca.

Primeiro pensou que ninguém tivesse ouvido. Para as crianças, com suas blusas e camisas brancas, os tiros deviam ter soado como fogos de artifício. Então uma saraivada de balas varou o lindo vitral da igreja. A imagem de Jesus abençoando uma criança em Cafarnaum se estilhaçou, cacos de vidro se espalharam por toda parte e um pouco caiu sobre a cabeça das crianças.

– Alguém está atirando! – gritou Winslow.

Talvez fosse mais de um atirador. Como podia ser? Ele correu no meio das crianças berrando, agitando os braços, empurrando todas que conseguiu na grama.

Quando elas finalmente se abaixaram ou se jogaram no chão, Winslow viu duas meninas do coro, Chantal e Tamara, paralisadas no gramado enquanto as balas passavam zunindo perto delas.

– Para baixo, Chantal, Tamara! – ele berrou, mas elas continuaram paradas, abraçadas, dando gritos frenéticos. Eram melhores amigas. Ele as conhecia desde pequenas, quando pulavam amarelinha.

Winslow não teve dúvida. Saiu correndo em direção às duas meninas, agarrou seus braços com firmeza e as derrubou no chão. Depois deitou em cima delas, prendendo seus corpos com força.

As balas zuniram a poucos centímetros da cabeça dele. Seus tímpanos doeram. Ele tremia e as meninas também. Tinha quase certeza de que ia morrer.

– Está tudo bem, meninas – sussurrou.

De repente, assim como começara, o tiroteio acabou. O silêncio pairou no ar. Estranho e assustador, como se o mundo tivesse parado para escutar.

Quando ficou de pé, Winslow nem acreditou no que viu. Lentamente, por toda parte, as crianças foram se levantando. Algumas choravam, mas ele não viu sangue algum, parecia que ninguém estava ferido.

– Estão todos bem? – perguntou.

Ele foi andando entre os meninos e meninas.

– Alguém está ferido?

– Estou bem... estou bem – foi o que ouviu.

Winslow olhou em volta atônito. Aquilo era um milagre.

Então ouviu o lamento de uma única criança.

Deu meia-volta e avistou Maria Parker, que tinha apenas doze anos. Maria estava de pé nos degraus de madeira caída da entrada da igreja. Parecia perdida e soluçava de boca aberta.

Então Aaron Winslow viu o que deixara a menina histórica. Sentiu um aperto no coração. Nem na guerra, nem na infância nas ruas de Oakland jamais sentira algo tão horrível, tão triste e tão sem sentido.

– Meu Deus. Ah, não. Como pôde deixar isso acontecer?

Tasha Catchings, uma menina de onze anos, estava caída num canteiro de flores perto da igreja. Sua blusa branca do uniforme toda empapada de sangue.

Por fim, o reverendo Aaron Winslow começou a chorar.

## Parte 1

*O Clube das Mulheres Contra o Crime - outra vez*

Numa terça-feira à noite eu jogava Oito Maluco com três residentes da Casa de Adolescentes da rua da Esperança. E achava ótimo.

No sofá surrado à minha frente estavam Hector, um garoto do bairro latino que tinha saído havia dois dias da casa de detenção juvenil, Alysha, quieta e bonita, mas com uma história familiar que é melhor nem saber, e Michelle, que aos catorze já passara um ano se prostituindo nas ruas de San Francisco.

– Copas – eu disse, descartando um oito e mudando o naipe, bem na hora que Hector ia bater.

– Droga, dona distintivo – ele resmungou. – Como pode? Toda vez que estou para bater, você enfia a faca em mim...

– É pra você aprender a nunca confiar na polícia, idiota. – Michelle deu risada e olhou para mim com expressão de cumplicidade.

Naquele mês eu tinha passado uma ou duas noites por semana na Casa da rua da Esperança. Ficara completamente perdida durante muito tempo, depois daquele terrível caso de assassinato de recém-casados no verão. Tirei um mês de folga da Homicídios, fui para a marina e fiquei admirando a baía na segurança do meu apartamento em Potrero Hill.

Mas nada ajudava. Nem aconselhamento, nem o apoio total das minhas meninas, Claire, Cindy e Jill. Nem mesmo voltar para o trabalho. Eu assistira impotente à vida se esvaír da pessoa que eu amava. Ainda me sentia responsável pela morte do meu parceiro no cumprimento do dever. E nada preenchia aquele vazio.

Então vim para cá... para a rua da Esperança.

E a boa notícia era que estava funcionando... um pouco.

Olhei por cima das cartas para Angela, uma recém-chegada que estava sentada numa cadeira de metal do outro lado da sala, embalando a filha de três meses. A pobre menina, que devia ter uns dezesseis anos, não falou quase nada a noite inteira. Eu ia tentar conversar com ela antes de ir embora.

A porta abriu e Dee Collins, uma das conselheiras diretoras da casa, entrou. Atrás dela uma mulher negra empertigada, de calça e paletó cinza, bem conservadora. Tinha Departamento de Crianças e Famílias escrito na testa.

– Angela, sua assistente social está aqui. – Dee se ajoelhou ao lado dela.

– Não sou cega, disse a adolescente.

– Temos de levar o bebê agora – interrompeu a assistente social, como se o cumprimento daquela tarefa fosse a única coisa que a impedia de pegar o próximo trem.

– Não!

Angela apertou o bebê ainda mais.

– Vocês podem me manter aqui nesse buraco, podem me mandar de volta para Claymore, mas não vão levar o meu bebê.

– Por favor, querida, é só por alguns dias. – Dee Collins tentou acalmá-la.

A menina envolveu o filho com os braços e ele começou a chorar, sentindo que alguma coisa ruim estava acontecendo.

– Não faça escândalo, Angela – disse a assistente social. – Você sabe como isso é feito.

Quando a mulher se aproximou, vi Angela pular e ficar de pé. Ela segurava o bebê com um braço e um copo de suco que estava bebendo na outra mão.

Com um movimento rápido, Angela bateu o copo na mesa. E ficou com um caco pontudo na mão.

– Angela! – Pulei da mesa de jogo. – Largue isso. Ninguém vai levar seu bebê para lugar nenhum, a menos que você deixe.

– Essa filha da puta está querendo arruinar a minha vida – ela disse, furiosa. – Primeiro, ela me deixa lá em Claymore três dias além da conta, depois não me deixa ir para casa, ficar com a minha mãe. Agora está tentando levar a minha menininha.

Meneei a cabeça, olhando nos olhos da adolescente.

– Primeiro, você tem de largar o caco de vidro. E você sabe disso, Angela.

A assistente social do DCF deu um passo à frente, mas eu a segurei. Fui me aproximando de Angélica. Peguei o caco de vidro e depois tirei o bebê dos seus braços.

– Ela é tudo que eu tenho – sussurrou a menina, e então começou a soluçar.

– Eu sei. É por isso que você vai mudar algumas coisas na sua vida e voltar para pegá-la.

Dee Collins abraçou Angela e enrolou um pano na mão dela, que sangrava. A assistente do DCF se esforçava para fazer o bebê parar de chorar, sem sucesso.

– Esse bebê ficará em algum lugar aqui perto, eu disse a ela, com direito a visitas diárias. A propósito, não vi nada aqui que mereça ficar registrado... E você?

A mulher olhou para mim irritada e virou para o outro lado.

De repente, meu bipe tocou, três toques dissonantes pontuando o clima tenso. Tirei do bolso e li o número. Era Jacobi, meu ex-parceiro da Homicídios. O que ele queria?

Pedi licença e fui para a sala do pessoal. Consegui alcançá-lo no seu carro.

– Aconteceu uma coisa ruim, Lindsay – disse. – Achei que ia querer saber.

Jacobi falou de uma terrível saraivada de balas disparada contra a igreja La Salle Heights. Relatou que uma menina de onze anos tinha morrido.

– Meu Deus... – Suspirei, com o coração apertado.

– Pensei que você ia querer investigar isso – disse Jacobi.

Respirei fundo. Já fazia mais de três meses que eu não via uma cena de homicídio. Desde o dia em que o caso dos recém-casados fora encerrado.

– Então, não ouvi – insistiu Jacobi. – Quer entrar nessa, tenente?

Foi a primeira vez que ele mencionou a minha nova patente.

Entendi que minha lua de mel tinha chegado ao fim.

– É – resmunguei. – Quero.

## Capítulo 2

Uma chuva fria começou a cair quando parei meu Explorer diante da igreja La Salle Heights, na rua Harrow, no bairro predominantemente de negros da Bay View. Uma multidão raivosa e nervosa tinha se formado, uma combinação de mães tristes e os rapazes de sempre, encolhidos em suas parcas coloridas todos avançando para cima de um punhado de policiais fardados.

– Isso aqui não é a merda do Mississippi – alguém gritou quando abri caminho à força na multidão.

– Quantos mais vão ter de morrer? – gemeu uma mulher mais velha – *Quantos mais?*

Passei por uma dupla de patrulheiros exibindo meu distintivo. A cena que vi me fez ficar sem ar.

A fachada da igreja de madeira branca era uma renda com uma estampa grotesca de buracos de bala e estilhaços cor de chumbo. Havia um buraco enorme numa parede, onde um vitral tinha sido destruído a tiros. Cacos pontiagudos de vidro balançavam como gelo pendurado. As crianças ainda estavam espalhadas pelo gramado, obviamente em estado de choque, algumas sendo atendidas por equipes do Serviço Médico de Emergência.

– Ai, meu Deus... – murmurei baixinho.

Avistei os paramédicos de jaquetas de náilon pretas, reunidos ao redor do corpo de uma menina nos degraus da entrada. Dois policiais à paisana ao lado. Um deles era meu ex-parceiro, Warren Jacobi.

De repente, hesitei. Tinha feito isso centenas de vezes. Poucos meses atrás resolvi o maior caso de assassinato na cidade, desde Harvey Milk, mas muita coisa tinha acontecido desde então. Eu me senti estranha, como se não tivesse experiência. Cerrei os punhos, respirei fundo e fui falar com Jacobi.

– Bem-vinda de volta ao mundo, tenente – disse Jacobi, enrolando a língua para pronunciar minha nova patente.

O som daquela palavra ainda disparava uma descarga elétrica em mim. Comandar a Homicídios era uma meta que tinha perseguido durante toda a minha carreira: a primeira detetive mulher de homicídios em San Francisco, agora a primeira tenente mulher do departamento. Depois que meu antigo tenente Sam Roth optou pela vida tranquila em Bodega Bay, o chefe Mercer tinha me convocado.

– *Posso fazer uma de duas coisas – ele disse. – Mantê-la numa longa licença administrativa e você vê se encontra ânimo para fazer esse trabalho de novo, ou então posso lhe dar isso, Lindsay.*

Ele empurrou um distintivo dourado com duas barras em cima da mesa. Até aquele momento, acho que nunca tinha visto Mercer sorrir.

– O distintivo de tenente não facilita nada as coisas, não é, Lindsay? – disse Jacobi, enfatizando que nosso relacionamento de três anos agora tinha mudado.

– O que temos aí? – perguntei.

– Parece que foi um único atirador, daqueles arbustos.

Ele apontou para uma mata fechada ao lado da igreja, a cerca de uns cinquenta metros dali.

– O safado pegou as crianças justamente na hora em que estavam saindo. Abriu fogo com tudo que tinha.

Respirei fundo e olhei para as crianças que choravam, em estado de choque, no gramado da igreja.

– Alguém viu o cara? Alguém deve ter visto, certo?

Ele balançou a cabeça.

– Todos se atiraram no chão.

Perto da menina caída, uma mulher negra soluçava desconsolada no ombro de uma amiga solidária. Jacobi viu que eu olhava fixo para o corpo.

– O nome é Tasha Catchings – ele murmurou. – Quinta série

St. Anne. Boa menina. A mais jovem do coro.

Ceguei mais perto e me ajoelhei sobre o corpo ensoado de sangue. Não importa quantas vezes façamos isso, é sempre uma visão avassaladora. A blusa do uniforme de Tasha estava encharcada de sangue misturado com a chuva. A poucos metros dali vi uma mochila colorida na grama.

– Só ela? – perguntei incrédula.

Observei a cena.

– Ela foi a única vítima?

Havia buracos de bala por toda parte, estilhaços de vidro e de madeira. Dezenas de crianças estavam saindo da igreja... *Todos aqueles tiros e só uma vítima.*

– Nosso dia de sorte, hein? – resmungou Jacobi.



### Capítulo 3

Paul Chin, da minha equipe da Homicídios, Estava Entrevistando um homem negro, alto e bonito, de blusão preto e calça jeans, na escada da igreja. Eu o tinha visto antes, no noticiário. Até sabia o nome dele: era Aaron Winslow.

Mesmo abalado e em choque, Winslow tinha uma ótima aparência, feições proporcionais, cabelo preto como azeviche cortado rente, em cima, e constituição de corredor de futebol americano. Todos em San Francisco sabiam o que ele fazia pelo bairro. Era o próprio herói da vida real, e tinha a imagem perfeita para desempenhar esse papel.

Fui falar com ele.

– Este é o reverendo Aaron Winslow – disse Chin quando nos apresentou.

– Lindsay Boxer – eu disse e estendi a mão.

– Tenente Boxer – disse Chin. – Ela vai supervisionar o caso.

– Conheço o seu trabalho – eu disse. – Dedicou-se muito a esse bairro. Sinto muito por essa desgraça. Não tenho palavras.

Ele olhou para a menina assassinada. E falou com a voz mais suave que se pode imaginar:

– Eu a conhecia desde que era pequena. Essa gente é boa, responsável. A mãe criou Tasha e o irmão, sozinha. Eram todas crianças. Elas cantam no coro, tenente.

Eu não queria invadir, mas era preciso.

– Posso fazer algumas perguntas? Por favor?

Ele meneou a cabeça com o olhar vazio.

– É claro.

– Viu alguém? Alguém fugindo? Uma forma, uma visão rápida?

– Vi de onde os disparos partiram – disse Winslow, e apontou para os mesmos arbustos para onde Jacobi tinha ido. – Eu vi aramada de balas. Estava ocupado tentando fazer com que todos deitassem no chão. Foi uma loucura.

– Alguém fez ameaças recentemente contra o senhor, ou a sua igreja? – perguntei.

– Ameaças? – Winslow fez uma careta. – Talvez anos atrás, quando conseguimos recursos para reconstruir algumas dessas casas.

Perto dali, ouvimos o grito desesperado da mãe de Tasha Catchings, quando puseram o corpo da menina numa maca. Era muito triste. A multidão em volta estava ficando mais nervosa. Provoações e acusações despontaram.

– Por que estão todos parados aqui? Vão procurar o assassino dela!

– É melhor eu ir até lá – disse Winslow antes dessa coisa degringolar.

Ele já ia se afastando, mas então virou, apertando os lábios com ar de resignação.

– Eu podia ter salvado aquela pobre menininha. Ouvi os tiros.

– O senhor não podia salvar todas as crianças — eu disse. – Fez o que pôde.

Ele acabou aceitando, balançou a cabeça. Então disse uma coisa que me deixou completamente chocada.

– Foi uma M16, tenente. Clipe com trinta balas. O filho da mãe recarregou duas vezes.

– Como sabe disso? – perguntei, surpresa.

– Tempestade no Deserto – ele respondeu. – Eu era o capelão de campo. Não há como esquecer aquele barulho horrível. Ninguém esquece.

Ouvi alguém chamar meu nome mais alto que o vozerio da multidão. Era Jacobi. Ele estava na mata atrás da igreja.

– Ei, tenente, venha dar uma espiada.

No caminho, fiquei imaginando que tipo de pessoa faria coisa tão terrível. Eu tinha trabalhado em uma centena de homicídios. Em geral eram drogas, dinheiro ou sexo que estavam no centro de tudo. Mas isso... Isso pretendia chocar.

– Veja só.

Jacobi estava abaixado. Tinha encontrado uma cápsula de bala.

– Aposto que é uma M16 – respondi.

Jacobi fez que sim com a cabeça.

– A senhorinha andou refrescando a memória durante a folga? A cápsula é uma Remington dois vinte e três.

– Tenente senhorinha para você. – Dei um sorriso zombeteiro.

Então contei como sabia.

Havia dúzias de cápsulas espalhadas por toda parte naquele ponto. Estávamos bem dentro da mata, escondidos da igreja.

As cápsulas estavam em dois conjuntos distintos, cerca de cinco metros de distância um do outro.

– Dá para ver de onde ele começou a atirar – disse Jacobi. – Acho que foi aqui. Ele deve ter mudado de lugar.

No ponto em que estava o primeiro monte de cápsulas, tinha-se uma visão direta da lateral da igreja. O vitral bem à vista, todas aquelas crianças saindo para a rua... Pude entender por que ninguém o viu. O esconderijo era totalmente protegido.

– Quando ele recarregou deve ter ido para lá. – Apontou Jacobi.

Fui até aquele ponto e me abaixei ao lado do outro monte de cápsulas. Alguma coisa não fazia sentido. Dava para ver a fachada da igreja, os degraus onde Tasha Catchings tinha caído. Mas não muito bem.

Espiei por uma mira imaginária, dirigindo o olhar para onde Tasha devia estar quando foi alvejada. Mal consegui fixar o lugar com precisão. Ele não podia ter mirado nela intencionalmente. Tasha fora atingida de um ângulo totalmente improvável.

– Tiro de sorte – resmungou Jacobi. – O que você acha, foi um ricochete?

– O que tem para lá? – perguntei.

Olhei em volta e abri caminho pelo mato fechado, seguindo para longe da igreja. Ninguém tinha visto o atirador escapar, por isso ele obviamente não tinha fugido pela rua Harrow. A mata devia se estender por uns seis, sete metros.

No final havia uma cerca de arame de um metro e meio de altura que separava o terreno da igreja do resto da vizinhança. A cerca não era alta. Apoiei-me no cano de cima e pulei para o outro lado.

Eu estava diante de quintais cercados e casinhas em fila. Poucas pessoas tinham se juntado para assistir ao show. À direita, o parque do projeto Whitney Young.

Jacobi finalmente me alcançou.

– Vá com calma, Loo – ele bufou. – Temos uma plateia. Você está me fazendo ficar mal na fita.

– Foi assim que ele deve ter fugido, Warren.

Olhamos para os dois lados. Um deles ia dar numa rua estreita, um beco, o outro numa série de casas.

Gritei para um grupo de espectadores reunidos na varanda dos fundos:

– Alguém viu alguma coisa?

Ninguém respondeu.

– Alguém atirou na igreja – berrei. – Mataram uma menina. Ajudem-nos. Precisamos da sua ajuda.

Todos se entreolharam no silêncio desconfiado de gente que não fala com a polícia.

Então, uma mulher que devia ter uns trinta anos se adiantou, bem devagar. Ela empurrava um menino que vinha andando na frente.

– Bernard viu alguma coisa – ela disse, em voz baixa.

Bernard parecia ter seis anos, olhos redondos e resabiados, vestia um blusão dourado e roxo do jogador de basquete Kobe Bryant.

– Foi uma van – Bernard desembuchou. – Parecida com a do tio Reggie. – Ele apontou para a estrada de terra que ia dar no beco. – Estava estacionada lá.

Eu me ajoelhei e sorri gentilmente, olhando nos olhos assustados do menino.

– Que cor era a van, Bernard?

O garoto respondeu:

– Branca.

– Meu irmão tem uma minivan Dodge branca – disse a mãe de Bernard.

– Era igual à do seu tio, Bernard? – perguntei.

– Parecida, mas não era igual.

– Você viu quem estava dirigindo?

Ele balançou a cabeça.

– Eu tinha ido jogar o lixo fora. Só vi quando a van foi embora.

– Você acha que poderia reconhecê-la se a visse de novo? – perguntei.

Bernard fez que sim com a cabeça.

– Porque era parecida com a do seu tio?

Ele hesitou.

– Não, porque tinha um desenho atrás.

– Um desenho? Quer dizer, como um símbolo? Ou algum tipo de propaganda?

– Hã-hã – ele disse, balançando a cabeça.

Os olhos de lua de Bernard buscavam alguma coisa em volta. Então se iluminaram.

– Eu quero dizer como aquilo ali.

Ele apontou para uma picape na entrada do vizinho que tinha um adesivo esportivo da Califórnia Golden Bear.

– Você está falando de um adesivo? – confirmei.

– Na porta.

Segurei o menino carinhosamente pelos ombros.

– Como era esse adesivo, Benard?

– Como Mufasa – disse o menino-, do Rei Ledo.

– Um leão?

Minha cabeça vasculhou tudo que podia ser. Times esportivos, símbolos de faculdades, empresas...

– É, como o Mufasa – repetiu Bernard. – Só que tinha duas cabeças.

Menos de uma hora depois, eu abria caminho no meio de uma multidão que tinha se formado nos degraus do Tribunal de Justiça. Sentia-me oca e muito triste, mas sabia que não podia deixar transparecer ali.

O saguão do prédio de granito onde eu trabalhava, que parecia um túmulo, estava coalhado de repórteres e equipes de reportagem, que enfiavam seus microfones na cara de qualquer um que entrasse usando um distintivo. A maioria dos repórteres da seção policial me conhecia, mas despachei todos até conseguir subir para o meu andar.

Então alguém segurou meus ombros e cantarolou com uma voz conhecida.

– Linds, precisamos conversar...

Virei e vi Cindy Thomas, uma das minhas melhores amigas, que também era a principal repórter da seção de crimes do *Chronicle*.

– Não vou te incomodar agora – ela disse em meio ao vozerio. – Mas é importante. Que tal me encontrar no bar da Susie, às dez?

Fora Cindy que, quando fazia um estágio na seção metropolitana do jornal, mergulhou no cerne do caso dos recém-casados e ajudou a divulgá-lo como devia. Cindy, como todas nós, era responsável pelo ouro no meu distintivo atual.

Consegui dar um sorriso.

– Encontro você lá.

No terceiro andar, entrei com passos largos na sala apinhada de luzes fluorescentes que os doze inspetores que administravam a Homicídios para a prefeitura chamavam de lar. Lorraine Stafford estava lá à minha espera. Era a minha primeira parceira, depois de seis anos de sucesso no departamento de Crimes Sexuais. E Cappy McNeil também estava presente.

Lorraine perguntou:

– O que eu posso fazer?

– Pode verificar na delegacia de Sacramento se há vans brancas roubadas. Qualquer modelo. Placa do estado. E junte a isso um boletim para que todas as unidades procurem um adesivo com um leão na parte de trás.

Ela meneou a cabeça e virou para cumprir a tarefa.

– Lorraine – chamei, ela parou. – É um leão de duas cabeças. Cappy foi andando comigo quando fui fazer um chá para mim. Estava na Homicídios havia quinze anos, e eu soube que me apoiou quando o Chefe Mercer o consultou sobre me oferecer o cargo de tenente. Ele parecia triste, muito deprimido.

– Conheço Aaron Winslow. Jogava bola com ele em Oakland. Ele dedica a vida àquelas crianças. Realmente é um dos mocinhos, tenente.

De repente, Frank Barnes, de furto de veículos, enfiou a cabeça na porta da nossa sala.

– Atenção, tenente. Peso pesado está na área.

Peso pesado, no dicionário da polícia de San Francisco, era o chefe de polícia Earl Mercer.

Mercer entrou com passadas largas, com todos os seus cento e vinte quilos, seguido por Gabe Carr, o coordenador de imprensa do departamento, sorrateiro e traiçoeiro, e Fred Dix, que administrava as relações com a comunidade.

O chefe ainda usava o terno cinza escuro, camisa azul e abotoaduras de ouro reluzentes, que eram sua marca registrada. Eu já tinha visto Mercer encarando alguns cenários de tensão, bombas no trânsito, armações dos Assuntos Internos, assassinos em série... mas nunca vi aquela expressão tão nervosa. Com um gesto, indicou que eu fosse para a minha sala e, praticamente sem dizer nada, fechou a porta. Fred Dix e Gabe Carr já estavam lá dentro.

– Acabei de falar ao telefone com Winston Gray e Vernon Jones. – Eram dois líderes da prefeitura que não tinham papas na língua. – Eles me garantiram que vão pedir um tempo em confiança para que possamos descobrir que porra está acontecendo. Quero deixar bem claro: esse tempo em confiança significa que temos de pegar a pessoa ou o grupo responsável por isso, senão eles porão dois mil cidadãos indignados na prefeitura.

Ele mal relaxou o rosto quando olhou para mim.

– Por isso espero, tenente, que tenha alguma coisa para me dizer...?

Contei-lhe o que tinha descoberto na igreja e também o testemunho de Bernard Smith de ter visto a van branca indo embora.

– Com van, ou sem van – interrompeu o homem do prefeito, Fred Dix -, você sabe por onde tem de começar. O prefeito Fernandez vai cair em cima de qualquer um que esteja operando na área dando um recado racista ou contra a diversidade. Precisamos de material forte para incriminá-los.

– Você parece ter certeza de que é isso que está acontecendo – eu disse, olhando para ele com calma. – O seu crime de intolerância básico?

– Atirar numa igreja, assassinar uma menina de onze anos? Por onde você começaria, tenente?

– O rosto daquela menina vai estar em todos os noticiários do município – Carr, o assessor de imprensa, acrescentou. – O trabalho no bairro de Bay View é uma das realizações das quais o prefeito mais se orgulha.

Assenti com a cabeça.

– Será que o prefeito se importa se eu terminar minhas entrevistas com as testemunhas oculares primeiro?

– Não se preocupe com o prefeito – interrompeu Mercer. – Neste momento, você só precisa se preocupar comigo. Eu cresci nestas ruas. Minha família ainda mora em West Portal. Não preciso de TV nenhuma para me lembrar do rosto daquela criança. Siga a investigação para onde ela levar. Apenas faça isso bem rápido. E Lindsay... sem interferência nenhuma, entendeu?

Ele já ia se levantar.

– E o mais importante, quero segredo total. Não admito que essa investigação apareça nas primeiras páginas.

Todos menearam a cabeça e Mercer, seguido por Dix e por Cart, ficou de pé. Deu um suspiro profundo e ruidoso.

– Agora mesmo temos uma coletiva de imprensa para enfrentar.

Os outros saíram da sala, mas Mercer ficou. Apoiou as mãos grossas na beirada da mesa e inclinou toda a sua corpulência em cima de mim.

– Lindsay, sei que você deixou muita coisa na sua mesa depois daquela última investigação.

Mas isso já acabou. Agora é passado. Preciso de tudo que você tem nesse caso. Uma das coisas que você deixou para trás quando recebeu esse distintivo foi a liberdade de permitir que a dor pessoal interfira no seu trabalho.

– Não precisa se preocupar comigo.

Olhei-o fixamente. Tive minhas diferenças com ele naqueles anos todos, mas agora estava pronta para lhe dar tudo que tinha. Eu vi a menina morta. Vi a igreja destruída. Meu sangue fervia. Não me sentia assim desde que deixei aquela função.

O chefe Mercer deu um sorriso compreensivo.

– É bom tê-la de volta, tenente.

Depois de uma coletiva de imprensa muito carregada nos degraus da entrada do prédio da prefeitura, fui encontrar Cindy no bar da Susie, como tínhamos combinado. Comparada à cena frenética na prefeitura, a atmosfera tranquila e discreta do nosso ponto de encontro preferido era um alívio. Ela já estava bebericando uma Corona quando cheguei.

Muita coisa tinha acontecido ali, naquela mesa mesmo. Cindy, Jill Bernhardt, a assistente da promotoria pública, e Claire Washburn, a patologista chefe, minha amiga mais íntima. Começamos a nos reunir no verão anterior, quando pareceu que o destino nos tinha posto juntas com as ligações que tínhamos com o caso dos recém-casados. Nesse processo, nós nos tornamos ótimas amigas.

Fiz sinal para a nossa garçonete, Loretta, e pedi uma cerveja. Depois me plantei diante de Cindy com um sorriso cansado.

– Oi...

– Oi. – Ela retribuiu o sorriso. – É bom ver você.

– É bom ser vista.

Uma TV se esgoelava sobre o bar, numa transmissão da coletiva de imprensa do chefe Mercer.

– Achamos que foi um único atirador – anunciou Mercer diante dos flashes das máquinas dos repórteres.

– Você ficou para a coletiva? – perguntei a Cindy e bebi um gole muito desejado de cerveja bem gelada.

– Eu estava lá – ela respondeu. – Stone e Fitzpatrick também. Eles fizeram a cobertura.

Fiz cara de espanto. Tom Stone e Suzie Fitzpatrick eram concorrentes dela na seção de crimes.

– Está perdendo o ânimo? Seis meses atrás eu a encontraria saindo da igreja quando chegasse lá.

– Estou abordando isso de outro ângulo. – Ela sacudiu os ombros.

Um grupo de pessoa se amontoou diante do bar para assistir ao noticiário. Bebi mais um gole de cerveja.

– Você devia ter visto a pobre menininha, Cindy. Só onze anos. Ela cantava no coro. Havia uma mochila toda colorida com os livros dela caída no chão ao lado.

– Você conhece esse negócio, Lindsay. – Ela deu um sorriso solidário. – Você sabe como é. É uma merda.

– É. – Fiz que sim com a cabeça. – Mas, só para variar, seria legal pegar um deles... você sabe, dar uma espanada e mandá-los para casa. Uma vez só eu gostaria de entregar a mochila com livros para um deles.

Cindy bateu afetuosamente com o punho cerrado nas costas da minha mão. Então ela se animou.

– Vi a Jill hoje. Ela tem novidades para nós. Está toda entusiasmada. Talvez Bennett se aposente e ela assuma a cadeira principal. Temos de nos reunir e ver como Jill está.

– Claro – eu disse. – Era isso que queria me dizer hoje, Cindy?

Ela balançou a cabeça. Ao fundo, a coletiva de imprensa tinha virado um pandemônio na telinha. Mercer prometia uma reação rápida e eficiente.

– Vocês estão com um problema, Linds...

Balancei a cabeça.

– Eu não posso contar nada, Cindy. Mercer está cuidando de tudo. Nunca o vi tão nervoso.

Sinto muito.

- Não pedi a você que viesse aqui para obter alguma informação, Lindsay...

- Cindy, se sabe de alguma coisa, tem de me contar.

- Sei que é melhor esse seu chefe tomar cuidado com o compromisso que está assumindo.

Olhei para a TV.

- Mercer... ?

Ouvi a voz dele em segundo plano, afirmando que o tiroteio fora um incidente isolado, que já tínhamos pistas concretas, que todos os policiais disponíveis iam trabalhar no caso até encontrarmos o assassino.

-Ele está dizendo para todo o mundo que vocês vão encontrar esse cara antes de isso acontecer de novo?

-É, e daí?

Ficamos olho no olho, sem piscar.

Acho que já aconteceu.



O assassino estava brincando de comando do deserto e era especialista.

*Pfft, pfft, pfft... pfft, pfft.*

Impassível, ele semicerrava os olhos e fazia pontaria pela mira iluminada com infravermelho enquanto figuras encapuzadas apareciam em seu campo de visão. Como se fossem uma extensão do dedo dele, as câmaras escuras do labirinto que era o bunker terrorista explodiam em bolas de chamas cor de laranja. Figuras sombrias surgiam em corredores estreitos, *pfft, pfft, pfft.*

Ele era um campeão naquilo. Ótima coordenação entre os olhos e a mão. Ninguém encostava nele.

Seu dedo se crispava no gatilho. *Espíritos malignos, bandidos das areias, cabeças de turbante.* Venha para mim, neném... *Pfft, pfft...* Seguindo pelos corredores escuros... Ele arrombou uma porta de ferro e deu de cara com um ninho deles, comendo tabule e jogando cartas. A arma dele cuspiu sem cessar a morte alaranjada. *Benditos sejam os pacificadores.* Ele deu um sorriso debochado.

Fez pontaria mais uma vez e repassou mentalmente a cena na igreja, imaginou o rosto dela. Aquela pequena Jemima, de tranças no cabelo e com a mochila colorida nas costas.

*Pfft, pfft.* O peito de uma figura explodiu na tela. O próximo abate era para fazer pontos. *Conseguí!* Ele olhou rapidamente para o placar. *Duzentos e setenta e seis inimigos mortos.*

Bebeu um gole do seu Corona e sorriu de orelha a orelha. Um novo recorde pessoal. Aquele placar valia guardar. Digitou suas iniciais: *F. C.*

Ficou diante da máquina no fliperama Playtime em West Oakland, apertando o gatilho muito tempo depois do jogo ter terminado. Era o único branco na loja. O único. Era exatamente por isso que tinha ido para aquele lugar.

De repente, os quatro grandes aparelhos de televisão no alto das paredes exibiram o mesmo rosto. Isso provocou um arrepio na espinha, e ele ficou furioso.

Era Mercer, o babaca pomposo que comandava a polícia de San Francisco. Ele agia como se soubesse de tudo.

– Achamos que isso foi obra de um único atirador... – dizia ele. – Um crime isolado...

*Se você soubesse.* Ele deu uma risada.

*Esperre até amanhã... Você vai ver. Esperre só, chefe Babaca.*

– O que quero enfatizar – declarou o chefe de polícia – é que em nenhuma circunstância vamos permitir que esta cidade seja aterrorizada por um ataque racial...

*Esta cidade.* Ele cuspiu. *O que você sabe desta cidade? Você não é daqui.*

Segurou uma granada C-1 que estava no bolso da jaqueta. Se quisesse, podia explodir tudo ali mesmo. Naquele exato momento.

Mas tinha um trabalho a fazer.

Amanhã.

*La bater mais um recorde pessoal.*

Na manhã seguinte Jacobi e eu voltamos a examinar o terreno da Igreja de La Salle Heights.

Fiquei a noite inteira pensando no que Cindy tinha dito sobre o caso que foi parar na mesa dela. Era a respeito de uma negra idosa que morava sozinha no conjunto Gustave White, em West Oakland. Três dias antes, a polícia de Oakland a encontrou pendurada em um cano na lavanderia do porão do prédio com um fio elétrico apertado em volta do pescoço.

No início, a polícia achou que fosse suicídio. Ela não apresentava arranhões, nem ferimentos de defesa. Mas no dia seguinte, quando faziam a autópsia, descobriram resíduos de alguma coisa compactada embaixo das unhas. Acontece que era pele humana com pontos microscópicos de sangue coagulado. *A pobre mulher estava arranhando alguém desesperadamente.*

Ela não tinha se enforcado, afinal, disse Cindy.

*A mulher tinha sido linchada.*

Quando voltei para examinar a cena da igreja, fiquei ressabiada. Cindy podia ter razão. Aquele crime talvez não fosse o primeiro, mas o *segundo* de uma onda de crimes raciais.

Jacobi se aproximou de mim. Segurava um exemplar do *Chronicle* enrolado.

-Viu isso, chefe?

A primeira página era a manchete, com letras garrafais: “POLÍCIA SEM PISTAS DO ATAQUE À IGREJA QUE MATOU MENINA DE ONZE ANOS.”

O artigo tinha sido escrito por Tom Stone e Suzie Fitzpatrick, cujas carreiras ficaram marcando passo devido ao trabalho de Cindy no caso dos noivos. Com os jornais alimentando o fogo e os ativistas Gray e Jones organizando manifestações de protesto, em breve o público ia nos acusar de ficar de mãos atadas enquanto o terrorista se movimentava livremente.

– *Os seus amigos...* – resmungou Jacobi. – Eles sempre inventam coisas sobre nós.

– Negativo, Warren. – Balancei a cabeça. – Os meus amigos não inventam vulgaridades.

Atrás de nós, na mata, a equipe de Charlie Clapper da Unidade da Cena do Crime estava cobrindo a área em volta da posição em que o atirador tinha ficado. Encontraram duas pegadas, mas nada identificável. Iam procurar impressões digitais nas cápsulas das balas, vasculhar o terreno todo, recolher cada fiapo de tecido ou de poeira do lugar em que o suposto veículo usado na fuga tinha ficado estacionado.

– Mais alguém viu aquela van branca? – perguntei para Jacobi.

Era meio estranho, mas estava achando bom trabalhar com ele de novo.

Ele resmungou e balançou a cabeça.

– Falamos com dois bêbados que costumam ficar de papo naquela esquina à noite. Até agora, tudo que temos é isso.

Ele desenrolou o desenho feito pela descrição de Bernard Smith, de um leão de duas cabeças, o adesivo na porta traseira da van.

Jacobi mordeu as bochechas.

– Estamos atrás de quem, tenente? *Do assassino Pokémon?*

Do outro lado do gramado, avistei Aaron Winslow saindo da igreja. Um grupo de manifestantes falou com ele de trás de uma barreira da polícia a uns cinquenta metros de distância. Quando ele me viu, ficou tenso.

– As pessoas querem ajudar do jeito que puderem. Pintar os buracos de bala, construir uma nova fachada – ele disse. – Não gostam de olhar para isso.

– Eu sinto muito. Mas ainda temos uma investigação em andamento.

Ele respirou fundo.

– Fico repassando tudo que aconteceu na cabeça. Quem fez tinha visão de mira perfeita. Eu estava parado bem *ali*, tenente. Mais na linha de tiro do que Tasha. Se alguém estava tentando machucar alguém, *por que não atiraram em mim?*

Winslow se ajoelhou e pegou no chão um pregador de cabelo na forma de uma borboleta cor-de-rosa.

– Li em algum lugar, tenente, que a coragem abunda onde culpa e raiva andam livres.

Winslow estava muito abalado. Senti pena dele. Eu gostei dele. O homem conseguiu dar um sorriso tenso.

– Mas será preciso mais do que esse filho da mãe para arruinar o nosso trabalho. Não vamos ceder. Faremos o velório de Tasha aqui, nesta igreja.

– Nós estávamos indo prestar nossos sentimentos – eu disse.

– Eles moram lá. No prédio A. – Ele apontou na direção do conjunto habitacional. – Acho que serão bem recebidos, já que haverá alguns policiais por lá.

Olhei para ele sem entender.

– Perdão? O que disse?

– Não sabia, tenente? O tio de Tasha Catchings é da polícia municipal.

Fui ao apartamento dos Catchings, prestei condolências e depois voltei para a central. Essa coisa toda era muito deprimente.

– Mercer está procurando você – berrou Karen, nossa secretária civil de muito tempo, quando cheguei à minha sala. – Ele parecia furioso. Mas é claro que sempre parece furioso.

Eu podia imaginar as dobras embaixo do queixo do chefe ainda mais profundas com a manchete da tarde. Na verdade, o prédio inteiro estava zunindo com a notícia de que a vítima de La Salle Heights era parente de um dos nossos.

Havia alguns outros recados na minha mesa. Embaixo da pilha encontrei o nome de Claire. A autópsia de Tasha Catchings já devia ter terminado. Eu queria retardar o encontro com Mercer até ter alguma coisa concreta para informar, por isso liguei para Claire.

Claire Washburn era a melhor, a mais brilhante e eficiente patologista que a prefeitura já teve, sem contar que, além disso, era minha melhor amiga. Todos da polícia sabiam disso, assim como sabiam que ela comandava o departamento com perfeição enquanto o médico-legista Righetti, o exigente nomeado pelo prefeito, viajava pelo país dando conferências sobre patologia e incrementando seu currículo. Se quisesse alguma coisa do laboratório médico legal, era só falar com Claire.

E quando eu precisava de alguém para me equilibrar, para me fazer rir, ou simplesmente para ficar ouvindo, era para lá que eu ia.

– Por onde andou se escondendo, querida? – Claire me saudou com a voz sempre otimista, que tinha um quê de autoridade.

– O de sempre. – Dei de ombros. – Avaliações da equipe, relatórios dos casos... divisões na prefeitura, homicídios com motivação racista...

– Exatamente a minha área de *perícia*. – Ela deu risada. – Sabia que você ia me procurar. Meus espões me disseram que arrumou um caso cabeludo.

– Algum desses espões por acaso trabalha no *Chronicle* e dirige um Mazda prateado caindo aos pedaços?

– Ou na promotoria pública, com um BMW quinhentos e trinta e cinco. Aliás, como é que você acha que as informações chegam até aqui?

– Bem, aqui vai uma, Claire. Acontece que o tio da menininha morta é policial. Da Northern. E a pobre criança também aparece no cartaz do projeto La Salle Heights em ação. Aluna exemplar, jamais teve qualquer problema. Que justiça, hein? Esse filho da mãe deixa cem balas na igreja e uma que atinge a menina.

– Não, querida – Claire interrompeu – Havia duas aí dentro.

– *Dois*...? Ela foi atingida duas vezes?

O Serviço Médico de Emergência tinha examinado minuciosamente o corpo da menina. Como podemos deixar de ver isso?

– Se entendi a sua reação, aposto que pensava que tinha sido algum tipo de acidente.

– O que você está dizendo?

– Querida – disse Claire muito séria. – Acho melhor vir até aqui dar uma espiada.

O necrotério ficava no andar térreo, por uma entrada nos fundos e com acesso por um caminho asfaltado que saía do saguão. Levei menos de três minutos para descer contado dois lances de escada.

Claire foi me encontrar na área de recepção, fora da sua sala.

O rosto habitualmente animado e alegre tinha um ar de preocupação profissional, mas, assim que me viu, ela deu um sorriso e um grande abraço.

– Como tem passado, desconhecida? – ela perguntou, como se o caso estivesse a um milhão de quilômetros de distância.

Claire sempre dava um jeito de diluir a tensão, mesmo nas situações mais críticas. Sempre admirei sua arte de aplacar meu estresse com um simples sorriso.

– Tudo bem, Claire. Só que sempre atolada desde que arrumei esse emprego.

– Não tenho visto muito você agora que é o capacho de estimação do Mercer.

– Muito engraçado.

Ela deu aquele seu sorriso encabulado, os olhos arregalados em parte podiam significar “ei, eu sei o que quer dizer”, mas talvez fosse muito mais “você tem de arranjar tempo, garota, para os que te amam”. Mas sem nenhuma palavra de reprovação, ela me levou pelo corredor antisséptico com piso de linóleo, para a sala onde eram feitas as autópsias, chamada de Cofre.

Claire olhou para trás e disse:

– Pelo que disse, me deu a impressão de estar certa de que Tasha Canchings foi morta por uma bala perdida.

– Era o que eu pensava. O atirador disparou três cliques de munição contra a igreja, e ela foi a única atingida. Eu que examinei a área de onde vieram os tiros. Não havia como ele ter uma boa mira, nem perto disso. Mas você disse duas...

– Há-há. – Ela meneou a cabeça confirmando.

Passamos por uma porta fechada por compressão e entramos no ambiente refrigerado do Cofre. O ar gelado e o cheiro de produtos químicos sempre me deixavam arrepiada.

E não foi diferente desta vez. Apenas uma maca ocupada era visível em seu espaço refrigerado. Havia um pequeno volume sobre ela, coberto por um lençol. Mal preenchia a metade do comprimento da maca.

– Espere aí – avisou Claire.

Vítimas nuas recém-autopsiadas, com rigidez e horrivelmente pálidas, nunca foram uma visão fácil.

Ela puxou o lençol. O rosto da criança ficou todo à vista. Meu Deus, ela era muito novinha...

Olhei para a pele macia de ébano, tão inocente, tão fora de lugar naquele ambiente frio e clínico. Uma parte de mim queria apenas pôr a mão naquele rostinho. Ela era adorável.

Um grande ferimento perfurante, ia limpo e sem sangue, rasgava a carne no peito direito da menina.

– Duas balas – explicou Claire praticamente uma em cima da outra, em rápida sucessão. Deu para ver por que a equipe médica não percebeu. Elas quase entraram por um único buraco.

Respirei fundo e quase engasguei. Fui tomada pela náusea.

– A primeira saiu através da escápula – continuou Claire, virando o corpinho minúsculo de lado. – A segunda desviou na quarta vértebra e se instalou na coluna.

Claire estendeu o braço e pegou uma placa de petri que estava numa bancada ali perto. Com uma pinça, tirou um disco de chumbo achatado do tamanho de uma moeda de cinco centavos.

– Dois tiros, Linds... O primeiro entrou no ventrículo direito e pronto. Ela já devia estar morta antes desta outra atingi-la.

*Dois tiros... dois ricochetes um-em-um-milhão? Repassei a provável posição de Tasha quando ela saiu da igreja e a linha de tiro do assassino no mato. Uma parecia plausível, mas duas...*

– A equipe do Charlie Clapper encontrou alguma perfuração de bala na igreja, em cima de onde a menina estava? – perguntou Claire.

– Eu não sei.

Era procedimento padrão em todos os casos de homicídio comparar minuciosamente todas as balas com suas marcas.

– Vou verificar.

– Qual era o material usado na construção da igreja no lugar em que ela foi alvejada? Madeira ou pedra?

– Madeira – eu disse, e entendi onde ela queria chegar.

Não era possível qualquer madeira sozinha desviar a bala de um M16.

Claire empurrou os óculos de operação para o alto da cabeça. Seu rosto era alegre e simpático, mas quando tinha certeza de alguma coisa, como era o caso naquele momento, denotava um brilho de convicção que não admitia nenhuma dúvida.

– Lindsay, o ângulo de entrada é frontal e limpo, nos dois tiros. Uma bala ricocheteada devia entrar vinda de outra trajetória.

– Examinei cada centímetro da posição do atirador, Claire. Do jeito que estava atirando, teria de ser a nata da elite para aprontar aquele tiro.

– Você diz que os tiros se espalharam de forma irregular na parede lateral da igreja.

– Com um desenho firme, da esquerda para a direita. E Claire, ninguém mais foi alvejado. Uma centena de tiros e ela foi a única baleada.

– Então você supôs que tivesse sido um trágico acidente, certo?

Claire tirou as luvas cirúrgicas e, com boa pontaria, jogou-as num cesto de lixo.

– Bem, essas duas balas não foram acidente nenhum. Elas não ricochetearam em nada. Foram disparadas em linha reta e perfeitamente direcionadas. Ela morreu instantaneamente. Você está disposta a considerar a possibilidade de que talvez o nosso atirador tenha atingido exatamente seu alvo?

Relembrei a cena mentalmente.

– Ele só teria um instante para acertar um tiro desses, Claire. E apenas entre trinta e sessenta centímetros livre da parede para a bala passar.

– Então Deus não sorriu para aquela pobre menina na noite passada – disse Claire com um suspiro solidário ou é melhor começar a procurar um atirador excepcional.

Aquela possibilidade chocante de que, afinal de contas, Tasha Catchings podia não ter sido uma vítima ou acaso me perseguiu todo o caminho de volta para a minha sala. Lá em cima, dei de cara com uma muralha de detetives esperando ansiosamente por mim. Lorraine Stafford informou que tinha uma identificação positiva do veículo, uma Dodge Caravan 94, registrada como roubada três dias atrás na península, em Mountain View. Pedi que ela verificasse se alguma das outras características combinava.

Chamei Jacobi e disse a ele que embrulhasse a rosca e viesse comigo.

– Para onde vamos? – ele reclamou.

– Para o outro lado da baía, para Oakland.

– Mercer continua à sua procura – Karen gritou quando chegamos ao corredor. – O que quer que eu diga?

– Diga que estou investigando um assassinato.

Vinte minutos depois tínhamos atravessado a Ponte da Baía e percorrido o caminho de rato em meio aos prédios decadentes e antiquados que formavam o centro de Oakland e parado na frente do Prédio da Administração da Polícia na rua Sete. O quartel- general da polícia de Oakland era uma construção baixa, cinzenta e cheia de janelas de vidro no estilo impessoal do início da década de 1960. A Homicídios ficava no segundo andar, uma sala apertada e lúgubre, do mesmo tamanho da nossa. Nos últimos anos, eu tinha estado lá algumas vezes.

O tenente Ron Vandervellen se levantou para nos receber quando fomos levados para a sala dele.

– Oi, soube que congratulações estão na ordem do dia, Boxer. Bem-vinda ao mundo da vida sedentária.

– Bem que eu gostaria que fosse, Ron. – respondi.

– O que a traz aqui? Veio ver como o mundo real funciona?

Os departamentos de homicídios de San Francisco e de

Oakland mantinham uma rivalidade amigável havia anos; eles achavam que tudo que fazíamos do outro lado da baía era investigar eventualmente um vendedor de acessórios de computador encontrado nu e morto em seu quarto de hotel.

– Vi você no noticiário ontem à noite – disse Vandervellen. – Saiu muito bem na foto. Estou falando dela... – Ele deu um largo sorriso para Jacobi. – O que as celebridades estão fazendo aqui?

– Um passarinho chamado Chipman – respondi.

Estelle Chipman era a negra idosa que Cindy contou que fora encontrada morta no porão do prédio onde morava.

Ele sacudiu os ombros.

– Tenho uma centena de homicídios não resolvidos, caso não tenham com que se ocupar.

Eu estava acostumada com as alfinetadas de Vandervellen, mas dessa vez ele parecia especialmente áspero.

– Sem formalidades, Ron. Só quero dar uma olhada na cena do crime, se não se importar.

– Claro, mas acho que vai ser difícil associar ao seu ataque à igreja.

– Por quê? – perguntei.

O tenente de Oakland se levantou, foi até a sala ao lado e voltou com uma pasta.

– Acho que estou tendo dificuldade para entender de que modo um homicídio obviamente motivado pelo racismo como o de vocês pode ter sido cometido *por um igual*.

– O que está dizendo? – perguntei. – O assassino de Estelle Chipman era *negro*?

Ele pôs os óculos e folheou as páginas do arquivo até encontrar um documento oficial chamado “Relatório do médico legista do município de Alameda”.

– Leia e chore – ele resmungou. – Se tivesse ligado, eu poderia poupar seu pedágio... “Resíduos de pele encontrados embaixo das unhas da vítima sugerem uma derme hiperpigmentada, consistente com um *não caucasiano*.” As amostras estão sendo testadas neste exato momento.

– Ainda quer ver a cena do crime? – perguntou Vandervellen, que parecia estar se divertindo.

– Você se importa? Já que estamos aqui.

– Claro, *lógico*, fiquem à vontade. O caso é de Krimpman, mas ele não está. Posso levá-los até lá. Não tenho mais ido muito ao projeto Gus White. Quem sabe? Indo lá com dois super tiras, talvez aprenda alguma coisa no caminho.



O projeto Gustave White era um conjunto habitacional composto de seis prédios idênticos de tijolos vermelhos na rua Redmond, na zona oeste de Oakland. Quando estacionamos, Vandervellen disse:

– Não fazia muito sentido... A pobre mulher não estava doente, parecia ter recursos suficientes, até ia à igreja dois dias na semana. Mas às vezes as pessoas simplesmente desistem. Até ser feita a autópsia parecia suicídio.

Lembrei-me do relatório do caso: Não havia testemunhas, ninguém ouviu gritos, ninguém viu alguém fugindo. Era apenas uma senhora idosa e discreta, encontrada pendurada num cano no porão, com o pescoço dobrado em ângulo reto e a língua para fora.

No conjunto habitacional, fomos direto para o prédio C.

– O elevador está enguiaçado – disse Vandervellen.

Descemos pela escada. No porão coberto de grafite encontramos uma placa pintada a mão que dizia “Lavanderia e Boiler”.

– Foi encontrada aqui.

O porão ainda tinha fita amarela de cena do crime por toda parte. Um cheiro rançoso e pungente pairava no ar. Havia grafite de todo lado. Tudo que encontraram ali – o corpo, o fio elétrico enrolado no pescoço – já tinha sido levado para o necrotério ou então arquivado como prova.

– Não sei o que você espera encontrar – disse Vandervellen, sacudindo os ombros.

– Também não sei. Isso aconteceu tarde da noite de sábado passado?

– O médico-legista calculou que deve ter sido por volta das dez. Imaginamos que a velha senhora tenha descido para lavar a roupa e que alguém a surpreendeu. O zelador a encontrou na manhã seguinte.

– E as câmeras de segurança? – perguntou Jacobi. – Tem um monte na entrada do prédio e nos corredores.

– Como o elevador... quebradas – disse Vandervellen, e sacudiu os ombros de novo.

Ficou claro que ele e Jacobi queriam sair dali o mais depressa possível, mas alguma coisa me dizia para ficar. *Para quê?* Eu não tinha ideia. Mas meus sentidos soavam o alarme. *Encontre-me... aqui.*

– Tirando a coisa do racismo – disse Vandervellen –, se está procurando alguma ligação, tenho certeza de que sabe que é muito incomum um assassino mudar de método no meio de uma crise.

– Obrigada – respondi irritada.

Eu tinha examinado o porão e nada chamou minha atenção. Era só a sensação.

– Acho que vamos ter de solucionar este caso sozinhos. Quem sabe? A essa altura talvez alguma coisa tenha aparecido do nosso lado.

Quando Vandervellen já ia apagar a luz, notei alguma coisa.

– Espere – eu disse.

Como se alguma espécie de gravidade me puxasse, fui atraída para o canto mais distante da lavanderia, para a parede que ficava atrás de onde encontraram Chipman enforcada. Ajoelhei-me no chão e passei a mão na parede de concreto. Se não tivesse visto aquilo antes, nem teria notado nada.

Um desenho primitivo, como o de uma criança, feito com giz laranja forte. Era um leão. Igual ao desenho de Bernard Smith, só que mais feroz. O corpo do leão terminava numa cauda

enrolada, mas era a cauda de outra coisa... um réptil? *Uma serpente?*

E não era só isso.

O leão tinha duas cabeças: uma de leão, e outra podia ser de um bode.

Senti um nó no peito, um tremor de repulsa e também de reconhecimento.

Jacobi chegou atrás de mim.

– Encontrou alguma coisa, tenente?

Respirei fundo.

– *Pokémon.*

Agora eu sabia...

Esses casos deviam estar ligados. Bernard Smith ter visto a van indo embora foi providencial. Tínhamos o nosso carro da fuga. Talvez fosse um duplo assassinato.

Não fiquei surpresa quando cheguei de volta ao escritório e soube que o chefe Mercer, furioso, insistia para que eu avisasse assim que pusesse os pés lá.

Fechei a porta da minha sala, liguei para a extensão dele e esperei o taque.

– Você sabe o que está acontecendo aqui – ele disse, em tom autoritário. – Pensa que pode ficar fora o dia inteiro e ignorar meu chamado? Você é *tenente* Boxer agora. Sua função é administrar o seu esquadrão. E me manter informado.

– Desculpe, chefe, é que...

– Uma criança foi morta. O bairro está em pânico. Temos algum psicopata com um parafuso a menos por aí que está tentando transformar esse lugar num inferno. Amanhã todo líder afro-americano desta cidade vai exigir saber o que vamos fazer.

– A coisa ficou mais complicada do que isso, chefe.

Mercer parou de falar.

– Mais complicada como?

Contei o que tinha encontrado no porão em Oakland. O símbolo que parecia um leão e que estava presente nos dois crimes.

Ouvi Mercer sugar o ar pela boca.

– Está dizendo que esses dois assassinatos estão relacionados?

– Estou dizendo que antes de tirarmos qualquer conclusão apressada, existe essa possibilidade.

Foi como se o ar saísse todo dos pulmões de Mercer.

– Trate de arrumar uma foto do que descobriu naquela parede o mande para o laboratório. E o desenho visto pelo garoto de Bay View. Quero saber o que esses desenhos significam.

– Já foi providenciado – respondi.

– E a van da fuga? Alguma informação sobre ela?

– Negativo.

Uma possibilidade perturbadora estava se formando na cabeça de Mercer.

– Se existe algum tipo de conspiração em andamento por aqui, não vamos ficar sentados enquanto a cidade vira refém de uma campanha de terror.

– Estamos investigando a van. Dê-me algum tempo com aquele símbolo.

Não quis contar a ele o que eu mais temia. Se Vandervellen estivesse certo, quando disse que o assassino de Estelle Chipman era negro, e se Claire estivesse certa também, de que Tasha Catchings era um alvo intencional, aquilo podia não ser uma campanha de terrorismo racial, afinal.

Mesmo ao telefone deu para sentir as dobras sob o queixo de Mercer ficando mais profundas. Eu estava pedindo para ele correr um risco, e dos grandes. Finalmente ele bufou:

– Não me decepcione, tenente. Resolva o seu caso.

Quando desliguei o telefone, senti a pressão aumentar. O mundo ia esperar que eu arrombasse a porta de todos os grupos extremistas que operavam a oeste de Montana, e eu já tinha sérias dúvidas.

Vi um recado de Jill na minha mesa.

“Que tal um drinque? Seis horas”, dizia o bilhete. “*Todas nós.*”

Um dia inteiro investigando o caso... Se havia alguma coisa que podia aplacar meus medos, era Jill, Claire e Cindy, e uma jarra de margaritas no bar da Susie.

Deixei recado no correio de voz, dizendo que estaria lá.

Olhei para um boné de beisebol azul desbotado pendurado num cabide de madeira no canto da minha sala, com as palavras “*É celestial...*” bordadas na aba. O boné tinha sido de Chris Raleigh. Ele me deu num lindo fim de semana no Vale Celestial, onde o mundo aqui fora parecia desaparecer por um tempo, e nós dois nos abrimos para o relacionamento que começava.

– Não deixe que eu me atrapalhe – sussurrei.

Meus olhos começaram a arder, lacrimejando. meu Deus, como queria que ele estivesse aqui.

– Seu filho da mãe... – Balancei a cabeça olhando para o boné. – Sinto sua falta.

Não demorou mais de um minuto no nosso velho cubículo no bar da Susie para eu sentir a mágica começar a cintilar e perceber que estava acontecendo tudo de novo.

Um caso problemático que só piorava. Uma jarra cheia de margaritas de alta octanagem. Minhas três melhores amigas, todas influentes no mundo da lei. Achei que nosso clube dos assassinos ia voltar à ativa.

– Como nos velhos tempos? – Claire sorriu, chegando seu corpo grande para o lado para me dar espaço.

– É mais como nos velhos tempos do que você imagina – suspirei.

Servi uma margarita espumante para mim.

– Nossa, estou mesmo precisando de um desses.

– Dia difícil? – perguntou Jill.

– Não. – Balancei a cabeça. – Só rotina. Mamão com açúcar.

– Aquela burocracia faz qualquer um começar a beber. – Claire encolheu os ombros e bebeu um gole de margarita. – Saúde. É ótimo estar com vocês, garotas.

Era óbvio que havia um nível de ansiedade fervilhando no grupo. Bebi um gole do meu drinque e olhei em volta. Todos os olhos estavam focalizados em mim.

– Nada disso. – Quase cuspi no copo. – Não posso falar disso. Nem comecem.

– Eu disse a vocês – disse Jill e confirmou com um sorriso. – As coisas mudaram. Lindsay é da administração agora.

– Não é isso, Jill. Há uma ordem de sigilo. Mercer selou essa coisa. Além do mais, pensei que estávamos aqui por você.

Os olhos azuis e inteligentes de Jill cintilaram.

– A representante da promotoria pública se dispõe a ceder a palavra à estimada colega do terceiro andar.

– Meu Deus, meninas, estou nesse caso há *dois dias*.

– E a cidade inteira está falando do quê? – disse Claire, – Quer saber como foi meu dia? Fiz uma frontal completa às dez, depois dei uma palestra na SFU sobre a patologia de...

– Podíamos falar do aquecimento global – disse Cindy – ou desse livro que estou lendo, *A morte de Vishnu*.

– Não é que eu não queria falar sobre isso – protestei – Só que está selado, é confidencial.

– *Confidencial*, como o que indiquei para você lá em Oakland? – perguntou Cindy.

– Temos de conversar sobre isso – eu disse. – *Depois*.

– Faça um trato com você – disse Jill. – Você conta para nós. Como sempre. Depois eu conto uma coisa. Vocês julgam qual é mais interessante. Quem ganhar paga a conta.

Eu sabia que era só uma questão de tempo para eu acabar cedendo. Como é que podia guardar segredos das minhas meninas? Estava em todos os jornais e noticiários... pelo menos uma parte. E na prefeitura não havia três cabeças mais inteligentes do que aquelas.

Dei um suspiro.

– Tudo isso fica aqui entre nós.

– É óbvio – disseram Jill e Claire Dã.

Virei para Cindy.

– Quero dizer que você não vai publicar. Nada de nada. Até eu permitir.

– Por que será que tenho a sensação de que estou sempre sendo chantageada por você? – Ela

balançou a cabeça, mas depois aquiesceu. – Tudo bem. Combinado.

Jill encheu meu copo.

– Sabia que íamos acabar fazendo você ceder.

Bebi um pouco.

– Que nada. Resolvi contar quando você perguntou “dia difícil?”.

Peça por peça, expliquei o caso para elas, até ali. O adesivo que Bernard Smith tinha visto no carro da fuga. O desenho idêntico que encontrei em Oakland. A possibilidade de Estelle Chipman ter sido assassinada. A ideia de Claire de que Tasha Catchings podia não ter sido uma vítima acidental, afinal de contas.

– Eu sabia – gritou Cindy com expressão triunfante.

– Você tem de descobrir o que a imagem do leão representa– insistiu Claire. – assenti com a cabeça.

– Estou trabalhando nisso. O tempo todo.

Jill, a assistente da promotoria, perguntou:

– Há alguma coisa que realmente associe essas duas vítimas?

– Até agora, não.

– E o motivo? – ela insistiu.

– Todo mundo está interpretando como crimes de ódio, Jill.

Ela meneou a cabeça devagar, pensando.

– E você?

– Estou começando a ver por outro ângulo. Acho que temos de considerar a possibilidade de que alguém está usando o clima de crime de ódio como cortina de fumaça.

Fez-se um longo silêncio à mesa.

– Um assassino racial em série – disse Claire.

Eu tinha contado a minha novidade, tudo ruim. Todas discutiram o assunto muito sérias.

Acenei para Jill com um movimento da cabeça.

– Agora você...

Cindy interrompeu:

– Bennett não vai se candidatar de novo, não é?

Em seus oito anos junto ao promotor, Jill subiu na carreira e chegou a ser a número dois em comando. Se o velho decidisse se aposentar, ela era a escolha lógica para ser indicada como próxima promotora pública de San Francisco.

Jill deu risada e balançou a cabeça.

– Ele vai continuar empertigado àquela mesa de carvalho até morrer. Essa é a verdade.

– Bem, você tem *alguma coisa* para nos contar – pediu Claire.

– Tem razão – ela admitiu. – Eu tenho...

Jill olhou para cada uma de nós como se quisesse aumentar o suspense. Aqueles olhos intensos, cor de cobalto, nunca pareceram tão serenos. Finalmente um sorriso maroto apareceu. Ela deu um suspiro e depois disse:

– *Estou grávida.*

Ficamos quietas, esperando que ela admitisse que estava só brincando. Mas ela não admitiu. Ficou olhando para nós, piscando seus olhos inteligentes, por uns trinta segundos.

– Vo... você está brincando – gaguejei.

Jill era a mulher mais cheia de energia que eu conhecia. Era comum encontrá-la trabalhando quase todas as noites até *depois* das oito. O marido dela, Steve, administrava um fundo de *aplicações* para o Bank America. Os dois eram realizadores em alta velocidade. Faziam mountain-bike no deserto de Moab, windsurfe no rio Columbia, em Oregon. *Um bebê...*

– As pessoas *transam!* – ela exclamou diante do nosso espanto.

– Eu sabia – disse Claire, batendo na mesa. – Eu sabia. Vi o seu olhar. Vi aquele brilho no seu rosto. E pensei, alguma coisa está assando nesse forno. Você está falando com uma especialista, sabe? Quanto tempo?

– Dois meses. Deve nascer no final de maio. – Os olhos de Jill faiscavam como os de uma menina. — Fora as nossas famílias, vocês são as primeiras a saber. *Claro.*

– Bennett vai ter um treco – disse Cindy dando risada.

– Ele tem três. E não vou embora para plantar uvas em Petaluma. Só vou ter um bebê.

Sorri. Parte de mim estava tão feliz por ela que dava até vontade de chorar. Outra parte estava até com um pouco de inveja. Mas a maior parte de mim ainda não acreditava.

– É bom que essa criança saiba no que está se metendo. – Sorri de orelha a orelha. – Vai ser ninado com gravações de processos penais da Califórnia.

– De jeito nenhum. – Jill riu com expressão desafiadora. – Não vou fazer isso. Juro que não. Vou ser uma boa mãe.

Eu me levantei e me debrucei sobre a mesa na frente dela.

– Isso é maravilhoso, Jill.

Ficamos um momento só nos olhando, com os olhos marejados. Eu estava tremendamente feliz por ela. Lembrei-me de quando fiquei morrendo de medo com uma doença que tive no sangue e Jill mostrou os braços para nós, suas cicatrizes terríveis. Ela explicou que se cortava quando estava no ensino médio e na faculdade, disse que o desafio de sempre ser a melhor

governava com tanto poder sua vida que só podia descontar nela mesma.

Nós nos abraçamos e eu a apertei.

– Isso foi planejado? – perguntou Claire.

– Estávamos havia uns dois meses tentando – respondeu Jill e sentou de novo. – Não tenho certeza se foi uma decisão consciente, fora achar que era o momento certo. – Ela olhou para Claire. – A primeira vez que nos vimos, quando Lindsay me chamou para o grupo e você falou sobre os seus filhos... aquilo simplesmente acendeu uma fagulha em mim. Lembro-me de ter pensado: *Ela é uma das mulheres mais competentes que eu conheço, está no auge da profissão, no entanto é disso que fala.*

– Quando a gente começa a trabalhar, temos todo aquele empenho e nos concentramos nisso. Como mulher, achamos que temos de provar tudo. Mas, quando temos filhos, é diferente, natural. Percebemos que não se trata mais de nós. Descobrimos... que não temos de provar mais nada. Que já provamos.

– Então, sabem de uma coisa? – disse Jill com os olhos brilhando. – Quero um pouco disso também.

– Nunca contei para vocês, ela continuou, -mas já estive grávida antes, uma vez. Foi há cinco anos. Ela bebeu água e balançou o cabelo escuro. – Minha carreira estava a mil... vocês lembram, era aquela audiência La Frade... e Steve tinha acabado de começar a administrar o fundo dele.”

– Não era a hora certa para você, querida – disse Claire.

– Mas não foi isso – Jill respondeu logo. – Eu queria. Mas é que tudo era muito intenso. Eu ficava trabalhando no escritório até as dez. Tinha a impressão de que Steve nunca estava em casa...

– Ela parou de falar e os olhos ficaram um pouco vidrados com alguma lembrança. – Tive um sangramento. O médico me avisou para diminuir o ritmo. Eu tentei, mas todos insistiam nesse caso e eu estava sempre sozinha. Um dia eu senti uma explosão nas minhas entranhas e perdi... no quarto mês de gravidez.

– Meu Deus. – Claire engasgou. – Oh, Jill.

Jill inspirou pela boca e todas ficamos em silêncio.

– Então, como *está* se sentindo? – perguntei.

– Em êxtase... – ela respondeu. – Fisicamente, forte como nunca...

Então ela piscou pensativa e nos encarou novamente.

– A verdade é que estou um trapo.

Segurei a mão dela.

– O que diz o seu médico?

– Ele diz que vamos ficar de olho e que devo reduzir os casos mais sensacionalistas ao mínimo. Seguir em marcha lenta.

– Você tem essa marcha? – perguntei.

– Agora tenho. – Ela fungou.

– Uau! – Cindy riu. – Jill de repente virou *drag*. – Ela se referia ao termo usado na internet para qualquer coisa que nos afastava do trabalho vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana.

Nos olhos da Jill, percebi uma gloriosa transformação acontecendo, coisa que nunca tinha visto antes. Jill era sempre bem-sucedida. Tinha um rosto lindo, muita disposição e propósito. Agora eu podia finalmente ver que estava feliz.

Belas lágrimas marejaram seus olhos. Eu tinha visto essa mulher enfrentar alguns dos piores filhos da mãe no tribunal. Eu a tinha visto perseguindo assassinos com uma convicção inabalável.



Tinha visto também as cicatrizes da insegurança na parte interna dos seus braços.

Mas até aquele momento, nunca vira Jill chorar.

– *Que coisa...* – Sorri e peguei a conta. – Acho que vou ter de pagar.

Depois de mais alguns abraços risonhos em Jill, fui para o meu apartamento na Potrero Hill.

Ficava no segundo andar de um prédio vitoriano azul reformado. Aconchegante e claro, com uma alcova de janelas grandes, com vista para a baía. Martha, minha afetuosa collie, estava à minha espera na porta.

– Oi, meu amor – eu disse.

Ela me saudou balançando o rabo e batendo com as patas na minha perna.

– E como foi o *seu* dia?

Esfreguei o rosto no focinho dela, beijei sua cara feliz.

Fui para o quarto e tirei a roupa de trabalho, prendi o cabelo, vesti um blusão tamanho grande do Giants com uma calça de moleton que usava sempre quando fazia frio. Dei razão a Martha, fiz uma xícara de chá Orange Zinger para mim e sentei nas almofadas da sala.

Tomei o chá com Martha no colo. Lá fora, ao longe, surgiu o conjunto de luzes piscando de um avião que descia no Aeroporto Internacional de San Francisco. E fiquei pensando na inacreditável imagem de Jill como mãe... Ela magra, sempre em forma, com um barrigão... um chá de bebê só do grupo. Isso me fez rir. Sorri para Martha.

– Jillzinha vai ser mamãe.

Nunca tinha visto Jill parecer tão completa. Há poucos meses eu mesma tinha pensado o quanto, adoraria ter um bebê. Como Jill disse, *queria um pouco daquilo também*. Só que não tinha de ser...

Criar filhos não era uma ocupação muito natural na minha família.

Minha mãe morrera há onze anos, quando eu tinha vinte e quatro e acabava de entrar para a Academia da Polícia. O diagnóstico foi câncer de mama, e passei meus dois últimos anos na faculdade ajudando a cuidar dela, voltando correndo das aulas para pegá-la no Emporium, onde trabalhava, preparando suas refeições, tomando conta da minha irmã mais nova, Cat.

Meu pai, policial de San Francisco, desapareceu quando eu tinha treze anos. Até hoje eu não sabia por quê. Tinha crescido ouvindo todo tipo de histórias, que ele gastava todo o salário com apostas, que tinha uma vida secreta longe da minha mãe, que o filho da mãe seduzia qualquer uma a ir para a cama com ele, que um dia perdeu o ânimo e simplesmente não conseguiu mais vestir o uniforme.

A última notícia que soube pela Cat foi que ele estava em Redondo Beach cuidando da vida, era segurança particular. Velhos companheiros na central de polícia ainda me perguntavam como estava Marty Boxer. Eles ainda contavam histórias dele e talvez fosse bom que alguém pudesse pensar nele dando risada. Marty, que uma vez prendeu três criminosos com um único par de algemas... Marty Boxer, que parou para fazer uma aposta com o suspeito no carro. Mas eu só conseguia pensar que o filho da mãe me deixou sozinha para cuidar da minha mãe quando ela estava morrendo e nunca mais voltou.

Eu não via meu pai havia quase dez anos. Desde o dia em que me tomei policial. Quando me formei na academia, eu o vi na platéia, mas não nos falamos. Nem sentia mais saudade dele.

Meu Deus, fazia um século que eu não examinava essas velhas cicatrizes. Mamãe tinha morrido havia onze anos. Eu me casei e me divorciei. Entrei para a Homicídios. Agora estava no comando. Em um certo ponto do caminho conheci o homem dos meus sonhos...

Estava certa quando disse para Mercer que o fogo antigo estava aceso de novo.

Mas estava mentindo quando disse para mim mesma que tinha deixado Chris Raleigh no

passado.

Eram sempre os olhos que chamavam sua atenção. Nu na cama, no quarto despojado feito uma cela, ele ficava lá sentado, olhando para as velhas fotografias em preto e branco como tinha feito milhões de vezes.

Eram sempre os olhos... aquela resignação amortecida e desesperançada.

O modo que eles *posavam*, mesmo sabendo que suas vidas iam terminar. Mesmo com a corda enrolada no pescoço.

No álbum, ele tinha arrumado em ordem cronológica quarenta e sete fotos e cartões-postais. Colecionou durante anos. A primeira, uma foto antiga, datada de 9 de junho de 1901, tinha sido dada pelo pai dele. *Dez Jones, linchado em Great River, Indiana*. Na borda, tinham escrito à mão, já meio apagado: “Isso foi naquele baile que eu fui na outra noite. Nós *brincamos* mesmo depois. Seu filho, Sam.” No primeiro plano, uma multidão de paletó e chapéu-coco, e, atrás dela, o corpo inerte pendurado.

Ele virou a página. *Frank Taylor, Mason, Geórgia, 1911* – Aquela foto tinha lhe custado quinhentos dólares, mas valia cada centavo. Sobre uma carroça parada embaixo de um carvalho, o homem condenado olhava para a câmera, segundos antes de morrer. Na sua expressão, não havia resistência nem medo. Um pequeno grupo de homens e mulheres bem-vestidos sorria para a foto como se estivessem vendo Lindbergh chegando a Paris. Vestidos como se fossem tirar um retrato de família.

Os olhos deles diziam que o enforcamento era algo justo e natural. Os de Taylor apenas indicavam que não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer.

Ele desceu da cama e arrastou seu corpo esbelto e musculoso até o espelho. Sempre foi forte. Fazia levantamento de peso havia dez anos. Fez uma careta quando retesou os peitorais. Massageou um arranhão. Aquela velha puta enfiou as unhas no peito dele quando enrolava o fio nos canos do teto. Quase não sangrou, mas olhou para o arranhão com desprezo. Não gostava de nada que afetasse a textura lisa da sua pele.

Posou diante do espelho e olhou para o feroz leão-bode que tinha tatuado no peito.

Em breve todos aqueles babacas burros iam ver que não era só ódio. Eles iam entender o seu padrão. Os culpados tinham de ser castigados. Reputações precisavam ser recuperadas. Não sentia nenhuma antipatia por nenhum deles especificamente. Não era ódio. Deitou na cama de novo e se masturbou olhando para a foto de Missy Preston, que teve o minúsculo pescoço fraturado por uma corda em Childers, no Tennessee, em agosto de 1931.

Sem um gemido, ele ejaculou. O jorro foi tão forte que fez seus joelhos tremerem. Aquela senhora, ela merecia morrer. A menina do coro da igreja também. Ele estava bombado!

Massageou a tatuagem no peito. *Muito em breve vou libertar Você, meu animal de estimação...*

Abriu seu caderno de fotos e folheou até a última página em branco, logo depois de Morris Tulo e Sweet Brown, em Longbow, Kansas, 1956.

Estava guardando aquela página para a foto certa. E agora atinha.

Pegou um tubo de cola em bastão e passou no verso da foto. E apertou na folha em branco.

Ali era o lugar dela.

Lembrou que ela olhou para ele com aquela triste inevitabilidade espalhada por todo o rosto. *Os olhos...*

Admirou sua nova página: Estelle Chipman, olhos arregalados, olhando para a câmera logo antes de ele chutar a cadeira de baixo dos pés dela.

*Eles sempre faziam pose.*

Assim que acordei na manhã seguinte, liguei para Stu Kirkwood que cuidava dos crimes de intolerância na central da polícia. Pedi a ele, *pessoalmente*, que me desse todas as informações sobre esse tipo de grupos que podiam estar operando na região da baía. O meu pessoal tinha falado com Stu antes, mas eu precisava que ele agisse rápido.

Até aquele momento, a equipe da Unidade da Cena do Crime do Clappertinha vasculhado toda a área em volta da igreja sem encontrar nada, e a única coisa que descobrimos a respeito de Aaron Winslow foi que ninguém tinha nada de negativo a dizer sobre ele.

Kirkwood me informou pelo telefone que alguns grupos organizados de supremacistas operavam no norte da Califórnia, rebentos da Klan ou aqueles malucos neonazistas dos skinheads. Ele disse que talvez a melhor coisa a fazer fosse entrar em contato com o escritório local do FBI, que mantinha uma vigilância maior nesses caras. Espancamento de gays era mais a seara dele.

Envolver o FBI nesse estágio não me enchia de entusiasmo. Pedi para Kirkwood me dar o que tivesse, e uma hora depois ele subiu carregando um cesto plástico cheio de pastas azuis e vermelhas.

– Leitura de fundo – ele disse piscando um olho, e largou o cesto com todo o peso em cima da minha mesa.

Diante daquele monte de pastas, minhas esperanças encolheram.

– Você tem alguma ideia sobre isso, Stu?

Ele sacudiu os ombros com simpatia.

– San Francisco não é exatamente um viveiro para esses grupos. A maior parte do que lhe dei parece bastante benigno. Acho que eles passam o tempo bebendo cerveja e gastando munição em tiro ao alvo.

Pedi uma salada, imaginando que passaria as próximas duas horas sentada à minha mesa com um bando de loucos protestantes do contra negros e judeus. Peguei um punhado de pastas e abri uma ao acaso.

Era uma espécie de milícia que operava em Greenview, perto da fronteira com o Oregon. *Os Patriotas da Califórnia*. Um resumo da informação cedida pelo FBI dizia: tipo de atividade – milícia, dezesseis a vinte membros. *Armamento avaliado*: armas pequenas até semi-automáticas, compradas em lojas. No fim dizia: *ameaça – baixa/moderada*.

Dei uma folheada no material. Alguns folhetos como logotipos de armas cruzadas, detalhando tudo desde as mudanças da população, de “maioria branca européia”, até coberturas da mídia sobre programas do governo para promover a fertilização *in vitro* das minorias.

Não conseguia imaginar o meu matador comprando aquela conversa. Não o via em sintonia com aqueles grupos. O nosso cara era organizado e ousado, não qualquer caipira bobo e bombado. Ele se deu ao trabalho de disfarçar os assassinatos com o *modus operandi* de um crime racial. E tinha assinatura.

Como a maioria dos assassinos em série, *queria que soubéssemos*.

*E que soubéssemos que haveria mais*.

Folheei mais alguns arquivos. Nada chamou minha atenção. Já estava começando a ter a sensação de que aquilo era uma perda de tempo.

De repente, Lorraine entrou afobada na minha sala.

– Conseguimos uma brecha, tenente. Encontramos a van branca.

Pus minha Glock no codre, peguei Cappy e Jacobi na saída antes mesmo de Lorraine terminar de contar tudo.

– Quero uma equipe da SWAT lá – berrei.

Dez minutos depois, freamos cantando pneu na frente de um bloqueio improvisado na San Jacinto, uma rua tranquila de um bairro residencial.

Uma viatura tinha avistado uma Caravan Dodge estacionada na frente de uma casa no elegante bairro de Forest Hills em uma ronda normal. O policial teve certeza de que era o carro que estávamos procurando quando viu o adesivo de um leão de duas cabeças no para-choque traseiro.

Vasquez, o jovem patrulheiro que tinha encontrado a van, apontou para uma casa em estilo Tudor, cercada de árvores, no meio do quarteirão, e para a minivan branca estacionada na entrada. Parecia loucura. Aquele bairro era de classe alta, não um porto seguro para criminosos ou assassinos.

Mas lá estava ela.

*A nossa van branca.*

*E o Mufasa de BernardSmith.*

Em poucos minutos, um veículo da SWAT sem marca, disfarçado de caminhão de concerto de televisão a cabo, parou na rua.

A equipe era liderada pelo tenente Skip Arbichaut. Eu não sabia o que a situação ia exigir, se teríamos um cerco, ou se teríamos de invadir a casa.

– Cappy, Jacobi e eu entraremos primeiro – eu disse.

Aquela era uma operação de Homicídios, e não ia deixar

mais ninguém assumir o risco. Pedi para Arbichaut distribuir os homens dele, dois nos fundos e três cobrindo a frente, e mais um com uma marreta junto conosco, caso tivéssemos de invadir.

Vestimos os coletes de proteção e jaquetas de náilon pretas que nos identificavam como policiais. Destravei a minha nove milímetros. Não havia tempo para ficar nervosa.

O caminhão da SWAT começou a descer a rua, com três atiradores de elite com coletes encostados do lado oposto.

Cappy, Jacobi e eu seguimos o carro que nos dava cobertura até eu parar diante de uma caixa de correio onde estava escrito 610. Vasquez estava certo. *A van combinava com a descrição.*

Agora meu coração batia acelerado. Participei de muitas

invasões de casas assim antes, mas nenhuma que tivesse algo mais em jogo. Fomos com muito cuidado para a frente da casa.

As luzes estavam acesas lá dentro e ouvimos barulho de uma televisão ligada.

Quando acenei com a cabeça, Cappy bateu na porta com sua arma.

– Polícia de San Francisco.

Jacobi e eu nos abaixamos, com nossas armas em punho.

Ninguém atendeu.

Depois de alguns segundos de tensão, sinalizei para Arbichaut providenciar um aríete.

Mas subitamente alguém abriu um pouco a porta.

– *Parado* – ordenou Cappy, apontando a arma. – Polícia de San Francisco.

Uma mulher de roupa de ginástica azul claro e olhos arregalados estava parada à porta.

– Oh, meu Deus! – ela gritou, sem tirar os olhos das nossas armas.

Cappy puxou-a para fora e a equipe SWAT de Arbichaut invadiu a casa. Ele rosnou.

– Tem mais alguém em casa?

– Só a minha filha – berrou a mulher assustada. – Ela tem dois anos.

A equipe de colete preto da SWAT passou por ela e entrou na casa como se fosse resgatar o menino Elián Gonzalez.

– Essa van é sua? – latiu Jacobi.

A mulher olhou para a rua.

– O que está acontecendo?

– Essa van é sua? – A voz de Jacobi trovejou de novo.

– Não – ela disse, tremendo. – Não...

– Sabe de quem é?

Ela olhou mais uma vez, apavorada e balançou a cabeça.

– Nunca vi esse carro antes.

Estava tudo errado, dava para ver. O bairro, o escorrega de plástico no gramado, a mãe apavorada com roupa de ginástica. Saiu do meu peito um suspiro de decepção. Tinham abandonado a van ali.

De repente, um Audi verde apareceu na curva da ladeira, seguido por dois carros da polícia. O Audi devia ter passado direto pelo nosso bloqueio. Um homem bem-vestido, de terno e óculos com armação de tartaruga saltou do carro e correu para a casa.

– Kathy, o que está acontecendo aqui?

– Steve...

A mulher o abraçou e deu um suspiro de alívio.

– Este é o meu marido. Liguei para ele quando vi todos esses policiais do lado de fora da nossa casa.

O homem olhou em volta, para os oito carros da polícia, para o reforço da SWAT e para os inspetores da polícia de San Francisco com suas armas em punho.

– O que estão fazendo na minha casa? Isso é uma loucura! É uma doideira!

– Acreditamos que essa van é o veículo que *foi usado* para executar um homicídio – eu disse. – Temos todo o *direito de* estar aqui.

– Um homicídio...?

Dois homens de Arbichaut saíram da casa indicando que não havia ninguém mais lá dentro. Do outro lado da rua, as pessoas começavam a sair de suas casas.

– Essa van tem sido nossa prioridade máxima há dois dias. Sinto muito tê-los incomodado. Não havia como ter certeza.

A indignação do marido aumentou. O rosto e o pescoço *dele* estavam *roxos feito* beterraba.

– Vocês estão pensando que *nós* tivemos alguma coisa a ver com isso? Com um homicídio?

Achei que já tinha perturbado bastante a vida deles.

– O tiroteio em La Salle Heights.

– Vocês todos enlouqueceram? Suspeitam que nós metralhamos uma igreja?

Ele ficou boquiaberto e olhou para mim sem acreditar.

– Vocês, seus idiotas, têm ideia do que eu faço?

Olhei para o terno cinza de risca de giz e para a camisa social azul. Tive a sensação humilhante de que eu acabava de fazer papel de boba.

– Sou conselheiro chefe da filial do norte da Califórnia da Liga Antidifamação.



O assassino nos fez de bobos. Ninguém no quarteirão sabia de nada, nem tinha qualquer ligação com a van roubada. Tinha sido deixada lá, de propósito, para nos constranger. Quando a equipe de Clapper examinou cada centímetro do carro, eu já sabia que não ia encontrar nada. Analisei o adesivo e tive certeza de que era a mesma imagem que vi em Oakland. Uma cabeça de leão, a outra parecia ser de um bode, o rabo sugeria um réptil. Mas o que significava?

– Aprendemos uma coisa – disse Jacobi em tom de deboche. – O FDP tem senso de humor.

– Ainda bem que você é fã dele – eu disse.

Já na minha sala, eu disse para Lorraine:

– Quero saber de onde saiu aquela van. Quero saber a quem pertencia, quem tinha acesso a ela, todos os contatos que o proprietário fez uma semana antes do furto.

Eu estava furiosa. Havia um assassino cruel à solta, mas não tínhamos uma única pista da sua motivação. Era um crime de ódio, ou uma orgia assassina? Um grupo organizado, ou um lobo solitário? Sabíamos que o cara era bastante inteligente. Suas jogadas eram bem planejadas, e, se ironia fazia parte do seu *modus operandi*, desovar o carro da fuga naquele lugar tinha sido um *toque de mestre*.

Karen me avisou pelo interfone que Ron Vandervellen estava na linha. O policial de Oakland dava risada.

– Dizem por aqui que vocês conseguiram neutralizar uma ameaça perigosa para a sociedade que se disfarçava de cão de guarda jurídico da Liga Antidifamação.

– Acho que com isso nossas investigações estão perfeitamente niveladas, Ron – retruquei.

– Calma aí, Lindsay, não liguei para tripudiar – ele disse, mudando o tom. – O que eu queria mesmo é fazê-la rir.

– Não posso reclamar disso, Ron. Estou mesmo precisando de qualquer coisa assim neste momento. O que você tem para nós?

– Você sabia que Estelle Chipman era viúva, certo?

– Acho que você mencionou isso.

– Bem, estávamos fazendo um levantamento padrão da vida dela. Encontramos um filho em Chicago. Ele vem providenciar o enterro. Com o que anda acontecendo por aqui, achei que o que ele contou era coincidência demais para ignorar.

– O que foi, Ron?

– O marido dela morreu há cinco anos. Ataque do coração. Quer adivinhar como o cara ganhava a vida?

Tive uma sensação crescente de que Vandervellen ia explodir naquela história toda.

– O marido de Estelle Chipman era policial de San Francisco.

Cindi Thomas estacionou seu mazda do outro lado da rua, em frente à igreja de La Salle Heights, e deu um longo suspiro. A fachada de tábuas brancas da igreja estava desfigurada, cheia de partes lascadas e buracos de bala. O rombo no lugar em que ficava o belo vitral tinha sido coberto com uma lona impermeável preta.

Ela se lembrou do dia em que inauguraram o vitral, quando cobria de tudo para o jornal. O prefeito, alguns dignitários do município, Aaron Winslow, todos fizeram discursos de como aquela linda obra de arte tinha sido paga com o trabalho da comunidade. Era um símbolo. Cindy lembrou que entrevistou Winslow e ficou impressionada com a paixão dele, além da inesperada humildade.

Passou por baixo da fita amarela da polícia e se aproximou da parede furada de balas. No seu trabalho para o *Chronicle*, tinha sido designada para cobrir outras histórias em que havia mortos. Mas aquela era a primeira em que sentia que a raça humana tinha morrido um pouco também.

Uma voz a assustou.

– Pode olhar o tempo que quiser, mas não vai melhorar nem um pouco.

Cindy deu meia-volta e se viu diante de um homem com um rosto muito bonito. Olhar bondoso. Ela o conhecia. Balançou a cabeça, concordando.

– Eu estive aqui quando exibiram o vitral pela primeira vez. Foi portador de uma grande esperança.

– E ainda é – disse Winslow. – Não perdemos a esperança. Não se preocupe com isso.

Ela sorriu e ficou olhando para aqueles profundos olhos castanhos.

– Eu sou Aaron Winslow – ele disse, e passou uma pilha de cadernos das crianças para a outra mão, para poder cumprimentá-la.

– Cindy Thomas – ela respondeu.

O aperto de mão dele foi caloroso e gentil.

– Não me diga que incluíram a nossa igreja na relação de pontos turísticos da Viagem de Quarenta e Nove Milhas.

Winslow foi andando para os fundos da igreja e Cindy o acompanhou.

– Não sou turista – disse Cindy. – Só queria ver isso. Olha – ela engoliu em seco -, eu gostaria de fingir que só passei por aqui para prestar solidariedade... e vim para isso também. Mas trabalho para o *Chronicle*. Na seção de crimes.

– Uma repórter – disse Winslow – Agora faz sentido. Durante anos, tudo que *realmente* acontece aqui, estudos literários, um coro internacionalmente reconhecido... nada disso serviu para motivar um artigo. Mas basta um louco agir e agora a *Nightline* quer uma conferência da prefeitura. O que quer saber, Srta. Thomas? O que *Chronicle* quer?

Aquelas palavras incomodaram Cindy um pouco, mas ela até gostou. Ele tinha razão.

– Eu escrevi uma história sobre a igreja uma vez, quando aquele vitral foi inaugurado. Foi um dia especial.

Ele parou de andar. Olhou bem para ela, então sorriu.

– Foi um dia especial. E a verdade, Srta. Thomas, é que eu já sabia quem era quando me aproximei. Lembrei-me de você. Você me entrevistou naquele dia.

Alguém chamou Winslow de dentro da igreja uma mulher apareceu. Lembrou a ele de que tinha uma reunião às onze horas.

– E aí? Viu tudo que queria ver, Srta. Thomas? Devemos aguardar sua visita daqui a dois anos?

– Não. Quero saber de que forma você enfrenta isso. Com essa violência diante de tudo que fez, o que o bairro está sentindo.

Winslow se permitiu sorrir.

– Vou te contar uma coisa. Não sou inocente. Passei tempo demais no mundo real.

Ela lembrou que Aaron Winslow não era alguém para quem a fé tinha sido gerada por uma vida de abnegação. Ele veio das ruas. Foi capelão do exército. Poucos dias antes, tinha ficado na linha de fogo e deve ter salvado vidas.

– Você veio ver como essa comunidade está reagindo ao ataque? Venha ver com seus próprios olhos. Tasha Catchings terá seu memorial amanhã.

A desconcertante revelação de Vandervellen ficou martelando na minha cabeça o resto do dia.

*As duas vítimas de assassinato eram ligadas a policiais de San Francisco.*

Podia não ser nada. Podiam ser vítimas ao acaso e sem conexão. Pessoas de cidades diferentes, separadas por sessenta anos.

Ou podia significar tudo.

Peguei o telefone e liguei para Claire.

– Preciso de um favor seu – eu disse.

– De que tamanho? – Deu para sentir o largo sorriso de Claire.

– Preciso que dê uma olhada na autópsia daquela mulher que foi enforcada em Oakland.

– Posso fazer isso. Mando para você. Vou dar uma olhada.

– É aí que isso fica enorme, Claire. Ainda está no escritório do médico-legista de Oakland. Não foi liberada.

Esperei ansiosa e Claire suspirou.

– Você deve estar brincando, Lindsay. Quer que eu meta o nariz numa investigação que ainda está em andamento?

– Olha, Claire, sei que isso não é nenhum procedimento padrão, mas eles fizeram suposições muito importantes, que podem determinar o rumo deste caso.

– Quer me dizer que tipo de suposições são essas, que vão justificar eu pisar nos calos de um respeitado patologista para fazer a minha avaliação?

– Claire, esses casos estão ligados. Existe um padrão. Estelle Chipman era casada com um policial. O tio de Tasha Catchings também é policial. Toda a minha investigação se baseia no fato de que estamos lidando com um assassino. Oakland acredita que há um negro envolvido, Claire.

– Um negro? – Ela ficou espantada. – Por que um negro ia querer fazer essas coisas?

– Eu não sei. Mas estão começando a aparecer um monte de provas circunstanciais que ligam um crime ao outro. Eu preciso saber.

Ela hesitou.

– Exatamente o que eu teria de procurar?

Contei a ela sobre as amostras de pele que tinham encontrado embaixo das unhas da vítima e sobre as conclusões do médico-legista.

– Teideman é um bom homem – respondeu Claire. – Confio nas descobertas dele como confio nas minhas.

– Eu sei, Claire, mas ele não é você. Por favor. Isso é importante.

– Quero que saiba de uma coisa – ela revidou. – Que se pedissem para Art Teitleman meter o nariz em uma de minhas investigações preliminares, punha um carimbo no ticket de estacionamento dele e o mandaria educadamente de volta para o lado dele da baía. Não faria isso por mais ninguém, Lindsay.

– Sei disso, Claire – respondi em tom de agradecimento. – Por que acha que tenho nutrido essa nossa amizade todos esses anos?

No fim da tarde, eu estava sentada à minha mesa quando um por um, todos da minha equipe foram indo embora. E não pude ir com eles.

Minha cabeça tentava sem parar juntar as peças daquele quebra-cabeça. Tudo que eu tinha era baseado em suposições. O assassino era branco ou negro? Claire estava certa quando afirmou que Tasha Catchings foi morta intencionalmente? Mas o símbolo do leão estava realmente lá. *Associe as vítimas, diziam meus instintos. Existe uma conexão. Mas qual é?*

Olhei para o meu relógio e liguei para Simone Clark do departamento de pessoal. Peguei-a exatamente quando se aprontava para ir para casa.

– Simone, preciso que encontre um arquivo para mim amanhã.

– Claro, de quem é?

– De um policial que se aposentou talvez há oito, dez anos. O nome dele era Edward Chipman.

– Isso é bem antigo. Deve estar lá no depósito.

A central de polícia enviava os documentos antigos para uma empresa guarda-móveis.

– Entrego no início da tarde amanhã, está bem?

– Está bem, Simone. Faça o melhor que puder.

Eu continuava ouriçada com a energia do nervosismo. Peguei outra pilha de pastas dos arquivos sobre os supremacistas de Kirkwood e botei em cima da mesa.

Abri uma ao acaso. Americanos pela Ação Constitucional... Arados e Pífaros, outro grupo de milicianos do interior. Todos esses idiotas pareciam um bando de direitistas desprezíveis. Será que eu estava desperdiçando o meu tempo? Não vi nada de importante. Nada que me desse alguma esperança de que aquele era o caminho certo.

*Vá para casa, Lindsay, uma voz insistiu. Amanhã novas pistas podem parecer. Há a van, o arquivo de Chipman... Encerre o expediente por hoje. Leve Martha para uma corrida.*

*Vá para casa...*

Empilhei os arquivos todos e já ia desistir quando a pasta em cima da pilha chamou a minha atenção. *Os Templários. Uma* cria dos Hells Angels da cidade de Vallejo. Os templários originais eram cavaleiros cristãos das Cruzadas. Imediatamente notei a avaliação que o FBI fez do grupo. A nota de periculosidade deles era *Alta*.

Tirei a pasta da pilha e examinei melhor. Havia um relatório do FBI que delineava uma série de crimes não resolvidos que envolviam os Templários como suspeitos, assaltos a bancos, assassinatos por encomenda contra gangues de latinos e negros.

Folheei as páginas na pasta, vi os registros de prisões, fotos do grupo feitas pelas equipes de supervisão. De repente, fiquei completamente sem ar.

Meus olhos se focaram numa foto da vigilância. Era um bando de motociclistas pesados, musculosos e cobertos de tatuagens, reunidos do lado de fora de um bar em Vallejo, que usavam como quartel-general. Um deles estava inclinado sobre a moto, de costas para a câmera. Tinha a cabeça raspada, usava uma bandana e um colete de brim sem mangas sobre braços muito fortes.

Foi o bordado nas costas da jaqueta jeans sem mangas que atraiu minha atenção.

*Eu olhava para um leão de duas cabeças, com cauda de serpente.*

Ao sul do mercado, num do mercado, num bairro de armazéns abandonados da cidade, um homem com um casaco verde de náilon caminhava sorrateiro por uma calçada escura. O assassino.

Aquela hora da noite, naquele bairro decadente, não havia ninguém nas ruas, apenas dois mendigos abraçados sobre uma fogueira numa lata de lixo. Armazéns abandonados, lojas que só abriam de dia e seus letreiros com curtos-circuitos: CHEQUES DESCONTADOS HOJE... METALURGIA... EARL KING, FIADOR MAIS CONFIÁVEL DA CIDADE.

Ele olhou o outro lado da rua, na direção da Sete, para a carcaça dilapidada de um hotel residencial abandonado: 303. Tinha vigiado cuidadosamente o lugar nas últimas três semanas. A metade dos apartamentos estava vazia, a outra metade servia de abrigo para o descanso de mendigos sem-teto que não tinham mais para onde ir.

Ele cuspiu na rua coberta de lixo, jogou uma sacola esportiva da Adidas nas costas e deu a volta no quarteirão até a Sexta com a Townsend. Atravessou a rua decadente e se dirigiu para um armazém fechado com tapume que exibia apenas uma placa para diferenciá-lo, onde tinham rabiscado AGUELLO'S... COMIDAS ESPANOL.

Primeiro o assassino se certificou de que estava sozinho, depois empurrou a porta de metal com a pintura descascada e entrou. Agora seu coração batia com muita força. Na verdade, ele era viciado naquela sensação.

Sentiu um cheiro insuportável no saguão do hotel, uma saída de incêndio entupida de jornais velhos e caixas manchadas de óleo. Foi para a escada torcendo para não esbarrar em nenhum imprestável sem-teto dos que acampavam nos corredores.

Subiu até o quinto andar e foi rapidamente para o fim do corredor. Passou por uma grade e saiu para a escada de incêndio Dali era apenas um lance até o telhado.

Já lá em cima, as ruas desoladas deram lugar à aura luminosa do horizonte de prédios da cidade. A posição em que ele estava era à sombra da ponte da Baía, que se avolumava sobre ele como um enorme navio. Ele deixou a sacola esportiva preta num ponto de ventilação do ar-condicionado, abriu o zíper e tirou cuidadosamente de dentro as partes de um rifle PSG-1 de atirador de elite feito sob encomenda.

*Na igreja, eu precisei do máximo de saturação. Ali só ia ter um tiro.*

O tráfego seguia ruidoso em cima dele na ponte da Baía enquanto enroscava o cano longo da arma no punho e colocava tudo no lugar. Manusear armas era como manusear garfo e faca para ele. Podia fazer aquilo dormindo.

Prendeu a mira infravermelha. Espiou através dela e formas cor de âmbar entraram em foco.

Ele era muito mais inteligente do que eles. Ficavam procurando vans brancas e símbolos idiotas, enquanto ele estava prestes a explodir a coisa toda. Aquela noite eles finalmente começariam a entender.

O coração desacelerou quando ele mirou sobre a rua nos fundos para o hotel decadente chamado 303. No quarto andar, aí janela de um apartamento pouco iluminado brilhou.

Pronto. Era hora da verdade.

Ele acalmou a respiração até ficar apenas um sussurro e lambeu os lábios secos. Mirou numa imagem mental que tinha havia muito tempo. Enfeitou a visão.

Então, quando estava tudo certo, apertou o gatilho.

*Clique...*

Dessa vez nem teria de assinar. Eles saberiam pelo tiro.

Pelo alvo.

Amanhã todas as pessoas em San Francisco saberiam o nome dele  
Quimera.

## Parte 2

*Justiça seja feita*



Bati na porta de vidro da sala de Stu Kirkwood e interrompi seu café da manhã, de café e rosquinha. Joguei a foto da vigilância com o motoqueiro que tinha o leão com rabo de serpente na frente dele.

– Preciso saber o que é isso. E é para ontem, Stu.

Juntei à foto mais duas versões da mesma imagem, o adesivo do para-choque da van branca e uma polaroide da parede no porão em que Estelle Chipman foi assassinada. *Leão, bode, rabo de cobra ou de lagarto.*

Kirkwood ficou tenso.

– Não tenho a menor idéia – ele disse.

– Isso é o nosso assassino, Stu. Como vamos achá-lo? Pensei que essa era sua especialidade.

– Eu já disse, espancamento de gays é mais a minha praia. Podemos mandar as imagens para Quântico por e-mail.

– Está bem – concordei. – Quanto tempo leva?

Kirkwood se endireitou na cadeira.

– Conheço um pesquisador chefe de lá, com, quem fiz um seminário. Vou fazer umas ligações.

– Então faça rápido, Stu, *depois* termine de comer sua rosquinha. E me avise assim que receber alguma resposta. No segundo que souber de alguma coisa.

Subi e chamei Jacobi e Cappy para a minha sala. Pus o arquivo dos Templários de Kirkwood e uma cópia da foto do motoqueiro na mesa.

– Vocês reconhecem o artista, meninos?

Cappy examinou a foto e olhou para mim.

– Vocês estão pensando que esses vermes têm alguma coisa a ver com o caso?

– Quero saber onde esses caras estão – eu disse. – E quero que vocês tenham cuidado. Essa turma está implicada em coisas que fazem La Salle Heights parecer um jogo de paintball. Tráfico de armas, muita violência, assassinatos encomendados. De acordo com o arquivo, eles operam a partir de um bar em Vallejo chamado Blue Parrot. Não quero que cheguem lá como se fossem prender um cafetão na Geary. E não se esqueçam de que *não é a nossa jurisdição.*

– Estamos entendendo, Loo – disse Cappy. – Nada de exageros. Só um pouco de lazer e recreação. Vai ser bom passar o dia fora da cidade.

Ele pegou o arquivo e deu um tapinha no ombro de Jacobi.

– Seus tacos estão na mala do carro?

– Rapazes... *Cuidado* – lembrei. – Nosso assassino é um atirador.

Depois que eles saíram, verifiquei um punhado de recados e abri o *Chronicle* matinal que estava na minha mesa. Havia uma manchete atribuída a Cindy: A POLÍCIA EXPANDE O ALCANCE DO TIROTEIO, MORTE DE MULHER EM OAKLAND PODE FAZER PARTE DA INVESTIGAÇÃO.

Citando “fontes próximas da investigação” e “contatos anônimos na polícia”, Cindy tinha aventado a possibilidade de termos ampliado nossa investigação, falando do assassinato em Oakland. Eu lhe dera o sinal verde para ela ir até esse ponto.

Liguei para Cindy.

– Quem fala aqui é a fonte próxima da investigação – eu disse.

– Nada disso. Você é o contato anônimo. Fonte próxima da investigação é o Jacobi.

– Que merda. – Dei risada.

– Fico contente com seu senso de humor. Escute, tenho algo importante para mostrar a você.

Vai ao enterro de Tasha Catchings?

Olhei para meu relógio. Estava marcado para dali a menos de uma hora.

– Vou. Estarei lá.

– Então me procure – disse Cindy.

Uma chuva fina e gelada caía quando cheguei à igreja La Salle Heights.

Centenas de pessoas vestidas de preto se acotovelavam na igreja marcada pelas balas. Tinham posto uma lona no buraco onde ficava o vitral. Ela adejava como uma bandeira triste açotada pelo vento.

O prefeito Fernandez estava lá, com outros rostos importantes que reconheci, do governo municipal. Vernon Jones, o ativista, estava a pouca distância da família. O chefe Mercer também compareceu. A menininha estava tendo o maior funeral que a cidade via em anos. Fazia com que sua morte ficasse ainda mais triste.

De pé na parte de trás da capela, de terninho preto, vi Cindy. Quando nossos olhos se encontraram, nós duas inclinamos a cabeça.

Sentei ao lado de Mercer, com a delegação da polícia. O famoso coro La Salle Heights iniciou o canto emocionante de “*I’ll Fly Away*”. Não há nada mais tocante do que hinos religiosos numa igreja lotada. Eu tenho o meu credo pessoal e não começa longe do que vi nas ruas: nada na vida resulta simplesmente em bom ou mau, em julgamento ou redenção. Mas quando o conjunto de vozes elevou todos na igreja, não pareceu errado pedir que a misericórdia iluminasse aquela alma inocente.

Quando o coro terminou a exibição, Aaron Winslow foi para o microfone. Estava muito elegante de terno preto. Ele falou de Tasha Catchings como alguém que a conheceu praticamente a vida toda. Falou do seu riso de criança, da sua postura, a mais jovem do coro, que ela queria ser uma diva, ou uma arquiteta que ia reconstruir o bairro. E disse que agora só os anjos ouviriam sua bela voz.

Ele não falou como um ministro gentil, exortando as pessoas a oferecerem a outra face. Seu discurso foi cheio de esperança, muito emotivo, mas verdadeiro. Ao vê-lo, não pude deixar de pensar que aquele homem bonito tinha estado nos campos de batalha da Tempestade no Deserto, e que outro dia arriscara sua vida para proteger as crianças.

Ele disse, com a voz suave, mas poderosa, que não perdoaria e que não era capaz de não julgar.

– Só os santos são capazes de não fazer juízo – ele disse – e podem acreditar em mim, não sou santo. Sou como todos vocês apenas alguém que se cansou de ter de suportar as injustiças. – Ele olhou para o chefe Mercer. – Encontrem o assassino. Que ele seja julgado no tribunal. Não se trata de política, nem de fé, nem mesmo de raça. A questão é o direito de não sermos vítimas do ódio. Estou convencido de que o mundo não acaba diante do pior ato possível. O mundo se conserta.

As pessoas ficaram de pé, aplaudiram e choraram. Eu fui com elas. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas. Aaron Winslow dava muita dignidade à cerimônia. Terminou em uma hora. Sem sermões inflamados, apenas um consenso de améns. Mas com uma tristeza que nenhum de nós jamais esqueceria.

A mãe de Tasha parecia muito forte quando seguiu o caixão para fora da igreja. Sua jovem filha era levada para o descanso final.

Saí ao som do coro cantando “*Will the Circle Be Unbroken*”, com uma sensação de torpor, e arrasada.

Esperei Cindy lá fora e vi Aaron Winslow entre as pessoas e os colegas de Tasha que choravam. Havia alguma coisa nele que eu gostava. Parecia autêntico e certamente era apaixonado pelo seu trabalho e por aquela gente.

– Está aí um homem com quem eu podia dividir uma trincheira individual – disse Cindy quando se juntou a mim.

– O que está querendo dizer com isso? – perguntei.

– Não sei bem... Só sei que vim até aqui ontem para conversar com ele e saí com os cabelinhos dos braços em pé. Foi como entrevistar Denzel Washington, ou talvez aquele cara novo no NYPD Blue.

– Você sabe, ministros não são iguais aos padres – eu disse.

– E você quer dizer o quê?

– Quero dizer que pode entrar numa trincheira individual com eles. Só para escapar da linha de fogo, é claro.

– É claro! – Ela balançou a cabeça e então imitou o barulho de um moedor explodindo. – Pou!

– Ele é impressionante. O discurso dele me fez chorar. Era isso que você queria me mostrar?

– Não – Cindy disse suspirando, voltando para o assunto em questão.

Ela procurou alguma coisa na bolsa pendurada no ombro e tirou uma folha de papel dobrada.

– Sei que você me disse para não me meter... Mas acho que me acostumei a te dar cobertura.

– Certo – eu disse. – E o que você tem aí para mim? Somos uma equipe, certo?

Desdobrei a folha e fiquei chocada ao ver o mesmo leão, bode e serpente que eu tinha acabado de dar ao Kirkwood para identificar. O controle profissional não bastou para impedir que meus olhos se arregalassem.

– Onde conseguiu isso?

– Você sabe o que está vendo, Lindsay.

– Meu palpite é que não se trata do novo brinquedo-mania do Tyco.

Ela não riu.

– Isso é o símbolo de um grupo racista. Uma coisa de supremacia branca. Um colega no jornal fez uma pesquisa sobre esses grupos. Não pude deixar de dar uma olhada depois da nossa reunião na outra noite. Isso é usado por um grupo pequeno, uma elite. Por isso foi difícil encontrar mais informação.

Fiquei olhando fixo para a imagem que eu não parava de ver desde a morte de Tasha Catchings.

– Essa coisa tem um nome, não é?

– É chamada de quimera, Lindsay. É da mitologia grega.

Segundo a minha fonte, o leão representa coragem, o corpo de bode obstinação e força de vontade, e a cauda de serpente furtividade e astúcia. Significa que, não importa o que se faça para esmagá-la, ela sempre prevalece.

Fiquei olhando para o símbolo, a quimera, com gosto de fel na boca.

– Não dessa vez.

– Não divulguei isso – disse Cindy. – Mas está por aí, Todo mundo acha que esses assassinatos estão ligados. Esse símbolo é a chave, certo? Agora uma segunda definição que encontrei: *produto grotesco da imaginação*. Combina, não é?

Balancei a cabeça, concordando. De volta ao início. Grupos racistas. Talvez até Os Templários. Quando Mercer descobrisse, íamos ter de bater nas portas de todos os grupos violentos que encontrássemos. Mas como é que o matador podia ser negro.

Não fazia sentido para mim.

– Não está zangada comigo, está? – perguntou Cindy.

Fiz que não.

– Claro que não estou zangada. Então essa sua fonte, ele contou como foi que mataram essa quimera na Antiguidade?

– Ele disse que chamaram algum grande herói que montava um cavalo alado e que cortou fora a cabeça da quimera. É bom ter um cara, ou caras como ele á disposição, não é? Ela olhou séria para mim. – Você tem um cavalo alado, Lindsay?

– Não, – Balancei a cabeça de novo. – Tenho uma collie.

Claire foi me encontrar na entrada do prédio assim que cheguei depois de comprar uma salada.

– Para onde está indo? – perguntei.

Ela me encarou afetando timidez, com um charmoso chemisier lilás e uma bolsa de couro Tumi pendurada no ombro.

– Vim ver você.

Claire tinha uma expressão que aprendi a reconhecer. Não se podia chamar de convencimento, nem de presunção. Claire não funcionava assim. Era mais uma aura que dizia, *descobri uma coisa*. Ou melhor, *às vezes até eu me surpreendo*.

– Você já almoçou? – perguntei.

Ela riu zombeteira.

– Se almocei? E quem tem tempo para almoçar? Estou desde dez e meia embaixo de um microscópio do outro lado da baía, investigando para você.

Claire espiou dentro da sacola e viu minha salada de frango com curry.

– Isso aí está tentador.

Puxei a sacola para longe dela.

– Isso vai depender. Do que você descobriu.

Ela me empurrou para o elevador.

– Tive de prometer dar para Teitleman bilhetes de camarote para a sinfônica para acalmá-lo – disse Claire quando chegamos à minha sala. – Pode considerar isso um presente do Edmund.

Edmund era o marido dela, que nos últimos seis anos tocava tímpano na Sinfônica de San Francisco.

– Vou mandar um bilhete para ele – eu disse quando sentamos à mesa. – Talvez eu consiga entradas para ver o Giants.

Arrumei o meu almoço.

– Posso? – ela perguntou segurando um garfo de plástico em cima da minha salada. – Protegê-lo é um trabalho muito cansativo.

Puxei o recipiente para mim.

– Como eu já disse. Depende do que você tem.

Sem hesitar, Claire espetou um pedaço de frango.

– Não tinha sentido nenhum, não é? Por que um negro cometeria crimes de ódio contra a própria raça?

– Está bem – eu disse, e empurrei o recipiente para perto dela. – O que você descobriu?

– Em grande parte foi bem o que você disse. Não tinha nenhum hematoma ou laceração que associamos à submissão forçada. Só que havia aqueles pedaços incomuns de pele embaixo das unhas da vítima. Então nós examinamos. Realmente revelaram um tipo de pele hiperpigmentada. Como dizia no relatório, “normalmente consistente com um não caucasiano”. Amostras estão sendo testadas na histopatologia neste exato momento.

– Então, o que você está dizendo? – insisti. – A pessoa que matou aquela mulher era negra?

Claire inclinou o corpo para a frente e pegou o último pedaço de frango de baixo do meu garfo.

– À primeira vista, percebi que dá para chegar a essa conclusão. Se não for afro-americano, pode ser um latino bem moreno, ou asiático. Teitleman ficou inclinado a concordar, até eu pedir

para ele fazer um último teste.

“Eu já contei a você”, ela revirou os olhos grandes e castanhos, “que fiz minha residência na dermatologia em Moffit?”

– Não, Claire.

Balancei a cabeça e sorri. Ela era boa no que fazia.

Claire sacudiu os ombros.

– Ah não? Não sei como esquecemos isso. De qualquer forma, basicamente o que o laboratório vai procurar é saber se a hiperpigmentação é intracelular, como nos melanócitos, que são as células de pigmentação escuras, muito mais concentradas em não caucasianos, ou se é intercelular... se está no tecido, mais na superfície da pele.

– Fale inglês, Claire. O sujeito é branco ou negro?

– Os melanócitos – ela continuou, como se eu não tivesse dito nada – são as células escuras e concentradas da pele das pessoas de cor. – Ela puxou uma manga para cima. – Você está vendo aqui melanócito central. O problema é que as amostras encontradas embaixo das unhas da Sra. Chipman não tinham nenhum. Toda aquela pigmentação era intercelular... coloração superficial. Além disso, tinha um tom azulado, atípico da melanina quando ocorre naturalmente. Qualquer dermatologista que se preze veria isso.

– Veria o quê, Claire? – perguntei, vendo seu sorriso largo e pretensioso.

– Veria que não foi um negro que fez aquela coisa terrível – ela disse enfaticamente –, e sim um homem branco com alguma pigmentação tópica. *Tinta*, Lindsay. Aquela pobre mulher enfiou as unhas na tatuagem do assassino.

Depois que Claire foi embora fiquei embalada com a descoberta que fez. Coisa boa. Karen bateu à porta e me entregou um envelope de papel pardo.

– De Simone Clark

Era o arquivo do departamento de pessoal que eu tinha pedido. *Edward R. Chipman*.

Tirei a pasta de dentro do envelope e comecei a ler.

Chipman foi patrulheiro de rua de carreira na Central que se aposentou em 1994 com o posto de sargento. Recebeu duas vezes a comenda do Capitão, por bravura em serviço.

Parei quando cheguei à foto dele. Rosto estreito e anguloso e o cabelo com aquele penteado eriçado tipo afro, moda dos anos 1960. Deve ter sido tirada no dia em que ele entrou para a polícia. Examinei o resto dos documentos. O que podia ter feito alguém querer matar a viúva desse homem? Não havia uma única censura naquela ficha. Por uso de força excessiva ou qualquer coisa parecida. Em sua carreira de trinta e nove anos, o policial jamais disparou a arma. Fazia parte da Unidade Avançada no conjunto habitacional de Potrero Hill e era membro de um grupo pelas minorias, chamado Policiais pela Justiça, que defendia e promovia os interesses dos policiais negros. Chipman, como a maioria dos policiais, teve uma daquelas carreiras competente e sem percalços, jamais uma encrenca, nunca criticado, nunca comprometido diante da opinião pública. Nada ali tinha a menor ligação com Tasha Catchings, ou com o seu tio, Kevin Smith.

Será que eu estava vendo mais em toda aquela história do que realmente existia? Aquilo seria mesmo um crime em série? Minhas antenas estrepitavam. *Eu sei que tem alguma coisa. Vamos lá, Lindsay.*

De repente, fui forçada a voltar para a realidade quando Lorraine bateu à porta.

– Pode me dar um minuto, tenente?

Disse para ela entrar. O veículo roubado, ela disse, pertencia a um Ronald Stasic. Ele ensinava antropologia num colégio da comunidade em Mountain View.

– Segundo consta, a van foi roubada do estacionamento em frente de onde ele trabalha. Ele demorou para registrar porque passou a noite em Seattle. Entrevista de emprego.

– Quem sabia que ele ia viajar?

Ela verificou as anotações.

– A mulher dele. O diretor do colégio. Ele dá aulas para duas turmas e é tutor de alunos de outras escolas na região.

– Algum desses alunos demonstrou interesse nessa van, ou no local em que estava estacionada?

Ela fez uma careta de deboche.

– Ele disse que metade dos alunos chega à escola em BMWs e Saabs. Por que estariam interessados numa van com seis anos?

– E aquele adesivo no para-choque traseiro?

Eu não tinha ideia se Stasic tinha alguma coisa a ver com as mortes, mas sua vanzinha o mesmo símbolo que apareceu no porão de Oakland.

Lorraine deu de ombros.

– Disse que nunca tinha visto antes. Eu disse que ia verificar a história dele e perguntei se aceitaria passar pelo detector de mentiras quanto a isso. Ele respondeu que não teria nenhum problema.

– É melhor ver se algum amigo dele, ou aluno, tem qualquer tendência política estranha.



Lorraine assentiu com a cabeça.

– Vou ver sim, mas esse cara é todo certinho, Lindsay. Ficou muito assustado com essa coisa toda.

A tarde foi passando, e eu estava abalada pela sensação de que não estávamos chegando a lugar nenhum naquele caso. Tinha certeza de que eram assassinatos em série, mas talvez nossa melhor aposta fosse esse cara com a quimera bordada na jaqueta.

Meu telefone tocou e levei um susto. Era Jacobi.

– Informação furada, tenente. Ficamos do lado de fora daquele maldito Blue Parrot o dia inteiro. *Nada*. Então conseguimos saber pelo atendente do bar que os caras que você procura são história. Eles se separaram, cinco, seis meses atrás. O cara mais valentão que eu vi foi um halterofilista que usava uma camiseta com os dizeres “Rock Rules”.

– O que quer dizer com *se separaram*, Warren?

– Eles se escafederam, seguiram suas vidas. Foram para algum lugar ao sul. De acordo com o cara do bar, um ou dois que costumavam frequentar o lugar com eles ainda aparecem de vez em quando. Um grandalhão ruivo. Mas basicamente eles se mandaram.

– Continue investigando. Encontre o grandalhão ruivo.

Agora que a van não tinha levado a nada e eu não tinha a ligação entre as vítimas, aquele símbolo do leão-cobra era só o que restava.

– Continuar? – gemeu Jacobi. – Por quanto tempo? Podemos ter de ficar aqui dias a fio!

– Mando uma cueca limpa pra você – eu disse e desliguei.

Fiquei ali sentada um tempo, balançando a cadeira com uma sensação crescente de medo. Já fazia três dias desde que haviam matado Tasha Catchings e, três dias antes disso, Estelle Chipman.

Eu não tinha nada, nenhuma pista significativa. Apenas o que o matador deixou para nós. Aquela maldita quimera.

E a certeza de que... *assassinos em série matam. Assassinos em série só param quando os pegamos.*

O sargento patrulheiro Art Davidson respondeu ao 1-6-0 assim que ouviu o chamado.

– Perturbação da ordem, violência doméstica. Três zero três na Sete, andar de cima. Unidades disponíveis, respondam.

Ele e o parceiro, Gil Herrera, estavam na Bryant, apenas a quatro quarteirões de distância. Eram quase oito horas. O turno deles ia acabar em dez minutos.

– Quer pegar essa, Gil? – disse Davidson, olhando para o relógio.

O parceiro deu de ombros.

– Você é que sabe, Artie. É você que tem a festa de arromba para ir.

*Uma festa de arromba e tanto...* Era o aniversário da filha dele de sete anos. Audra. Tinha ligado na hora do almoço e Carol disse que se chegasse à sua casa por volta das nove e meia, ela esperaria por ele para dar para a filha o espelho de camarim da Britney Spears que ele havia escolhido. Davidson tinha cinco filhos e eram tudo na vida para ele.

– Ora bolas! – Davidson sacudiu os ombros conformado. – É por isso que nos pagam tão bem, certo?

Ligaram a sirene e em menos de um minuto a viatura 2-4 parava na frente da entrada desolada e em ruínas do 303 na Sete, com a placa inclinada do defunto Driscoll Hotel pendurada sobre a porta da frente.

– As pessoas ainda acampam nesse lixo? – suspirou Herrera. – Quem ia querer morar aqui?

Os dois policiais pegaram seus cassetetes, uma grande lanterna e entraram pela porta principal. Davidson a puxou para abrir. Lá dentro o lugar fedia a fezes, urina e provavelmente ratos.

– Ei, tem alguém aí? – Davidson gritou. – Polícia.

De repente, de algum andar de cima, eles ouviram gritos. Algum tipo de discussão.

– Vamos lá – disse Herrera, subindo correndo o primeiro lance de escada.

Davidson foi atrás.

No segundo andar, Gil Herrera foi até o fim do corredor, batendo com a lanterna nas portas.

– Polícia, polícia...

Na escada, Davidson ouviu o barulho de novo, vozes muito altas e histéricas. Um estrondo, como se alguma coisa tivesse quebrado. O barulho vinha de cima da cabeça dele. Subiu mais dois lances de escada sozinho.

A barulheira ficou ainda mais alta. Ele parou na frente de uma porta fechada. Apartamento 42.

– Filha da puta... – alguém gritou.

Barulho de um prato se estilhaçando. Uma mulher implorava.

– Faça ele parar, ele vai me matar! Faça ele parar, por favor... Alguém me ajude! Por favor!

– Polícia – respondeu Art Davidson, sacando a arma.

Então ele berrou.

– Herrera! Aqui em cima! *Agora!*

Jogou todo o peso contra a porta. Ela abriu. O quarto estava pouco iluminado, mas do cômodo vizinho vinha mais luz e as vozes brigando... mais perto... gritos.

Art Davidson destravou o clipe de segurança da arma. Então invadiu o segundo quarto que tinha a porta aberta. Para surpresa dele, não tinha ninguém.

Havia uma luz fraquinha amarela de uma lâmpada pendurada. Uma cadeira de metal com

um grande aparelho de som em cima. Vozes altas saíam dos alto-falantes.

As palavras eram as mesmas que tinha ouvido antes. “Faça ele parar, ele vai me matar!”

– *Que merda é essa?!* – Davidson exclamou, incrédulo.

Foi até o aparelho de som, ajoelhou na frente e desligou. A briga ruidosa, aos berros, acabou.

– Que porra...? – resmungou Davidson. – Alguém está de brincadeira.

Ele olhou em volta. Parecia que o quarto não era ocupado havia bastante tempo. Olhou para a janela, além dela, para o outro lado de um beco, para o prédio em frente. Achou que viu alguma coisa. O que era?

*Ping...*

Ele viu um pontinho minúsculo de uma centelha amarela, tão rápido que foi como um estalar de dedos, o piscar de um vaga-lume numa noite escura.

Então o vidro da janela se estilhaçou e uma força brutal atingiu o olho direito de Art Davidson. Já estava morto antes de cair no chão.

Eu tinha acabado de chegar a sua casa quando soou o chamado: Viaturas disponíveis, prossigam para três zero três na rua Sete, perto da Townsend.

1-0-6... *policial ferido.*

Encostei meu Explorer no meio-fio. E fiquei ouvindo o rádio. *Equipe médica indo para o local, o capitão distrital foi chamado.* A comunicação rápida, urgente me convenceu de que a situação era muito séria.

Meus braços ficaram arrepiados. Era uma emboscada, um tiro de longa distância. Como em La Salle Heights. Engatei a marcha e dei meia-volta rapidamente pela Potrero, acelerei pela rua Três e fui para o centro.

Quando parei a quatro quarteirões da Sete com a Townsend, a área era um pandemônio. Barricadas de carros da polícia, luzes piscando, uniformes por toda parte, rádios ecoando noite adentro.

Avancei com o carro e segurei minha identidade da polícia para fora da janela, até não poder mais seguir. Larguei o carro e corri para o centro da comoção. Agarrei o primeiro patrulheiro que encontrei.

– Quem foi? Você sabe?

– Um patrulheiro – ele disse. – Da Central. Davidson.

– Ah, merda...

Fiquei arrasada. Nauseada. Eu conhecia Art Davidson. Tínhamos feito a academia na mesma época. Ele era um bom policial, um cara bom. Será que significava alguma coisa o fato de eu conhecê-lo?

Então tive uma segunda onda de medo e de náusea. *Art Davidson era negro.*

Abri caminho no meio do pessoal até chegar a um prédio arruinado em que havia um anel de ambulâncias estacionadas. Corri para o chefe dos detetives Sam Ryan que saía do prédio, com um rádio colado na orelha.

Puxei-o para um lado.

– Sam, eu soube que foi Art Davidson... Alguma chance...?

Ryan balançou a cabeça.

– *Chance?* Ele foi atraído para cá, Lindsay. Tiro de rifle na cabeça. Acharmos que foi um único disparo. Já foi declarado morto.

Fiquei de fora com um grito agudo cada vez mais alto dentro da cabeça, como se algum medo particular e desconhecido tivesse se revelado apenas para mim. Unha certeza de que era *ele*. Quimera. Assassinato número três. Dessa vez só precisou de um tiro.

Brandi meu distintivo para os policiais fardados na porta e entrei correndo no prédio em ruínas. Alguns técnicos da equipe de emergência estavam descendo a escada. Passei por eles e continuei subindo. Minhas pernas estavam pesadas e mal podia respirar.

No patamar do terceiro andar, um policial de uniforme passou por mim berrando.

– Está descendo. Todos fora do caminho.

Apareceram dois paramédicos, e mais dois policiais carregando uma maca. Não consegui desviar o olhar.

– Esperem aí – eu disse.

Era Davidson. Com os olhos vidrados e abertos. Um buraco vermelho do tamanho de uma moeda de um centavo sobre o olho direito. Todos os nervos do meu corpo amoleceram. Lembrei

que ele tinha filhos. *Esses assassinatos tinham alguma coisa a ver com crianças?*

– Ai Jesus, Art... – sussurrei.

Forcei-me a olhar para o corpo dele, a ver o ferimento de bala. Por fim, a mão na têmpora dele.

– Podem levá-lo agora – eu disse.

*Que merda.*

Consegui subir para o andar de cima. Havia um bando de homens furiosos à paisana reunidos do lado de fora de um apartamento aberto. Vi Pete Starcher, ex-detetive da Homicídios que trabalhava com o Bureau de Assuntos Internos, saindo do quarto.

Fui falar com ele.

– Pete, o que aconteceu aqui?

Starcher sempre implicou comigo. Era um daqueles cínicos dos velhos tempos.

– Está aqui a trabalho, tenente?

– Eu conhecia Art Davidson. Fizemos a academia juntos.

Não queria dar a ele nenhuma pista do motivo de eu estar ali. Starcher fungou, mas contou o que tinha acontecido. Os dois patrulheiros responderam a um chamado para o 911 daquele prédio. Havia apenas um gravador ali. Foi tudo armado, orquestrado.

– Ele foi enganado. Algum filho da puta queria matar um policial.

Meu corpo ficou insensível. Tinha certeza de que era ele.

– Vou dar uma olhada por aí.

Lá dentro era como Starcher tinha dito. Tenebroso, estranho, irreal. A sala estava vazia. Paredes sem pintura e rachaduras no gesso. Quando entrei no cômodo ao lado, fiquei paralisada. Havia uma poça de sangue no chão. Sangue espirrado na parede onde a bala devia ter ido parar. *Pobre Davidson.* Um aparelho de som portátil sobre uma cadeira dobrável no centro do quarto.

Olhei para a janela com o vidro quebrado.

De repente, tudo ficou claro para mim. Senti um ponto gelado no peito.

Fui até a janela. Debrucei no parapeito e olhei para o outro lado da rua. Não havia sinal de Quimera, nem ninguém mais. Mas eu sabia. Eu sabia porque ele tinha me dito. O tiro, a vítima. *Ele queria que soubéssemos que era ele.*

– Foi ele, Lindsay, não foi?

Era Cindy no telefone. Já passava das onze horas. Eu estava tentando me entender no fim de uma noite insana e terrível. Tinha acabado de chegar de um passeio com a Martha. Tudo que eu queria era tomar uma ducha quente e lavar a imagem do corpo de Art Davidson da minha cabeça.

– Você *tem* de me dizer. Foi o mesmo cara, *Quimera*. Não foi?

Eu me joguei na cama.

– Não sabemos. Não havia nada na cena do crime.

– Mas você *sabe*, Lindsay. Eu sei que você sabe. Nós duas sabemos que foi ele.

Só queria que ela me deixasse em paz, encolhida na cama.

– Não sei – respondi cansada. – Pode ser.

– Que calibre era a arma? O mesmo do caso Catchings?

– Por favor, Cindy, não tente bancar a detetive comigo. Eu conhecia o cara. O parceiro disse que era o aniversário da filha dele de sete anos. Ele tinha cinco filhos.

– Sinto muito, Lindsay.

Cindy finalmente voltou a falar com uma voz mais gentil.

– Mas é que é igual ao primeiro assassinato, Lindsay. O tiro que ninguém mais podia acertar.

Ficamos um tempo ao telefone, sem dizer nada. Ela estava certa. Eu sabia que Cindy tinha razão. Então ela disse:

– Você arrumou mais um, não é, Lindsay?

Não respondi, mas sabia o que ela queria dizer.

– Outro assassino que segue um padrão. Um atirador de elite que mata a sangue-frio. E o alvo dele são os negros.

– Não só negros. – Suspirei.

– Não só negros...?

Cindy hesitou um pouco, depois recomeçou a falar depressa:

– O repórter do crime de Oakland ouviu uma história na delegacia de lá. Sobre a viúva Chipman. O marido dela era policial. Primeiro, o tio da Tasha. Depois ela. Agora com Davidson são três. Meu Deus, Lindsay.

– Isso fica entre nós – insisti. – Por favor, Cindy. Agora preciso dormir. Você nem imagina como é duro para nós.

– Deixe-me ajudar, Lindsay. Todas nós. Nós queremos ajudá-la.

– Vou deixar, Cindy. Preciso da ajuda de vocês. Preciso de toda a ajuda que puderem dar.

Pensei em uma coisa durante a noite. O assassino tinha ligado para o 911.

De manhã tomei logo as providências. Lila McKendree era a encarregada da Expedição. Estava operando a mesa quando chegou o chamado de Davidson.

Lila era rechonchuda, de bochechas rosadas e tinha um sorriso fácil, mas ninguém era mais profissional do que ela. Fazia malabarismos em situações muito sérias com a maior calma, como um operador de tráfego aéreo.

Ela pôs no ponto a gravação da chamada para o 911 na sala do esquadrão. Todos se reuniram em volta para escutar. Cappye Jacobi tinham ido para lá antes de voltar para Vallejo.

– Está num rolo de fita que passa três vezes – Lila explicou.

Ela apertou o botão de playback

*Em poucos segundos vamos ouvir a voz do assassino pela primeira vez.*

– Polícia de San Francisco, 911 – disse a voz de uma despachante.

Não se ouviu nenhum som na sala do esquadrão.

Uma voz de homem, muito nervosa, respondeu:

– Preciso registrar uma briga... Um cara está imitando o O.J. Simpson com a mulher dele.

– Está bem... – respondeu a operadora. – Vamos começar com o endereço. Onde é que está acontecendo essa briga?

Havia interferência de um ruído ao fundo, como uma televisão ligada ou trânsito na rua, que tornava difícil escutar.

– Três zero três na Sete. Quarto andar. É melhor mandar alguém. Está começando a ficar muito sério.

– O senhor disse que o endereço é trezentos e três na Sete?

– Isso mesmo – disse o assassino.

– E quem está falando? – perguntou a operadora.

– Meu nome é Billy. Billy Reffon. Moro aqui no fim do corredor. É melhor se apressar.

Nós nos entreolhamos, surpresos. *O assassino deu um nome? Meu Deus.*

– Escute, senhor – perguntou a despachante dá para ouvir O que está acontecendo enquanto o senhor fala comigo?

– O que estou ouvindo – ele disse – é que algum maluco está dando uma surra nela.

A despachante hesitou.

– Sim, senhor. Pode determinar se houve algum dano físico até agora?

– Não sou nenhum médico, madame, estou só tentando fazer a coisa certa. Mande alguém logo para cá!

– Está bem, Sr. Reffon, vou chamar um carro patrulha agora mesmo. Quero que o senhor saia do prédio e espere os policiais. Eles estão a caminho.

– É melhor virem depressa – disse o assassino. – *Parece que alguém vai se machucar.*

Quando a transmissão acabou, veio a gravação para acompanhamento do chamado a todas as unidades.

– A ligação foi feita de um celular – disse Lila, sacudindo os ombros largos. – Sem dúvida clonado. Vejam, está começando de novo na série de três ciclos.

Em poucos segundos ouvimos a gravação uma segunda vez. E eu prestei muita atenção para ver o que aquela voz podia me dizer.

*Preciso registrar uma briga...* Era uma voz preocupada, assustada, mas calma.

– O cara é um ótimo ator – resmungou Jacobi.

*Meu nome é Billy. Billy Reffon...*

Apertei a beirada da cadeira de madeira enquanto ouvia as instruções bem-intencionadas da operadora.

– Saia do prédio e espere os policiais. Eles estão a caminho.

Nesse momento ele estava sentado atrás da mira de um rifle esperando a presa aparecer.

*É melhor virem depressa, ele disse. Parece que alguém vai se machucar.*

Ouvimos a gravação mais uma vez.

E dessa vez percebi a indiferença zombeteira na voz dele. Nem sequer um tom de remorso pelo que estava prestes a fazer. No último aviso, cheguei a detectar um sinal de riso gelado.

*Depressa... alguém vai se machucar.*

– É tudo que eu tenho – disse Lila MacKendree. – A voz do assassino.



O assassinato de Davidson mudou tudo.

A manchete nua e crua no *Chronicle* berrava: ASSASSINADO POLICIAL QUE DEVE SER A TERCEIRA VÍTIMA DE ONDA DE TERROR. O artigo de primeira página, com orientação de Cindy, citava os tiros de rifle certos e de longa distância, e também o símbolo usado pelos grupos de ódio que foram encontrados nas cenas dos crimes.

Fui para o laboratório da Unidade da Cena do Crime e encontrei Charlie Clapper encolhido atrás de uma mesa de metal, de jaleco branco, mastigando seu café da manhã, um saco de Doritos. O cabelo grisalho estava oleoso e despenteado e os olhos caídos como bolsas pesadas.

– Dormi nessa mesa duas vezes esta semana – ele disse fazendo uma careta. – Ninguém mais é assassinado durante o dia?

– Caso não tenha notado, também não tive meu sono de beleza normal na última semana – respondi, sacudindo os ombros. – Vamos lá, Charlie. Preciso de alguma coisa nesse caso do Davidson. Ele está matando os nossos.

– Eu sei que está.

O rotundo homem da Unidade da Cena do Crime suspirou. Então levantou e foi se arrastando até uma bancada. Pegou um pequeno saco plástico com fecho que tinha uma bala escura e achatada dentro.

– Aqui está a nossa bala, Lindsay. Tirei da parede atrás de Art Davidson quando ele foi atingido. Um tiro. Morte instantânea. Pode verificar com a Claire, se quiser. O filho da mãe realmente sabe atirar.

Levantei a bala contra a luz e tentei decifrá-la.

– Calibre quarenta – disse Clapper. – A minha primeira leitura é que saiu de uma PSG-One.

Franzi a testa intrigada.

– Tem certeza disso, Charlie? Tasha Catchings foi morta com uma M16.

Ele apontou para um microscópio.

– Fique à vontade, tenente. Imagino que deve estudar balística a vida inteira.

– Não quis dizer isso, Charlie. Só estava torcendo para ser a mesma arma que matou a menina Catchings.

– Reese ainda está trabalhando nisso — ele disse, pegando um salgadinho do saco de Doritos. – Mas não aposte nisso. Esse cara é dado à limpeza, Lindsay. Como foi na igreja. Nenhuma impressão digital, ele não deixa rastro. A fita da gravação é padrão, pode ter sido comprada em qualquer lugar. Disparada por um controle remoto de longa distância. Chegamos a traçar a rota que ele deve ter feito até o telhado do outro prédio, varremos tudo, dos corrimões e balaustradas até os fechos das janelas. Só encontramos uma coisa...

– O que foi? – perguntei aflita.

Ele me levou até uma bancada do laboratório.

– Pegada parcial de um tênis. No piche do telhado de onde partiu o tiro. Parece um tênis comum. Mas havia também restos de um pó branco bem fino. Nada garante que era dele.

– Pó?

– Giz – disse Charlie. – O que reduz a cerca de cinquenta milhões de possibilidades. Se esse cara está assinando seus quadros, Lindsay, está tornando muito difícil encontrar.

– Ele *assinou* sim, Charlie – eu disse, com convicção. – Foi o tiro.

– Vamos enviar a gravação da chamada para o 911 para uma leitura de voz. Assim que

chegar de volta aviso para você.

Dei um tapinha nas costas dele para agradecer.

– Durma um pouco, Charlie.

Ele mostrou o saco de Doritos.

– Claro, vou dormir. Assim que terminar meu café da manhã.

Voltei para a minha sala e afundei desapontada atrás da mesa. Tinha que saber mais sobre Quimera. Já ia ligar para Stu Kirkwood da seção de crimes quando três homens de ternos escuros entraram na sala do esquadrão.

Um deles era Mercer. Nada surpreendente. Ele esteve nos programas de entrevistas de manhã, pedindo calma. Eu sabia que enfrentar perguntas duras sem resultados concretos não combinava com ele.

Mas o outro, acompanhado pelo seu assessor de imprensa, era um homem que eu nunca vi no nosso andar nos sete anos que estive na Homicídios.

*Era o prefeito de San Francisco.*

– Não quero nem sombra de enrolação – disse Art Fernandez, prefeito de San Francisco em seu segundo mandato. – Não quero a proteção padrão das hierarquias e não quero nada do reflexo de dizer que estão controlando a situação. – Ele olhava para Mercer e para mim, com rápido movimento dos olhos. – O que quero é uma resposta sincera. Temos uma leitura dessa situação?

Estávamos espremidos na minha salinha minúscula, cercada de vidro. Lá fora, vi o pessoal da equipe assistindo ao circo.

E eu toda atrapalhada embaixo da mesa para calçar de novo meu sapato de salto.

– Não temos – admiti.

– Então Vernon Jones tem razão. – O prefeito bufou e caiu numa cadeira diante da minha mesa. – O que temos é uma onda sem controle de matanças movidas pelo ódio que a polícia não sabe enfrentar, mas que talvez o FBI saiba.

– Não, não é isso – respondi.

– Não é isso? – Ele arqueou as sobrancelhas, olhou para Mercer e fez cara de confuso. – O que é que eu não estou entendendo? Vocês têm esse símbolo reconhecido de um grupo de ódio, essa quimera, em duas das três cenas de crime. Nossa médica legista acredita que a menina Catchings fosse o alvo pretendido desse psicopata.

– O que a tenente está dizendo – Mercer interrompeu – é que pode não ser apenas um crime de ódio.

Minha boca estava um pouco seca e engoli antes de falar.

– Acho que vai mais fundo do que uma onda de crimes de ódio.

– *Mais fundo*, tenente Boxer? O que acha que nós temos então?

Olhei diretamente para Fernandez.

– Acho que temos alguém com uma vendeta pessoal. Possivelmente solitário. Que arma os crimes com o *modus operandi* de crimes de ódio.

– Vendeta, você diz – Carr, o homem do prefeito, entrou na conversa. – Uma vendeta contra negros, mas não são crimes de ódio. Contra crianças e viúvas negras... *mas não são crimes de ódio?*

– Contra *policiais* negros – eu disse.

O prefeito semicerrou os olhos.

– Continue.

Expliquei que Tasha Catchings e Estelle Chipman tinham afinidade com policiais.

– Tem de haver alguma outra relação além dessas, mas ainda não sabemos qual é. O matador é organizado, arrogante no jeito que está deixando suas pistas. Não acredito que um matador de

crime de ódio deixaria sua marca nos alvos assim. A van da fuga, o pequeno desenho no porão de Chipman, aquela mensagem pretensiosa na fita do 911. Não acho que é uma onda de crimes de ódio. É uma vendeta... calculada e *pessoal*.

O prefeito olhou para Mercer.

– Você concorda com isso, Earl?

– Deixando de lado a proteção da hierarquia aqui... – Mercer deu um sorriso tenso. – Concordo.

– Bem, eu não – disse Carr. – Tudo aponta para um crime de ódio.

Todos ficaram em silêncio na sala apinhada. E de repente a sensação foi de que a temperatura estava beirando os 50 graus.

– Então parece que tenho duas opções – disse o prefeito. – Sob a Legislação de Crimes de Ódio, artigo quatro, posso chamar o FBI que, creio, mantém uma vigilância constante desses grupos...

– Eles não têm a menor ideia de como administrar uma investigação de homicídio – protestou Mercer.

– Ou então... posso deixar a tenente fazer seu trabalho. Dizer para os federais que estamos cuidando de tudo – disse o prefeito.

Olhei nos olhos dele.

– Fiz a academia junto com Art Davidson. O senhor pensa que quer pegar esse assassino mais do que eu?

– Então pegue-o – disse o prefeito e ficou de pé. – Para sabermos o que está em jogo – ele completou.

Eu ainda balançava a cabeça afetada por tudo aquilo quando Lorraine irrompeu pela porta da minha sala.

– Desculpe interromper, tenente, mas é urgente. Jacobi ligou de Vallejo. Disse para preparar um lugar bem-arrumado para um convidado especial. Encontraram o motoqueiro do Blue Parrot.

“Encontraram Red.”

Mais ou menos meia hora depois, Jacobi e Cappy entraram na sala do esquadrão. Empurravam um motoqueiro ruivo grandalhão, algemado com os braços para trás.

– Vejam quem resolveu aparecer – zombou Jacobi.

Red deu um puxão com os braços para se livrar de Cappy quando o policial o empurrou para a Sala de Interrogatório 1. Ele tropeçou numa cadeira de madeira e se estabacou no chão.

– Desculpe, grandão. – Cappy deu de ombros. – Pensei que tinha avisado para tomar cuidado com esse primeiro passo.

– Richard Earl Evans – anunciou Jacobi. – Também conhecido como Red, Boomer, Duke. Não se sintam ofendidos se ele não se levantar para apertar suas mãos.

– Foi isso que vocês pensaram que eu queria quando recomendei para não ter contato nenhum? – Eu disse, parecendo zangada, mas, no íntimo, adorando eles o terem prendido.

– O cara tem uma ficha corrida tão extensa que começa com “Podem me chamar de Ismael”... – Jacobi abriu um sorriso. – Furto, vandalismo, tentativa de assassinato, dois processos por porte de armas.

– Olhem só! – exclamou Cappy e tirou de uma sacola de compras da loja Nordstrom um porta-moedas com maconha dentro, uma faca de caça de treze centímetros e uma pistola Beretta do tamanho da mão, calibre 22.

– Ele sabe por que está aqui? – perguntei.

– Não – grunhiu Cappy. – Nós o prendemos sob a acusação de porte de arma. Para ele se acalmar no banco detrás.

Nós três entramos na pequena sala de interrogatório e ficamos de cara com Richard Earl Evans. O safado riu de nós com ar de deboche, os dois braços cobertos de tatuagens. Usava uma camiseta preta com letras de forma nas costas dizendo SE VOCÊ CONSEGUE LER ISSO... É PORQUE A VADIA DEVE TER CAÍDO!

Fiz um sinal com a cabeça e Cappy tirou as algemas.

– Sabe por que está aqui, sr.Evans?

– Sei que vocês estão numa merda só se pensam que vou dizer qualquer coisa.

Evans fungou uma mistura de catarro e sangue.

– Vocês não mandam nada em Vallejo.

Mostrei a bolsa com maconha.

– Parece que Papai Noel deve ter trazido um monte de brinquedinhos maus para você. Dois delitos... ainda em condicional por dois processos de porte de arma. Já cumpriu pena em Folsom e em Quentin. Estou achando que gosta de lá, porque na próxima vez vai estar qualificado para pegar os trinta anos.

– Uma coisa eu sei – disse Evans rolando os olhos com arrogância. – Que vocês não tiveram todo esse trabalho de me arrastar até aqui por causa de duas posses de arma. A placa na porta diz *Homicídios*.

– Não, grandão, você tem razão – disse Cappy. – Jogar um imprestável como você na prisão por causa de uma arma é apenas um hobby para nós. Mas, dependendo das suas respostas a algumas perguntas, as acusações pelas armas podem determinar onde vai passar os próximos trinta anos.

– Merda nenhuma – grunhiu o motoqueiro, olhando para a frente de novo. – Isso é tudo que vocês têm contra mim, seus babacas.

Cappy sacudiu os ombros e bateu com toda a força com a base chata de uma lata de

refrigerante fechada na mão do motoqueiro.

Evans gemeu de dor.

– Que coisa... pensei que tinha dito que estava com sede – disse Cappy contrito.

Red deu um sorriso maldoso para Cappy, na certa imaginando que passava por cima da cara do policial com sua moto.

– Mas tem razão, Sr. Evans – eu disse. – Não pedimos para você vir até aqui para tratar dos seus processos atuais, embora não custe muito entregá-lo para a polícia de Vallejo. Mas hoje pode acabar sendo seu dia de sorte. *Cappy*, pergunte para o Sr. Evans se ele quer outro refrigerante.

Cappy fingiu que ia bater de novo e Evans tirou a mão da mesa com um tranco.

Então o policial corpulento abriu a lata e pôs na frente dele, com um sorriso de orelha a orelha.

– Assim está bom ou você prefere num copo?

– Está vendo? – eu disse. – Podemos ser bonzinhos. A verdade é que não damos a mínima para você. Tudo que tem de fazer é responder a algumas perguntas e poderá ir para casa, com os cumprimentos da polícia de San Francisco. Nunca mais terá de nos ver. Ou então podemos trancar alguns dias esse seu traseiro imprestável no décimo andar até lembrar que você está lá e notificar a polícia de Vallejo. E quando o assunto é um terceiro delito, aí vamos ver quantos dentes realmente temos.

Evans passou a mão no nariz para limpar o sangue.

– Acho que vou beber um pouco desse refrigerante se a oferta continua de pé.

– Parabéns, filho – disse Jacobi. – É a primeira coisa com sentido que você faz desde que pusemos os olhos em você.

Pus uma foto em preto e branco dos templários na frente do rosto espantado de Red.

– A primeira coisa que queremos saber é onde encontramos seus amigos.

Evans deu um largo sorriso.

– Então é por isso?

– Vamos lá, espertinho – pressionou Jacobi. – A tenente fez uma pergunta.

Espalhei na mesa mais três fotos mostrando diversos membros, uma a uma.

Evans balançou a cabeça.

– Nunca andei com esses caras.

A última foto que exibi foi a *dele*, tirada pela equipe de vigilância.

Cappy agarrou o motoqueiro pela camisa, com a força dos seus cento e vinte quilos, e o levantou da cadeira.

– Escute aqui, seu bosta, você está com sorte porque não estamos preocupados com o que seu bando de fracassados inventou de fazer. Por isso use a cabeça para sair daqui e podemos prosseguir com o que realmente nos interessa.

Evans deu de ombros.

– Talvez eu tenha saído algumas vezes com eles. Mas não faço mais isso. O clube se desfez. A polícia ficava no nosso pé. Não vejo esses caras por aqui há meses. Eles se separaram. Se quiser encontrá-los, comece no *Five South*.

Olhei para os dois inspetores. Por mais que eu duvidasse que Evans fosse entregar seus companheiros, acreditei nele.

– Mais uma pergunta – eu disse. – Essa é grande.

Pus na mesa a foto com a jaqueta que tinha a quimera.

– O que isso significa para você?

Evans fungou.

– Que o cara tem mau gosto para roupas?

Cappy inclinou o corpo para a frente.

Evans se encolheu.

– É um símbolo, cara. Quer dizer que ele faz parte do movimento. É um patriota.

– Um patriota? – perguntei. – Que diabos isso quer dizer?

– Um defensor da raça branca, do livre-arbítrio de uma sociedade livre e ordeira. – Ele sorriu para Cappy. – Excluindo este que vos fala, naturalmente. É claro que nada dessa merda reflete, necessariamente, minhas opiniões pessoais.

– Esse cara também se mandou para o Cinturão do Sol? – perguntou Jacobi.

– Ele? Por quê? O que vocês acham que ele fez?

– Lá vai ele de novo... – Cappy ficou em cima de Red. – Respondendo às perguntas com outras perguntas.

– Olha só. – Evans engoliu em seco. — Esse irmão só ficou conosco pouco tempo. Nem sei seu verdadeiro nome. Mac... McMillan, McArthur? O que ele fez?

Achei que não havia motivo para não contar para ele o que estávamos pensando.

– Qual é a palavra que vocês usam para definir o que aconteceu em La Salle Heights?

Red finalmente se encolheu. As pupilas ficaram dilatadas. De repente, tudo estava se encaixando.

– Vocês estão pensando que meus antigos companheiros atiraram naquela igreja? *Esse cara...*

*o Mac?*

– Sabe como podemos falar com ele? – perguntei.

Evans sorriu.

– Essa é uma tarefa difícil. Até para vocês.

– Experimente – eu disse. – Nós temos iniciativa.

– Tenho certeza de que têm mesmo, mas esse filho da mãe está morto. Foi em junho. Ele e um parceiro explodiram no Oregon. O filho da mãe deve ter lido em algum lugar que dava para transformar bosta de vaca em uma bomba.



No pequeno estacionamento asfaltado ao lado da igreja La Baile Heights, Cindy Thomas desceu do seu Mazda. O estômago dela roncou e avisou que não sabia exatamente o que fazia ali.

Respirou fundo e abriu a grande porta de carvalho para a capela principal. No dia anterior, estava povoada pelo canto do coro. Agora estava tudo quieto, os bancos todos vazios. Ela atravessou a capela e foi para o prédio contíguo.

Um corredor atapetado dava numa fileira de salas. Uma mulher negra que usava uma copiadora levantou a cabeça e perguntou.

– Posso ajudá-la? O que deseja?

– Vim ver o reverendo Winslow.

– Ele não está recebendo visitas agora – disse a mulher.

Ouvi a voz de Winslow de uma das salas.

– Pode deixar, Carol.

Cindy foi levada para a sala dele. Era pequena e entupida de livros. Ele usava uma camiseta preta e calça cáqui. Não se parecia com nenhum ministro religioso que ela conhecera.

– Ora, conseguimos fazer com que você voltasse, afinal – ele disse.

Pouco depois ele acabou sorrindo para ela.

Indicou que Cindy sentasse num pequeno sofá e ele sentou numa poltrona de couro bem gasta. Ela viu um par de óculos em cima de um livro e instintivamente bisbilhotou para ver qual era. *Heartbreaking Work of Staggering Genius*. Não era o que ela esperava.

– Está melhor? – ela perguntou.

– Estou tentando. Li sua história hoje. Foi terrível aquele policial. É verdade? O assassinato de Tasha pode ter ligação com mais dois?

– A polícia acha que sim – respondeu Cindy. – A médica – legista acredita que ela foi alvejada intencionalmente.

Winslow fez uma careta e depois balançou a cabeça.

– Eu não entendo. Tasha era só uma menininha. Que ligação poderia haver?

– Não era tanto Tasha – Cindy olhou nos olhos de Winslowe sim o que ela representava. Parece que todas as vítimas têm alguma ligação com a polícia de San Francisco.

Winslow semicerrou os olhos.

– Então me diga, o que a traz aqui em tão pouco tempo? Sua alma está carente? Por que veio aqui?

Cindy baixou os olhos.

– A cerimônia de ontem. Foi tocante. Fiquei arrepiada. Fazia muito tempo para mim. Na verdade, acho que minha alma anda carente. Eu apenas não notei.

O olhar de Winslow ficou mais suave. Ela tinha dito uma pequena verdade, e ele se emocionou.

– Ora, que bom. Fico contente de saber que ficou comovida.

Cindy sorriu. Era incrível como ele fazia com que se sentisse á vontade. Parecia centrado, verdadeiro, e ela só ouvira coisas boas a respeito dele. Queria escrever uma história sobre ele e sabia que ia ser boa, talvez uma grande história.

– Aposto que sei o que você está pensando – disse Aaron Winslow.

– Está bem, manda ver.

– Você está imaginando... esse homem parece muito forte, não completamente surtado. Não

parece um ministro. Então o que ele pretende, ganhando a vida com esse trabalho?

Cindy deu um sorriso encabulado.

– Admito que passou algo parecido pela minha cabeça. Gostaria de escrever um artigo sobre você e sobre o bairro de Bay View.

Winslow deu a impressão de que estava pensando na ideia. Mas então mudou de assunto:

– O que você gosta de fazer, Cindy?

– Fazer...?

– No mundo grande e mau de San Francisco, você escreve reportagens. Mas depois que escreveu sua história, o que motiva você além do seu trabalho no Chronicle? Quais são as suas paixões?

Cindy sorriu.

– Ei, sou eu que faço as perguntas. Quero fazer uma matéria sobre você. Não o contrário – ela disse. – Está bem. Gosto de ioga.

Tenho aulas duas vezes por semana na rua Chestnut. Já fez ioga alguma vez?

– Não, mas medito todos os dias.

Cindy sorriu mais. Nem tinha certeza por quê.

– Faça parte de um clube do livro de mulheres. Na verdade, são dois clubes de mulheres. Gosto de jazz.

Os olhos de Winslow se acenderam.

– Que tipo de jazz? Também gosto de jazz.

Cindy deu risada.

– Muito bem, agora estamos chegando a algum lugar. Que tipo de jazz você gosta?

– Progressivo. Interpretativo. Qualquer coisa de Pinetop Perkins até Coltrane.

– Conhece o Blue Door? Em Geary? – ela perguntou.

– Claro que conheço o Blue Door. Vou lá sábado à noite, sempre que Carlos Reyes está na cidade. Talvez pudéssemos ir juntos um dia desses. Como parte da sua história. Não precisa responder agora.

– Então aceita que eu faça um artigo sobre você? – perguntou Cindy.

– Aceito... que escreva um artigo sobre o bairro. Vou ajudá-la.

Meia hora depois, no carro, Cindy deixou o motor ligado, quase atônita demais para engrenar a marcha. *Não acredito no que acabei de fazer...* Lindsay ia dar um tapa na cabeça dela.

Questionar se o mecanismo lá dentro estava realmente funcionando.

Mas estava *funcionando*, sim. Até *cantarolava* um pouco. Os pelinhos do braço estavam todos de pé.

Tinha o início do que achava que podia ser uma boa história, talvez até merecedora de um prêmio.

Também tinha acabado de aceitar sair com o pastor de Tasha Catchings, e mal podia esperar para vê-lo de novo.

*Minha alma devia estar carente*, pensou Cindy quando finalmente se afastou da igreja.

Era sábado, quase sete horas da noite. O fim de uma semana longa, insana e estressante demais. Três pessoas tinham morrido. Minhas únicas boas pistas tinham aparecido e desaparecido.

Eu precisava conversar com alguém, por isso fui ao oitavo andar, onde ficava a equipe da promotoria pública. A duas portas do grande homem ficava o escritório de Jill, na quina do prédio.

Aquele canto executivo estava escuro, as salas vazias, a equipe já tinha saído para curtir o fim de semana. De certa forma, apesar de precisar desabafar com alguém, eu torcia para que Jill, a *nova* Jill, estivesse em casa, quem sabe escolhendo a decoração do quarto do bebê em um álbum de amostras.

Mas quando me aproximei ouvi o som de música clássica vindo lá de dentro. A porta da sala de Jill estava entreaberta.

Bati de leve e abri toda a porta. Lá estava Jill, em sua poltrona favorita, com os joelhos dobrados contra o peito e um bloco de anotações amarelo sobre eles. A mesa tinha uma pilha de amostras.

– Por que ainda está aqui? – perguntei.

– Estou empacada. – Ela suspirou e levantou as mãos como se estivesse se rendendo. – É só esse maldito caso Perrone. A argumentação final é para segunda-feira de manhã.

Jill estava terminando um caso muito divulgado em que o proprietário negligente de um imóvel estava sendo acusado de homicídio culposo depois que um teto com defeito despencou sobre uma criança de oito anos.

– Você está grávida, Jill. Já passa de sete horas.

– Connie Sperling, advogada de defesa, também está. Estão chamando esse julgamento de Batalha das Ardenas.

– Não importa como estão chamando, é hora de mudar a marcha.

Jill abaixou o volume do som e esticou as pernas compridas.

– De qualquer modo, Steve viajou. Que novidade, não é? Eu estaria fazendo a mesma coisa se estivesse em casa. – Ela inclinou a cabeça e sorriu. – Você está me vigiando?

– Não, mas alguém devia fazer isso.

– Meu Deus, Lindsay, estou só preparando anotações, não correndo dez quilômetros. Estou bem. Aliás... – ela olhou para o relógio – desde quando você virou a certinha que mantém tudo em ordem?

– Eu não estou grávida, Jill. Mas está bem, está bem, vou parar de fazer sermão.

Entre na sala dela, vi sua foto na final do campeonato de futebol em Stanford, os diplomas emoldurados e as fotos dela com Steve fazendo alpinismo e correndo com o labrador preto deles, Snake Eyes.

– Ainda tenho uma cerveja na geladeira se você quiser bater um papo – ela disse, jogando o bloco de anotações na mesa. – Pegue uma Buckler para mim.

Fiz exatamente isso. Depois tirei rapidamente o blazer preto Max Mara de cima de uma almofada e afundei no sofá de couro. Brindamos com nossas garrafas e falamos ao mesmo tempo.

– E aí... como vai o seu caso?

– Você primeiro – disse Jill, dando risada.

Mostrei o polegar e o indicador quase colados para indicar praticamente zero. Contei para ela o meu labirinto de becos sem saída: a van, o desenho da quimera, a foto dos Templários, que a unidade da cena do crime não tinha encontrado nada na emboscada de Davidson.

Jill foi sentar ao meu lado no sofá.

– Você quer conversar, Linds? Como disse, não veio aqui para verificar se eu estava bem comportada.

Sorri com cara de culpada e pus a cerveja na mesa de centro.

– Preciso desviar a investigação, Jill.

– Tudo bem. Estou ouvindo... Isso fica só entre nós.

Peça por peça, expus a minha teoria de que o matador não era qualquer maníaco tarado e descuidado, e sim um assassino ousado, que planeja tudo muito bem para executar sua vendeta.

– Talvez você esteja exagerando – respondeu Jill. – O que você *tem* de fato são três crimes de terror contra afro-americanos.

– Mas por que essas vítimas, Jill? Uma menina de onze anos? Um policial condecorado? Estelle Chipman, cujo marido está morto há cinco anos?

– Eu não sei, querida. Apenas prego todos na parede quando você os prende.

Sorri. E me inclinei para a frente.

– Jill, preciso da sua ajuda. Tenho de encontrar alguma ligação entre essas vítimas. Sei que existe. Tenho de verificar casos antigos em que um queixoso branco foi prejudicado por um policial negro. É isso que meu sexto sentido indica. É onde acho que esses assassinatos podem ter começado. Tem alguma coisa a ver com vingança.

– E o que vai acontecer se a próxima vítima não tiver nenhuma relação com um policial? O que você vai fazer?

Olhei para ela com cara de quem está implorando.

– Você vai me ajudar?

– É claro que eu vou te ajudar. – Ela balançou a cabeça. – Dã... Tem alguma coisa para eu poder reduzir o universo da pesquisa?

Fiz que sim com a cabeça.

– Homem, branco. Talvez uma, duas ou três tatuagens.

– Isso ajuda muito – disse Jill, rolando os olhos nas órbitas.

Apertei-lhe a mão. Sabia que podia contar com ela. Olhei para o meu relógio. Sete e meia.

– É melhor eu deixar você terminar seu trabalho enquanto ainda está nos primeiros três meses.

– Não vá, Lindsay. – Jill segurou meu braço. – Fique aqui.

Vi alguma coisa no rosto dela. Aquela intensidade autêntica e profissional de repente enfraqueceu e se transformou num olhar vidrado.

– Algum problema, Jill? O médico disse alguma coisa?

De blusa sem manga, com o cabelo escuro preso atrás das orelhas, ela era o retrato da advogada poderosa, a número dois do departamento jurídico da prefeitura. Mas havia uma tensão na respiração.

– Estou bem. É verdade, fisicamente estou bem. Eu devia estar feliz, certo? Vou ter um bebê. Eu devia estar nas nuvens.

– Você devia sentir o que está sentindo, seja o que for, Jill.

Segurei a mão dela.

Jill meneou a cabeça sem expressão. Então dobrou os joelhos contra o peito.

– Quando eu era criança, às vezes acordava no meio da noite. Sentia sempre um certo terror, a sensação de que o mundo inteiro estava dormindo, que neste planeta inteiro eu era a única acordada. Às vezes meu pai ia lá e tentava me ninar. Ficava lá embaixo em seu escritório,

preparando os casos dele, e sempre ia ver se estava tudo bem comigo antes de dormir. Ele me chamava de sua segunda cadeira. *Mas, mesmo com ele ao meu lado*, eu continuava me sentindo muito sozinha.

Ela balançou a cabeça, com lágrimas brilhando nos olhos.

– Olhe só para mim. Steve vai passar duas noites fora e eu me transformo numa porcaria de uma idiota – ela disse.

– Não acho que você é idiota – eu disse, acariciando o rosto bonito.

– Não posso perder esse bebê, Lindsay. Sei que parece burrice. Estou carregando uma vida. Está *aqui*, sempre dentro de mim, muito perto de mim. Por que me sinto tão sozinha?

Segurei firme os ombros dela. Meu pai nunca esteve lá para me ninar. Mesmo antes de nos deixar, ele trabalhava no turno da noite e sempre ia ao bar do McGoey beber uma cerveja depois. Eu, às vezes, tinha a impressão de que o coração mais perto de mim era o que batia no pulso dos filhos da mãe que eu tinha de capturar.

– Sei o que quer dizer – sussurrei.

Abracei Jill.

– Às vezes, sinto a mesma coisa.

Na esquina da Ocean com a Victoria havia um homem de casaco verde, curvado, comendo um burrito, enquanto o Lincoln preto avançava lentamente pela rua. Ele esperava sempre ali, dezenas de noites, seguia sua próxima presa havia semanas.

A pessoa que ele observava durante tanto tempo morava numa bela casa de alvenaria dentro de Ingleside Heights, bem perto dali. Ele tinha duas filhas que estudavam num colégio católico, a mulher dele era enfermeira formada. Ele tinha um labrador preto que às vezes corria para saudá-lo quando o carro parava. O labrador se chamava Bullit, como no filme antigo.

Normalmente, o carro passava por volta das sete e meia. Duas vezes por semana, o homem saía para caminhar. Era sempre no mesmo lugar, na Victoria. Ele gostava de parar no mercado coreano, bater um papo com o dono enquanto escolhia um melão ou um repolho. Com pose de grande homem no meio do seu povo.

Algumas vezes entrava no Tiny's News e comprava algumas revistas: Carand Driver, PC World, Sports Illustrated. Uma vez até ficou atrás dele na fila para pagar as revistas.

Podia tê-lo matado. Em muitas ocasiões. Um tiro certeiro de longe.

Mas não, esse tinha de ser bem de perto. Olho no olho. Esse assassinato ia baratinar tudo, toda a cidade de San Francisco. Ia tornar o caso internacional, e poucos chegavam a esse ponto.

O coração dele ganhou ânimo enquanto se encolhia sob a chuva fina, mas dessa vez o Lincoln preto apenas passou por ele.

Então não será essa noite. Ele bufou. *Vá para casa, para sua mulherzinha e seu cachorro... Mas em breve...* Você ficou esquecido, ele pensou, embrulhando o burrito com o papel da embalagem e jogando numa lata de lixo. Esqueceu o passado. Mas ele sempre acaba te encontrando.

Eu vivo com o passado todos os dias.

Ele observou o Lincoln preto, com as janelas escuras, quando virou a esquina e entrou, como sempre, à esquerda, na Cerritos, e desapareceu, indo para Ingleside Heights.

*Você roubou a minha vida. Agora, vou tomar a sua.*

Tirei a manhã de domingo para correr com Martha pela baía e fazer meu *tai chi* no Marina Green. Ao meio-dia já estava de calça jeans e blusão de moletom, sentada à minha mesa. Na segunda-feira a investigação descambava para uma zona morta, não havia novos ângulos com que trabalhar. Estávamos distribuindo informes só para manter o foco da imprensa longe de nós. Cada linha de interrogatório estagnada, cada beco sem saída frustrante só faziam encurtar o tempo que faltava para Quimera atacar novamente.

Estava devolvendo alguns arquivos de casos para Jill quando o elevador chegou e chefe Mercer saiu dele. Quando me viu, pareceu surpreso, mas não aborrecido.

– Venha dar uma volta comigo – disse ele.

O carro de Mercer estava parado numa entrada lateral na rua Oito. Quando o policial que dirigia virou para trás, Mercer disse para ele:

– West Portal, Sam.

West Portal era um bairro diversificado de classe média, fora do centro da cidade. Eu não sabia por que Mercer estava me levando para lá no meio do dia.

No caminho, Mercer fez algumas perguntas, mas ficou a maior parte do tempo em silêncio. Tive um mau pressentimento: *ele vai me tirar do caso.*

O motorista estacionou numa rua residencial onde eu nunca tinha estado antes. Parou na frente de uma pequena casa vitoriana azul, diante do play ground de um colégio. Jogavam basquete lá.

– O que queria conversar comigo, chefe?

Mercer virou para mim.

– Você tem algum herói pessoal, Lindsay?

– Está se referindo a Amélia Earhart ou Margaret Thatcher?

Balancei a cabeça indicando que não. Nunca tive isso quando era jovem.

– Talvez Claire Washburn – eu disse, sorrindo de orelha a orelha.

Mercer meneou a cabeça.

– Arthur Ashe sempre foi um dos meus. Alguém perguntou a ele se era difícil conviver com a AIDS, e ele respondeu: “Nem chega perto da dificuldade do que foi crescer nos Estados Unidos sendo negro.”

Mercer ficou mais sério.

– Vemon Jones disse para o prefeito que perdi de vista o que está realmente em jogo nesse caso. – Ele apontou para a casa vitoriana azul do outro lado da rua. – Está vendo aquela casa? É a casa dos meus pais. Fui criado aqui.

“Meu pai era mecânico de trem e minha mãe contadora de um empreiteiro electricista. Trabalhamos a vida inteira para manterem a mim e à minha irmã na escola. Ela hoje é litigante de julgamentos, em Atlanta. Mas nós somos daqui.”

– Meu pai também trabalhou para a prefeitura – comentei.

– Sei que nunca lhe contei, Lindsay, mas conheci seu pai.

– Você o conheceu?

– Conheci, nós começamos a vida juntos. Patrulhando as ruas, lá da Central. Fomos até parceiros algumas vezes. Marty Boxer... Seu pai era meio lendário, Lindsay, e não necessariamente por cumprir seu dever de forma exemplar.

– Como se eu não soubesse.

– Está certo... – Ele fez uma pausa. – Ele era um bom policial. Um ótimo policial. Admirado

por muitos de nós.

– Antes de sair.

Mercer olhou para mim.

– Você já deve saber que acontecem coisas na vida de um policial que nem sempre se traduzem em escolhas que o resto de nós é capaz de compreender.

Balancei a cabeça.

– Não falo com ele há vinte anos.

– Não posso falar por ele como pai, nem como marido, mas não será possível que como homem, pelo menos como policial, você o tenha julgado sem conhecer todos os fatos?

– Ele nunca esteve presente tempo suficiente para apresentar os fatos – respondi.

– Sinto muito – disse Mercer. – Vou contar algumas coisas de Marty Boxer para você, mas num outro dia.

– Contar o quê? Quando?

Ele vestiu novamente a capa de privacidade e disse ao motorista que era hora de voltar para a delegacia,

Quando você encontrar Quimera.



Mais tarde, naquela noite, quando seu Lincoln Town Car avançava devagar no trânsito noturno perto da sua casa, o chefe Mercerdisse, do banco detrás:

– Acho que vou descer aqui, Sam.

O motorista, Sam Mendez, olhou para trás. A ordem que recebera era de não correr riscos desnecessários.

Mercer argumentou com firmeza.

– Sam, há mais policiais patrulhando aqui, num raio de cinco quarteirões, do que lá na prefeitura.

Costumava haver uma ou duas radiopatrulhas trafegando pela Ocean e mais uma estacionada na frente da casa dele.

O carro parou. Mercer abriu a porta e foi para a rua.

– Venha me pegar amanhã, Sam. Tenha uma boa noite.

Quando o Lincoln se afastou, Mercer segurou com uma das mãos sua pasta pesada e com a outra jogou a capa de chuva sobre os ombros. Sentiu uma onda de liberdade e de alívio. Aquelas pequenas excursões depois do expediente eram os únicos momentos em que se sentia livre.

Parou no mercado de Kim, escolheu o cesto de morangos que parecia mais doce e algumas ameixas também. Depois, foi andando calmamente pela rua até a Ingleside Wine Shop. Decidiu levar um Beaujolais para combinar com o cozido de carneiro que Eunice estava preparando.

De novo na rua, olhou para o relógio e dirigiu-se para casa. Na Cerritos, duas colunas de pedra separavam a Ocean do enclave seguro de Ingleside Heights. O trânsito desapareceu atrás dele.

Passou pela casa baixa de pedra que pertencia aos Taylor. Ouviu um barulho vindo de uma sebe.

– Ora, ora, chefe...

Mercer parou. Seu coração já estava acelerado.

– Não se acanhe. Não o vejo há anos – disse a voz. – Você não deve nem se lembrar.

O que estava acontecendo?

Um homem alto e musculoso saiu de trás da sebe. Unha um sorriso zombeteiro e usava um casaco de náilon verde.

Mercer o reconheceu muito vagamente, notou certa familiaridade naquele rosto, que não conseguia localizar. Então, de repente, lembrou. E naquele segundo em que tudo fez sentido, Mercer ficou sem ar.

– Isso é uma grande honra – disse o homem. – Para você.

Ele apontava uma arma, pesada e prateada. Para o peito de

Mercer. Mercer sabia que tinha de fazer alguma coisa. Avançar para cima dele e derrubá-lo. Dar um jeito de pegar a própria arma. Precisava agir como um policial na rua de novo.

– Eu queria que você visse meu rosto. Queria que soubesse por que vai morrer.

– Não faça isso. Há policiais por toda parte aqui.

– Ótimo. Assim é melhor ainda para mim. Não se assuste, chefe. Para onde vai, deve esbarrar com muitos dos seus velhos amigos.

O primeiro tiro atingiu Mercer no peito, uma pancada que chamuscou sua camisa, uma queimação que fez seus joelhos dobrarem. A primeira coisa que Mercer pensou foi em gritar. Era Parks ou Vasquez que estava estacionado na frente da casa dele? A poucos e preciosos metros de distância. Mas sua voz morreu inaudível dentro do peito. Jesus, meu Deus, por favor, me salve.

O segundo tiro varou o pescoço dele. Não sabia se estava de pé ou caído. Quis avançar para cima do assassino. Queria derrubar aquele filho da mãe. Mas suas pernas estavam... paralisadas, inertes.

Agora o homem com a arma estava de pé em cima dele. O filho da mãe continuava falando com ele, mas Mercer não ouvia uma palavra. O rosto dele ficava entrando e saindo do foco. Um nome surgiu como clarão na cabeça de Mercer. Parecia impossível. Disse aquele nome duas vezes só para ter certeza, com a respiração latejando em seus ouvidos.

– Isso mesmo – disse o matador, abaixando a arma prateada.

– Você solucionou o caso. Descobriu quem é Quimera. Parabéns.

Mercer achou que devia fechar os olhos, quando mais um brilho forte, cor de laranja, explodiu no rosto dele.

Vou sempre lembrar o que estava fazendo quando soube da notícia. Estava em casa, cozinhando macarrão borboleta. Ouvindo “Adia”, com Sarah McLachlan.

Claire ia chegar para jantar. Eu a tinha atraído com meu famoso farfale com aspargos e molho de limão. Na verdade não a atraí... eu implorei. Queria conversar sobre qualquer coisa que não fosse o caso. Os filhos dela, ioga, a campanha para o senado da Califórnia, por que os Warriors estavam péssimos. Qualquer coisa...

Nunca esquecerei... Martha brincava com um ursinho sem cabeça, mascote do San Francisco Giants que tinha confiscado para o seu lado da lista de propriedades. Eu picava manjerição. Dei uma espiada no macarrão. TashaCatchings e Art Davidson tinham saído da minha cabeça. Graças a Deus.

O telefone tocou. Tive um pensamento egoísta e torci para não ser Claire avisando em cima da hora que não poderia vir.

Segurei o fone com o ombro e respondi.

– Oi...

Era Sam Ryan, o chefe dos detetives do departamento. Ryan era meu superior administrativo na linha de comando. Ao ouvir a voz dele, eu soube que havia algo de muito errado.

– Lindsay, aconteceu uma coisa terrível.

Fiquei paralisada. Foi como se alguém enfiasse a mão no meu peito e me apertasse o coração. Fiquei ouvindo Ryan falar. Três tiros à queima-roupa... A poucos metros da casa dele. Oh, meu Deus... Mercer...

– Onde ele está, Sam?

– No Moffit. Emergência cirúrgica. Ele está lutando.

– Vou já para aí. Estou saindo.

– Lindsay, não há nada que você possa fazer aqui. Vá até a cena do crime.

– Chin e Lorraine podem fazer isso. Eu vou para aí.

Ouvi a campainha. Corri para abrir a porta, como se estivesse em transe.

– Oi – disse Claire.

Eu não disse uma palavra. Num segundo ela percebeu a palidez do meu rosto.

– O que aconteceu?

Eu estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Claire... ele atirou no chefe Mercer.

Descemos correndo pela escada, entramos no Pathinder de Claire e voamos da Potrero até o Califórnia Medical Center pela Parnassus Heights. No caminho, meu coração ficou o tempo todo batendo feito louco e cheio de esperança. As ruas passavam indistintas, Vinte e Quatro, Guerrero, depois atravessamos a Castro na Dezesete até o hospital, no topo da Monte Sutro.

Pouco mais de dez minutos depois de eu ter recebido a ligação de Sam, Claire parava o Pathfinder numa vaga exclusiva diante da entrada do hospital.

Claire se identificou para uma enfermeira no balcão da recepção e pediu um boletim atualizado. Ela pareceu preocupada quando passou correndo pelas portas de mola. Corri para Sam Ryan.

– Qual é a situação?

Sam balançou a cabeça.

– Ele está na mesa de cirurgia agora. Se alguém pode levar três balas e sobreviver, é ele.

Abri meu celular e liguei para Lorraine, que estava na cena do crime.

– As coisas estão uma loucura por aqui – ela disse. – Há gente de Assuntos Internos e de alguma maldita agência de crise da prefeitura. E a porra da imprensa. Não consegui me aproximar do patrulheiro que foi o primeiro a chegar.

– Não deixe ninguém além de Chin ou de você chegar perto da cena – eu disse. – Estarei aí assim que puder.

Claire saiu da emergência. Estava abatida.

– Estão operando agora, Lindsay. O quadro não é nada bom. Houve perfuração do córtex cerebral. Ele perdeu uma tonelada de sangue. E um milagre ter agüentado esse tempo todo.

– Claire, preciso entrar lá para vê-lo.

Ela balançou a cabeça.

– A vida dele está por um fio, Lindsay. Além do mais, está anestesiado.

Tive uma sensação crescente de que devia ao Mercer cada uma das mortes não resolvidas. Senti que ele sabia e que, se morresse, a verdade morreria com ele.

– Vou entrar lá.

Empurrei as portas que davam na emergência, mas Claire me impediu. Olhei nos olhos dela e a última faísca de esperança se esvaiu do meu corpo. Eu sempre briguei com Mercer, lutei com ele. Sempre senti que tinha de provar alguma coisa para ele, e continuar provando, repetidamente. Mas, no fim, ele tinha acreditado em mim. Da forma mais estranha, a sensação era de que eu estava perdendo um pai novamente.

Um minuto depois um médico de jaleco verde saiu, tirando luvas de látex. Disse alguma coisa para um dos homens do prefeito, depois para o chefe assistente, Anthony Tracchio.

– O chefe morreu – disse Tracchio.

Todos ficaram olhando para frente, sem ver. Claire pôs o braço no meu ombro e me abraçou.

– Não sei se consigo fazer isso – eu disse, agarrada com força ao ombro dela.

– Consegue, sim – ela disse.

Alanceei o médico de Mercer quando ele ia voltar para a emergência. Apresentei-me.

– Ele disse alguma coisa quando foi trazido para cá?

O médico sacudiu os ombros.

– Ele agüentou um tempo, mas o que quer que tenha dito foi incoerente. Apenas reflexo. Ele foi ligado a aparelhos assim que chegou aqui.

– O cérebro dele ainda estava funcionando, não estava, doutor?

Mercer tinha encarado seu assassino de perto. Levou três tiros. Eu conseguia vê-lo se agüentando mais um pouco só para dizer alguma coisa.

– O senhor se lembra de alguma coisa?

Os olhos cansados tentaram lembrar.

– Sinto muito, inspetora. Estávamos tentando salvar a vida dele. Experimente perguntar para os técnicos de emergência médica que o trouxeram para cá.

Ele voltou lá para dentro. Pelas janelas nas portas da emergência, vi de relance Eunice Mercer e uma das suas filhas adolescentes, abraçadas e chorando no corredor.

Parecia que eu estava me desfazendo por dentro, e fiquei nauseada.

Corri para o banheiro. Debrucei-me sobre a pia e joguei água fria no rosto todo.

– Maldição! Maldição!

Quando me acalmei um pouco, olhei para o espelho. Meus olhos estavam sombrios, fundos e vidrados. Vozes ecoavam bem alto dentro da minha cabeça.

*Quatro assassinatos, diziam... Quatro policiais negros.*

Lorraine Stafford foi andando comigo desde o portão de pedra da cerritos.

– O chefe estava indo para casa. – Ela mordeu o lábio. — Ele morava duas casas adiante daquele lado. Não há testemunhas, mas o motorista dele está ali.

Fui até o local em que tinham encontrado o corpo de Mercer. A equipe de Charlie Clapper já estava investigando tudo em volta. Era uma rua tranqüila, residencial, a calçada guardada por uma sebe alta que bloquearia a visão do assassino para quem passasse por ali.

O lugar já estava marcado com giz. Poças de sangue encharcavam a calçada dentro do corpo delineado. Os vestígios dos seus últimos momentos, algumas sacolas plásticas que continham revistas, frutas e uma garrafa de vinho estavam espalhados em volta.

– Não tinha um carro nosso estacionado na frente da casa dele? – perguntei.

Lorraine apontou com a cabeça para um jovem policial de farda, encostado no capô de uma radiopatrulha azul e branca.

– Quando ele chegou aqui, o criminoso já tinha fugido e o chefe se esvaía em sangue.

Ficou claro que o assassino armou uma emboscada. Devia ter se escondido nos arbustos até Mercer passar por ali. Devia saber que ele estaria ali, como soube com Davidson.

Mais adiante na Ocean, vi Jacobi e Cappy vindo na nossa direção. A visão dos dois provocou um suspiro de alívio.

– Obrigada por virem até aqui – sussurrei.

Então Jacobi fez uma coisa totalmente inusitada. Ele segurou meus ombros e olhou direto nos meus olhos.

– Isso vai ficar grande, Lindsay. Os federais vão entrar na jogada. Qualquer coisa que nós pudermos fazer, qualquer coisa que você precisar, qualquer hora que quiser conversar sobre isso, você sabe que estou à sua disposição.

Virei para Lorraine e Chin.

– O que falta para vocês terminarem aqui?

– Quero verificar o trajeto de fuga – disse Chin. – Se ele tinha um carro estacionado em algum lugar, alguém deve ter visto. Ou então, alguém pode tê-lo visto quando entrou na Ocean.

Maldito chefe – suspirou Jacobi. – Eu sempre pensei que o cara ia dar uma coletiva de imprensa no próprio velório.

Ainda estamos classificando isso como crime de ódio, tenente? – fungou Cappy.

– Quanto a você, não sei – eu disse –, mas eu odeio demais esse filho da mãe.

Jacobi estava certo a respeito de uma coisa. Na manhã seguinte tudo mudou realmente. Uma massa frenética de representantes de todas as organizações de notícias do país se aglomerava nos degraus da frente do Tribunal de Justiça, aparelhando suas equipes de câmera, cavando entrevistas. Anthony Tracchio foi nomeado chefe-executivo. Ele era o braço direito administrativo do chefe Mercer, mas nunca foi promovido. No caso Quimera, eu agora me reportava a ele.

– Nada de vazamentos – avisou Tracchio com rispidez. – Nenhum contato com a imprensa. Todas as entrevistas passam por mim.

Foi montada uma força-tarefa conjunta para cuidar do homicídio de Mercer. Só quando cheguei ao meu andar é que descobri o que “conjunta” significava.

De volta à minha sala, encontrei dois agentes do FBI de terno marrom na recepção. Um negro bem apanhado, chamado Ruddy, de camisa social e gravata amarela, que parecia estar no comando, e o agente de campo tipicamente pragmático, chamado Hull.

A primeira coisa que saiu da boca de Ruddy foi que era muito bom trabalhar com a inspetora que tinha resolvido o caso dos noivos. A segunda foi para pedir os arquivos de Quimera. Todos. Tasha. Davidson. Tudo que tínhamos sobre Mercer.

Dez segundos depois que os dois saíram, eu já estava ao telefone com meu novo chefe.

– Acho que sei o que você quis dizer com “conjunta” – eu disse.

– Crimes contra policiais são ofensas federais, tenente. Não posso fazer nada – disse Tracchio.

– Mercer disse que isso era um crime municipal, chefe. Ele disse que era o pessoal do município que devia cuidar.

Tracchio fez meu coração rodopiar.

– Sinto muito. Não é mais.

Mais tarde fui até Ingleside Heights para falar com a mulher do chefe Mercer. Tinha de fazer isso pessoalmente. Já havia uma fila de carros na rua em frente à casa do chefe. Um parente atendeu a porta e me disse que a Sra. Mercer estava no segundo andar com a família.

Fiquei esperando e observando os rostos que conhecia reunidos na sala de estar. Depois de alguns minutos, Eunice Mercer desceu. Na companhia de uma mulher de meia-idade e aparência simpática, que fiquei sabendo que era irmã dela. Ela me reconheceu e veio falar comigo.

– Eu sinto muitíssimo. Nem posso acreditar – eu disse, apertei a mão dela, depois a abracei.

– Eu sei – ela sussurrou. – Sei que você acabou de passar por isso também.

– Sei mesmo como isso é duro. Mas preciso fazer algumas perguntas – finalmente consegui dizer.

Ela meneou a cabeça compreensiva e a irmã ficou para trás, no meio das visitas. Eunice Mercer me levou para uma sala particular.

Fiz muitas perguntas iguais às que tinha feito para os parentes das outras vítimas. Se alguém ameaçara recentemente seu marido, se tinham telefonado para a casa, se notara alguém suspeito vigiando a casa.

A todas, ela respondeu que não, balançando a cabeça.

– Earl dizia que este era o único lugar em que ele realmente vivia na cidade, não só chefiava a força policial.

Mudei a linha das perguntas.

– Ouviu o nome Art Davidson algum dia desta semana?

Eunice Mercer se espantou.

– Você acha que Earl foi assassinado pelo mesmo homem que fez essas outras coisas horríveis?

Segurei a mão dela.

– Acho que esses assassinatos foram todos cometidos pelo mesmo homem.

Ela passou a mão na testa.

– Lindsay, nada está fazendo sentido para mim neste momento. O assassinato de Earl. Aquele livro.

– Livro...? – perguntei.

– E. Earl sempre lia revistas de carros. Tinha um sonho, de quando se aposentasse... era um velho GTO que ele guardava na garagem de um primo. Sempre dizia que ia desmontá-lo todo e construir do zero. Mas aquele livro que ele pôs no bolso da jaqueta...

Que livro? – Eu olhava para ela sem entender.

– Um médico jovem do hospital devolveu para mim, junto com a carteira e as chaves dele. Nunca soube que ele se interessava por esse tipo de coisas. Esses antigos mitos...

De repente, meu coração acelerou.

Pode me mostrar esse livro de que está falando?

Claro – disse Eunice Mercer. – Está aqui.

Ela saiu da sala de estar e voltou num minuto. Deu-me uma brochura que toda criança lê na escola. Mitologia, de Edith Hamilton.

Era uma cópia bem usada, parecia que tinha sido folheada mil vezes. Dei uma olhada e não vi nada.

Li o índice. E então eu vi. Na metade da folha, página 141. Estava sublinhado. *Belerofonte mata*



a *Quimera*.

*Belerofonte... Billy Reffon.*

Meu coração ficou apertado. Foi o nome que ele usou quando ligou para 911 sobre Art Davidson. Ele disse que se chamava Billy Reffon.

Fui até a página 141. Estava lá. Com uma ilustração. A cara de leão. O corpo de bode. A cauda de serpente.

*Quimera.*

O filho da mãe estava nos dizendo que tinha matado o chefe Mercer.

Senti um calafrio. Havia mais uma coisa naquela folha. Uma caligrafia firme e dura, poucas palavras, rabiscadas a tinta sobre a ilustração.

*Haverá outros... a justiça será feita.*

Saí da casa de Mercer e rodei de carro suando frio, aterrorizada pelo que sabia que era verdade.

Todos os meus instintos estavam certos. Aquilo não era uma onda de assassinatos racistas ao acaso. Era um assassino frio e calculista. Ele estava zombando de nós, da mesma forma que fez com a van branca. Com aquela gravação arrogante. Billy Reffon.

Finalmente eu disse: Que se dane. Liguei para as meninas. Não podia mais guardar segredo. Elas eram três das melhores cabeças do lado da lei na cidade. E esse filho da mãe tinha dito que ia haver mais mortes. Marcamos um encontro no restaurante da Susie.

– Preciso da ajuda de vocês – eu disse, olhando para todas elas em volta da nossa mesa habitual no restaurante.

– É para isso que estamos aqui – disse Claire. – Você chamou e nós viemos correndo.

– Até que enfim – Cindy disse rindo. – Ela admite que não é ninguém sem nós.

Tocava a música “This Kiss”, interpretada por Faith Hill, que abafava o barulho de um jogo de basquete na televisão, mas na nossa mesa de canto, nós quatro nos concentrávamos no nosso mundo cheio de propósitos. Meu Deus, como era bom estarmos todas juntas de novo.

– Criou-se a maior confusão com a morte do Mercer. O FBI entrou na jogada. Nem sei mais quem está no comando. A única coisa que sei é que quanto mais esperarmos mais gente será morta.

– Dessa vez temos de ter algumas regras – disse Jill, bebendo uma cerveja Buckler sem álcool. – Isso não é uma brincadeira. Naquele último caso, acho que infringi todas as regras e leis que jurei manter. Ocultação da provas e utilização do escritório da promotoria para fins pessoais. Se alguma coisa tivesse escapado, eu estaria cuidando dos meus casos no décimo andar.

Nós rimos. O décimo andar do prédio era onde ficavam as celas de detenção.

– Muito bem – concordei, porque o mesmo se aplicava a mim. – Qualquer coisa que descobrirmos, levamos para a força – tarefa.

– Não vamos exagerar – disse Cindy com uma risada maliciosa. – Estamos aqui para ajudar você, não para alavancar as carreiras de alguns burocratas autoritários.

– O bando margarita das delegadas da lei vive – brincou Jill. – Nossa, estou contente de estarmos em ação de novo.

– Jamais duvide disso – disse Claire.

Olhei para elas. O Clube das Mulheres contra o Crime. Uma parte de mim ficou arrepiada com presentimentos. Quatro pessoas estavam mortas, inclusive o policial mais graduado da cidade. O assassino tinha provado que podia atacar em qualquer lugar que quisesse.

– Cada assassinato vem se tornando mais sofisticado e mais ousado – eu disse e contei o que sabia do último, inclusive sobre o livro que ele tinha posto na jaqueta de Mercer. – Ele não precisa mais do subterfúgio do modus operandi de crime racial. É racial mesmo. Eu só não sei por quê.

Claire falou da autópsia do chefe, que tinha acabado de fazer aquela tarde. Ele foi atingido três vezes à queima-roupa, com um revólver 38.

– A impressão que tenho é de que os três tiros foram dados espaçadamente. Deu para ver pelo modo que os ferimentos sangraram. O último foi na cabeça. Mercer já estava caído no chão. E por isso penso que talvez eles tenham se enfrentado. Que o assassino estava querendo matá-lo devagar. Ou que eles conversaram. Acho que onde quero chegar é que é muito provável que Mercer conhecesse o assassino.

– Você verificou a possibilidade de todos esses policiais terem alguma ligação? – interrompeu Jill. – Claro que verificou. Você é Lindsay Boxer.

– Claro que sim. Não há registro de que nenhum deles tivessem sequer se encontrado. Suas carreiras não se cruzaram. O tio d Tasha Catchings é vinte anos mais novo do que os outros. Não conseguimos descobrir nada que os pusesse juntos.

– Alguém odeia policiais. Bem, na verdade muita gente odeia policiais – disse Cindy.

– Simplesmente não encontro o elo. Isso começou disfarçado de um crime de ódio. O assassino queria que vissemos os assassinatos de uma certa forma. Queria que encontrássemos suas pistas. E quis que encontrássemos a quimera. Seu símbolo louco.

– Mas se isso é uma vingança pessoal – disse Jill não faz sentido que leve a algum grupo organizado.

– A não ser que fosse uma armação para alguém – eu disse.

– Ou então – disse Cindy, mordendo o lábio – a quimera não leva a nenhum grupo de ódio. Talvez esse livro seja uma forma de nos dizer algo diferente.

Olhei para ela sem entender. Nenhuma das outras entendeu.

– Estamos esperando, Einstein.

Ela piscou pensativa, depois balançou a cabeça.

– Eu estava só pensando em voz alta.

Jill disse que ia investigar qualquer processo contra algum policial negro que tivesse prejudicado ou ferido algum branco. Qualquer ato de vingança que pudesse explicar o estado mental do assassino.

Cindy faria o mesmo no *Chronicle*.

O dia foi muito longo e eu estava exausta. Tinha uma reunião da força tarefa às sete e meia na manhã seguinte. Olhei nos olhos de cada uma das minhas amigas.

– Obrigada, obrigada.

– Vamos resolver essa coisa com você – disse Jill. – Nós vamos pegar Quimera.

– Temos de pegar – disse Claire. – Não podemos deixar que você pare de pagar a conta do bar.

Conversamos mais alguns minutos sobre o que íamos fazer do dia seguinte e quando poderíamos nos reunir outra vez. Estávamos começando a sintonizar. Jill e Claire tinham deixado os carros no estacionamento do restaurante. Perguntei para Cindy, que morava no bairro Castro, perto de mim, se ela queria uma carona.

– Olha – ela disse sorrindo -, eu tenho um compromisso hoje.

– Bom para você. Quem é sua próxima vítima?! – exclamou Claire. – Quando é que vamos poder avaliá-lo?

– Se vocês, mulheres supostamente maduras e talentosas, querem babar como um bando de estudantes de ginásio, acho que agora mesmo. Ele vem me pegar.

– Estou sempre pronta para uma boa bisbilhotada – disse Claire.

Dei risada.

– Você podia sair com Mel Gibson e Russell Crowe juntos que não ia me afetar nem um pouco esta noite.

Quando saímos do restaurante pela porta da frente, Cindy segurou meu braço.

– Segure as pontas aí, querida.

Nós todas o vimos ao mesmo tempo. Todas nós babamos, e eu fiquei muito abalada.

Estando lá fora, muito sexy e bonito, todo vestido de preto, estava Aaron Winslow.

Eu não acreditei. Fiquei lá parada, olhando, de boca aberta. Olhei para Cindy, depois de novo para Winslow, e minha expressão de espanto lentamente cedeu lugar a um sorriso ruborizado.

– Tenente – disse Winslow meneando a cabeça e quebrando o constrangimento no ar. – Quando Cindy disse que ia sair com amigas, não esperava encontrá-la aqui.

– É, eu também não – balbuciei.

– Nós vamos para o Blue Door – disse Cindy para o grupo, fazendo as apresentações. – Pinetop Perkins está na cidade.

– Maravilhoso – disse Claire.

– Sensacional – disse Jill.

– Alguém quer vir conosco? – perguntou Aaron Winslow.

– Se ainda não ouviram, não existe nada igual ao blues de Memphis.

– Pego no trabalho amanhã de manhã cedo, às seis – disse Claire. – Vão vocês dois.

Inclinei-me para perto de Cindy e cochichei:

– Sabe, quando falamos de trincheiras individuais outro dia, eu estava só brincando.

– Sei que estava – disse Cindy, dando o braço para mim. – Mas eu não.

Claire, Jill e eu ficamos de queixo caído e vimos os dois desaparecerem na esquina. Eles formavam um casal bonitinho e, na verdade, era apenas um programa para ouvir música.

– Tudo bem – disse Jill digam que eu não estava sonhando.

– Você não estava sonhando, menina – respondeu Claire. – Só espero que Cindy saiba no que está se metendo.

– Hã-hã. – Balancei a cabeça. – Também espero.

Entre no meu carro e fiquei pensando em Cindy e Aaron Winslow juntos. Quase consegui esquecer o motivo da nossa reunião.

Embiquei meu Explorer para a Brannan e dei tchau para Claire, que ia para a 280. Quando dei a volta, avistei um Toyota branco saindo do quarteirão atrás de mim.

Estava concentrada no que acabara de fazer, envolver as meninas naquele caso horrível. Tinha contrariado uma ordem direta do prefeito e do meu comandante. E dessa vez não havia ninguém para me defender e apoiar. Nem Roth, nem Mercer.

Um Mazda com duas meninas adolescentes encostou em mim. Estávamos paradas no sinal na Sete. O motorista falava um quilômetro por minuto ao celular e a amiga se distraía ouvindo o som estéreo.

Quando avançamos, fiquei de olho nelas um quarteirão, até virarem na Nove. Uma minivan azul ocupou o lugar do Mazda.

Cheguei a Potrero passando por baixo do viaduto para a 101, indo para o sul. A minivan virou em outra direção.

Fiquei surpresa de ver o mesmo Toyota branco aparecer uns trinta metros atrás de mim.

Segui em frente. Uma BMW prateada chegou acelerando pela pista da esquerda e entrou atrás do meu Explorer. Atrás dela, um ônibus. Parecia que o carro misterioso tinha sumido.

*Quem poderia condená-la por ficar um pouco assustada com o que está acontecendo?* Disse para mim mesma. Minha foto tinha aparecido nos jornais e no noticiário da TV.

Virei à direita na Connecticut, como sempre, e fui subindo a ladeira de Potrero Hill. Torcia para que a vizinha, Sra. Taylor, tivesse aparecido para levar Martha para passear. E pensava também em parar no mercado da Vinte para comprar um sorvete de baunilha do Edy's.

Dois quarteirões acima, espiei uma última vez pelo espelho retrovisor. O Toyota branco apareceu.

O filho da mãe devia morar no meu quarteirão, ou então o safado estava me seguindo.

Tinha de ser Quimera.

Meu coração disparou. Os pelos da nuca se arrepiaram todos. Semicerrei os olhos para ver bem a placa e memorizar. Califórnia... PCV 182. Não consegui enxergar a pessoa que estava dirigindo. Isso era loucura... Mas certamente não era imaginação minha.

Parei numa vaga em frente ao meu prédio. Esperei dentro do carro até ver o capô do Toyota aparecer na rua Vinte e parar na base da última ladeira. Meu sangue corria gelado.

Tinha deixado o filho da mãe me seguir até a minha casa.

Abri o porta-luvas e peguei a minha Glock. Verifiquei o clipe. Fique calma. Você vai prender esse babaca. Você vai pegar o Quimera agora mesmo.

Fiquei encolhida no carro, avaliando minhas opções. Eu podia pedir socorro. Uma radiopatrulha chegaria em questão de minutos. Mas precisava descobrir quem era. E de qualquer maneira, a presença de um carro da polícia podia assustá-lo e fazer com que fugisse.

Meu coração batia desesperado. Empunhei minha arma e abri a porta do carro. Desci. E agora?

No primeiro andar do meu apartamento havia uma porta dos fundos que dava para um beco que ficava embaixo da minha varanda. De lá eu podia dar a volta no quarteirão perto do parque no topo do morro. Se o filho da mãe ficasse lá fora, eu podia chegar por trás e talvez surpreendê-lo.

Hesitei na porta, tempo suficiente para ver o Toyota subindo a rua lentamente. Procurei a chave na bolsa. Enfiei na fechadura.

Estava dentro de casa. Por uma pequena janela observei o Toyota. Esforcei-me para ver o motorista, mas a luz interna estava desligada.

Destranquei a porta dos fundos e saí na ruazinha atrás do meu prédio.

Corri sob a proteção das casas do beco no topo da ladeira. Voltei de lá pela sombra dos prédios do outro lado da rua.

Por trás dele...

O Toyota tinha estacionado na frente do meu prédio, do lado oposto da rua, com os faróis apagados.

O motorista no banco da frente fumava um cigarro.

Abaixei-me atrás de um Honda Accord, agarrada à minha pistola. É isso aí, Lindsay...

Será que dava para pegar Quimera dentro do carro? E se as portas estivessem trancadas?

De repente, vi a porta do Toyota abrir e a luz interna acendeu. O filho da mãe estava de costas para mim quando desceu do carro.

Usava uma jaqueta escura à prova d'água e um boné bem para frente, escondendo os olhos. Ele olhava para a minha casa.

Para o meu apartamento.

Então atravessou a rua. Sem hesitar.

Prenda-o. Agora. O filho da mãe foi me procurar. Tinha me ameaçado no livro de Mercer. Saí de trás da cobertura da fila de carros estacionados.

Meu coração batia tão rápido e tão alto que tive medo de que ele ouvisse e desse meia-volta. Agora. Aja! Você o pegou!

Avancei com a Glock firme numa das mãos. Passei o braço em volta do pescoço dele, puxei, dei uma rasteira.

Ele caiu e bateu com força de cara no chão. Então eu o imobilizei. Encostei o cano da arma na sua nuca.

– Polícia, babaca! Estenda os braços.

Ele gemeu de dor. Estendeu os braços. Será que era Quimera?

– Você me queria, seu filho da mãe, então, aqui estou. Agora vire-se.

Levantei um pouco o joelho só para ele poder virar. E quando ele virou, meu coração quase parou.

Estava olhando para o rosto do meu pai.

Marty Boxer rolou de costas e gemeu, o ar saiu assobiando dos seus pulmões. Ele ainda mantinha uma faísca da beleza viril que eu lembrava, mas estava diferente... mais velho, mais magro, gasto. O cabelo tinha rareado e os olhos azuis que tinham sido tão vivos pareciam desbotados.

Fazia dez anos que não o via. Não falava com ele havia vinte e dois.

– O que está fazendo aqui? – perguntei.

– Neste exato momento – ele disse sem ar, rolando de lado –, levando uma surra da minha filha.

Senti uma coisa dura no bolso do paletó dele. Tirei dali uma velha Smith & Wesson calibre 40 usada pela polícia antigamente.

– O que é isso? A sua maneira de dizer oi?

– Esse mundo é perigoso – ele gemeu novamente.

Saí de cima dele. Vê-lo era uma afronta para mim, uma luz repentina sobre antigas lembranças que eu tinha apagado anos atrás. Não me ofereci para ajudá-lo a levantar.

– O que está fazendo? Está me seguindo?

Lentamente ele sentou.

– Vou fingir que você não sabia que era seu velho vindo visitá-la, minha flor.

– Por favor, não me chame disso – retruquei, irritada.

Flor foi o apelido que meu pai me deu quando eu tinha uns sete anos e ele ainda estava em casa. Minha irmã, Cat, era mutuca. Eu era flor. Ouvir aquele apelido provocou uma onda de lembranças amargas.

– Está pensando que pode aparecer aqui depois de todos esses anos, me dar um susto danado e se safar me chamando de flor? Não sou sua menininha. Sou tenente da homicídios.

– Sei disso. E tem uma pegada infernal de tão boa, neném.

– Considere-se com sorte – eu disse enquanto travava a segurança da minha Glock.

– Afinal, quem você estava esperando que eu fosse? – ele perguntou, massageando as costelas.

– A Rocha?

– Não vem ao caso. O que importa é o que você está fazendo aqui.

Ele fungou com ar de culpado.

– Eu definitivamente estou começando a desconfiar que você não está muito emocionada em me ver, não é, minha flor?

– É, não estou. Você está doente?

Os olhos azuis de Marty faiscaram.

– Um cara não pode querer ver como está sua primogênita sem que cobrem seus motivos?

Estudei as rugas no rosto dele.

– Não o vejo há dez anos e está agindo como se fizesse uma semana. Quer uma atualização? Eu me casei, agora estou divorciada. Entrei para a Homicídios. Agora sou tenente. Sei que isso é meio resumido demais, mas é para você ficar em dia, pai.

– Você acha que passou tempo demais para eu poder encará-la como seu pai?

– Não sei como você me encara – eu disse.

O olhar do meu pai ficou carinhoso de repente e ele sorriu.

– Meu Deus, você está linda... Lindsay.

A expressão tinha a mesma faísca sem culpa que eu tinha visto mil vezes quando criança. Balancei a cabeça frustrada.



– Marty, apenas responda à pergunta que eu fiz.

– Olha – ele disse, engolindo em seco. – Sei que chegar assim de surpresa não marcou nenhum ponto de estilo para mim, mas acha que consigo convencê-la a me oferecer um café?

Olhei incrédula para o homem que abandonara nossa família quando eu tinha treze anos. Que ficou longe todo o tempo da doença da minha mãe. Que achei que era um covarde, ou um grosseirão, ou coisa pior a maior parte da minha vida adulta. Não via meu pai desde o dia do meu juramento de polícia, quando ele sentou na última fila da platéia. Não sabia se queria esganá-lo ou abraçá-lo.

– Só um... – eu disse, e estendi a mão para ajudá-lo a se levantar.

Espanei umas pedrinhas de asfalto do colarinho dele.

– Então está resolvido, uma xícara de café, minha flor.

Fiz café para meu pai e uma caneca de chá Red Zinger para mim. Mostrei rapidamente o apartamento para ele e apresentei Martha, que, contra minhas instruções mudas, gostou do querido papai.

Sentamos no meu sofá de cânhamo branco e Marta se enrolou nos pés do meu pai. Dei-lhe um pano molhado e ele limpou um arranhão no rosto.

– Desculpe se o machuquei – eu disse, apoiando a caneca quente nos joelhos.

Não me arrependia tanto assim.

– Eu merecia coisa pior.

Ele sacudiu os ombros e sorriu.

– É, merecia.

Sentamos de frente um para o outro. Nenhum dos dois sabia por onde começar.

– Bom, acho que agora você vai me atualizar quanto ao que andou fazendo nos últimos vinte e dois anos, não é?

Ele engoliu o café e largou a caneca.

– Claro. Posso fazer isso.

Então ele contou a vida dele, que parecia mais uma espiral de azar. Foi assistente do delegado, e isso acho que eu já sabia, em Redondo Beach. Depois largou a polícia e foi para segurança particular. Celebidades. Kevin Costner. Whoopi Goldberg.

– Até fui aos Oscars.

Ele deu risada.

Tinha se casado de novo, dessa vez só por dois anos.

– Descobri que não era qualificado para a função – ele brincou, com um gesto de resignação.

Agora ele tinha voltado para segurança, mas não de celebridades, serviços esporádicos.

– Continua apostando? – perguntei.

– Só apostas mentais. Na minha cabeça – ele respondeu. – Tive de parar quando fiquei sem dinheiro.

– Ainda torce pelos Giants?

Quando eu era criança, ele costumava me levar depois do seu turno para um bar chamado Álibi, na Sunset. Punha-me sentada em cima do balcão e, junto com os companheiros, assistia aos jogos vespertinos transmitidos do estádio de beisebol dos Giants, o Candlestick. Eu adorava estar com ele naquela época.

Ele balançou a cabeça.

– Não, desisti deles quando venderam Will Clark. Agora sou fã dos Dodgers. Mas gostaria de ir ao novo estádio.

Ele então ficou um longo tempo olhando para mim.

Agora era a minha vez. Como contar os últimos vinte e dois anos da minha vida para o meu pai?

Relatei tudo que pude e deixei de fora o que tinha a ver com minha mãe. Conteí do meu ex-marido, Tom, que não tinha dado certo.

– Puxou aos pais – ele disse, com o riso contido.

– É, mas pelo menos eu fiquei – respondi.

Depois conteí como me esforcei para entrar para a Homicídios e que finalmente consegui.

Ele meneou a cabeça taciturno.

– Eu li sobre aquele grande caso no qual você trabalhou. Mesmo lá no sul, apareceu em todos

os noticiários.

– Um verdadeiro impulso para o meu currículo.

Contei-lhe que um mês depois me ofereceram o cargo de tenente.

Meu pai chegou para a frente e pôs a mão no meu joelho.

Eu quis procurar você, Lindsay. Uma centena de vezes... Não sei por que não procurei. Tenho orgulho de você. A Homicídios é o topo da carreira. Quando olho para você... você é tão... forte, tão segura. E tão linda. Eu só gostaria de poder merecer um pouco do crédito.

– E pode. Você me ensinou que eu não podia contar com ninguém além de mim mesma.

Levantei, servi mais café para ele e sentei de novo, no mesmo lugar.

– Olha, sinto que as coisas não tenham dado certo para você. Sinto mesmo. Mas são vinte e dois anos. O que veio fazer aqui?

– Liguei para Cat, para saber se você ia querer saber de mim. Ela me disse que você esteve doente.

Eu não queria reviver aquilo. Já era muito difícil só olhar para ele.

– Estive doente, sim – concordei. – Estou melhor agora. Tomara que continue assim.

Meu coração estava apertado. Aquilo estava começando a ficar desagradável.

– Há quanto tempo está me seguindo?

– Desde ontem. Fiquei três horas no meu carro parado na frente do prédio da prefeitura, procurando uma maneira de falar com você. Não sabia se ia querer me ver.

– Não sei se quero, papai.

Tentei encontrar as palavras certas e senti meus olhos se enchendo de lágrimas.

– Você nunca estava lá. Você fugiu de nós. Não posso simplesmente mudar o que senti todos esses anos.

– Não espero que faça isso, Lindsay. Estou ficando velho. Um velho que sabe que cometeu um milhão de erros. Agora a única coisa que posso fazer é tentar corrigir alguns deles.

Olhei para ele meio incrédula, balançando a cabeça, e com um tímido sorriso, secando os olhos.

– Está tudo uma loucura por aqui. Você soube do Mercer?

– Claro.

Meu pai suspirou. Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele apenas sacudiu os ombros.

– Vi você no noticiário. Você está deslumbrante. Sabia disso, Lindsay?

– Pai, por favor. Não faça isso.

O caso exigia tudo de mim naquele momento. Era uma loucura total. E ali estava eu, encarando meu pai de novo.

– Não sei se consigo enfrentar isso agora.

Eu também não sei – ele disse e segurou minha mão timidamente. – Que tal a gente experimentar?

Às nove horas da manhã do dia seguinte, Morris Ruddy, o agente encarregado do FBI rabiscou um ponto num bloco de folhas amarelas.

– Muito bem, tenente, quando foi a primeira vez que determinou que o símbolo da quimera devia ser do movimento de supremacia branca?

Minha cabeça ainda girava com os acontecimentos da véspera. O último lugar em que eu queria estar era presa numa reunião da força-tarefa, conversando com os federais.

– Vocês nos deram a pista – respondi. – O pessoal de Quântico.

Não era uma completa verdade. Stu Kirkwood tinha apenas confirmado o que eu já sabia, por intermédio de Cindy.

– Depois, desde que soube disso – continuou o homem do FBI quantos grupos você investigou?

Exibi um olhar frustrado que queria dizer: *Acho que vamos ter algum progresso se sairmos dessa maldita sala.*

– Você leu os arquivos que lhe dei. Investigamos dois ou três.

– Vocês investigaram um. – Ele ergueu uma sobrancelha.

– Olhe aqui – expliquei -, nós não temos uma história desses grupos operando nesta área. O método usado nessas mortes pareceu consistente com outros casos em que trabalhei. Determinei que estávamos lidando com um assassino em série. Admito que foi instinto.

– Dessas quatro ações distintas – disse Ruddy -, você concluiu que era obra de um único sujeito desconhecido investigado, certo?

É. Disso tudo e de mais sete anos trabalhando na Homicídios.

Não estava gostando do tom que ele usava.

– Olha aqui, agente Ruddy, isso não é uma audiência – meu chefe dos detetives, Sam Ryan, finalmente disse.

– Estou apenas tentando determinar quanto esforço ainda teremos de coordenar nessa área – respondeu o homem do FBI.

Eu insisti:

– Acontece que essas pistas da quimera não estavam exatamente saltando aos olhos em boletins da imprensa. A van branca foi vista por um menino de seis anos. A segunda foi desenhada numa parede na cena do crime. Nossa médica-legista sugeriu que a morte da Catchings podia não ter sido por uma bala perdida.

– Mas mesmo agora – disse Ruddy depois do seu próprio chefe de polícia ter sido assassinado, você ainda acredita que essas mortes não têm motivação política?

– As mortes podem ter motivação política. Não conheço toda a programação do assassino. Mas é um cara, e ele é doido. Aonde vamos chegar com isso?

– Vamos chegar ao assassinato número três – interrompeu o outro agente, Hull. – O assassinato de Davidson.

Ele levantou seu corpo sólido da cadeira e foi até um gráfico no qual cada crime e os detalhes correspondentes estavam listados em colunas organizadas.

– Assassinatos um, dois e quatro – ele explicou -, todos tinham ligação com esse Quimera. O assassinato de Davidson não combina de jeito nenhum. Queremos saber o que lhe dá tanta certeza de que estamos lidando com o mesmo cara.

– Vocês não viram o tiro – eu disse.

– De acordo com o que tenho aqui – Hull folheou suas anotações Davidson foi alvejado com

uma bala de uma arma completamente diferente.

– Não me referia à balística, Hull. Falei do tiro. Foi precisão total, calibre de atirador de elite. Exatamente como o tiro que matou Tasha Catchings.

O que quero dizer – continuou Hull – é que não temos nenhuma prova tangível que ligue o assassinato de Davidson com os outros três. Se nos ativermos simplesmente aos fatos e não ao palpite da inspetora Boxer, não existe nada que sugira que não estamos lidando com uma série de eventos politicamente motivados. Nada.

Naquele instante, ouvimos alguém bater e a cabeça de Charlie Clapper surgiu na porta da sala de reuniões. Como uma marmota encabulada espiando da sua toca.

Clapper inclinou a cabeça para os caras do FBI e depois piscou para mim.

– Achei que isso aqui seria útil.

Ele pôs na mesa uma impressão da sola de um tênis tamanho grande.

– Lembra aquela pegada que tiramos do asfalto na posição do atirador que assassinou Art Davidson?

– Claro que lembro – eu disse.

Ele pôs uma segunda imagem ao lado da primeira.

– Essa foi a que conseguimos numa área de terra molhada na cena Mercer.

As pegadas eram idênticas.

O silêncio dominou a sala. Olhei primeiro para o agente Ruddy, depois para o agente Hull.

– E claro que são apenas um par de tênis comum da marca Reebok – explicou Charlie.

Do bolso do seu jaleco branco, ele tirou uma lâmina. Nela havia grãos minúsculos de pó.

– Pegamos isso na cena do crime do chefe.

Cheguei para a frente e vi que era o mesmo giz branco.

– Um assassino – eu disse. – Um atirador.

Reuni as meninas para um almoço rápido. Mal podia esperar para vê-las.

Nós nos encontramos no Yerba Buena Gardens e sentamos no pátio ao ar livre do novo IMAX, vendo as crianças brincando nos chafarizes, comendo nossas saladas e sanduíches para viagem. Contei absolutamente tudo, desde o momento que me despedi delas no Susie, até a suspeita de que alguém estava me seguindo e quando imobilizei meu pai na rua, em frente ao meu apartamento.

– Meu Deus – disse Claire. – O pai pródigo.

Por um segundo foi como se uma redoma de silêncio tivesse nos isolado do resto do mundo. Todas olharam para mim com expressão incrédula.

– Quando foi a última vez que você o viu? – perguntou Jill.

– Ele esteve no dia em que recebi o diploma da academia. Não o convidei, mas de alguma forma ele soube.

– Ele seguiu você? – Jill disse, espantada, – Da nossa reunião? Como um criminoso sinistro? Eca! – ela disse, fazendo uma careta.

– Típico de Marty Boxer. – Suspirei. – Esse é o meu pai.

Claire pôs a mão no meu braço.

– E aí, o que ele queria?

– Ainda não sei. Parece que quer se redimir. Disse que minha irmã Cat contou que eu estive doente. Ele acompanhou o caso dos noivos. E falou também que queria dizer que tinha muito orgulho de mim.

Isso foi meses atrás – disse Jill com desprezo, dando uma mordida no sanduíche de frango com abacate. – Ele definitivamente não se apressou.

– Foi o que eu disse – concordei.

Cindy balançou a cabeça.

– Ele simplesmente decidiu assim, sem mais nem menos depois de vinte anos, aparecer na sua porta?

– Acho que isso é uma coisa boa, Lindsay – retrucou Claire.

– Você me conhece... sou sempre positiva.

– Uma coisa boa ele voltar com a consciência culpada depois de vinte anos...

– Não, é uma coisa boa porque ele precisa de você, Lindsay. Ele está sozinho, não é?

– Ele me disse que ficou dois anos casado com a segunda mulher, mas que está divorciado. Imagine só, Claire, descobrir muitos anos depois que seu pai casou de novo.

– Não é essa a questão, Lindsay – respondeu Claire. – Ele está tomando a iniciativa. Você não devia deixar seu orgulho ferido impedir que aceite isso.

– Como é que você se sente? – perguntou Jill.

Passei o guardanapo na boca, bebi um gole de chá gelado e depois respirei fundo.

– Quer saber a verdade? Eu nem sei. Ele é como um fantasma do passado que traz de volta muitas lembranças ruins. Tudo que tocou só fez machucar as pessoas.

– Ele é seu pai, querida – disse Claire. – Você carrega essa mágoa por aí desde que a conheço.

Devia abrir a porta para ele, Lindsay. Vocês podem ter alguma coisa que nunca tiveram antes.

– Ele também pode chutar a canela dela de novo – disse Jill.

– Nossa. – Cindy olhou para Jill. – O projeto de maternidade não deixou você toda emotiva e grudenta, não é?

– Uma saída com o reverendo – Jill descascou – e, de repente, você vira a consciência do

grupo? Impressionante.

Nós todas olhamos para Cindy, contendo sorrisos.

– É verdade – assentiu Claire. – Não está pensando que vai escapar dessa, está?

Cindy foi ficando vermelha. Em todo o tempo que a conhecia, jamais vi Cindy Thomas ruborizar.

Vocês formam um casal e tanto. – Suspirei.

– Gosto dele – declarou Cindy, sem graça. – Ficamos horas conversando. Num bar. Depois ele me levou para casa. Fim de papo.

– Claro – disse Jill, sorrindo de orelha a orelha. – Ele é bonito, tem emprego garantido, e se um dia você for tragicamente assassinada, nem precisa se preocupar com quem vai presidir seu velório.

– Não tinha pensado nisso... – Finalmente Cindy sorriu. – Olhem, foi só uma vez que saímos juntos. Vou fazer uma matéria sobre ele e sobre o bairro. Tenho certeza de que ele não vai me convidar para sair de novo.

– Mas você vai? – perguntou Jill.

– Somos amigos. Não, temos simpatia um pelo outro. Foram duas horas maravilhosas. Aposto que todas vocês teriam curtido. É pesquisa – Cindy disse, e cruzou os braços.

Todas nós sorrimos. Mas Cindy estava certa. Nenhuma de nós teria recusado duas horas com Aaron Winslow. Eu ainda ficava arrepiada quando me lembrava do que ele disse no funeral de Tasha Catchings.

Enquanto recolhíamos nosso lixo, perguntei a Jill:

– E você, como tem se sentido? Está tudo bem?

Ela sorriu.

– Muito bem.

Depois pôs as mãos na barriga que mal aparecia e estufou as bochechas como se dissesse “gorda”.

– Acabei de pegar um último caso para organizar. Depois, quem sabe, posso até tirar uma folga.

– Só vou acreditar vendo – zombou Cindy.

Claire e eu assentimos com a cabeça, concordando com ela.

– Ora, vocês podem ter uma surpresa – disse Jill.

– Então, o que você vai fazer? – Claire perguntou para mim quando nos levantamos para ir embora.

– Vou continuar tentando associar as vítimas. Elas terão uma ligação.

Claire continuou olhando para mim.

Estava falando do seu pai.

– Não sei. A hora é péssima, Claire. E logo agora Marty invade minha vida. Se ele quer isenção, pode esperar na fila.

Claire se levantou. E deu um daqueles seus sorrisos maliciosos para mim.

– É obvio que você deve ter alguma sugestão – eu disse.

– Naturalmente. Por que não faz o que normalmente faz em situações de dúvidas e de estresse?

– Que é...?

– Prepare um jantar para o cara.

Naquela tarde Cindy se instalou na frente do seu computador no *Chronicle*, bebendo um refrigerante de laranja e examinando mais uma pesquisa inútil.

Em algum lugar, no mais profundo da sua memória, havia alguma coisa que ela arquivou um dia, uma lembrança incômoda que não conseguia recuperar. *Quimera...* a palavra usada em outro contexto, alguma outra forma que ajudaria no caso.

Ela examinou o CAL, arquivos on-line do *Chronicle* e não encontrou nada. Tinha navegado pelos provedores usuais de busca: Yahoo, Jeeves, Google. Suas antenas zuniam em alta frequência. Como Lindsay, ela sentia que esse monstro fantástico levava a algum lugar diferente dos grupos de ódio. Levava a um indivíduo muito perturbado e inteligente.

Aparece... Ela bufou e bateu com força na tecla ENTER, frustrada. *Eu sei que você está em algum lugar.*

O dia estava quase terminando e ela não tinha conseguido nada. Nem mesmo uma pista para a edição do dia seguinte. Seu editor ia ficar furioso. *Nós temos leitores*, ele resmungaria. *Leitores querem continuidade*. Ela teria de prometer-lhe alguma coisa. Mas o quê? A investigação estava empacada.

Quando finalmente encontrou, estava no Google, vasculhando, cansada, as oito páginas de resultados da pesquisa. E foi como um tapa na cara.

*Quimera... Buraco do Inferno, relato sobre a vida no presídio de Pelican Bay, por Antoine James. Publicação póstuma do sofrimento, das crueldades na prisão, da vida de crimes.*

Pelican Bay... Pelican Bay era onde jogavam os piores dos piores bandidos do sistema prisional da Califórnia. Criminosos violentos que não podiam ser contidos em nenhum outro lugar.

Agora ela lembrou que tinha lido sobre Pelican Bay no *Chronicle*, há uns dois anos, talvez. Foi onde soube de Quimera. Era assim que tudo se encaixava. Era isso que a estava incomodando.

Girou a cadeira para o terminal da CAL numa bancada próxima. Botou os óculos na cabeça e digitou em pesquisa: Antoine James.

Cinco segundos depois apareceu o resultado. Um artigo de 10 de agosto de 1998. Dois anos atrás. Escrito por Deb Meyer escritora do caderno de domingo. Título: *Diário póstumo detalha o mundo de pesadelo da violência atrás das grades.*

Cindy clicou no botão EXIBIR e mais alguns segundos depois apareceu um fac-símile do artigo na tela. Era um artigo de Estilo de Vida no caderno de domingo do jornal. Antoine James, enquanto cumpria uma pena de dez a quinze anos em Pelican Bay por assalto à mão armada, tinha sido esfaqueado e morto numa briga dentro do presídio. Ele mantinha um diário em que descrevia com detalhes a história perturbadora da vida lá dentro, alegando delações forçadas, ataques racistas, espancamento pelos guardas e perpétua violência de gangues.

Ela imprimiu o artigo, desligou o CAL e rodou a cadeira de volta para sua mesa. Chegou o corpo para trás no encosto e pôs os pés sobre uma pilha de livros. Leu a página rapidamente.

“A partir do momento em que nos processam e entramos por aquelas portas, a vida em Pelican Bay é uma constante guerra de intimidação por parte dos guardas e de violência das gangues”, escreveu James num caderno de capa preta. “As gangues dão status, dignidade e proteção também, para os presidiários. Todos participam e o grupo ao qual cada um pertence controla quem somos e o que esperamos de nós.”

Os olhos de Cindy desceram para a parte final do artigo. O presídio era um ninho de cobras de gangues e retaliações. Os negros tinham os Bloods e os Daggers, além dos Muçulmanos. Os



latinos tinham os Nortenos com suas bandanas vermelhas e os Serranos, de azul, além da Máfia Mexicana e Los Eme. Entre os brancos havia os Guineas e os Bikers e alguns merdas do lixo branco chamados de Stinky Toilet People (*povo da latrina fétida*). E os Arianos, supremacistas.

“Alguns grupos eram ultrasecretos”, escreveu James. “Se conseguisse entrar em um desses, ninguém mais encostava em você.

“Um desses grupos de brancos era especialmente perverso. Todos os caras com penas máximas, cumprindo suas sentenças por crimes violentos. Abriam a barriga de um irmão só para apostar o que ele tinha comido.”

Cindy parou na frase seguinte e sentiu uma onda de adrenalina invadir seu corpo.

James deu o nome do grupo: *Quimera*.

Acabara de dar o dia como encerrado, pois não aparecera mais nada sobre as quatro vítimas e o giz branco continuava um mistério, quando recebi o telefonema de Cindy.

– O prédio aí continua sob lei marcial? – ela brincou, referindo-se à moratória do prefeito quanto à imprensa.

– Pode acreditar que aqui do lado de dentro não é nenhum piquenique.

– Quer vir me encontrar? Tenho uma coisa para você.

– Claro. Onde?

– Espie pela janela. Estou aqui fora.

Olhei pela janela e vi Cindy encostada num carro, na frente do prédio da prefeitura. Eram quase sete horas da noite. Arrumei minha mesa, dei um rápido boa noite a Lorraine e Chin e saí discretamente pela porta dos fundos. Atravessei a rua correndo e fui ao encontro de Cindy. Ela usava uma saia curta e jaqueta jeans bordada, com uma mochila cáqui desbotada pendurada no ombro.

– Ensaio do coro? – perguntei piscando.

– Olha quem fala. A próxima vez que a vir com o uniforme da SWAT vou imaginar que tem encontro com seu pai.

– Por falar no Marty, liguei para ele. Convidei para vir jantar amanhã. Então, Garganta Profunda, o que é tão importante para vir me encontrar aqui?

– Boa notícia, má notícia – disse Cindy.

Ela pegou a mochila e tirou um envelope grande.

– Acho que encontrei, Lindsay.

Cindy me entregou o envelope e eu abri. Era um artigo do Chronicle datado de dois anos antes, sobre um diário da prisão, Buraco do Inferno, por alguém chamado Antoine James. Alguns parágrafos estavam destacados em amarelo. Comecei a ler.

*“Arianos... piores que os arianos. Todos sentenciados à pena máxima. Brancos, cruéis e cheios de ódio. Não sabemos quem eles odiavam mais, se nós, a ‘turba’ com quem tinham de dividir as refeições, ou a polícia e os guardas que os puseram lá.*

*“Esses filhos da mãe adotaram um nome para o grupo. Eles se chamavam de Quimera...”*

Meus olhos se fixaram na palavra.

– São animais, Lindsay. Os piores vândalos dentro do sistema penal. Até se comprometem a levar a cabo as execuções uns dos outros aqui fora.

“Essa é a boa notícia”, disse ela. “A má notícia é que é na Pelican Bay.”

Na anatomia do sistema presidiário estadual da Califórnia, Pelican Bay era o lugar *onde o sol não brilhava mesmo*.

No dia seguinte, chamei Jacobi e requisitei um helicóptero da polícia para o vôo de uma hora subindo a costa até Crescent City, perto da fronteira com o Oregon. Estivera duas vezes no Pelican Bay, para encontrar um delator de um caso de assassinato e para assistir a uma audiência de pedido de livramento condicional para alguém que eu tinha prendido. Todas as vezes que sobrevoei a densa floresta que cercava o presídio, fiquei com um buraco no estômago.

Se você é agente da lei, especialmente mulher, aquele é o tipo de lugar para onde não vai querer ir. Há uma placa, quando passamos pelo portão da frente, que avisa que se for feito refém estará por sua conta. *Nada de negociações*.

Eu tinha combinado de encontrar o assistente do diretor, Roland Estes, na sede administrativa. Ele nos deixou esperando lá alguns minutos. Apareceu todo empertigado, alto e muito sério, de cara amarrada e olhos azuis desconfiados. Era aquela desconfiança de punhos cerrados que vem de anos vivendo sob a mais rígida disciplina.

– Perdoem-me o atraso – ele disse e sentou atrás de sua grande mesa de carvalho. – Tivemos um problema no bloco O. Um dos nossos residentes Nortenos esfaqueou um rival no pescoço.

– Como conseguiu a faca? – perguntou Jacobi.

– Não há facas. – Estes deu um pequeno sorriso. – Ele usou o cabo lixado de uma enxada de jardinagem.

Eu não queria o emprego de Estes nem por um milésimo de segundo, mas também não gostava da reputação que aquele lugar tinha de espancamentos, intimidação e do lema “Delação, Condicional ou Morte”.

– Bem, você disse que isso tinha relação com o assassinato do chefe Mercer, tenente?

O diretor inclinou o corpo para a frente.

Fiz que sim com a cabeça e peguei um arquivo do caso na minha bolsa.

– Com uma possível série de assassinatos. Estou interessada no que você possa saber sobre uma gangue aqui do presídio.

Estes deu de ombros.

– A maioria desses prisioneiros atua em gangues desde os dez anos. Vai ver que todo território ou domínio de gangue que existe em Oakland, ou no leste de Los Angeles, existe aqui.

– Essa gangue específica se chama Quimera – eu disse.

Estes não demonstrou surpresa imediata.

– Já começou com peixe grande, hein, tenente? E o que é que quer saber?

– Quero saber se esses assassinatos levam a esses homens da Quimera. Quero saber se eles são tão cruéis como dizem. E quero saber os nomes de quaisquer membros mais destacados que agora estão soltos.

– A resposta para todas essas perguntas é sim. – Estes meneou a cabeça indiferente. – E uma espécie de prova de fogo. Presidiários que resistem ao pior que temos a oferecer. Os que estiverem em celas de segurança máxima, no isolamento, por um bom tempo. Eles são promovidos por isso e têm direito a certos privilégios.

– Privilégios?

– Liberdade. Como a definimos aqui. Livres de serem interrogados. Livres de serem delatados.

– Gostaria de ver uma lista de todos os membros dessa gangue que estão em condicional.

O diretor sorriu.

Não são muitos que conseguem liberdade condicional. Alguns são transferidos para outros presídios. Suspeito que há crias da Quimera em todas as prisões de segurança máxima do estado. E não temos um arquivo de acompanhamento de quem está dentro e quem não está. A questão é mais de quem senta ao lado do Grande Filho da Puta no refeitório.

– Mas você sabe, não sabe? Você sabe quem é dessa gangue.

– Nós sabemos – Estes admitiu.

Ele se levantou como se nossa entrevista tivesse acabado.

– Vai demorar um pouco. Parte disso tem de passar por consultas. Mas vou ver o que posso fazer.

– Já que estou aqui, posso aproveitar para conhecer o cara.

– Quem, tenente?

– O Grande Filho da Puta. O chefe da Quimera.

Estes olhou sério para mim.

– Sinto muito, tenente, mas ninguém faz isso. Ninguém entra na Piscina.

Olhei bem nos olhos de Estes.

– Quer que eu volte com um mandado estadual para isso? Ouça, nosso chefe de polícia está morto. Todos os políticos desse estado querem que esse cara seja preso. Tenho apoio para tudo. Você já sabe disso. Traga o filho da mãe.

O rosto tenso do diretor da prisão relaxou.

– A casa é sua, tenente. Mas ele não sai. Você vai até ele. Estes pegou o telefone e discou um número. Depois de uma pausa, ele resmungou agressivo:

– Prepare o Weisz. Ele tem visita. É uma mulher.

Passamos por um longo corredor subterrâneo, acompanhados por Estes e por um guarda brutamontes portando um cassetete, chamado O'Koren.

Quando chegamos a uma escada onde havia escrito SHU-C (Special Housing Unit – cela especial), o diretor subiu conosco, acenou para uma tela e segurança, depois passamos por uma pesada porta de ar comprimido que dava para o pavilhão ultramoderno do presídio.

No caminho, ele foi dando as informações.

– Como a maioria dos nossos detentos, Weisz veio de outra prisão, de Folsom. Era o líder da Irmandade Ariana lá, até estrangular um guarda negro. Está isolado aqui há dezoito meses para o corredor da morte neste estado, não há nada mais que possamos fazer com ele.

Jacobi se aproximou e cochichou:

– Tem certeza do que está fazendo aqui, Lindsay?

Eu não tinha. Meu coração já estava galopando e o suor de nervoso desapontara nas palmas das mãos.

– Foi por isso que trouxe você comigo.

– É – resmungou Jacobi.

A unidade de isolamento de Pelican Bay era diferente de qualquer coisa que eu já vira. Tudo era pintado de um branco opaco e estéril. Os guardas corpulentos, de uniforme cáqui, de ambos os sexos, mas todos igualmente brancos ocupavam seus postos de comando atrás de janelas envidraçadas.

Câmeras de monitoramento e segurança por toda parte. Toda parte mesmo. A unidade era configurada como uma vagem com dez celas e suas portas de ar comprimido hermeticamente fechadas.

O diretor Estes parou diante de uma porta de metal com uma grande janela.

– Bem vindos ao ponto zero da raça humana – ele disse.

Um guarda ais velho, musculoso e já ficando careca, segurando um visor facial e uma arma que provocava choque de alta voltagem, parecida com uma Uzi, apareceu.

– Weisz teve de ser extraído, diretor. Acho que vai precisar de alguns minutos para se soltar.

Olhei para Estes e perguntei:

– Extraído?

Estes fungou.

– É de se imaginar que depois de isolado dois meses ele ficaria feliz de sair. Só para que saiba o que vem depois, Weisz não quis cooperar. Tivemos de enviar uma equipe até lá para embelezá-lo para vocês.

Ele apontou para a janela.

– Lá está o seu homem...

Fui para a frente da porta maciça fechada por pressão. Preso a uma cadeira de metal, acorrentado pelo pés e com os pulsos algemados para trás, estava curvado um homem grandalhão e ele tinha um cavanhaque ralo e mal aparado. Usava um macacão cor de laranja de mangas curtas, aberto no peito, que revelava elaboradas tatuagens cobrindo os braços bombados e o peito.

O diretor disse.

– Haverá um guarda lá dentro com você, e você serão monitorados o tempo todo. Fique longe dele. Não se aproxime a menos de um metro e meio. Se ele virar apenas o queixo na sua direção, será imobilizado.

– O cara está preso e acorrentado – eu disse.

– Esse filho da mãe mastiga correntes – disse Estes. – Pode acreditar.

– Tem alguma coisa que posso prometer para ele?

– Tem. – Estes deu um sorriso debochado. – Uma boa refeição. Está pronta?

Pisquei para Jacobi, que arregalou os olhos avisando para eu ter cuidado. Meu coração quase parou, como um alvo móvel explodindo no céu.

– Bom voyage – resmungou Estes.

Ele então sinalizou para a cabine de controle. Ouvi o suspiro típico da pesada porta comprimida destrancada.

Entre na cela branca e nua. Estava completamente vazia a não ser por uma mesa de metal e quatro cadeiras, todas pregadas no chão, e duas câmeras de segurança bem altas nas paredes. Num canto havia um guarda chuva silencioso, de cara amarrada, segurando uma arma de choque.

Weisz mal notou a minha entrada. Suas pernas estavam presas e as mãos bem algemadas atrás da cadeira. Os olhos pareciam de aço, desumanos.

– Sou a tenente Lindsay Boxer – eu disse quando parei a cerca de um metro e meio dele.

Weisz não disse nada, só virou os olhos na minha direção. Riscos estreitos e quase fosforescentes.

– Preciso conversar com você sobre alguns assassinatos que aconteceram recentemente. Não posso prometer muito. Espero que você ouça o que tenho a dizer. E que talvez me ajude.

– Chupa meu pau. – Ele cuspiu, com a voz rouca.

O guarda deu um passo para frente e Weisz ficou tenso como se tivesse recebido uma descarga elétrica da pistola. Levantei a mão para o guarda parar.

– Você pode saber algumas coisas sobre eles – continuei, sentindo um arrepio percorrer minha espinha. – Só quero saber se eles têm algum sentido para você. Essas matanças...

Weisz olhou para mim com curiosidade, provavelmente tentando avaliar se poderia obter alguma vantagem com aquilo.

– Quem morreu?

– Quatro pessoas. Dois policiais. Um era meu chefe da polícia. Uma viúva e uma menina de onze anos. Todos negros.

Um sorriso divertido instalou-se no rosto de Weisz.

– Caso não tenha notado, senhora, meu álibi é incontestável.

– Espero que você talvez saiba alguma coisa sobre eles.

– Por que eu?

Do bolso da minha jaqueta, tirei as duas mesmas fotos da quimera que tinha mostrado para Estes e pus na frente do rosto dele.

– O assassino andou deixando essas figuras nas cenas dos crimes. Creio que você sabe o que significa.

Weisz sorriu de orelha a orelha.

– Não sei para que veio até aqui, mas você nem pode imaginar como isso aquece meu coração;

– O matador é um *quimera*, Weisz. Se você cooperar, pode receber de volta alguns privilégios. Eles sempre podem tirá-lo desse buraco e mudar para outro lugar.

– Nós dois sabemos que jamais sairei desse buraco.

– Tem sempre alguma coisa, Weisz. Todo mundo quer alguma coisa.

– Tem uma coisa sim – ele acabou dizendo. – Chegue mais perto.

Fiquei toda tensa.

– Não posso. Você sabe disso.

– Você tem um espelho, não tem?

Fiz que sim com a cabeça. Tinha um espelhinho de maquiagem na minha bolsa.

– Ponha na minha frente.

Olhei para o guarda. Ele moveu a cabeça com um “não” firme.

Weisz olhou nos meus olhos pela primeira vez.

– Aponte o espelho para mim. Não me vejo há mais de um ano. Até as ferragens do chuveiro são tornadas opacas aqui para não podermos ver o reflexo. Esses filhos da mãe só querem que a gente esqueça quem era. Eu quero ver.

O guarda se adiantou.

– Você sabe que isso é impossível, Weisz.

– Vai se foder, Labont.

Weisz olhou furioso para as câmeras.

– Vai se foder você também, Estes.

Então ele virou para mim de novo.

– Eles não mandaram você para cá com muita capacidade de negociação, não é?

– Disseram que eu podia levá-lo para uma Refeição Feliz – eu disse, sorrindo um pouco.

– Só você e eu, hein?

Olhei para o guarda.

– E ele.

O cavanhaque de Weisz se dividiu num sorriso.

– Esses filhos da mãe sabem como estragar tudo.

Fiquei ali parada e muito nervosa. Não ri. Não queria demonstrar nem um pinga de empatia por ele.

Mas senti à mesa na frente de Weisz. Mexi na bolsa e tirei dela um pó compacto. Esperava que a qualquer minuto uma voz berrasse no intercomunicador, ou que o guarda cara dura saísse correndo e lançasse o estojo longe com um tapa. Para meu espanto, ninguém interferiu. Abri o estojo de pó, olhei para Weisz e virei o espelho para ele.

Não sei qual era a aparência dele antes, mas agora era uma visão horrenda. Olhou fixo para ele mesmo, de olhos arregalados, enquanto a ficha da verdade de seu rígido confinamento caía. Fixou os olhos no espelho como se fosse a última coisa que aconteceria no mundo. Então, olhou para mim e deu um largo sorriso.

– Não é grande coisa para continuar, para aquele boquete, não é?

Não sei por quê, mas o fato é que dei para ele um sorriso a contragosto.

Então ele torceu o pescoço para olhar para as câmeras.

– Vai se foder, Estes – rugiu ele. – Está vendo? Eu continuo lá. Você tenta me apertar para me neutralizar, mas eu continuo lá. O ajuste de contas prossegue, mesmo sem mim. Quimera, neném... Glória à mão imaculada que cala a ralé e as turbas.

– Quem faria isso? – insisti. – Me diga, Weisz.

Eu sabia. Eu sabia que ele sabia. Alguém com quem ele tinha dividido a cela. Alguém para quem tinha contado e de quem tinha ouvido histórias num pátio de prisão.

– Ajude-me Weisz. Alguém que você conhece está matando essas pessoas. Você não tem mais nada a ganhar.

Os olhos dele faiscaram com uma fúria súbita.

– Pensa que dou a mínima para seus crioulos mortos? Seus policiais mortos? De qualquer modo, o estado em revê vai juntar todos. E botar todos em chiqueiros. Uma putinha negra de doze anos, alguns micos fantasiados de policiais. Queria que fosse o meu dedo naquele gatilho. Não importa o que eu diga para você, nós dois sabemos que jamais terei nem uma segunda refeição desses filhos da mãe. Assim que você for embora, Labont vai me dar um choque de qualquer jeito. Tenho mais chance de conseguir que você chupe meu pau.

Balancei a cabeça, levantei e fui indo para a porta.

– Talvez um dos seus próprios babacas tenha recobrado o juízo – ele berrou, com um sorriso



debochado. – Deve ter sido isso, um trabalhinho interno.

Um tremor de raiva me queimou por dentro. Weisz era um animal. Não havia nem uma grama de humanidade nele. Tudo que eu queria fazer era bater a porta na cara dele.

– Eu dei uma coisa para você sim, mesmo que apenas por um segundo – eu disse.

– E não tenha tanta certeza de que não recebeu alguma coisa em troca. Vocês não vão pegá-lo nunca. Ele é Quimera...

Weisz abaixou a cabeça até encostar o queixo no peito, apontando para uma tatuagem que ficava bem alta no ombro. Só deu para eu ver o rabo de serpente.

– Nós agüentamos tudo que vocês inventaram, senhora policial. Olhe para mim... Eles me enfiaram nesse buraco infernal, fazem com que eu coma minha própria merda, mas ainda posso vencer.

De repente ele começou a gritar furioso de novo, e se contorcia todo.

– A vitória virá no final. A graça de Deus é a raça branca. Vida longa à Quimera...

Eu me afastei dele e Weisz virou de novo, desafiador.

– E aquela Refeição Feliz, vaca?

Quando cheguei à porta ouvi um estalo seguido de um grunhido engasgado, dei meia-volta e vi o guarda descarregar mil watts no peito agitado de Weisz.

Voltamos para a cidade com alguns nomes, cortesia de Estes. Recém saídos da prisão em liberdade condicional, supostamente membros da Quimera. De volta à delegacia, Jacobi dividiu a lista entre Cappy e Chin.

– Vou começar a chamar alguns policiais – ele disse. – Quer vir comigo?

Balancei a cabeça.

– Preciso sair cedo, Warren.

– Qual é? Não diga que você tem um encontro?

– Ah é.... – respondi.

Sem dúvida meu rosto se iluminou com um sorriso incrédulo.

– Tenho um encontro.

A campanha lá embaixo soou por volta das sete horas.

Quando abri a porta, meu pai estava espiando atrás de uma máscara de catcher de beisebol, com as mãos estendidas em pose defensiva.

– Amigos...? – ele perguntou, com um sorriso arrependido.

– Jantar... – Sorri sem querer. – É o melhor que posso fazer.

– Já é um começo – ele disse e entrou.

Meu pai tinha se arrumado todo. Usava um paletó esporte marrom, calça social e uma camisa branca desabotoada no pescoço. Deu-me uma garrafa de vinho embrulhada em papel.

– Não precisava – eu disse quando desembulhei o vinho e então engasguei surpresa ao ler o rótulo.

Era um Bordeaux premier cru, Chateau Latour, ano 1965.

Olhei para ele. Mil novecentos e sessenta e cinco era o ano do meu nascimento.

– Comprei um ano depois que você nasceu. Foi praticamente a única coisa que levei quando fui embora. Sempre achei que íamos bebê-lo quando você se formasse, ou algo assim, talvez no seu casamento.

– Você guardou todos esses anos. – Balancei a cabeça.

Ele sacudiu os ombros.

– Como eu disse, comprei para você. De qualquer forma, Lindsay, não há nada que eu prefira fazer do que bebê-lo aqui, esta noite.

Uma sensação boa cresceu dentro de mim.

– Está tornando difícil continuar a odiá-lo completamente.

– Não me odeie, Lindsay. – Ele jogou a máscara de catcher para mim. – Isso não cabe. Nunca mais quero ter de usá-la

Levei-o para a sala, servi uma cerveja e sentei. Eu estava com um suéter cor de vinho de Eileen Fishere com cabelo preso num rabo de cavalo. Os olhos dele pareciam faiscar olhando para mim.

– Você está deslumbrando, flor – disse meu pai.

Fiz uma careta e ele sorriu.

– Não posso fazer nada, está mesmo.

Conversamos um tempo, Martha deitou ao lado dele como se fosse um velho amigo. Falamos de coisas triviais, coisas que conhecíamos. Quem ainda sobrava dos seus velhos companheiros na polícia. De Cat e da filhinha dela que ele ainda não vira. Se Jerry Rice ia parar de jogar. Evitamos falar de Mercer e do caso.

Como se estivesse vendo alguém pela primeira vez, achei meu pai diferente do que eu

imaginava. Não era fanfarrão, não ficava se vangloriando, cheio de histórias como eu lembrava, era humilde e reservado. Quase contrito. E ainda tinha seu senso de humor.

– Quero te mostrar uma coisa – eu disse.

Fui até o armário do corredor e voltei com a jaqueta de beisebol de cetim dos Giants que ele havia me dado mais de vinte e cinco anos atrás. Tinha bordado o número 24 e o nome Mays na frente.

Papai arregalou os olhos, surpreso.

– Tinha me esquecido disso. Consegui com o gerente de equipamento em 1968.

Ele segurou a jaqueta na frente dele e ficou olhando um bom tempo, como se fosse uma antiga relíquia que tornava o passado vivo de novo e de repente.

– Você tem idéia do que isso deve valer hoje em dia?

– Sempre chamei essa casaco de minha herança – eu disse para ele.

Fiz um salmão grelhado com molho de gengibre e missô, arroz frito com pimentões, alho-porro e ervilhas. Lembrei que meu pai gostava de comida chinesa. Abrimos o Latour 65. Era um vinho de sonho, sedoso e precioso. Sentamos na saleta com vista para a baía. Meu pai disse que era a melhor garrafa de vinho que já tinha provado.

A conversa aos poucos foi indo para assuntos mais pessoais. Ele perguntou com que tipo de homem eu tinha me casado, e eu admiti que, infelizmente, era alguém como ele. Papai perguntou se sentia raiva dele e eu tive de dizer a verdade.

– Sinto. Muita, pai.

Aos poucos, chegamos até a falar sobre o caso. Contei a ele como estava difícil resolver, que eu me recriminava de não conseguir encontrar uma brecha para a investigação ser produtiva. Que eu tinha certeza de que era um assassino em série, com quatro assassinatos no caso, mas que ainda não tinha nada.

Conversamos mais três horas, até depois das onze, de esvaziar a garrafa de vinho e de Martha dormir aos pés dele. De vez em quando, tinha de me lembrar que estava conversando com meu próprio pai. Que estava sentada diante dele pela primeira vez na minha vida adulta. E bem devagar eu comecei a entender. Ele era apenas um homem que havia cometido Eros, e que tinha sido punido por eles. Não era mais alguém que eu podia condenar cegamente, nem odiar. Ele não tinha matado ninguém. Ele não era Quimera. Pelos padrões com que eu lidava, seus pecados eram perdoáveis.

Com o passar do tempo, não pude mais engolir a pergunta que quis fazer naqueles anos todos.

– Preciso da sua resposta sobre uma coisa. Por que nos deixou?

Ele bebeu um gole de vinho e recostou no sofá. Os olhos azuis pareciam muito tristes.

– Nada que eu diga vai fazer sentido para você. Não agora... Você é uma mulher adulta. Está na polícia. Você sabe como as coisas podem ficar. Sua mãe e eu... Digamos apenas que nunca combinamos muito, nem para a velha escola. Eu tinha desperdiçado a maior parte do que tínhamos jogando. Tinha muitas dívidas, pegava dinheiro emprestado na rua. Isso não é exatamente condizente com um policial. Fiz muitas coisas das quais não me orgulhava... como homem e como policial.

Notei que as mãos dele tremiam.

– Você sabe que as vezes as pessoas cometem um crime pelo simples fato de as coisas ficarem tão ruins que, uma por uma, todas as opções vão desaparecendo, e elas não são capazes de fazer outra coisa, não sabe? Foi assim comigo. As dívidas, o que acontecia no trabalho... não vi outra opção. Simplesmente fui embora. Sei que é um pouco tarde para dizer isso, as me arrependi e lamentei isso todos os dias da minha vida.

– E quando mamãe ficou doente?

– Senti muito quando ela adoeceu. Mas, àquela altura, eu já tinha uma nova vida e ninguém deu a entender que eu seria bem-vido se voltasse. Achei que ia magoá-la mais do que ajudar.

– O que sei é que mamãe sempre dizia que você era um mentiroso patológico.

– Isso é verdade, Lindsay – disse meu pai.

Gostei do jeito que ele admitiu. O fato era que eu estava gostando do meu pai.

Tive de me levantar, mudar de marcha. Comecei a levar os pratos para a cozinha. Não parava de suspirar. Senti que ia chorar. Meu pai tinha voltado e eu começava a perceber que a saudade dele era enorme. De um jeito meio louco, ainda queria ser a menina dele.

Meu pai ajudou com os pratos. Passei um água e ele pois no lava-louças. Ele quase não falou.

Meu corpo inteiro vibrava.

Quando terminamos com os pratos, nós simplesmente nos sintonizamos e olhamos um para o outro.

– Onde você está morando? – perguntei.

– Com um ex-policia! amigo meu, Ron Fazio. Ele era sargento na Sunset. Cedeu seu sofá para mim.

Lavei a panela de macarrão.

– Eu tenho um sofá – eu disse.

Passamos o dia seguinte inteiro examinando a lista de nomes que o diretor Estes e seu pessoal tinha nos dado. Dois foram eliminados imediatamente. Uma verificação no computador indicou que tinham sido reabsorvidos pelo sistema penal da Califórnia e que no momento residiam em outras instituições.

Algo que Weisz dissera na véspera tinha ficado na minha cabeça.

“Eu lhe dei uma coisa”, eu disse, enquanto o condenado gritava sobre a raça branca.

“Eu lhe dei algo em troca”, ele respondeu. Eu não parava de pensar naquelas palavras. Primeiro lembrei às duas da madrugada, e voltei a dormir. Elas me acompanharam na ida para o trabalho, de manhã. E continuavam lá agora.

Eu lhe dei algo em troca...

Tirei os sapatos e espiei pela janela a rampa da auto estrada que começava a ficar congestionada com o tráfego. Tentei lembrar meu encontro com Weisz.

Ele era um animal que nunca teve a chance de ver a luz do dia. Mesmo assim, eu sentia que quase tive um momento com ele, algum laço. Tudo que ele queria naquele buraco do inferno era ver sua imagem. Eu lhe dei algo em troca.

O que foi que ele me deu?

“Você pensa que dou a mínima para seus crioulos mortos?”, ele destilou. “Vida longa à Quimera”, berrou ele quando deram o choque...

Então minha mente encontrou uma pista.

“Talvez um dos seus próprios babacas tenha recobrado o juízo. Deve ter sido isso, um trabalhinho interno.”

Eu não sabia se estava ficando louca ou o quê. Será que estava apelando para uma coisa que não existia? Será que Weisz estava me dizendo alguma coisa pela qual ele jamais poderia ser responsabilizado?

Um trabalhinho interno...

Liguei para a Pelican Bay para falar com Estes.

– Algum dos seus prisioneiros já foi ex-policia? – perguntei.

– Policial...? – perguntou o diretor.

– É.

Expliquei a ele por que queria saber.

– Desculpe o meu francês – retrucou Estes -, mas Weisz estava fodendo com você. Queria entrar na sua cabeça. O filho da mãe odeia policiais.

– Não respondeu à minha pergunta, diretor.

– Policial...? – Estes grunhiu com desprezo. – Tivemos um mau inspetor da narcóticos de Los Angeles, Bellacora. Alvejou três dos seus informantes. Mas foi transferido daqui. Até onde sei, ele ainda está em Fresno.

Lembrei-me de ter lido sobre o caso Bellacora. Era tão sujo e tão baixo como só a polícia podia chegar.

– Tivemos um inspetor da alfândega, Benes, que tinha um negócio paralelo de tráfico de drogas no Aeroporto de San Diego.

– Mais alguém?

– Não, nos meus seis anos, não.

– E antes disso, Estes?

Ele grunhiu de novo, com impaciência.

– Até que data quer que eu vá, tenente?

– Há quanto tempo Weisz está aí?

– Doze anos.

– Então é essa a data que eu quero.

Ficou claro que o diretor do presídio pensava que eu era louca. Ele desligou dizendo que teria de ligar de volta depois.

Larguei o telefone. Aquilo era muito doido mesmo... confiar de qualquer forma em Weisz. Ele odiava policiais. Eu era uma policial. E devia odiar mulheres também.

De repente, Karen, minha secretária, entrou na sala. Parecia assustada.

– A assistente de Jill Bernhardt acabou de ligar. A Sra. Bernhardt está passando mal.

– Passando mal?

Karen fez que sim com a cabeça.

– Ela está perdendo sangue. Lá em cima. Precisa de você lá agora.

Saí correndo pelo corredor, peguei o elevador e fui para a sala de Jill. Quando entrei, ela estava deitada no sofá.

Uma equipe de técnicos legistas, que felizmente se encontrava no necrotério, já está lá. Vi toalhas ensanguentadas, por baixo da saia azul marinho de Jill. O rosto dela estava virado para o outro lado, mas parecia cinza, aflito e com muito medo, como nunca vi. Num segundo, ficou claro o que tinha acontecido.

– Ai, Jill... – eu disse, e me ajoelhei ao lado dela. – Ah, minha querida, eu estou aqui.

Ela sorriu ao me ver, um pouco desconfiada e assustada. Seus olhos azuis normalmente lípidos refletiam a cor de um céu cinzento.

– Eu o perdi, Lindsay – ela disse. – Devia ter parado de trabalhar. Devia ter seguido o conselho dos médicos. O seu. Achei que queria o bebe mais do que tudo, mas talvez não fosse bem assim. Eu o perdi.

– Ah, Jill. – Segurei a mão dela. – Não foi você. Não diga isso. Isso foi uma questão médica. Havia uma chance de acontecer. Você sabia desde o começo. Havia sempre esse risco.

– Fui eu, Lindsay. – De repente os olhos dela se encheram de lágrimas. – Acho que não queria tanto o bebê quanto devia.

Uma paramédica pediu para eu me agastar para aplicar uma intravenosa e conectar Jill a um monitor. Morri de pena dela. Era sempre tão forte e independente. Mas eu tinha visto uma transformação. Ela queria muito aquele bebê. Não merecia aquilo.

– Onde está o Steve, Jill? – Inclinei-me para falar com ela. Ela suspirou.

– Em Denver. Abril já falou com ele. Está voltando para cá. De repente, Claire apareceu na sala.

– Vim assim que soube – ela disse.

Claire olhou preocupada para mim, depois perguntou para a paramédica:

– O que tem aí?

A técnica disse que Jill estava com os sinais bons, mas que tinha perdido muito sangue. Quando Claire mencionou o bebê, a médica balançou a cabeça.

– Ah, meu amor – disse Claire segurando a mão de Jill e ajoelhando no chão. – Como está se sentindo?

As lágrimas rolavam pelo rosto de Jill.

– Oh, Claire, eu perdi. Perdi meu bebê.

Claire afastou um cacho de cabelo molhado de suor da testa de Jill.

– Você vai ficar boa. Não se preocupe. Vamos cuidar muito bem de você.

– Temos de levá-la agora – disse a paramédica. – Já chamamos a ginecologista dela. Está nos esperando no Cal Pacific.

– Vamos com você – eu disse. – Estaremos com você o tempo todo.

Jill deu um sorriso forçado e depois ficou tensa.

– Eles vão induzir o parto, não vão?

– Acho que não – respondeu Claire.

– Eu sei que vão – disse Jill, balançando a cabeça.

Ela era mais determinada do que qualquer pessoa que eu conhecia, mas a verdade assustadora que se formava no olhar era uma coisa que eu lembraria pelo resto da vida.

A porta abriu e outro técnico de medicina forense entrou empurrando uma maca.

– É hora de ir – disse a mulher que estava cuidando de Jill.



Cheguei mais perto e disse:

– Estaremos com você.

– Não me deixem – ela disse e segurou minha mão.

– Você não vai se livrar de nós assim tão fácil.

– Garotas dos Homicídios, certo? – murmurou Jill com um sorriso tenso.

Puseram-na na maca. Claire e eu ajudamos. Uma toalha ensangüentada caiu no chão do escritório impecável.

– Vai ser um menino – sussurrou Jill, dando um suspiro triste. – Eu queria um menino. Acho que agora posso admitir isso.

Pus as mãos dela sobre as pernas gentilmente.

– Eu só não quis o bastante – disse Jill, que finalmente começou a soluçar e não conseguia mais parar.

Fomos juntos com Jill na parte de trás da ambulância do necrotério até o hospital, corremos ao lado da maca quando a levaram para a ala de obstetrícia e ficamos esperando enquanto os médicos tentavam salvar a criança.

Quando a levaram para a sala de parto, ela agarrou minha mão.

– Parece que eles sempre ganham – ela murmurou. – Não importa quantos desses filhos da mãe você prende, eles sempre dão um jeito de vencer.

Cindy tinha ocorrido também e nós três ficamos lá esperando para ver Jill. Umás duas horas depois o marido dela, Steve, chegou afobado. Trocamos alguns abraços sem graça e parte de mim queria dizer para ele: não entende que esse bebê era para você? Quando a médica saiu, deixamos os dois sozinhos.

Jill tinha razão. Havia perdido o bebê. Chamaram de ruptura da placenta, piorada pelo estresse do trabalho. A única boa notícia era que o feto foi removido cirurgicamente. Jill não teve que parir.

Depois, Claire, Cindy e eu saímos em fila do hospital para a rua Califórnia. Ninguém queria ir para casa. Havia um restaurante japonês ali perto, que Cindy conhecia. Fomos para lá e ficamos bebendo cerveja e saquê.

Era difícil aceitar que Jill, incansável no trabalho, que escalava rochas do deserto do Moab e pedalava sua bicicleta no terreno acidentado de Sedona, tivesse a maternidade negada duas vezes.

– A pobrezinha é dura demais com ela mesma. – Suspirou Claire, aquecendo as mãos com o copo de saquê. – Nós todas dissemos que ela devia desacelerar.

– Jill não tem essa marcha – disse Cindy.

Peguei um rolinho Califórnia e fiquei rolando e rolando no molho.

– Ela engravidou para agradar ao Steve. Dava para ver em seu rosto. Ela mantém aqueles horários impossíveis. Não desiste de nada. E ele fica correndo pelo país todo, seduzindo banqueiros de investimentos.

– Ela o ama – protestou Cindy. – Os dois são uma equipe.

– Não são equipe nenhuma, Cindy. Claire e Edmund são uma equipe. Aqueles dois vivem dentro de uma corrida.

– É verdade – concordou Claire. – Aquela menina sempre tem de ser a número um. Ela não pode falhar.

– E qual de nós aqui não é assim? – perguntou Cindy.

Ela olhou em volta. Esperou.

Houve um prolongado momento de silêncio. Nós nos entreolhamos com sorrisos amarelos.

– Mas vai mais fundo do que isso – eu disse. Jill é diferente. Ela é muito durona, mas, em seu coração, sente-se sozinha. Qualquer uma de nós poderia estar onde ela está agora. Não somos invencíveis. Exceto você, Claire. Você tem esse mecanismo que simplesmente mantém tudo em ordem, você, Edmund e seus filhos, como aquele maldito coelho do anúncio da pilha, funcionando sem parar.

Claire sorriu.

– Alguém tem de ser o equilíbrio por aqui. Você esteve com seu pai ontem à noite, não esteve?

Fiz que sim com a cabeça.

– Acho que correu tudo bem. Conversamos, desabafamos um pouco.

– Sem briga? – perguntou Cindy.

– Sem briga. – Sorri. – Quando abri a porta, ele estava de máscara de catcher. Estou falando sério.

Claire e Cindy deram risada.

– Ele levou uma garrafa de vinho para mim. Fino, francês, premier cru. Mil novecentos e sessenta e cinco. Comprou no ano em que nasci. Guardou todo esse tempo. O que acham disso? Ele nunca nem soube se ia me ver outra vez.

– Ele sabia que ia vê-la de novo, sim – disse Claire sorrindo.

Ela bebeu um gole de saquê.

– Você é a linda filha dele. Ele ama você.

– E como foi que vocês ficaram, Lindsay? – perguntou Cindy.

– Acho que posso dizer que vamos nos ver de novo. Na verdade, eu disse que ele podia ficar lá em casa um tempo.

Cindy e Claire piscaram, incrédulas.

– Nós dissemos para você se soltar e encontrar com ele, Lindsay – debochou Cindy. – Não para dividir seu aluguel.

– Nem sei como explicar. Ele estava acampado no sofá de alguém. Pareceu a coisa certa a fazer.

– E é, querida. – Claire sorriu. – Um brinde a você.

– Nada disso. – Balancei a cabeça. – Um brinde para Jill.

– É, um brinde para Jill – disse Cindy, levantando o copo de cerveja.

Todas nós brindamos. Depois, ficamos em silêncio um minuto ou dois.

– Não é para mudar de assunto – disse Cindy –, mas não quer nos contar como está o caso?

Fiz que sim com a cabeça.

– Estamos examinando os nomes da Quimera que o diretor Estes nos deu. Mas hoje montei uma nova teoria.

– Nova teoria? – Cindy franziu a testa.

– É. Olhem só, esse cara é um atirador treinado. Não cometeu nenhum erro. Esteve sempre um passo adiante de nós em cada movimento. Ele sabe como nós trabalhamos.

Cindy e Claire prestavam atenção. Não disseram nada. Conte para elas o que Weisz tinha dito para mim. Um trabalhinho interno...

– E se Quimera não é um assassino racista e louco de um desses grupos radicais? – Inclinei-me para a frente. – E se ele for da polícia?

Num bar escuro, Quimera bebia sua Guinness. O melhor para o melhor, pensou.

Ao lado dele, um homem de cabelo branco, o rosto todo manchado de vermelho e a pele seca como pergaminho, bebia vários Tom Collins, assistindo à TV Estava passando o noticiário. Um repórter insípido falava dos últimos desdobramentos do caso Quimera, todo equivocado, insultando o público, insultando a ele.

Ele ficava olhando para o outro lado da rua, através da grande janela do bar. Tinha seguido a próxima vítima até ali. Esse alvo ele ia curtir muito. Todos aqueles policiais, seguindo as pistas erradas. Essa morte ia realmente tirá-los do sério.

– Ainda não acabou – ele murmurou baixinho.

*E jamais pensem que sou previsível. Porque não sou.*

O velho bêbado ao lado deu-lhe um cutucão.

– Acho que o filho da mãe é um deles – ele disse.

– Um deles? – perguntou Quimera. – Cuidado com seus cotovelos. E de que merda você está falando?

– Preto como o ás de espadas – disse o velho. – Eles estão investigando aqueles grupos de ódio. Ha, que piada. Esse é algum maluco com um parafuso a menos. Deve jogar na liga nacional de futebol americano. Ei, Ray – ele chamou o barman. – Deve jogar na LNF...

– Por que diz isso? – perguntou Quimera, dando uma espiada no outro lado da rua.

Estava curioso de saber o que o seu público pensava. Talvez devesse fazer mais entrevistas com o homem da rua como aquele.

– Você acha que qualquer filho da mãe com alguma coisa no cérebro deixaria pistas assim? – sussurrou o velho em tom conspiratório.

– Acho que está se precipitando, meu velho – Quimera comentou, finalmente abrindo um largo sorriso. – Acho esse assassino muito inteligente.

– Até que ponto pode ser inteligente um cara que é um bosta de um assassino?

– Bastante inteligente para não ser capturado – disse Quimera.

O homem fez uma careta para a tela da TV

– É, bem, você vai ver, quando descobrirem. Eles estão procurando embaixo do tapete errado.

Vão ter uma enorme surpresa.

Tinha agüentado mais do que suportava do bêbado. Mas o cara estava certo em uma coisa. A polícia de San Francisco estava completamente perdida. Cara, eles não tinham a menor idéia. A tenente Lindsay Boxer não sabia de nada. Nem chegava perto dele.

– Vou fazer uma aposta com você. – Quimera sorriu para o velho.

Aproximou o rosto do homem, com os olhos arregalados.

– Se o pegarem, aposto que ele tem olhos verdes.

De repente, ele viu seu alvo do outro lado da rua. *Bem, talvez isso ajude a tenente Boxer a se concentrar. Uma vítima bem perto de casa. Um pequeno adendo que não dava para resistir.*

Deixou alguns dólares no bar.

– Ei, pra que a pressa? – disse o velho. – Deixe-me comprar outra cerveja para você. Ei, ora bolas, *você tem olhos verdes, amigo.*

Quimera desceu do banquinho.

– Preciso ir. Lá está minha garota.

Na longa viagem de carro para casa, Claire Washburn foi relembrando o que tinha acontecido com a pobre Jill. Em todo o trajeto pela 101 até sua casa em Burlingame, não parava de pensar naquele fato horrível.

Ela saiu da autoestrada em Burlingame e subiu a pequena serra coleante. A cabeça latejava de cansaço. O dia tinha sido muito duro. Esses assassinatos terríveis, que desintegravam a cidade. E depois Jill perder o bebê.

O relógio digital no painel do carro indicava dez e vinte. Edmund ia jogar aquela noite. Só voltaria depois das onze. Ela queria muito que ele estivesse em casa. Aquela noite, mais do que todas.

Claire virou na Skytop e alguns metros adiante na entrada de sua moderna casa georgiana. A casa estava às escuras. Era assim que ficava ultimamente, desde que Reggie tinha ido para a faculdade. Willie, seu primeiranista do colegial, devia estar no quarto dele, jogando videogames.

Tudo que ela queria era tirar a roupa do trabalho e vestir o pijama. Dar um fim a aquele dia horrível...

Dentro de casa, Claire chamou Willie, não ouviu resposta, pegou a correspondência em cima da mesa da cozinha e levou para o escritório. Folheou distraída um catálogo da Ballard Designs.

O telefone tocou. Claire largou o catálogo e atendeu.

– Alô...

Houve uma pausa oca, como se tivesse alguém na linha, esperando.

Talvez fosse um dos amigos de Willie.

– Alô...? – disse Claire de novo. – Um, dois... última chance...

Nada de resposta. – Tchau.

Ela pôs o fone no aparelho.

Sentiu um arrepio de nervosismo. Mesmo depois de todos aqueles anos, quando ficava sozinha em casa, um barulho inesperado, luzes acesas no porão, ela tremia com isso.

O telefone tocou novamente. Dessa vez tirou o fone do gancho rapidamente.

– Alô...

Outra pausa irritante. Aquilo já estava deixando Claire com raiva.

– Quem é? – ela perguntou.

– Adivinhe – disse uma voz de homem.

Claire parou de respirar. Olhou para a identidade de quem estava ligando no visor.

– Escute aqui, 901-4476. Não sei o que pretende, nem como consegui seu número. Se tem alguma coisa para dizer, diga logo.

– Você conhece Quimera? – respondeu a voz. – Está falando com ele. Não se sente honrada?

Claire ficou paralisada. Endireitou as costas na cadeira. A cabeça começou a funcionar acelerada. Quimera era o nome dado na polícia. Será que tinha sido publicado alguma vez? Quem sabia que ela estava envolvida na investigação?

Claire apertou o botão de uma nova linha e já ia discar 911.

– É melhor você dizer quem realmente é – ela disse.

– Eu já disse. A pretinha do coro foi a primeira — respondeu a voz. – A velha vaca, o policial gordo que não suspeitou de nada, o chefe... Você sabe o que todos eles tinham em comum, não sabe? Pense bem, Claire Washburn. Você tem alguma coisa em comum com as primeiras quatro vítimas?

Claire tinha começado a tremer violentamente. Apareceu na mente dela a imagem dos tiros

precisos que mataram duas das vítimas.

Olhou na mesma hora para a janela do escritório, para a escuridão em volta da casa.

A voz retornou.

– Chegue um pouco para a esquerda, hum... doutora?

Claire rodou assim que a primeira bala estilhaçou o vidro janelas.

Um segundo tiro acabou de quebrar o vidro e Claire sentiu dor e ardência no pescoço. Já estava caída no chão quando o terceiro e o quarto tiro explodiram no cômodo.

Um grito assustado saiu de sua boca. Havia sangue no chão, sangue do seu pescoço, que escorria no vestido, nas mãos. Seu coração batia descompassado. Qual era a gravidade? Será que seccionou a artéria carótida?

Então ela olhou para a porta e ficou gelada. Willie...

– Mãe! — exclamou ele, com os olhos arregalados de medo.

Estava apenas de camiseta e cueca. Ele era um alvo.

– Willie, abaixe-se! – ela berrou para ele. – Alguém está atirando na casa!

O menino mergulhou no chão e Claire se arrastou até ele.

– Está tudo bem. Mas fique abaixado. Deixe-me pensar – ela sussurrou. – Não levante a cabeça, nem um milímetro.

A dor no pescoço era alucinante, como se tivessem arrancado a pele fora. Mas estava conseguindo respirar. Se a bala tivesse perfurado a carótida, estaria engasgada com o sangue. Devia ter sido atingida de raspão, tinha de ser isso.

– Mãe, o que está acontecendo? – perguntou Willie baixinho.

Ele tremia como vara verde. Claire nunca vira o filho assim antes.

– Eu não sei... Apenas fique abaixado, Willie.

De repente, ouviram mais quatro tiros lá de fora. Claire abraçou o filho com força. Quem quer que fosse estava atirando a esmo, tentando atingir qualquer coisa. *Será que o assassino sabia que ela continuava viva? Ela sentiu uma onda de pânico. E se ele entrasse na casa? O assassino sabia que seu filho estava lá? Ele sabia o nome dela!*

– Willie – Claire disse ofegante, segurando a cabeça dele com as duas mãos – Vá para o porão. Tranque a porta. Ligue para 911. Rastejando! Agora! Barriga no chão!

– Não vou deixar você aqui – ele choramingou.

– Vá! – ela respondeu autoritária. – *Vá agora. Faça o que eu disse. Colado no chão! Eu te amo, Willie.*

Claire empurrou Willie para a frente.

– Ligue para 911. Diga quem você é e o que está acontecendo. Depois ligue para o telefone do carro do seu pai. Ele deve estar a caminho de casa.

Willie olhou mais uma vez para ela, implorando com os olhos, mas entendeu. Foi rastejando, com o rosto e o corpo grudados no chão.

– *Bom menino. Sua mãe não criou nenhum burro.*

Mais uma rajada de tiros vindas lá de fora. Engolindo em seco, Claire rezou:

– Por favor, meu Deus, não deixe que esse filho da mãe entre na nossa casa. Não deixe isso acontecer, eu imploro.

Quimera disparou mais quatro balas através da janela estilhaçada, manobrando com destreza o rifle PSG-1.

Ele sabia que tinha atingido Claire. Não com o primeiro tiro. Ela rodou no último segundo. Mas com o disparo seguinte, quando ela tentava se proteger. Ele só não sabia se tinha completado a tarefa. Queria enviar um recado para a tenente Lindsay Boxer, e apenas ferir a amiga dela não bastava. Claire Washburn precisava morrer.

Ficou lá sentado à sombra da rua escura, com o cano do rifle saindo pela janela do carro. Precisava ter certeza de que ela estava morta mas, maldição... não queria entrar na casa. Claire tinha um filho e ele podia estar lá dentro. Um dos dois podia ter ligado para 911.

De repente, as luzes do lado de fora se acenderam numa casa mais adiante. Em outra, alguém saiu para o gramado da frente.

– Porra – vociferou ele. – Filha da puta.

Uma parte dele queria invadir a casa pela janela quebrada e disparar uma saraivada de balas em todo o escritório. Washburn tinha de morrer. Não queria sair dali sem dar cabo dela.

Ouviu um barulho às suas costas. Um carro entrou disparado na rua, buzinando sem parar, com os faróis piscando. O carro avançou para cima dele como um meteoro e ficou bem à vista.

– Que merda é essa agora?

Ela devia ter chamado a polícia. Talvez os vizinhos tivessem chamado, assim que ouviram os tiros. Ele não podia se arriscar. Ele não arriscaria a própria vida por ela. Não ia ser pego.

O carro buzinando e piscando os faróis entrou acelerado na entrada da casa. Freou cantando pneu. Os vizinhos começaram a sair de suas casas.

Ele socou a direção do carro e tirou o rifle da janela. Engatou a marcha e acelerou.

Foi a primeira vez que deu errado. Isso nunca acontecera antes. Jesus, ele nunca errava.

– Está com sorte, doutora. Mas, de qualquer modo, foi um bom treino de tiro ao alvo.

O próximo alvo é que era importante.



Tinha tirado a maquiagem e me acomodado para assistir ao noticiário na TV quando veio a ligação de Edmund.

O marido de Claire estava histérico, gaguejava. A impossibilidade do que ele se esforçava por comunicar me atingiu com a força de um trem.

– Ela vai ficar boa, Lindsay. Está no Hospital Península agora.

Enfiei um pulôver de plush pela cabeça, às pressas, vesti uma calça jeans, joguei uma luz de polícia com imã no teto do carro e voei até Burlingame. Fiz a viagem de quarenta e cinco minutos em menos de vinte.

Ainda encontrei Claire numa das salas de tratamento, sentada, com o mesmo conjunto ferrugem que usava quando me despedi dela três horas antes. Um médico fazia um curativo no pescoço dela. Edmund e Willie estavam ao seu lado.

– Meu Deus, Claire... – foi tudo que consegui dizer, com os olhos ardendo e marejados.

Despenquei em cima de Edmund, apoiei a cabeça no ombro dele e dei-lhe o abraço mais carinhoso e agradecido. Depois abracei muito Claire.

– Devagar com esse carinho todo, querida. – Ela fez uma careta de dor e afastou o pescoço.

Então deu um sorriso.

– Eu sempre disse para você que um dia essas células de gordura iam servir para alguma coisa. É preciso um tiro e tanto para atingir qualquer coisa vital em mim.

Eu continuei apertando Claire.

– Tem ideia da sorte que teve?

– É. – Ela suspirou e pude ver em seus olhos. – Pode acreditar que sei muito bem disso.

A bala só tinha pegado de raspão mesmo. O médico da emergência do hospital limpou o ferimento, fez o curativo e ia dar alta sem exigir que ela passasse a noite internada. Mais um centímetro e não estaríamos ali conversando agora.

Claire segurou as mãos de Edmund e de Willie e sorriu.

– Meus homens se saíram bem, não foi? Os dois. O carro de Edmund fez o atirador fugir.

Edmund fez uma careta.

– Eu mesmo devia ter perseguido aquele filho da mãe. Se o legasse...

– Menos, tigre. – Claire sorriu. – Deixe a Lindsay fazer a perseguição. Você continua sendo o baterista. Sempre falei – ela disse, apertando a mão dele – que Rachmaninoff podia estar na cabeça dele, mas quando se trata do seu coração, o homem é todo Doggy Dogg.

Quase na mesma hora, a realidade do que quase tinha acontecido pareceu dominar Edmund. E suas bravatas se desfizeram. Ele sentou, apenas encostou em Claire por um tempo e, quando tentou falar, botou a mão sobre os olhos. Claire ficou segurando a mão dele sem dizer nada.

Pouco mais de uma hora depois, tendo contado a história para a polícia de Burlingame, fomos dar uma espiada no terreno em volta da casa deles.

– Foi ele, não foi, Claire? Foi o Quimera.

Ela meneou a cabeça, indicando que sim.

– Ele é mesmo um safado frio como gelo, Lindsay. Ouvi quando ele disse: “Chegue um pouco para a esquerda, doutora.” E então começou a atirar.

A polícia local e da delegacia do xerife do município de San Mateo ainda pululava em toda a casa e no jardim. Eu já tinha chamado Clapper para dar uma mão.

– Por que eu, Lindsay? – perguntou Claire.

– Eu não sei, Claire. Você é negra. Trabalha para a lei. Eu mesma não entendo. Por que ele

mudaria seu padrão?

– Estamos falando de alguém calmo e objetivo, Lindsay. Foi como se ele estivesse brincando comigo. Ele fez parecer... pessoal.

Pensei ter visto algo que nunca vira em Claire antes. Medo. Quem poderia condená-la por isso?

– Acho que seria bom você tirar umas férias, Claire – eu disse. – Ficar fora de vista.

– Está pensando que vou deixar que ele me empurre para baixo de uma pedra? Isso não é possível, Lindsay. De jeito nenhum vou deixar que ele vença.

Abracei-a gentilmente.

– Você está bem?

– Estou. Ele teve sua chance. Agora quero a minha.

Acabei conseguindo chegar me arrastando ao meu apartamento depois das duas da madrugada.

Os acontecimentos daquele dia, longo e horrível – Jill perdendo o bebê, a terrível provação de Claire... ficavam passando como uma seqüência de algum filme antigo de pesadelo. O homem que eu perseguia quase matou minha melhor amiga. *Por que Claire? O que significava?* Parte de mim se sentia responsável, maculada pelo crime.

Todo o meu corpo doía. Eu queria dormir. Precisava lavar aquele dia de mim. De repente, a porta do quarto de hóspedes se abriu e meu pai saiu arrastando os pés. Na loucura do dia, eu tinha quase esquecido que ele estava lá.

Usava uma camiseta branca comprida e cueca samba-canção tipo short de lutador de boxe com desenho de conchinhas. Não sei por quê, mas privada de sono, achei a visão engraçada.

– Está de short de boxer, Boxer. Você é um filho da mãe sabido.

Então contei a ele o que tinha acontecido. Como ex-policial, ia entender. E me surpreendi ao descobrir que meu pai era um bom ouvinte. Exatamente o que eu precisava naquele momento.

Ele deu a volta e veio para o meu lado do sofá.

– Quer café? Pode deixar que eu faço, Lindsay.

– Um conhaque seria melhor. Mas tem um pouco de chá Moonlight Sonata no balcão ali se você quiser.

Era bom ter alguém comigo, e ele parecia disposto a me acalmar.

Afundi de novo no sofá, fechei os olhos e procurei resolver o que eu ia fazer em seguida. *Davidson, Mercer e agora Claire Washburn...* Por que Quimera iria atrás de Claire? O que isso queria dizer?

Meu pai voltou com uma xícara de chá e um copo de Courvoisier com uma dose dupla, generosa.

– Você já é uma menina grande. Então, por que não os dois?

Bebi um gole do chá, depois a metade do conhaque de uma vez só.

– Ah, eu precisava mesmo disso. Quase tanto quanto preciso de uma pista nesse caso. Ele está deixando algumas, mas ainda não entendi.

– Não se cobre tanto, Lindsay – disse meu pai com voz muito suave.

– O que você faz – perguntei – quando todo o mundo olha para você e você não tem idéia do que fazer? Quando descobre que aquilo contra o qual está lutando não vai desistir, que está lutando contra um monstro?.

– Era mais ou menos por aí que costumávamos chamar a Homicídios – disse meu pai sorrindo.

– Não tente me fazer rir – implorei.

Mas meu pai me fez sorrir, apesar de tudo. Mais surpreendente ainda para mim foi perceber que estava começando a pensar nele como pai.

O seu tom de voz mudou de repente.

– Posso contar o que eu fazia quando a coisa ficava muito pesada. Eu me mandava. Você não vai fazer isso, Lindsay. Sei disso. Você é muito melhor do que eu.

Ele olhava diretamente para mim e não estava mais sorrindo.

O que aconteceu depois eu nunca teria acreditado. Os braços do meu pai se abriram e, quase sem resistência, me vi com o rosto no ombro dele. Ele me abraçou, um pouco tímido no início e depois, como qualquer pai e filha, me apertou com carinho e ternura. Não resisti. Sentí o

perfume da mesma colônia que ele usava quando eu era criança. A sensação foi de estranheza e ao mesmo tempo da coisa mais natural do mundo.

Com esse abraço inesperado do meu pai foi como se as camadas de dor, de repente, tivessem sido arrancadas de mim.

– Você vai pegar esse cara, Lindsay – ouvi meu pai murmurar, enquanto me apertava e balançava de um lado para o outro. – Você vai mesmo, minha flor....

Era exatamente o que eu precisava ouvir.

– Ah, papai – eu disse

E nada mais.

– Tenente Boxer. – Brenda interfonou bem cedo naquela segunda-feira. – Diretor Estes da Pelican Bay. Linha dois.

Peguei o telefone sem esperar grande coisa.

– Você perguntou se tivemos alguma vez um policial preso aqui – disse Estes.

Fiquei alerta na mesma hora.

– E...?

– Saiba que não dou a mínima para os discursos lunáticos do Weisz. Mas pesquisei os arquivos antigos. Houve um caso aqui que pode ter alguma relevância. Doze anos atrás. Eu era diretor da Soledad quando essa escória chegou aqui.

Desliguei o viva-voz do telefone e pus o fone na orelha.

– Ficaram com ele aqui cinco anos. Dois na solitária. Depois o despacharam de volta para Quentin. Um caso especial. Talvez você até lembre do nome.

Peguei uma caneta e comecei a vasculhar meu cérebro. Um policial na Pelican? Quentin?

– Frank Coombs – disse Estes.

Reconheci o nome, sim. Foi como uma manchete que ressurgia da minha juventude. Coombs. Um policial de rua, tinha matado um garoto na comunidade uns vinte anos atrás. Foi alvo de acusações e processos. Afastado. Para qualquer policial de San Francisco, o nome dele era como um alarme do uso de força excessiva.

– Coombs se tornou mais perverso na prisão do que era do lado de fora – continuou Estes. — Ele esganou um colega de cela em Quentin e foi por isso que o mandaram para cá. Depois do tempo no isolamento, conseguiram curá-lo de algumas de suas tendências anti-sociais.

Caramba... escrevi o nome. Não me lembrava de nada sobre o caso, a não ser que ele tinha estrangulado e matado um garoto negro.

– Por que você acha que esse Coombs pode se encaixar? – perguntei.

– Como eu disse... – Estes pigarreou – Não me importo com a falação de . O que me fez ligar para você foi que fiz umas perguntas para o pessoal da nossa equipe. Quando estava aqui, Coombs fazia parte daquele seu grupinho.

– Meu grupo?

– Isso mesmo, tenente. *Quimera*.

Você conhece o ditado, quando uma porta se fecha na sua cara, sempre há outra que se abre. Meia hora depois bati no vidro da minha sala para chamar Jacobi.

– O que você sabe de Frank Coombs? – perguntei quando ele chegou.

Warren deu de ombros.

– Policial sujo que patrulhava as ruas. Aplicou uma gravata e estrangulou um adolescente numa batida de drogas anos atrás. O garoto morreu. Foi um baita escândalo na polícia toda quando eu ainda usava farda. Ele não ficou um tempo em Quentin?

– Hã-hã... vinte anos.

Empurrei a ficha pessoal de Coombs para ele.

– Agora conte alguma coisa que eu não encontre aqui nessa pasta.

Warren abriu-a.

– Se bem me lembro, o cara era um policial durão, condecorado, com registro numeroso de prisões, mas, ao mesmo tempo, acho que a ficha dele tinha reprimendas da corregedoria para competir com as de um Rodney King.

Meneei a cabeça.

– Continue...

– Você leu esses dados, Lindsay. Ele invadiu um jogo de beisebol em um dos conjuntos habitacionais. Achou que tinha reconhecido um dos garotos, alguém que ele tinha prendido por acusação de drogas, mas que tinham soltado. O garoto disse alguma coisa para ele e depois fugiu. Coombs foi atrás dele.

– Estamos falando de um garoto negro – interrompi. – Deram-lhe quinze a vinte, homicídio de segundo grau.

Jacobi piscou.

– Aonde quer chegar com isso, Lindsay?

– No Weisz, Warren. Em Pelican Bay. Pensei que ele estivesse apenas falando por falar, mas uma coisa ficou. Weisz disse que tinha me dado uma coisa. Disse que parecia trabalho interno.

– Você desencavou esse arquivo antigo porque Weisz disse que era trabalho de dentro? – Jacobi franziu a testa.

– *Coombs era Quimera*. Ele passou dois anos na solitária. Dá uma olhada... o cara foi treinado pela SWAT. *Era qualificado para a categoria atirador de elite*. Era um racista declarado. *E está solto*. Coombs foi libertado de San Quentin poucos meses atrás.

Jacobi não reagiu, nem mudou de expressão.

– Você continua sem um motivo, tenente. Quero dizer, claro, o cara era um safado de marca maior. Mas era um policial. O que ele poderia ter contra outros policiais?

– Ele alegou legítima defesa, disse que o garoto resistiu. Ninguém corroborou isso, Warren. Nem o parceiro dele, nem os outros policiais que estavam lá, nem os superiores.

“Acha que estou exagerando?”

Peguei a pasta, dei uma folheada e parei onde circulara algo com caneta vermelha.

– Você disse que Coombs matou esse garoto na comunidade?

Jacobi fez que sim com a cabeça.

Empurrei a folha para ele.

– *Bay View*; Warren. *La Salle Heights*. Foi onde ele esganou o menino. Aquele conjunto habitacional foi derrubado e reconstruído em 1990. E recebeu um novo nome...

– Whitney Young – disse Jacobi.  
Perto de onde Tasha Catchings foi morta.

Meu próximo passo foi ligar para Madeline Akers, diretora assistente do presídio de San Quentin. Madeline era amiga minha. Ela me contou o que sabia sobre Coombs.

– Mau policial, um cara mau, presidiário muito mau. Um filho da mãe insensível.

Maddie disse que ia se informar sobre ele. Talvez Frank Coombs tivesse revelado para alguém o que planejava fazer quando fosse libertado.

– Madeline, isso não pode vazar de jeito nenhum – insisti.

– Mercer era um amigo, Lindsay. Farei tudo que puder. Dê-me uns dois dias.

– Um dia, Maddie. Isso é vital. Ele vai matar de novo.

Fiquei muito tempo sentada diante da minha mesa, procurando juntar o pouco que eu tinha. Não dava para pôr Coombs em nenhuma cena dos crimes. Eu não tinha a arma. Nem sabia onde ele estava. Mas, pela primeira vez, desde que Tasha Catchings fora assassinada, tive a sensação de que estava chegando a alguma coisa boa.

Meu instinto me disse para pedir a Cindy que vasculhasse o necrotério do *Chronicle* à procura de mais histórias antigas. Esses incidentes tinham acontecido havia mais de vinte anos. Poucas pessoas daquela época ainda estavam na polícia hoje.

Então lembrei que eu tinha alguém que estava lá, bem debaixo do meu teto.

Encontrei meu pai assistindo ao noticiário da noite quando entrei em casa.

– Oi! – ele disse. – Você chegou numa hora decente. Resolveu seu caso?

Troquei de roupa, peguei uma cerveja na geladeira e depois puxei uma cadeira para ficar de frente para ele.

– Preciso conversar com você sobre uma coisa. – Olhei bem nos olhos dele. – Você se lembra de um cara chamado Frank Coombs?

Meu pai assentiu com a cabeça.

– É um nome que não ouço há muito tempo. Claro que me lembro dele. O policial que esganou o garoto lá no conjunto habitacional. Foi acusado de assassinato. Foi preso.

– Você estava na ativa, não é?

– Estava, e eu o conheci. A pior imagem de policial que já vi. Algumas pessoas ficavam impressionadas com ele. Ele fazia prisões, resolvia as coisas. Do jeito dele. Naquela época era diferente. Nós não tínhamos comitês de fiscalização espiando por cima do nosso ombro. Além disso, nem tudo que fazíamos saía na imprensa.

– Esse garoto que ele estrangulou, pai, tinha catorze anos.

– Por que quer saber sobre o Coombs? Ele está preso.

– Não está mais. Já saiu.

Puxei minha cadeira para mais perto.

– Eu li que Coombs afirmou que matou o garoto em legítima defesa.

– E qual policial não diria isso? Ele disse que o garoto tentou furá-lo com um objeto pontudo que ele achou que fosse uma faca.

– Lembra quem era o parceiro dele nessa época, pai?

– Minha nossa... – Meu pai sacudiu os ombros. – Stan Dragula, pelo que lembro. É, ele testemunhou no julgamento. Mas acho que morreu uns anos atrás. Ninguém queria trabalhar com Coombs. Todo mundo tinha medo de andar pelo bairro com ele.

– Stan Dragula era branco ou negro? – perguntei.

– Stan era branco – respondeu meu pai. – Acho que era italiano, ou talvez judeu.



– Pai, se for o Coombs que está fazendo essas coisas... se ele estiver empenhado em algum tipo de vingança, por que contra negros?

– Coombs era um animal, mas era também policial. Naquela época, as coisas eram bem diferentes. Aquele famoso muro azul de silêncio... Todo policial aprende na academia “mantenha a boca fechada”. “Estarei do seu lado.” Bem, isso não funcionou para Frank Coombs. Desmoronou em cima dele. Todos gostaram de poder desistir dele. Estamos falando do quê? De vinte anos atrás? Aquela coisa de atos afirmativos era muito forte na polícia. Negros e latinos estavam só começando a ser nomeados para as posições-chave. Havia um grupo lobista pró-negros, o PPJ.

– Policiais pela Justiça – eu disse. – Eles ainda estão por aí.

Meu pai concordou.

– A tensão era forte. O PPJ ameaçou entrar em greve. Com o tempo, a prefeitura começou a fazer pressão também. Seja lá o que tenha acontecido, Coombs sentiu que tinha sido entregue de bandeja, jogado para escanteio.

E tudo começou a clarear para mim. Coombs achou que tinha sido mandado para a prisão pelo lobby dos negros da polícia. Ficou remoendo seu ódio no presídio. Agora, vinte anos depois, tinha voltado às ruas de San Francisco.

– Pode ser que em outra época esse tipo de coisa tivesse sido varrida para debaixo do tapete – eu disse. – Mas não naquele tempo. O PPJ o condenou.

De repente, uma conclusão nauseante surgiu na minha cabeça.

– Earl Mercer estava envolvido, não estava?

Meu pai balançou a cabeça indicando que sim.

– Mercer era o tenente de Coombs.

## PARTE 3

### *O Muro Azul De Silêncio*

No dia seguinte, o caso contra Frank Coombs, que apenas um dia antes parecia muito vago, transbordava em todas as direções. Eu estava ligadíssima.

Bem cedo, Jacobi bateu à minha porta.

– Ponto para o seu lado, tenente. Coombs está ficando cada vez melhor.

– Como assim? Fez algum progresso com o agente da condicional de Coombs?

– Pode-se dizer que sim. Ele se mandou, Lindsay. Segundo o agente, Coombs sumiu do seu hotel de transição na rua Eddy. Não deixou o novo endereço, não apareceu mais para as entrevistas de controle e não entrou em contato com a ex-mulher.

Fiquei desapontada de saber que Coombs estava desaparecido, mas era também um bom sinal. Disse para Jacobi continuar procurando.

Poucos minutos depois, Madeline Akers ligou de San Quentin.

– Acho que consegui o que você queria – ela anunciou.

Nem acreditei que ela estivesse respondendo tão depressa.

– Nesse último ano, Coombs teve quatro companheiros de ceia diferentes. Dois deles estão em liberdade condicional, mas falei pessoalmente com os outros dois. Um me mandou tomar no cu, mas o outro, um tal de Toracetti... eu praticamente nem precisei dizer para ele o que estava procurando. Ele disse que assim que soube da notícia das mortes de Davidson e de Mercer, sabia que era o Coombs. Coombs disse a ele que ia estrondar aquela coisa toda de novo.

Agradei muito à Madeline. Tasha, Mercer, Davidson... Tudo começava a se encaixar.

Mas como é que Estelle Chipman entrava nessa?

Uma força se apoderou de mim. Saí da sala e examinei todos os arquivos dos casos. Fazia semanas que não os lia.

Encontrei o que procurava enfiado lá no fundo. O arquivo do departamento de pessoal que eu tinha pedido para a seção de registros: Edward C. Chipman.

Nos seus trinta anos discretos na força policial, só uma coisa se destacava: Ele tinha sido representante do seu distrito junto ao PPJ... Os Policiais pela Justiça.

Era hora de acrescentar isso ao relatório. Liguei o intercomunicador para o chefe Tracchio. A secretária dele, Helen, que tinha sido secretária de Mercer, disse que ele estava numa reunião a portas fechadas. Eu avisei a ela que ia subir.

Pequei o arquivo de Coombs e subi de escada até o quinto andar. Precisava contar isso a ele. Entrei direto na sala do chefe.

Então parei, muda de espanto.

Fiquei chocada ao ver sentados em volta da mesa de conferência Tracchio, os agentes especiais Ruddy e Hull, do FBI, o assessor de imprensa Carr e o chefe dos detetives, Ryan.

Eu não tinha sido convidada para aquela reunião da força-tarefa.

– Isso é uma afronta – eu disse. – Babaquice. Qual é? Isso é algum tipo de clube do Bolinha? Tracchio, Ruddy e Hull do FBI, Carr Ryan. Cinco homens sentados à mesa... sem mim, a mulher.

O chefe executivo se levantou. Com a cara vermelha.

– Lindsay, nós já íamos chamar você.

Eu sabia o que aquilo significava. Tracchio ia mudar o controle do caso. Do meu caso. Ele e Ryan iam entregar para o FBI.

– Estamos num momento crítico nesse caso – disse Tracchio.

– Você tem toda razão – interrompi e olhei para todos do grupo. – Eu sei quem ele é.

De repente, todos olharam para mim. Os rapazes calaram a boca. Foi como se aumentassem as luzes e minha pele ardeu, cauterizada.

Olhei de novo para Tracchio.

– Quer que eu explique para vocês? Ou quer que eu saia?

Com expressão atônita, Tracchio puxou uma cadeira para mim.

Não senti. Fiquei de pé. Então expliquei tudo a eles e adorei fazer isso. Contei que estava cética no início, mas que depois tudo começou a se encaixar. Quimera, Pelican Bay... A revolta de Coombs contra a força policial. Ao som do nome de Coombs, os olhos do pessoal da polícia se arregalaram. Associei as vítimas, a qualificação de atirador de elite de Coombs e lembrei que apenas um atirador de elite podia ter dado aqueles tiros.

Quando terminei, eles ficaram em silêncio mais uma vez. Apenas olhavam para mim espantados. Tive vontade de socar o lar, num gesto de vitória.

O agente Ruddy pigarreou.

– Até agora não ouvi nada que ligue Coombs diretamente a qualquer uma das cenas dos crimes.

– Dê-me mais um ou dois dias, e vai ouvir. *Coombs é o assassino.*

Hull, o parceiro de ombros largos de Ruddy, fez um gesto otimista de ombro para o chefe.

– Quer que a gente siga essa linha?

Eu não podia acreditar. Esse caso era meu. A descoberta era minha. *Da Homicídios*. Nossa gente tinha sido assassinada.

Tracchio ficou ponderando. Fez bico com seus lábios grossos, como se sorvesse uma última gota por um canudo. E então balançou a cabeça para o homem do FBI.

Não será necessário, agente especial. Esse sempre foi um caso municipal. Vamos cuidar dele com o pessoal daqui mesmo.

Agora só tinha uma coisa no meio do caminho. Precisávamos encontrar Frank Coombs.

A ficha de Coombs do presídio mencionava uma esposa, Ingrid, que tinha se divorciado dele enquanto estava preso, e casado de novo. Era pouco provável. O agente da condicional disse que ele não entrara em contato com ela. Mas as coisas pouco prováveis eram as que estavam valendo naquele momento.

– Vamos, Warren – cutuquei Jacobi. – Você vem comigo. Será como nos velhos tempos.

– Hummm... que gracinha...

Ingrid Thiasson vivia numa rua aprazível de classe média, transversal da Laguna.

Paramos o carro em frente à casa, fomos até lá e tocamos a campainha. Ninguém atendeu. Não sabíamos se a mulher de Coombs trabalhava fora, e não havia nenhum carro na entrada.

Quando já íamos voltar, uma caminhonete Volvo modelo antigo entrou na frente da casa.

Ingrid Thiasson devia ter uns cinqüenta anos de idade, cabelo castanho lambido, usava um vestido azul, simples e sem forma, por baixo de um pesado suéter cinza. Ela desceu do carro e abriu a porta dos fundos para descarregar as compras do mercado.

Mulher de policial, ela nos identificou assim que nos aproximamos.

– O que vocês querem comigo? – perguntou.

– Alguns minutos. Estamos tentando localizar seu marido.

– Vocês são mesmo muito abusados de virem até aqui – ela reclamou e abraçou duas sacolas de compras.

– Estamos só verificando todas as possibilidades – disse

– Jacobi.

Ela retrucou.

– Como eu disse para o agente da condicional, não sei dele desde que foi libertado.

– Ele não veio visitá-la?

– Uma vez, assim que saiu. Veio pegar umas coisas dele que pensava que eu tinha guardado.

Eu disse que tinha jogado tudo fora.

– Que tipo de coisas? – perguntei.

– Cartas inúteis, artigos de jornal sobre o julgamento. Provavelmente as velhas armas que ele tinha. Frank estava sempre ligado em armas. Coisa que só um homem que não prestou para nada na vida podia dar importância.

Jacobi meneou a cabeça.

– E então, o que ele fez?

– O que ele fez? – bufou Ingrid Thiasson. – Ele foi embora sem dizer nada sobre a nossa vida nos últimos vinte anos. Sem dizer nada sobre mim, nem sobre o filho dele. Dá para acreditar?

– E a senhora não tem ideia de onde podemos encontrá-lo?

– Nenhuma. Aquele homem era veneno puro. Encontrei alguém que me trata com respeito. Que tem sido pai para o meu menino. Não quero ver Frank Coombs nunca mais.

– A senhora tem alguma ideia se ele tem estado com seu filho? – perguntei.

– De jeito nenhum. Sempre separei os dois. Meu filho não tem nenhuma ligação com o pai. E não vão falar com ele. Ele está na faculdade, em Stanford.

– Qualquer pessoa que possa saber onde ele está, Sra. Thiasson, seria uma ajuda para nós. É um caso de assassinato.

Notei um pequeno sinal de hesitação.

– Tive uma boa vida por vinte anos. Agora somos uma família. Não quero que ninguém saiba

que isso partiu de mim.

Concordei com a cabeça. Senti o sangue subindo para o meu cérebro.

– Frank manteve contato com Tom Keating. Mesmo quando estava preso. Se existe alguém que saiba onde ele está, é Keating.

Tom Keating. Conhecia esse nome.

Era um policial aposentado.

Menos de uma hora depois, Jacobi e eu já estávamos parando na frente da casa 3A da Comunidade Residencial Blakesly, em Half Moon Bay, indo para o sul pela costa.

Tinha me lembrado do nome Keating de quando era criança. Ele era freqüentador assíduo do Álbi depois do turno das nove às quatro, onde muitas tardes meu pai me botava num banquinho do bar. Na minha cabeça, Keating tinha pele vermelha e uma mecha de cabelo precocemente branco. *Meu Deus, pensei, isso tinha sido há quase trinta anos...*

Batemos à porta da modesta casa de condomínio de Keating. Uma mulher bem-arrumada e agradável, de cabelo grisalho, atendeu.

– Sra. Keating? Sou a tenente Lindsay Boxer, da delegacia de Homicídios de San Francisco. Esse é o inspetor Jacobi. Seu marido está em casa?

– *Homicídios...*? – ela disse, surpresa.

– É sobre um velho caso – eu disse, sorrindo.

Uma voz gritou lá de dentro:

– Helen, não encontro o maldito controle remoto em lugar nenhum.

– Só um minuto, Tom. Ele está lá nos fundos – ela disse quando fez sinal para que entrássemos na casa.

Atravessamos a casa pouco decorada e chegamos a um jardim de inverno que dava para um pequeno pátio. Havia algumas fotografias da polícia penduradas na parede. Keating era como eu lembrava, só que trinta anos mais velho. Magro, cabelo branco rareando, mas com aquela mesma pele vermelha.

Estava sentado, assistindo a um noticiário da tarde, com o valor das ações da bolsa passando na tira na parte de baixo da tela. E então vi que estava sentado numa cadeira de rodas.

Helen Keating nos apresentou, encontrou o controle remoto e abaixou o volume da TV. Keating deu a impressão de estar satisfeito de receber visita da força policial.

– Não tenho mais muita função desde que minhas pernas morreram. Disseram que é artrite. Provocada por uma bala na vértebra lombar quatro. Não posso mais jogar golfe. – Ele deu risada. – Mas ainda posso ficar vendo a velha aposentadoria crescer.

Vi que ele estudava meu rosto.

– Você é a menininha de Marty Boxer, não é?

Eu sorri.

– O Álbi... Alguns cinco zero um, certo, Tom?

Cinco zero um eram os chamados de reforço e como eles chamavam um drinque preferido, uísque irlandês com um bom gole de cerveja depois.

– Soube que você agora era do primeiro escalão. – Keating deu um sorriso cheio de dentes. – Mas o que traz vocês, dois mandachugas, para falar com um velho policial de rua?

– Frank Coombs – respondi.

As feições de Keating enrijeceram de repente.

– O que tem o Frank?

– Estamos tentando encontrá-lo, Tom. Disseram que você talvez saiba onde ele está.

– Por que não falam com o agente da condicional dele? Não sou eu.

– Ele sumiu, Tom. Já faz quatro semanas. E largou o emprego.

– Então eles estão fazendo o pessoal da Homicídios acompanhar os fugitivos da condicional agora?

Sustentei o olhar de Keating.

– O que você diz, Tom?

– Por que pensava que tenho alguma idéia de onde ele está? – Keating olhou para as pernas. – Velhos tempos são velhos tempos.

– Ouvi dizer que vocês mantiveram contato. É importante.

– Bem, estão perdendo seu tempo aqui, tenente – ele disse, em tom repentinamente formal.

Eu sabia que estava mentindo.

– Quando foi a última vez que falou com Coombs?

– Talvez tenha sido logo depois que ele saiu da prisão. Desde então podem ter sido uma ou duas vezes. Ele precisava de ajuda para se levantar. Posso ter dado uma mão a ele.

– E onde ele morava – interrompeu Jacobi – enquanto você dava essa mão para ele?

Keating balançou a cabeça.

– Em algum hotel na rua Eddy ou na O'Farrell. Não era o Saint Francis – ele disse.

– E não falou mais com ele desde então?

Olhei rapidamente para Helen Keating.

– O que vocês querem com o cara, afinal? – perguntou Keating irritado. – Ele pagou sua pena. Por que não o deixam em paz?

– Seria mais fácil assim, Tom – eu disse. – Se você simplesmente nos contasse.

Keating apertou os lábios secos, procurando avaliar para que lado pendia sua lealdade.

– Você trabalhou trinta anos, não foi? – disse Jacobi.

– Vinte e quatro. – Ele deu um tapinha na perna. – Tive o tempo abreviado no fim.

– Vinte e quatro bons anos. Seria uma pena manchar isso por não cooperar agora...

Ele reagiu.

– Você quer saber quem foi um grande especialista em falta de cooperação? Frank Coombs. O cara estava só fazendo seu trabalho e todos aqueles filhos da mãe, supostamente seus amigos, deram as costas para ele. Talvez seja assim que vocês fazem as coisas agora, com suas reuniões de ação na comunidade e seus cursos de sensibilidade. Mas naquela época nós tínhamos de tirar os bandidos das ruas. Com os meios de que dispúnhamos.

– Tom – a mulher dele chamou em voz alta –, Frank Coombs matou um menino. Essas pessoas são suas amigas. Querem falar com ele. Não sei até que ponto você precisa levar essa coisa de dever e lealdade. O seu dever é aqui.

Keating olhou para ela furioso.

– É, claro, meu dever é aqui. – Ele pegou o controle remoto da TV e virou para mim. – Fique aqui o dia inteiro, se quiser. Eu não tenho a menor idéia de onde Frank Coombs está.

Ele aumentou o volume da televisão.



– Filho da Puta – disse Jacobi quando saímos da casa. – Babaca da velha escola.

– Já estamos na metade da península – eu disse a ele. – Quer ir até Stanford? Para falar com o filho do Frank?

– É o jeito. – Ele deu de ombros. – Preciso mesmo de educação.

Demos a volta e fomos para a 280, chegamos a Palo Alto em meia hora.

Quando viramos na entrada do campus, com as palmeiras altas ladeando a estrada, os imponentes prédios ocre com seus telhados vermelhos, a Torre Hoover se erguendo majestosa sobre o Main Quad, fui envolvida pelo feitiço de fazer parte da vida universitária. Cada um daqueles meninos e meninas era especial e talentoso. Senti até um certo orgulho de saber que o filho de Coombs, apesar da criação difícil, tinha chegado até ali.

Fomos pedir informação na administração no Main Quad. Um assistente do reitor nos disse que Rusty Coombs devia estar no treino de futebol americano na casa do campo. Disse que Rusty era bom aluno, e um ótimo atacante. Fomos de carro até lá, um aluno que era técnico, de boné vermelho da Stanford, nos levou até o segundo andar e pediu que esperássemos do lado de fora da sala de musculação.

Minutos depois um menino robusto, de cabelo cor de cenoura, com camiseta suada do Cardinalis, saiu da sala. Rusty Coombs tinha feições amáveis e algumas sardas no rosto. Não demonstrava a beligerância que eu tinha visto nas fotos do pai dele.

– Acho que sei por que vocês estão aqui – ele disse, vindo ao nosso encontro. – Minha mãe telefonou e me disse.

Obarulho forte dos pesos e dos aparelhos de musculação ecoava ao fundo. Sorri com amabilidade.

– Estamos procurando seu pai, Rusty. Queremos saber se você tem alguma idéia de onde ele possa estar.

– Ele não é meu pai – disse o menino, balançando a cabeça. – O nome do meu pai é Theodore Bell. Foi ele que me criou com a minha mãe. Teddy me ensinou a pegar a bola. Foi ele que me disse que eu era capaz de entrar na Stantord.

– Quando foi a última vez que você soube de Frank Coombs?

– O que ele fez, afinal? Minha mãe disse que vocês são da Homicídios. Sabemos o que tem saído nos noticiários. Todo mundo sabe o que está acontecendo lá. O que quer que de tenha feito antes, já pagou sua pena, não pagou? Vocês não podem estar achando que por ele ter cometido alguns erros vinte anos atrás seja o responsável por esses crimes terríveis.

– Não teríamos feito essa viagem até aqui se não fosse importante – disse Jacobi.

O jogador de futebol ficava de um lado para outro, se apoiando ora num pé, ora no outro. Parecia um garoto simpático que podia cooperar. Ele esfregou as mãos.

– Ele veio aqui uma vez. Assim que saiu da prisão. Escrevi umas duas cartas para ele quando estava preso. Nós nos encontramos na cidade. Não queria que ninguém o visse.

– O que ele disse para você? – perguntei.

– Acho que ele só queria limpar a própria consciência. E saber o que minha mãe pensava dele. Não disse nem uma vez “Ei, parabéns, Rusty. Olhe só para você. Saiu-se muito bem”. E também não disse “Olha, eu acompanho seus jogos ...”. Estava mais interessado em saber se minha mãe tinha jogado fora umas coisas velhas dele.

– Que tipo de coisas? – perguntei.

O que seria tão importante para ele fazer aquela viagem até lá e cobrar isso do filho?

– Coisas da polícia – disse Rusty Coombs, balançando a cabeça. – Talvez as armas dele.

Sorri com simpatia. Eu sabia bem o que significava olhar para seu pai com algo que era menos do que admiração.

– Ele deu alguma idéia de para onde poderia ir?

Rusty Coombs balançou a cabeça. Parecia que ia desmoronar.

– Eu não sou Frank Coombs, inspetores. Posso ter o sobrenome dele, posso até ter de viver com o que ele fez, mas não sou ele. Por favor, deixem nossas famílias em paz. Por favor.

Bem, aquilo foi ruim. Remexer em antigas lembranças de Rusty Coombs fez com que me sentisse péssima. Até Jacobi concordou com isso.

Chegamos de volta à delegacia às quatro horas da tarde. Tínhamos ido até Palo Alto só para chegar a mais um beco sem saída. Muito divertido.

Havia um recado de Cindy para mim. Liguei para ela imediatamente.

– Corre um boato de que você já tem um suspeito – ela disse.

– Verdade ou mentira?

– Temos um nome, Cindy, mas não posso lhe contar nada. Queremos apenas pegá-lo e trazê-lo para cá para fazer umas perguntas.

– Então não há mandado?

– Cindy... ainda não.

– Não estou falando de uma história no jornal, Lindsay. Ele foi atrás da sua amiga. Lembra? Se eu puder ajudar...

– Tenho uma centena de policiais trabalhando nisso, Cindy. Alguns de nós até já cuidamos de uma ou duas investigações antes. Por favor, confie em mim.

– Mas, se você não prendeu, é porque ainda não *encontrou* o cara, não é?

– Pode ser também que ainda não tenhamos todas as provas. E Cindy, isso não é para publicar.

– Ei, sou eu, Linds. Claire também. E Jill. Nós estamos nesse caso, Lindsay. Todas nós.

Ela estava certa. Diferente de qualquer outro caso de homicídio em que eu havia trabalhado, esse parecia ficar cada vez mais pessoal. Por que isso? Eu não tinha Coombs e precisava de ajuda. Enquanto ele estivesse livre, tudo podia acontecer.

– Preciso da sua ajuda, sim. Pesquise seus arquivos antigos, Cindy. Você simplesmente não verificou bem lá para trás.

Ela fez uma pausa e depois aspirou o ar ruidosamente.

– Você tinha razão, não é? O cara é policial.

– Não pode partir daí, querida. E se partisse, estaria errada. Mas é quase isso.

Senti que ela estava analisando as informações e também mordida a língua.

– Ainda vamos nos reunir, não é?

Eu sorri.

– É, nós vamos nos reunir. Somos uma equipe. Mais do que nunca.

Já estava me apressando para ir para casa quando recebi uma ligação na minha linha externa. Eu estava lá sentada pensando que Tom Keating tinha mentido. Que tinha falado com Coombs. Mas antes de termos o mandado de prisão, Keating podia omitir isso o quanto quisesse.

Então foi a maior surpresa receber aquela ligação da mulher dele. Quase deixei o telefone cair.

– Meu marido é um homem muito teimoso, tenente – ela disse, obviamente nervosa. – Mas ele envervou aquela farda com orgulho. Nunca pedi satisfação de nada para ele. E não vou começar agora. Mas não posso ficar calada e não fazer nada. Frank Coombs matou aquele menino. E se fez mais alguma coisa, eu me recuso a acordar todas as manhãs, pelo resto da minha vida, sabendo que protegi um assassino.

– Seria melhor para todo mundo, Sra. Keating, se seu marido nos contasse o que sabe.

– Eu não sei o que ele sabe, e acredito nele quando diz que não fala com Coombs há algum tempo. Mas ele não contou toda a verdade, tenente.

– Bem, então por que não começa a contar?

Ela hesitou.

– Coombs apareceu aqui, sim. Uma vez. Talvez há uns dois meses.

– Sabe onde ele está?

O sangue foi acelerando nas minhas veias.

– Não – ela respondeu. – Mas peguei um recado dele. Para Tom. Ainda tenho o número.

Peguei uma caneta.

Ela leu o número para mim. 434-9117.

– Tenho certeza de que era algum tipo de pensão ou hotel.

– Obrigada, Helen.

Já ia desligar quando ela disse:

– Tem mais uma coisa... Quando meu marido disse que deu uma mão para Coombs, não estava contando a história toda. Tom realmente lhe deu algum dinheiro. E também deixou que ele levasse algumas coisas velhas do nosso depósito.

– Que tipo de coisas? – perguntei.

– As coisas antigas da polícia. Talvez uma farda velha e um distintivo.

Era isso que Coombs procurava na casa da ex-mulher. Seus antigos uniformes de polícia. Tive um estalo. *Deve ter sido assim que ele conseguiu chegar tão perto de Chipman e de Mercer...*

– Só isso? – perguntei.

– Não – disse Helen Keating. – Tom guardava armas lá. Coombs as levou também.

Em poucos minutos rastreei o número que Helen Keating dera até uma pensão na Larkin com McAllister. O Hotel William Simon. Meu coração estava aos saltos.

Liguei para Jacobi e o alcancei bem na hora que ia sentar para jantar.

– Encontre-me na Larkin com McAllister. No Hotel William Simon.

– Quer que eu vá me encontrar com você num hotel? Legal. Estou indo.

– Acho que encontramos Coombs.

Não podíamos prender Frank Coombs. Não tínhamos uma única prova que pudesse ligá-lo diretamente ao crime. Mas talvez eu conseguisse um mandado de busca para invadir o quarto dele. Naquele momento, a coisa mais importante era nos certificar de que ele ainda estava lá.

Vinte minutos depois, eu tinha chegado à área decadente que ficava entre o Civic Center e a Union Square. O William Simon era um buraco com um elevador só, embaixo de um enorme outdoor com uma modelo de calcinha Calvin Klein em pose sensual. Como diria Jill, eca.

Eu não queria chegar na recepção exibindo meu distintivo e a foto dele até estarmos prontos para a jogada. Acabei achando que não tinha outro jeito e liguei para o número que Helen Keating tinha dado. Tocou três vezes e uma voz de homem atendeu.

– *William Simon...*

– Frank Coombs está? – perguntei.

– *Coombs...*

Esperei enquanto o homem folheava uma lista de nomes.

– Não.

Merda. Pedi para ele verificar de novo. Repetiu que não. Naquele instante a porta do meu Explorer abriu. Meus nervos estavam esticados como as cordas de uma guitarra.

Jacobi entrou no carro. Usava uma camisa de golfe listrada e uma espécie de paletó curto, horroroso, tipo só para sócios. Com a barriga proeminente. Com um sorriso de orelha a orelha,

– Ei, madame, até onde essa nota de vinte pode me levar?

– A um jantar, talvez, se você pagar.

– Temos a identificação positiva? – ele perguntou.

Balancei a cabeça. Conteí o que tinha descoberto.

– Ele pode ter ido para outro lugar – disse Jacobi. – Que tal se eu entrar lá e mostrar o distintivo? Com a foto de Coombs?

Balancei a cabeça de novo.

– Que tal ficar aqui sentado e esperar?

Esperamos mais de duas horas. O trabalho de vigilância era incrivelmente monótono. Podia deixar as pessoas normais completamente loucas. Ficamos com os olhos grudados no hotel William Simon, conversando sobre tudo, desde Helen Keating ao que a mulher de Jacobi tinha feito para o jantar, falamos dos 49ers e de quem transava com quem na prefeitura. Jacobi até foi buscar alguns sanduíches numa lanchonete Subway.

Às dez horas, Jacobi resmungou:

– Isso pode levar a vida inteira. Por que não me deixa entrar lá, Lindsay?

Ele podia ter razão. Nem sabíamos se o número dado por Helen Keating era atual. Ela havia anotado semanas atrás.

Eu já ia ceder quando um homem dobrou a esquina na Larkin e caminhou para o hotel. Agarrei o braço de Jacobi.

– Olha ali.

Era Coombs. Reconheci o filho da mãe imediatamente. Usava uma jaqueta camuflada, andava com as mãos nos bolsos e com um chapéu mole inclinado para a frente, sobre os olhos.

– Filho da puta — resmungou Jacobi.

Precisei de todo o meu controle para ficar ali, vendo o safado se esgueirar até o hotel e não descer correndo do carro, não encostá-lo na parede. Gostaria de poder algemá-lo. Mas agora tínhamos Quimera. Sabíamos onde ele estava.

– Quero alguém grudado nele, vinte e quatro horas – eu disse para Jacobi. – Se ele descobrir que está sendo seguido, quero que o prendam. Tratamos das acusações depois.

Jacobi meneou a cabeça.

– Espero que tenha trazido uma escova de dentes. – Pisquei para ele. – O primeiro turno é seu.

Quando foram andando de mãos dadas para o apartamento dela na rua Castro, Cindy reconheceu que estava apavorada.

Aquela era a quinta vez que Aaron Winslow e ela saíam juntos. Tinham ido ver Cyrus Chestnut e Freddie Hubbard tocar no Blue Door; assistiram à *Traviata* na Ópera; pegaram a barca para atravessar a baía e foram para um minúsculo café jamaicano que Aaron conhecia. Aquela noite tinham assistido àquele filme de sonho, *Chocolat*.

Independentemente do que acontecesse aquela noite, ela gostava de estar com ele. Era mais profundo do que a maioria dos homens que tinha namorado e decididamente mais sensível. Além de ter lido livros inesperados como *A Heartbreaking Work of Staggering Genius* de Dave Eggers, e *The Bonesetter's Daughter*, de Amy Tan, ele levava a vida que pregava. Trabalhava de doze a dezesseis horas por dia e era amado no seu bairro, mas mesmo assim conseguia dominar seu ego. Ela ouvia isso sempre das pessoas que entrevistava para sua história. Aaron Winslow era um dos mocinhos.

Mas o tempo todo Cindy sentiu que esse momento espreitava, ao longe. Que estava ficando cada vez mais próximo. A cada segundo. Era o passo natural, ela pensou. Como diria Lindsay, a l trincheira de um homem só estava prestes a explodir.

– Você parece meio calada esta noite – disse Aaron. – Está tudo bem com você, Cindy?

– Estou ótima – ela mentiu.

Achava que ele era o homem mais doce com quem tinha saído, mas, *Meu Deus, Cindy, ele é um pastor. Por que não pensou nisso antes? Será que é uma boa idéia? Pense bem. Não vá magoá-lo. E não se magoe também.*

Pararam de andar quando chegaram à frente da entrada do prédio de Cindy e ficaram sob o arco iluminado. Ele cantou um verso de uma antiga melodia.

– Já passei por aqui antes.

Aaron tinha até boa voz para cantar.

Não adiantava adiar mais.

– Olha, Aaron, alguém tem de dizer isso. Você quer subir? Gostaria se subisse e odiaria se não subisse.

Ele suspirou e sorriu.

– Não sei exatamente como conduzir isso, Cindy. Não é exatamente a minha praia. Eu... é... nunca namorei uma loura antes. Não esperava nada disso.

– Posso me identificar com isso. – Ela sorriu. – Mas são só dois andares. Podemos conversar sobre isso lá em cima.

O lábio dele tremia um pouco e quando deu o braço para ela Cindy sentiu um arrepio percorrendo-lhe a espinha. Nossa, como gostava dele. E confiava também.

– Tenho a sensação de que estou prestes a cruzar uma fronteira – ele disse. – E não posso atravessá-la casualmente. Por isso, preciso saber. Estamos juntos? No mesmo lugar?

Cindy ficou na ponta dos pés e beijou com força a boca de Aaron. Ele, no início, pareceu surpreso e ficou tenso, mas lentamente a abraçou e se entregou ao beijo.

Foi exatamente como Cindy esperava, aquele primeiro beijo de verdade. Temo e excitante. Através do paletó dele podia sentir o ritmo do coração batendo. E gostou de ver que ele também tinha medo. Fez com que se sentisse ainda mais perto dele.

Quando o beijo terminou, ela olhou nos olhos dele e disse:

– Nós estamos lá. Juntos, no mesmo lugar.

Cindy pegou sua chave e subiu com ele os dois andares para o apartamento. Com o coração palpitando.

– É lindo. Não estou só me referindo a isso. – Ele apontou para uma parede de dois andares coberta por uma estante de livros e uma cozinha informal aberta. — É você... Cindy. Parece tolice minha não ter vindo aqui antes.

– Não foi porque eu não tentei. – Cindy deu um largo sorriso.

Meu Deus, ela estava nervosa demais.

Ele a abraçou de novo e dessa vez deu um beijo mais demorado. Aaron sabia beijar muito bem. Cada célula do corpo dela ganhou vida. Os pelinhos dos braços, o calor entre as coxas. Apertou o corpo contra o dele. Ela queria, desejava estar junto dele agora. Seu corpo era magro, mas também definitivamente forte.

Cindy sorriu.

– Então, o que você estava esperando?

– Eu não sei. Talvez algum tipo de sinal.

Ela apertou mais o abraço com o corpo todo e sentiu que ele estava excitado.

– Esse é um sinal – ela disse bem perto do rosto dele.

– Acho que meu segredo foi revelado. Sim, eu gosto de você, Cindy.

De repente o telefone tocou, quase uma explosão nos seus ouvidos.

– Ai meu Deus – ela gemeu. – Vá embora, deixe-nos em paz.

– Espero que esse não seja outro sinal. – Ele deu risada. Cada toque do telefone ia ficando mais irritante do que o anterior. Piedosamente, a secretária eletrônica acabou atendendo.

– Cindy, é Lindsay – disse a voz – Tenho uma coisa importante. Por favor, atenda aí.

– Atenda – disse Aaron.

– Agora que você finalmente veio até aqui, não use o tempo que eu ficar ao telefone para mudar de ideia.

Ela estendeu a mão atrás do sofá, procurou o fone e encostou na orelha.

– Não faria isso por ninguém, só por você – ela disse.

– Engraçado, era isso mesmo que eu ia dizer. Escute só. Lindsay contou a novidade e Cindy sentiu uma onda de triunfo percorrer seu corpo. Era aquilo que ela queria. Foi a visão dela que pôs Lindsay no caminho para encontrar o cara. Sim!

– Manana, e obrigada por ter ligado.

Cindy largou o telefone, colou em Aaron de novo e olhou nos olhos dele.

– Você queria um sinal. Acho que eu tenho o melhor do mundo.

O rosto dela brilhou de excitação.

– Eles o encontraram, Aaron.



Ficamos vigiando a noite diante do William Simon. Extraoficialmente. Até o momento, Coombs ainda não tinha saído de novo. Eu sabia onde ele estava. Agora só precisava montar o caso para a acusação.

Naquela manhã, Jill voltou ao trabalho. Fui até sua sala para inteirá-la das novidades. Quando desci do elevador no oitavo andar, dei de cara com Claire, que devia ter tido a mesma ideia.

– Mentres brilhantes e todo o resto – ela disse.

– Tenho uma grande notícia – eu disse para ela, com um sorriso de orelha a orelha. – Venha...

Batemos à porta e encontramos Jill sentada à sua mesa de trabalho, parecendo um pouco abatida. Pilhas de documentos e arquivos legais davam a impressão de que não tinha parado um só dia. Quando nos viu, seus olhos azuis ganharam vida, mas ao se levantar, com os braços estendidos para nos abraçar, Jill parecia estar se movendo com metade da velocidade habitual.

– *Não faça isso* – eu disse, fui até ela e dei-lhe um abraço. – Você tem de manejar.

– Estou bem. A barriga ainda está meio dura, o coração um pouco partido. Mas estou aqui. E isso é a melhor coisa para mim.

– Tem certeza de que é a melhor coisa a fazer? – perguntou Claire.

– Para mim, é – respondeu Jill. – Juro, doutora, que estou bem. Então, por favor, não tente me convencer de outra coisa. Se quiser me ajudar a começar a me curar, apenas me atualize do que está acontecendo.

Olhamos para ela com certo ceticismo. Mas eu precisava contar a novidade.

– Acho que nós o encontramos.

– Quem? – perguntou Jill.

Eu me enchi de orgulho.

– *Quimera*.

Claire olhou espantada para mim. Fechou os olhos por um instante, como se rezasse, depois abriu e deu um suspiro.

Jill ficou impressionada.

– Meu Deus, vocês, suas danadas, andaram ocupadas enquanto eu estive fora de combate.

As duas fizeram todas as perguntas pertinentes, e contei tudo para elas. Quando disse o nome dele, Jill resmungou:

– *Coombs...* lembro-me desse caso, da faculdade de direito...

Uma fagulha iluminou os olhos inteligentes.

– Frank Coombs. Ele matou um adolescente.

– Tem certeza de que é ele? – perguntou Claire.

Claire ainda usava um curativo no pescoço.

– Espero que sim – eu disse e depois acrescentei, sem dúvida nenhuma: – Sim, tenho certeza de que é ele.

– Já o prendeu? – perguntou Claire. – Posso visitá-lo em sua cela? Hein? Tenho um touro reprodutor que gostaria de experimentar.

– Ainda não. Ele está enfiado num buraco na Tenderloin. Estamos vigiando vinte e quatro horas.

Virei para Jill.

– O que diz, consultora? Quero prendê-lo.

Ela chegou mais perto, com movimentos inseguros, e encostou na quina da mesa.

– Muito bem. Diga exatamente o que você tem.

Falei de cada elo, das vagas associações com três das vítimas, da história de Coombs como atirador de elite, a raiva documentada contra os negros, como o PPJ selou seu destino. Mas a cada item de evidência, eu via a convicção de Jill diminuir.

– Jill, preste atenção. – Levantei a mão. – Ele pegou um trinta e oito da polícia de um policial aposentado, e Mercer foi assassinado com um trinta e oito. Três alvos têm ligação direta com a história pessoal dele. Tem um cara em San Quentin que diz que ele se vangloriava de estar preparando uma vingança...

– Trinta e oitos custam um centavo a dúzia, Lindsay. Você tem a prova de balística?

– Não, mas, Jill, o assassinato de Tasha Catchings aconteceu no mesmo bairro em que Coombs foi pego, vinte anos antes.

Ela me interrompeu.

– Que tal uma testemunha que possa pô-lo na cena? Uma testemunha só, Lindsay?

Balancei a cabeça.

– Uma pegada ou digital, então, ou um pedaço de roupa. Alguma coisa que o associe a um dos assassinatos?

Com um suspiro exasperado, respondi:

– Não.

– Provas circunstanciais podem condenar, Jill. – Claire entrou na conversa. – Coombs é um monstro. Não podemos simplesmente deixá-lo solto pelas ruas.

Jill olhou séria para nós duas. Nossa, era quase a Jill antiga.

– Vocês não acham que quero pegá-lo tanto quanto vocês? Não acham que olho para você, Claire, e penso que estivemos muito perto de...? Mas não há arma, o motivo é fraco. Você não o colocou nem à vista de alguma cena de assassinato. Se invadir o quarto dele e não encontrar nada, vai perdê-lo para sempre.

– Coombs é Quimera, Jill – eu disse. – Sei que ainda não tenho tudo amarrado, mas tenho um motivo e elos que o ligam a três vítimas. Além de testemunho de terceiros que corrobora suas intenções.

– Testemunha do presídio – disse Jill. – Jurados hoje em dia riem disso.

Ela se levantou, veio até nós e segurou a mão de Claire e a minha.

– Olhem, sei que vocês querem demais resolver esse caso. Sou amiga de vocês, mas continuo representante da lei. Tragam-me qualquer coisa, alguém que o viu numa cena, uma impressão deixada numa porta. Deem-me qualquer coisa, Lindsay, que saio correndo por essa porta para pegá-lo, igual a você. Vire-o de cabeça para baixo, chacoalhe bem até os trocados caírem dos bolsos.

Fiquei ali transbordando de frustração e de raiva, mas sabia que Jill estava certa. Balancei a cabeça e fui para a porta.

– O que você vai fazer? – perguntou Claire.

– Vou chacoalhar o filho da mãe. Virar a vida dele de cabeça para baixo.

Quinze minutos mais tarde Jacobi e eu pegamos Cappy do lado de fora do William Simon e fomos para o saguão do hotel decadente. Um indiano de turbante com cara de sono folheava um jornal em sua língua nativa, atrás do balcão da recepção. Jacobi pôs a foto de Coombs e o distintivo dele na frente dos olhos espantados do homem.

– Qual quarto?

O funcionário de turbante levou uns três segundos para examinar a foto com olhos semicerrados, abrir um livro de registros de capa preta e dizer, com sotaque forte:

– Três zero sete. Ele se registrou com o nome Burns. – O indiano apontou. – Elevador à direita.

Minutos depois, estávamos no corredor encardido e com a pintura das paredes descascando, no terceiro andar, diante da porta do quarto de Coombs, destravando nossas automáticas.

– Lembre que vamos apenas conversar – avisei. – Fiquem de olhos bem abertos para qualquer coisa que possamos usar.

Jacobi e Cappy menearam a cabeça, depois cada um assumiu sua posição, um de cada lado da porta. Cappy bateu.

Ninguém respondeu.

Ele bateu de novo.

– Sr. Frank Burns?

Finalmente ouvimos uma voz pesada e mal-humorada.

– Vá embora, porra. Dá o fora. Já paguei até sexta-feira.

Jacobi gritou:

– Polícia de San Francisco, Sr. Burns. Trouxemos seu café da manhã.

Fez-se uma longa pausa. Ouvi uma comoção, o barulho de uma cadeira sendo arrastada e de uma gaveta fechando. Por fim, o barulho de passos se aproximando e uma voz rosnando:

– Que merda vocês querem?

– Apenas fazer algumas perguntas. Importa-se de abrir a porta?

Ficamos mais ou menos um minuto esperando, com os dedos tensionados no gatilho, até ouvirmos a porta finalmente destrancar.

Quando a porta se abriu, revelou um Coombs furioso. Quimera.

O rosto dele era redondo e pesado, olhos murchos dentro de crateras fundas. Cabelo curto, grisalho, nariz grande e chato, pele manchada. Usava uma camiseta branca de manga curta por fora de uma calça cinza toda amassada. E seus olhos ardiavam de ódio e desprezo.

– Toma aqui..., – disse Jacobi, batendo um exemplar do *Chronicle* enrolado no peito dele. – Seu jornal. Você se importa se a gente entrar?

– É, eu me importo – Coombs disse com cara de raiva. Cappy sorriu.

– Alguém já disse que você é idêntico a um malandro que era da polícia? Qual era mesmo o nome do cara? Ah, sim, Coombs. *Frank Coombs*. Já ouviu alguém dizer isso antes?

Coombs piscou friamente, então a boca formou um meio sorriso.

– Quer saber? Sou levado para dentro de aviões no lugar dele o tempo todo.

Se ele reconheceu Jacobi ou Cappy de anos atrás na polícia, não demonstrou, mas franziu o cenho e olhou para mim como se me reconhecesse.

– Não me digam que depois de todo esse tempo, vocês palhaços são o comitê de boas-vindas do departamento para mim?

– Que tal nos deixar entrar? – pediu Jacobi.

Vocês vieram com um mandado? – caçou Coombs.

– Eu disse educadamente que estamos apenas entregando seu jornal matinal.

– Então façam uma porra de escândalo. Entrem – disse Coombs de dentes cerrados.

Os olhos dele abriam um buraco a fogo na nossa nuca.

Cappy empurrou a porta com firmeza na cara de Coombs, e depois ele e Jacobi entraram no quarto.

– Já que estamos aqui, podemos aproveitar para lhe fazer umas perguntas.

Coombs esfregou o queixo com a barba por fazer e, com os olhos, nos lançou faíscas malignas. Mas acabou puxando uma cadeira de baixo de uma mesa pequena e sentou com os braços em volta do encosto.

– Babacas – ele resmungou. – Bundões inúteis.

O quarto minúsculo estava cheio de folhas de jornal, garrafas de Budweiser enfileiradas no parapeito da janela, guimbas de cigarro em latinhas de Coca-Cola. Tive a sensação de que se pudesse bisbilhotar ia encontrar alguma coisa ali.

– Esta é a tenente Boxer, da Homicídios – disse Jacobi. – Somos os inspetores Jacobi e McNeil.

– Parabéns. – Coombs deu um sorriso largo. – Já estou me sentindo mais seguro. O que os Três Patetas querem?

– Como eu disse – respondeu Jacobi —, você devia ler os jornais. Ficar a par do que anda acontecendo. Você acompanha sempre o que aparece no noticiário?

– Se têm alguma coisa para dizer, falem logo.

– Então, comece contando onde estava quatro noites atrás – eu disse. – Na sexta-feira. Por volta das onze.

– Não fode – zombou Coombs. – Vocês querem brincar, então vamos brincar. Eu estava no balé, ou então na vernissage daquela exposição de arte. Não lembro. Minha agenda anda cheia ultimamente.

– Simplifique para nós – disse Cappy, irritado.

– Claro. Tudo bem. Na verdade, eu estava com amigos

– Esses amigos – interrompeu Jacobi eles têm nomes, números de telefone? Tenho certeza de que ficarão felizes de poder testemunhar a seu favor.

– Por quê? – A boca de Coombs se enrugou num leve sorriso.

– Vocês têm alguém que diz que eu estava em outro lugar?

– Acho que o que eu estava pensando – olhei bem nos olhos dele – era: quando foi a última vez que você foi até Bay View? Seu antigo território de cobertura? Talvez devesse chamar de seu território de estrangulamento.

Coombs ficou furioso. Deu para ver que ele queria apertar o meu pescoço.

– Então ele lê os jornais, sim – debochou Cappy.

O ex-presidiário continuou a olhar feio para nós.

– Que porra é essa, inspetor, está pensando que sou algum novato cujos joelhos começam a tremer quando aponta o pau para ele? É claro que leio os jornais. Vocês, babacas, não conseguem resolver seu caso, por isso vêm até aqui me importunar pelos velhos tempos. Vocês não têm nada contra mim, senão não estariam me rodeando e estaríamos tendo essa conversa lá na delegacia. Se vocês acham que matei todos aqueles vagabundos filhos da mãe, então me prendam. Se não, *oh, vejam que horas são...* Minha limusine está esperando. Terminamos aqui?

Eu tive vontade de agarrá-lo pelo pescoço e socar a cara dele na parede. Mas Coombs tinha razão. Não podíamos prendê-lo. Não com o que tínhamos.

– Terá de responder a algumas perguntas, Sr. Coombs. Terá de responder por que três pessoas que tinham ligação com sua acusação de assassinato vinte anos atrás estão mortas. Terá de

responder o que estava fazendo nas noites em que elas foram mortas.

As veias na testa de Coombs começaram a saltar. Então ele se acalmou e franziu os lábios num sorriso.

– Vocês devem ter vindo até aqui, tenente, porque têm alguma testemunha que pode me botar em uma das cenas dos crimes.

Fiquei olhando para a cara dele sem responder.

– Ou minhas impressões digitais em alguma arma? Ou fios deste tapete, certo, ou da minha roupa? Só vieram aqui para deixar que eu me entregue com dignidade?

Eu estava a poucos centímetros de Quimera, vendo seu sorriso arrogante.

– Está pensando que só porque seus capangas da ação positiva vêm aqui e olham feio para mim, vou abaixar a calça e dizer, podem enfiar...? Sinto muito prazer de ver aqueles babacas caindo, um por um. Vocês acabaram com a minha vida. Tenente, se querem me dar uma dura, então finjam que são verdadeiros policiais. Descubram alguma coisa que cole.

Continuei olhando para aqueles olhos frios e insolentes. Eu queria tanto prendê-lo. Fiquei tentada.

– Considere-se suspeito de assassinato, Sr. Coombs. Você conhece a rotina. Não saia da cidade. Voltaremos a procurá-lo em breve.

Acenei com a cabeça para Cappy e Jacobi. Fomos para a porta.

– E mais uma coisa. – Dei meia-volta sorrindo. – Só para você saber... De Claire Washburn...  
*Chegue um pouco para a esquerda, hum... babaca?*

Estava completamente ligada e tensa no fim do expediente. Não tinha como ir para casa e relaxar.

Fui dirigindo pela Brannan na direção de Potrero e minha cabeça repassava a guerra que foi a entrevista com Coombs. Ele estava zombando de nós, rindo na nossa cara, sabia que não podíamos prendê-lo.

*Eu sabia quem era Químera, mas não podia encostar nele.*

Parei num sinal, sem querer ir para casa, mas sem saber para onde ir. Cindy ia sair, Jill e Claire estavam em casa com seus maridos. Eu podia ter um programa também, se me tornasse pelo menos um pouco acessível.

Pensei em ligar para Claire, mas a bateria do meu celular estava fraca. Precisava recarregar a maldita bateria. Eu queria fazer *alguma coisa* e aquela urgência estava me consumindo.

Se ao menos pudesse entrar no quarto de hotel de Coombs... Estava me sentindo dividida entre ir para casa e possivelmente cometer o maior erro da minha carreira. Minha voz racional dizia: *Lindsay, vá para casa, pegue-o amanhã... Ele vai fazer alguma besteira muito em breve.*

As batidas do meu coração diziam: *Nada disso, querida, fique em cima dele.*

*Chacoalhe o filho da mãe.*

Virei meu Explorer na Sétima e fui para o bairro Tenderloin. Eram quase nove horas.

Meu carro parecia ir sozinho para o William Simon. Meu peito estava apertado e pressurizado. Pete Worth e Ted Morelli estavam no turno da noite, e quando parei o carro vi os dois num Acura azul. Eles tinham recebido ordens, para seguir Coombs se ele saísse e notificar pelo rádio. Mais cedo aquele dia, Coombs tinha saído, caminhou naturalmente pelo quarteirão e acabou se instalando num café para ler o jornal. *Ele sabia que estava sendo vigiado.*

Desci do meu Explorer e fui falar com Worth e Morelli.

– Algum sinal dele?

Morelli inclinou a cabeça para fora da janela do motorista.

– Nada, tenente. Ele deve estar lá em cima assistindo ao jogo dos Kings. Aquele lixo. Ele sabe que estamos plantados aqui. Por que não vai para casa? Cuidaremos dele esta noite.

Por mais que detestasse admitir, ele devia ter razão. Não havia nada que eu pudesse fazer ali.

Liguei o motor de novo e acenei para os rapazes quando passei por eles. Mas na esquina da Eddy, algum impulso autoritário me impediu de sair dali. Era como se alguma coisa dissesse: *O que você quer está aqui.*

*Ele sabe que está sendo vigiado... E? ... Ele quer ser melhor do que a polícia de San Francisco.*

Desci a Polke voltei para o William Simon. Passei por lojas de penhores, uma de bebidas que ficava aberta a noite inteira, a vitrine de um restaurante chinês. Um carro patrulha estava estacionado no fim do quarteirão.

Passei pelos fundos do hotel. Várias latas de lixo do lado de fora. Mais nada. A rua estava deserta. Apaguei o farol e fiquei ali parada. Não sei o que esperava que acontecesse, mas estava enlouquecendo com aquilo.

Resolvi descer do carro e entrar no hotel pela porta dos fundos. Chacoalhar o filho da mãe. Estava estava em subir para conversar com Coombs de novo. É, quem sabe não assistíamos juntos ao jogo do Kings.

Havia um bar estreito e encardido ao lado do saguão. Dei uma espiada lá dentro, vi dois malucos, mas não Frank Coombs. Que droga, havia um assassino naquele hotel, matador de

policiais, e não podíamos fazer absolutamente nada.

Um movimento perto da escada dos fundos chamou minha atenção. Voltei para o bar escuro para me esconder. Estava tocando uma música muito antiga na jukebox, “Soul Man” de Sam e Dave. Vi uma pessoa descendo a escada, olhando em volta como O Fugitivo.

*Que merda era essa!*

Reconheci a jaqueta camuflada, o chapéu mole cobrindo o rosto. Olhei bem para ter certeza.

Era Frank Coombs.

Quimera ia entrar em ação.

Coombs se escondeu na cozinha de um restaurante barato anexado ao hotel. Esperei alguns segundos e depois fui atrás dele.

Agora era eu que mantinha a cabeça abaixada e lançava olhares furtivos para os lados. Vi Coombs, mas ele tinha mudado. Estava usando um paletó branco de cozinha e um chapéu engordurado de mestre-cuca. Lembrei-me do meu celular e logo depois que estava mudo. Eu não estava realmente numa missão policial, não tinha precisado dele.

Coombs saiu pela porta dos fundos do hotel. Antes que eu tivesse chance de fazer um sinal para o carro patrulha, discretamente, ele entrou numa ruazinha.

Espiei aquela ruela e vi que ela dobrava na direção da rua onde tinha estacionado meu carro. Corri para ele.

Felizmente eu ainda podia vê-lo. Coombs foi andando apressado pela rua, a menos de vinte metros do meu carro. Esperava ter uma chance de fazer um sinal para o carro patrulha, mas não tive.

Coombs entrou num terreno baldio, indo para a Van Ness. Eu estava uma fera com o nosso pessoal. Tinham deixado Coombs escapar. Tinham estragado tudo.

Esperei até ele desaparecer no terreno, então dei a volta com o Explorer e fui para o cruzamento. No sinal, virei à direita e acendi os faróis. A rua movimentada estava lotada de gente. Uma loja Kinko's do correio, uma loja de eletrônicos Circuit City, pedestres passando.

Fiquei vigiando o ponto em que o terreno baldio devia dar.

Sentada no carro, olhando para os dois lados do quarteirão. *Será que ele tinha conseguido chegar à avenida antes de mim? Será que já tinha sumido no meio da multidão? Merda!*

De repente, lá na frente, avistei a jaqueta camuflada saindo de uma ruazinha entre a Kinko's e uma sapataria chamada Favor.

Ele tinha tirado o paletó e o chapéu de cozinheiro.

Tinha quase certeza de que ele não me vira. Coombs olhou para os dois lados, depois foi andando para o sul, na direção da Market, com as mãos nos bolsos. Tive vontade de passar com o carro por cima dele.

No cruzamento seguinte, fiz a volta e retornei pelo outro lado da rua, uns vinte metros atrás de Coombs.

Ele era muito bom nisso. Movimentava-se bem. Obviamente, estava em boa forma. Mas finalmente pareceu satisfeito de ter conseguido escapar sem ser visto. E quase conseguiu mesmo.

Na rua Market, Coombs entrou correndo numa estação do BART no meio da rua. E pegou um ônibus elétrico para o sul.

Segui o ônibus que continuou rodando para o sul na rua Mission. Cada vez que parava, eu apertava o freio e esticava o pescoço para ver se Coombs ia saltar. Ele não desceu do ônibus em parada nenhuma. Estava saindo do centro da cidade.

Já perto de Bernal Heights, na estação Glen Park, o ônibus ficou parado alguns segundos. Quando ia partindo, Coombs desceu.

Qua tarde demais para eu parar. Não tive escolha, o único jeito foi passar por ele. Eu me encolhi toda dentro do carro, com todos os nervos do corpo ouriçados. Tinha participado de várias operações como aquela, segui dúzias de carros, mas nunca com tanto risco envolvido.

Coombs ficou parado na plataforma, olhando para todas as direções. Não tive alternativa senão continuar em frente. Pelo espelho retrovisor, fiquei observando. Parecia que ele estava seguindo



meu carro, até desaparecer.

Droga... Eu só podia continuar avançando. Estava com muita raiva, furiosa. Quando tive certeza de estar fora da vista dele, acelerei subindo uma ladeira residencial e atravessei um retomo de três pontos na auto estrada, rezando para Coombs ainda estar lá.

Acelerei pela rua e dei a volta para chegar à estação de Glen Park pelo outro lado.

O filho da puta tinha sumido! Procurei freneticamente por todo lado, mas não havia nem sinal dele. Soquei a direção com raiva.

– Filho da puta! – berrei.

Então, uns trinta metros à frente, avistei um Pontiac Bonneville mostarda saindo de uma transversal e parando no meio-fio. Só me concentrei nele porque era a única coisa que se movia no meu raio de visão.

E de repente, lá estava Coombs. Ele saiu de baixo da marquise de uma loja e pulou no Bonneville pela porta do carona.

Com você de novo, pensei com meus botões.

Aí o Bonneville partiu em disparada.

E eu também.

Segui Coombs, a mais ou menos dez carros de distancia. O Bonneville pegou a rampa de entrada para a 280 e foi para o sul. Fiquei de longe, com o coração acelerado. Já estava funcionando à base da adrenalina. A única coisa que podia fazer era seguir Coombs da melhor forma possível.

Depois de alguns quilômetros, a seta do Bonneville piscou e ele foi para a saída da autoestrada para San Francisco Sul. Percorreu a periferia onde reside a classe trabalhadora da cidade, depois subiu uma ladeira íngreme que eu sabia ser a South Hill. As ruas foram ficando escuras e eu apaguei os faróis.

O Bonneville então desceu por uma rua isolada e sem iluminação. Cheia de casas de projeto habitacional de classe média enfileiradas e precisando muito de reformas. No final da rua, o carro parou na entrada de uma casa branca de madeira encarapitada num morro com vista para o vale. O lugar era bem bonito, mas a casa era um horror.

Coombs e seu parceiro desceram do carro conversando. Entraram na casa. Virei numa entrada escura, três casas mais abaixo. Nunca me senti tão assombrada de estar sozinha como ali, naquele momento. Mas não podia deixar Coombs escapar, não podia deixar que ele nos enganasse.

Tirei a Glock do porta-luvas e verifiquei o clipe. Totalmente carregado. *Meu Deus, Lindsay. Sem colete à prova de balas, sem reforço na retaguarda, sem um celular que funcione.*

Eu me esgueirei pela calçada escura até a casa branca, com a automática do lado do corpo. Eu era boa com a arma, mas será que bastava?

Havia diversos carros e picapes caindo aos pedaços largados em pontos aleatórios do topo da entrada. As luzes do andar térreo estavam acesas. Ouvi vozes. *Bem, eu tinha chegado até ali.*

Fui subindo pelo caminho estreito até a garagem, que comportava dois carros e ficava separada da casa principal por uma passagem asfaltada. As vozes ficaram mais altas. Tentei entender o que diziam, mas ainda estavam longe demais. Respirei fundo e cheguei mais perto. Apoiada na casa, espiei por uma janela. Sei Coombs demonstrasse que ia ficar um tempo ali, eu poderia chamar reforço.

Seis tipos que pareciam fora da lei, garrafas de cerveja, cigarros, em volta de uma mesa. Coombs era um deles. No braço de um homem vi uma tatuagem que deixou tudo muito claro.

*Cabeça de leão, cabeça de bode, rabo de réptil.*

Aquela era uma reunião do Quimera.

Encostei mais, tentando ouvir. De repente, ouvi o ronco de outro carro subindo a South Hill. Fiquei paralisada. Agarrei-me à casa no espaço entre ela e a garagem. Ouvi a porta do carro bater e, depois, vozes e passos vindo na minha direção.

Vi dois homens chegando, um de BARBA loira e rabo de cavalo comprido, o outro com um colete de brim índigo, os braços cobertos de tatuagens. Eu não tinha para onde ir.

Eles me viram.

– Quem é você?

Havia duas possibilidades. Recuar com a arma apontada para eles, ou fincar o pé e prender Coombs naquele exato momento. Essa última me pareceu a melhor idéia.

– Polícia! – gritei e imobilizei os dois recém-chegados sob a minha mira.

Apontei a automática com as duas mãos.

– Homicídios de San Francisco. Mãos para cima.

Os dois homens reagiram sem pânico, com calma. Eles se entreolharam, avaliando a situação, depois me olharam de novo. Eu tinha certeza de que estavam armados, e os outros dentro da casa também. Um pensamento apavorante tomou conta de mim: *Em podia morrer ali.*

Foi uma barulheira geral. Dois outros homens chegaram da rua. Dei meia-volta e apontei a arma para eles.

De repente, as luzes da casa se apagaram. A entrada ficou às escuras também. *Onde estava Coombs? O que ele estava fazendo agora?*

Abaixei com um joelho no chão, em posição de atirar. Não se tratava mais de Coombs.

Ouvi um barulho atrás de mim. Alguém se aproximava rapidamente. Virei naquela direção e então fui atacada por outra pessoa. Fui agarrada, derrubada. Bati com força no chão sob um peso de uns cem quilos.

Então fiquei cara a cara com um rosto que não queria ver. Uma cara que eu odiava.

– Olhem só o que a maré trouxe. – Frank Coombs sorria de orelha a orelha.

Ele balançou um 38 na frente dos meus olhos.

– A menininha de Marty Boxer.

Coombs se abaixou bem perto de mim com aquele debochado, aquele jeito escachado que eu já aprendera a detestar. Quimera estava bem ali.

– Parece que é você que está chegando um pouco para a esquerda agora – ele disse.

Tive clareza mental apenas suficiente para entender em que encrenca surreal eu estava metida. Tudo que podia ter dado errado... deu.

– Esta é uma investigação de assassinato – eu disse para os homens à minha volta. – Frank Coombs é procurado por ter ligação com quatro crimes, inclusive de dois policiais. Vocês não vão querer fazer parte disso.

Coombs continuou sorrindo.

– Está desperdiçando seu fôlego se pensa que essa babaquice tem alguma influência aqui. Soube que falou com Weisz. Carinha legal, não é? Amigo meu.

Fiz força para sentar. Como é que ele sabia que eu tinha ido até Pelican Bay?

– O pessoal sabe que estou aqui.

Subitamente vi o punho cerrado de Coombs. Ele me acertou em cheio no maxilar. Senti um líquido quente escorrendo e enchendo minha boca, meu próprio sangue. Minha cabeça procurava algum modo de escapar.

Coombs continuou a rir de mim.

– Vou fazer o que vocês filhos da puta fizeram comigo. Tirar algo precioso de você. Tirar uma coisa que você nunca poderá ter de volta. Você ainda não entendeu nada.

– Já entendi o bastante. Você matou quatro pessoas inocentes.

Coombs riu de novo. Passou a mão áspera no meu rosto. O veneno no olhar dele, a frieza do toque com a mão quase me fizeram vomitar.

Escutei o tiro, bem alto e perto, mas foi Coombs que urrou e pôs a mão no ombro.

Os outros se espalharam. O caos dominava naquela escuridão, e fiquei confusa como qualquer um. Outra bala passou zunindo.

Um bandido magricela cheio de tatuagens gemeu e pôs a mão na coxa. Mais dois tiros bateram na parede da garagem.

– Que merda está acontecendo? – berrou Coombs. – Quem está atirando?

Deram mais tiros. Vinham das sombras no fim do caminho da entrada. Eu me levantei e corri abaixada para longe da casa. Ninguém me impediu.

– Aqui. – Ouvi alguém gritar lá na frente.

Bombeei as pernas para continuar correndo na direção da voz. O atirador estava agachado atrás do Bonneville cor de mostarda.

– Vamos dar o fora! – ele berrou.

Então eu vi, mas não podia acreditar no que estava vendo.

Estendi os braços e caí nos braços do meu pai.

Nós nos afastamos a toda velocidade da casa e percorremos a maior parte do caminho para San Francisco antes de falar qualquer coisa. Finalmente meu pai parou o carro dele no estacionamento apinhado de um 7-Eleven. Olhei para ele, ainda ofegante, com o coração descompassado.

– Você está bem? – ele perguntou, com a voz mais doce que eu já tinha ouvido.

Assenti com a cabeça, sem muita convicção, fazendo um inventário de onde doía. Meu maxilar... a nuca... meu orgulho.

Devagar as perguntas que precisavam ser respondidas foram surgindo através da névoa.

– O que você estava fazendo lá? – perguntei.

– Andava preocupado com você. Especialmente depois que foram atrás da sua amiga Claire.

Entendi de repente e fiquei atônita.

– Você estava me seguindo?

Ele limpou o sangue que tinha escorrido do canto da minha boca com o polegar.

– Fui policial durante vinte anos. Segui você depois que saiu do trabalho esta noite. Está bem?

Minha cabeça zunia sem acreditar, mas de certa forma aquilo não tinha importância. Então, olhando para meu pai, outra coisa surgiu na minha cabeça. Uma coisa que não estava encaixando. Lembrei Coombs zombando de mim.

– Ele sabia quem eu era.

– Claro que sabia. Você o encontrou cara a cara. Você é a encarregada desse caso.

– Não quis dizer em relação ao caso. Ele sabia de você.

O olhar do meu pai demonstrou confusão.

– O que quer dizer?

– Ele sabia que eu era sua filha. Ele sabia. Chamou-me de menininha de Marty Boxer.

Uma luz piscava num anúncio de cerveja na vitrine do 7-Eleven, iluminou o rosto do meu pai.

– Eu já lhe contei. Coombs e eu éramos conhecidos. Todos me conheciam naquela época.

– Não foi o que ele quis dizer. – Balancei a cabeça. – Ele me chamou de menininha de Marty Boxer. Falava de você.

Repassei mentalmente a conversa cara a cara com Coombs aquela manhã no hotel. Tive a mesma sensação imprecisa naquela hora. De que ele me conhecia. Que havia alguma coisa entre mim e ele.

Cheguei para trás e perguntei, com a voz tensa:

– Por que estava me seguindo? Preciso saber de tudo.

– Para protegê-la. Eu juro. Para fazer a coisa certa pelo menos uma vez.

– Sou policial, pai, não a sua florzinha. Você está escondendo alguma coisa. Você está envolvido nisso de alguma forma. Se quer fazer a coisa certa pelo menos uma vez, é hora de começar.

Meu pai inclinou a cabeça para trás, com os olhos fixos para frente. Respirou bem fundo.

– Coombs me procurou quando saiu da prisão. Conseguiu me encontrar lá no sul.

– Coombs procurou você? – perguntei, de olhos arregalados e completamente chocada. – Por que ele procuraria você?

– Ele perguntou se eu tinha aproveitado aqueles últimos vinte anos da minha vida, enquanto ele estava preso. Se eu tinha realizado alguma coisa. Ele disse que era hora de me pagar.

– Pagar a você? Pagar o quê para você?

Assim que fiz a pergunta tive consciência da resposta. Olhei duro para os olhos mentirosos do

meu pai.

– Você estava lá aquela noite, não estava? Metido nisso, vinte anos atrás.

Meu pai olhou para o outro lado. Eu tinha visto o olhar de vergonha e culpa antes... demais... quando era apenas uma menina.

Ele começou a explicar. Lá vamos nós de novo, não é, pai?

– Éramos seis na cena do crime, Lindsay. Eu só estava lá por acaso. Substituí um cara, Ed Dooley. Fomos os últimos a chegar. Não vi droga nenhuma. Chegamos lá depois que tudo já tinha acontecido. Mas ele nos persegue, a todos nós, desde então.

“Eu nunca soube que ele era o Quimera, Lindsay. Nisso você precisa acreditar. Nunca ouvi falar desse policial Chipman até você falar dele outro dia. Pensei que ele estivesse apenas me ameaçando.”

– Ameaçando você, pai? – Pisquei, sem acreditar.

Meu coração estava partindo.

– Ameaçar você com o quê? Por favor, faça com que eu entenda. Realmente quero entender.

– Ele disse que ia fazer com que me sentisse do jeito que ele se sentiu todos esses anos. Perdendo tudo. Ele disse que vinha atrás de você.

– Foi por isso que você voltou — eu disse e suspirei. – Não foi? Toda aquela história de querer consertar as coisas. Fazer as pazes comigo. Não era nada disso.

– Não. – Ele balançou a cabeça. – Eu já tinha feito muita merda. Não podia deixar que ele levasse o resto, a parte que era boa. É por isso que estou aqui, Lindsay. Eu juro. Dessa vez não estou mentindo.

Minha cabeça latejava. Tinha um suspeito de assassinato à solta. Tiros tinham sido disparados. Não sabia o que concluir disso. O que fazer com meu pai? Quanto ele realmente sabia? Como lidar com Coombs agora? Com o Quimera?

– Você está dizendo a verdade? Para variar? Esse é o meu caso, meu grande e importante caso. Preciso saber a verdade. Por favor, não minta para mim, pai.

– Eu juro — ele disse, com os olhos baixos de vergonha. – O que você vai fazer?

Olhei furiosa para ele.

– Sobre o quê? Sobre Coombs, ou sobre nós...?

– Sobre toda essa zona. O que aconteceu esta noite.

– Eu não sei. – Engoli em seco. – Mas eu sei de uma coisa. Se puder, vou prender Coombs.

Por volta das dez horas da manhã seguinte eu já tinha um mandado de busca nas mãos. Dava acesso ao quarto de Coombs no William Simon. Seis de nós corremos para lá em dois carros.

Coombs estava vulnerável. Havia coisas pelas quais podíamos prendê-lo. Como tentativa de homicídio contra um policial e resistência à prisão. Eu tinha expedido um boletim sobre ele e enviei uma equipe para examinar a casa da reunião de onde todos tínhamos fugido na noite anterior.

Pedi para Jill se encontrar comigo e com Jacobi no William Simon. Eu tinha esperança, contra todas as possibilidades, de que encontraríamos alguma coisa no quarto de Coombs para associá-lo a um dos assassinatos. Se encontrássemos alguma prova, eu queria que emitissem imediatamente uma ordem de prisão.

O mesmo indiano da recepção do hotel abriu o quarto para nós. Estava desarrumado, com uma fila de latas de cerveja e de refrigerante sobre o parapeito da janela. As únicas peças de mobília eram uma cama metálica com um colchão fino, uma cômoda onde estavam os produtos de toalete dele, uma escrivaninha, uma mesa e duas cadeiras.

– O que você esperava – zombou Jacobi –... um Holiday Inn?

Havia vários exemplares de jornais espalhados pelo quarto, *Chronicle* e *Examiner*. Nada fora do comum. Numa bancada ao lado da cama, notei um pequeno troféu de atirador de elite. Um atirador mirando um rifle com a inscrição Campeão Regional de Tiro Direto a 50 metros e o nome de Frank Coombs.

Fez meu estômago se retorcer.

Fui até a escrivaninha. Enfiados embaixo do telefone havia recibos amassados e alguns números que não reconheci. Encontrei um mapa de San Francisco e da periferia da cidade. Tirei as gavetas da escrivaninha. Um velho catálogo de telefone, alguns folhetos com cardápios para entrega em domicílio de restaurantes locais, um guia da cidade desatualizado.

Nada...

Jill olhou para mim. Balançou a cabeça e fez uma careta.

Continuei vasculhando o quarto. Tinha de ter alguma coisa ali. Coombs era Quimera...

Chutei a gaveta para fechar e com isso um abajur caiu no chão. Com a mesma frustração, agarrei o colchão e arranquei-o da cama com raiva.

– Está aqui, Jill. Alguma coisa tem de estar.

Para minha surpresa, um envelope pardo que estava entre o colchão e a cama box caiu no chão. Peguei, abri e joguei o que tinha dentro na cama de Coombs.

Não era uma arma, nem qualquer coisa tirada das vítimas... mas era praticamente a história do caso Quimera. Artigos de jornais e revistas, alguns muito antigos, de vinte e dois anos antes, na época do julgamento, um da revista Time, com detalhes do caso. Um dos textos tinha o título “Lobby da polícia exige a prisão de Coombs”, e a foto de uma manifestação dos Policiais pela Justiça na praça da prefeitura. Examinando aqueles papéis, meus olhos foram atraídos por um círculo vermelho que Coombs tinha desenhado, destacando uma citação atribuída ao porta-voz de um grupo, o sargento patrulheiro Edward Chipman.

– Bingo. – Jacobi assobiou.

Continuamos examinando os papéis e achamos artigos sobre o julgamento, cópias de cartas de Coombs para a promotoria pública exigindo novo julgamento. Uma cópia meio apagada do relatório original da Comissão da Polícia sobre o incidente em Bay View. Havia muitos



comentários raivosos rabiscados por Coombs nas margens da folha. “Mentiroso” sublinhado com força e “Maldito covarde”. Um colchete vermelho destacava o testemunho do tenente Earl Mercer.

Em seguida, uma série de artigos atuais, descrevendo os assassinatos mais recentes de Tasha Catchings, Davidson Mercer... uma nota bombástica no Oakland Times sobre Estelle Chipman, com comentário escrito ao lado: “Um homem sem honra desonra tudo.”

Olhei para Jill. Não era perfeito, não era algo que podíamos ligar diretamente a um caso de assassinato. Mas bastava para acabar com qualquer dúvida de que tínhamos encontrado o nosso homem.

– Está tudo aqui – eu disse. – Pelo menos podemos usar isso para Chipman e Mercer.

Jill pensou um pouco, depois acabou concordando, meneando a cabeça satisfeita e enrugando os lábios.

Quando estava juntando aqueles papéis, folheando rapidamente os últimos itens, alguma coisa chamou minha atenção. Meu maxilar travou.

Era um recorte de jornal da primeira coletiva de imprensa depois do assassinato de Tasha Catchings. A foto mostrava o chefe Mercer diante de vários microfones.

Jill notou que minha expressão mudou. Ela tirou o recorte da minha mão.

– Ah meu Deus, Lindsay...

No fundo da foto, atrás de Mercer, estavam algumas pessoas ligadas à investigação. O prefeito, o chefe dos detetives, Ryan, Gabe Carr.

Coombs tinha feito um círculo com caneta vermelha em volta de um rosto.

O meu.

No fim do dia, a descrição de Frank Coombs estava nas mãos de todos os policiais da cidade. Aquilo era pessoal. Todos nós queríamos prendê-lo.

Coombs não tinha posses, não tinha dinheiro e nenhuma rede de amigos de que tivéssemos notícia. Todos concordavam que devíamos pegá-lo logo.

Pedi para as meninas irem para a sala de Jill depois de todos terem ido embora. Quando cheguei, estavam alegres e sorridentes, deviam estar pensando em me dar os parabéns. Os jornais exibiam a foto de Coombs na primeira página. Ele tinha cara de assassino mesmo.

Afundi no sofá de couro, ao lado de Claire.

– Tem alguma coisa errada – ela disse. – Estou achando que não vamos gostar de ouvir isso.

Concordei com a cabeça.

– Preciso dizer uma coisa.

Descrevi para elas a experiência que tinha tido na noite anterior. A versão verdadeira. Que seguira Coombs, cedendo a um impulso temerário, arriscado, só que eu não tinha escolha. Contei que ficara encurralada. E que quando tive certeza de que não tinha mais saída, meu pai apareceu para me salvar.

– Meu Deus, Lindsay – disse Jill boquiaberta, incrédula. – Você quer fazer o favor de passar a ter mais cuidado?

– É, eu sei – eu disse.

Claire balançou a cabeça.

– Você me disse outro dia, “não sei o que faria sem você”, e sai por aí se arriscando desse jeito? Não acha que a recíproca verdadeira em relação a nós? Você é como uma irmã. Por favor, pare de bancar a heroína.

– Um vaqueiro – disse Jill.

– Vaqueira – corrigiu Cindy.

– Dois segundos para lá ou para cá – sorri e vocês estariam organizando uma vaquinha para o enterro, a essa altura.

Elas ficaram em silêncio, olhando para mim, sérias e preocupadas. Então uma risada contagiante se espalhou pela sala. A idéia de perder minhas amigas ou de elas me perderem fazia com que os meus atos parecessem ainda mais insanos. Agora era engraçado.

– Demos graças ao Marty! – exclamou Jill.

– É, o bom e velho Marty. – Suspirei. – Meu pai.

Jill percebeu o duplo sentido do meu desabafo e inclinou-se para a frente.

– Ele não atingiu ninguém, não é?

Respirei fundo.

– Coombs. E talvez mais um.

– Havia sangue no lugar? – perguntou Claire.

– Nós examinamos a casa. Estava alugada para um punk vagabundo que desapareceu. Havia manchas de sangue na entrada.

Todas olharam para mim espantadas e caladas. Então Jill disse:

– Como é que você fica, Lindsay? Com a polícia?

Balancei a cabeça.

– Não fico. Deixei meu pai fora da história.

– Deus do céu, Lindsay – Jill retrucou. – Seu pai pode ter alvejado alguém. Ele meteu o nariz num assunto da polícia e disparou sua arma.

– Jill, ele salvou a minha vida. Não posso simplesmente entregá-lo assim.

– Mas você está assumindo um risco enorme. Para quê? A arma dele tem registro legal. Ele é seu pai e estava seguindo você. Ele salvou você. Não há crime nenhum nisso.

– A verdade é que... – engoli em seco – não tenho certeza se ele estava mesmo me seguindo.

Jill olhou para mim muito séria. Ela chegou a cadeira para mais perto.

– Quer explicar isso direito?

– Não tenho certeza se ele estava seguindo a mim – completei.

– Então, por que cargas-d’água ele estava lá? – Cindy perguntou, balançando a cabeça.

Todas olharam para mim.

Sem deixar nada de fora, contei para elas a conversa que tive com meu pai no carro depois do tiroteio. Que depois de tê-lo tranquilizado, meu pai admitiu ter sido testemunha do ocorrido vinte anos atrás em Bay View.

– Ele estava lá com Coombs.

– Ai, merda – disse Jill, de olhos arregalados. – Meu Deus, Lindsay.

– Foi por isso que ele voltou – eu disse. – Todas aquelas conversas profundas sobre reatar os laços com a menininha dele... Sua pequena flor. Coombs estava ameaçando meu pai. Ele voltou para enfrentá-lo.

– Pode até ser – disse Claire, segurando minha mão -, mas ele estava ameaçando seu pai por seu intermédio. Seu pai voltou para proteger você também.

Jill inclinou o corpo para a frente e semicerrou os olhos.

– Lindsay, talvez não seja o caso de proteger seu pai do envolvimento nessa história. Ele pode ter sabido que Coombs estava matando gente e não se apresentou.

Olhei nos olhos dela.

– Nessas últimas semanas, tê-lo de novo na minha vida foi como se de repente eu pudesse deixar de lado o que ele fez, o sofrimento que causou, como se ele fosse apenas uma pessoa que tivesse cometido alguns erros, mas que era divertido e carente, e, que parecia feliz de estar comigo. Quando eu era pequena, sonhava que algo assim ia acontecer, que meu pai ia voltar.

– Não desista dele ainda – disse Claire.

Cindy perguntou.

– Então, se acha que seu pai não voltou por você, Lindsay, o que é que ele está protegendo?

– Eu não sei. – Olhei em volta e fixei o olhar em cada rosto. – Essa é a grande pergunta.

Jill se levantou, foi até a credenza atrás da mesa e pegou um arquivo que era uma grande caixa de papelão. Na frente estava escrito “Arquivo Caso 237654A. Estado da Califórnia v. Francis C. Coombs”.

– Eu também não sei – ela disse, batendo de leve na caixa. – Mas aposto que a resposta está aqui dentro.

Assim que chegou à sua sala de trabalho na manhã seguinte, Jill abriu a caixa que continha o arquivo do caso e mergulhou nos documentos. Disse à secretária que não passasse chamadas e cancelou o que na véspera ainda parecia uma reunião urgente sobre outro caso de assassinato em que estava trabalhando.

Com uma caneca de café sobre a mesa e o paletó do conjunto DKNY jogado em cima da cadeira, Jill tirou a primeira pasta pesada da caixa. O volumoso registro de julgamentos, páginas e mais páginas de testemunhos, moções e decretos judiciais. No fim das contas, seria melhor que não encontrasse nada. Que Marty Boxer acabasse sendo um pai que tinha voltado para proteger a filha. Mas a promotora que havia nela não estava convencida disso.

Ela gemeu e começou a ler o documento.

O julgamento tinha demorado nove dias. Jill levou o resto da manhã para ler tudo. Examinou as audições pré-julgamento, a seleção do júri, as declarações de abertura do julgamento do advogado e do promotor. Foi apresentada a ficha de Coombs. Havia muitas citações de má condução de procedimentos em situações de rua que envolviam negros. Coombs era famoso pelas piadas racistas e observações pejorativas em relação aos negros. Depois veio uma detalhada reconstituição da noite em questão. Coombs e seu parceiro, Stan Dragula, estão patrulhando Bay View. Deparam-se com um jogo de basquete no pátio de uma escola. Coombs avista Gerald Sikes. Sikes é basicamente um bom garoto, explica o promotor. Continua na escola, faz parte da banda. Tem uma mancha em sua ficha, quando foi preso dois meses antes, numa blitz no conjunto habitacional em busca de traficantes de droga.

Jill continuou lendo.

Quando Coombs invade o jogo, começa a perseguir Sikes. O tempo fecha. Chegam mais dois carros-patrolha. Sikes grita alguma coisa para Coombs e sai correndo. Coombs vai atrás. Jill analisa alguns diagramas desenhados à mão que ilustram a cena. Depois que todos são subjugados, mas dois policiais entram na perseguição. O policial patrulheiro Tom Fallone é o primeiro a chegar. Gerald Sikes já está morto.

O julgamento e as anotações cobrem mais de trezentas páginas... são trinta e sete testemunhas. Uma trapalhada danada. Fez Jill desejar ter sido a advogada da acusação. Mas não havia nada ali que implicasse Marty Boxer.

Se ele esteve lá naquela noite, nunca foi chamado para depor.

Ao meio dia, Jill já tinha lido os depoimentos das testemunhas. O assassinato de Sikes aconteceu numa ruazinha interna de carga e descarga entre os prédios A e B do conjunto habitacional. Moradores afirmavam terem escutado a briga e os gritos de socorro do menino. Só de ler os depoimentos Jill já ficou com o estômago virado. Coombs era Quimera. Tinha de ser.

Ela estava cansada e desanimada. Passou a metade do dia vasculhando o arquivo. Estava quase chegando ao fim quando encontrou uma coisa estranha.

Um homem que afirmava ter testemunhado o assassinato da janela do quarto andar. Kenneth Charles.

Charles também era adolescente na época. Tinha ficha suja no juizado. Vandalismo, posse de drogas. A polícia disse que ele tinha todos os motivos para criar problemas.

E ninguém mais confirmou o que Charles disse que viu.

Enquanto lia o depoimento, uma coisa começou a martelar a cabeça de Jill. Acabou ficando muito forte, como uma pontada. Ela interfonou para a secretária.

– Abril, quero que consiga um arquivo com o departamento de pessoal da polícia. Bem antigo.

De vinte anos atrás.

– Diga o nome. Providencio já.

– Marty Boxer – respondeu Jill.

Uma brisa gelada vinda da baía cortava a noite e Jill se encolhia no cais, do lado de fora da estação terminal BART.

Passava das seis horas da tarde. Homens de uniformes azuis, ainda usando seus bonés de aba curta, saíam da estação, terminando seu turno. Jill procurou um rosto no grupo que ia para casa. Ele podia ter sido um delinqüente juvenil com ficha na polícia vinte anos antes, mas tinha endireitado na vida. Condecorado no serviço militar, casou-se e nos últimos doze anos trabalhava como motorneiro no BART. April tinha levado poucas horas para localizá-lo.

Um homem negro baixo e atarracado, de boné de couro preto e casaco de náilon dos 49ers acenou para se despedir de alguns colegas de trabalho e foi andando na direção dela. Olhava para Jill desconfiado.

– O gerente disse que estava à minha espera. Por quê?

– Kenneth Charles? – perguntou Jill.

O homem fez que sim com a cabeça.

Jill se apresentou e entregou-lhe seu cartão. Charles arregalou os olhos.

– Tenho de dizer que faz muito tempo que ninguém do tribunal da chamada justiça se interessa por mim.

– Não é por você, Sr. Charles – respondeu Jill, procurando deixá-lo à vontade. – É sobre alguma coisa que pode ter testemunhado, visto, muito tempo atrás. Importa-se de conversar comigo?

Charles deu de ombros.

– Importa-se de caminhar? Meu carro está aqui.

Ele a levou até um portão de arame que dava para o estacionamento do cais.

– Estivemos cavando uns casos antigos – explicou Jill. – Eu me deparei com um depoimento dado por você. No caso contra Frank Coombs.

Ao som do nome, Charles parou de andar.

– Li o seu depoimento – Jill continuou. – O que você disse que viu. Gostaria de ouvi-lo contar.

Kenneth Charles balançou a cabeça desolado.

– Ninguém acreditou em nada do que eu disse naquela época. Não me deixaram ir ao julgamento. Chamaram-me de punk Por que está interessada nisso agora?

– Você era um menino fichado, que já tinha sido preso duas vezes – respondeu Jill.

– Tudo isso é verdade – disse Kenneth Charles – mas eu vi o que vi. De qualquer modo, muita água passou por debaixo da ponte desde então. Estão faltando dozes anos para me aposentar. E, se li direito, um homem cumpriu vinte anos pelo que fez naquela noite.

Jill olhou nos olhos dele.

– Acho que quero ter certeza que o homem certo cumpriu os vinte anos por aquela noite. Olha, esse caso não foi reaberto. Não estou fazendo nenhuma prisão. Mas gostaria de ouvir a verdade. Por favor, Sr. Charles.

Charles contou. Que estava assistindo à televisão e fumando um baseado, que ouviu o barulho da briga pela janela, gritaria, depois alguns gritos abafados. Que quando foi espiar viu aquele garoto sendo estrangulado.

E então, Jill ouviu uma mudança completa na história. Ela respirou fundo.

– Eram dois homens de farda. Dois policiais imobilizando Gerald Sikes – Charles contou.

– Por que você não fez alguma coisa? – perguntou Jill.

– você tem de ver como era a coisa naquela época. Se usava o uniforme azul, você era Deus.

Eu era apenas um punk certo?

Jill olhou bem nos olhos dele.

– Você se lembra desse segundo policial?

– Pensei que tinha dito que não ia prender ninguém.

– E não vou. Isso é uma questão pessoal. Se eu mostrasse uma foto para você, acha que poderia apontá-lo?

Os dois recomeçaram a andar e chegaram a um Toyota novo em folha. Jill abriu sua pasta e tirou de dentro a fotografia. Mostrou para ele.

– Foi esse o policial que viu, Sr. Charles?

Ele ficou muito tempo olhando para a foto. Então disse:

– Foi esse o homem que eu vi.

Passsei o dia inteiro na delegacia, ao telefone com os homens em campo, ou analisando um mapa da cidade, supervisionando a caçada humana a Frank Coombs.

Pusemos vigilância junto a alguns conhecidos dele de que tínhamos notícia e nos lugares para onde achamos que podia correr inclusive a casa de Tom Keating. Fiz o rastreamento do Bonneville amarelo que deu carona para Coombs e dos números de telefone que encontrei na mesa dele. Não serviram de nada. Lá pelas quatro horas da tarde, o cara que tinha alugado a casa no sul da cidade se entregou, insistindo que era a primeira vez que tinha visto Coombs.

Coombs não tinha dinheiro, nenhum bem. Nenhum meio de transporte que se soubesse. Todos os policiais de São Francisco tinham foto dele. *Então, onde diabos ele estava?*

*Onde estava Quimera? E o que ele ia fazer?*

Ainda estava sentada à minha mesa às sete e meia quando Jill apareceu. Saída do hospital há poucos dias. Usava uma capa de chuva marrom e uma bolsa tipo pasta pendurada no ombro.

– O que você está fazendo aqui a essa hora? – Balancei a cabeça. – Vá para casa descansar.

– Você tem um minuto? – ela perguntou.

– Claro, puxe uma cadeira. Infelizmente, não tenho uma cerveja para oferecer.

– Não se preocupe com isso.

Ela sorriu, abriu a maleta e tirou duas garrafas de Samuel Adams.

– Eu trouxe.

Ela ofereceu uma para mim.

– Vamos lá. – Suspirei.

Não tínhamos pista de Coombs e era claro, pela expressão de Jill, que alguma coisa a incomodava. Concluí que devia ser Steve, já cuidando de algum novo contrato, deixando Jill sozinha de novo.

Mas, assim que ela abriu a bolsa, vi a pasta azul do departamento de pessoal. E depois o nome, Boxer, Martin C.

– Eu devo ter contado a você – disse Jill, tirando a tampa da cerveja e sentando à minha frente – que meu pai era advogado de defesa em Highland Park

– Só umas cem vezes. – Sorri para ela.

– Na verdade, ele era o melhor advogado que já vi. Totalmente preparado, não era influenciado por etnia, nem pelo que o cliente podia pagar. Meu pai, o homem perfeitamente correto. Uma vez observei enquanto ele cuidava de um caso em casa, à noite, por seis meses, para anular a condenação de um plantador itinerante de alfaca que tinha sido falsamente acusado de estupro. Muita gente na época queria que meu pai se candidatasse ao Congresso. Eu amava meu pai. E ainda amo.

Fiquei em silêncio, vendo seus olhos se encherem de lágrimas. Ela bebeu um gole de cerveja.

– Foi só quando estava no último ano da faculdade que me dei conta de que o filho da mãe enganou minha mãe durante vinte anos. O grande homem íntegro, meu herói.

Dei um sorriso triste.

– Marty esteve mentindo para mim o tempo todo, não esteve?

Jill fez que sim e pôs o velho arquivo pessoal do meu pai, junto com um depoimento, em cima da mesa. O depoimento estava aberto numa página onde tinha uma parte destacada em amarelo.

– Acho bom você ler, Lindsay.

Eu me preparei e li o testemunho de Kenneth Charles da forma menos passional possível. E li



tudo de novo. Sentindo desânimo e decepção. Depois medo. Minha primeira reação foi não acreditar. Fiquei com muita raiva. Mas ao mesmo tempo sabia que devia ser verdade. Meu pai tinha mentido e fingido a vida inteira. Tinha enganado, mentido e desapontado todos que porventura o amaram.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu me senti traída. Uma lágrima escorreu ardendo pelo meu rosto.

– Eu sinto muito, Lindsay. Acredite em mim, estou odiando ter de mostrar isso para você.

Jill estendeu a mão e eu a segurei, apertei com força.

Pela primeira vez desde que me tornei policial, não tinha idéia do que fazer. Senti que aquilo era um abismo que só crescia. Que não podia ser preenchido com nada que tivesse alguma semelhança com o dever, ou com responsabilidade, ou com correção.

Sacudi os ombros e bebi o resto da minha cerveja. Sorri para Jill.

– Então, o que aconteceu com o seu pai? Ele ainda está com a sua mãe?

– Não, porra. Ela era tão forte às vezes, tão tranqüila. Eu a amava muito. Ela o pôs para fora de casa quando eu estava na faculdade de direito. Desde então, ele mora em um apartamento de dois quartos em Las Colinas.

Comecei a rir, uma risada sofrida que se misturou com a decepção e as lágrimas. Quando parei só restou àquela sensação do coração dilacerado e todas as perguntas que não queriam calar. Quanto meu pai sabia? O que ele não contou? E para finalizar, qual era a ligação dele com Quimera?

– Obrigada – eu disse e apertei a mão de Jill outra vez. – Devo essa a você, querida...

– O que você vai fazer, Lindsay?

Pendurei minha jaqueta no braço.

– O que devia ter feito muito tempo atrás. Vou descobrir a verdade.

Meu pai estava no meio de um jogo de paciência quando cheguei a minha casa. Balancei a cabeça e desviei o olhar. Fui me arrastando até a cozinha e tirei uma Black & Tan da geladeira. Voltei para a sala e sentei na cadeira de frente para ele.

Meu pai levantou a cabeça, talvez sentindo o fogo do meu olhar.

– Oi, Lindsay.

– Eu estava pensando, pai... quando você foi embora...

Ele continuou virando as cartas do monte.

– Por que quer falar disso agora?

Não tirei os olhos dele.

– Você me levou até o cais para tomar sorvete. Lembra? Eu lembro. Ficamos vendo as barcas chegando de Sausalito. Você disse alguma coisa assim: “Vou pegar uma dessas um dia desses, minha flor, e vou demorar para voltar.” Você disse que era um problema entre você e a mamãe. Eu esperei um tempo. Mas passei seis anos pensando: Por que você teve que ir embora?

Meu pai moveu os lábios como se ensaiasse uma resposta, depois parou.

– Você estava marcado, não é? Nunca teve nada a ver com mamãe e você. Nem com o jogo, nem com a bebida. *Você ajudou Coombs a matar aquele menino. Era isso o tempo todo.* Por que você foi embora? Por que você voltou? Nunca teve nada a ver conosco. Tinha a ver com você mesmo.

Meu pai piscou e tentou responder:

– Não...

– Mamãe chegou a saber? Se sabia, ela sempre escondeu de nós, dizia que era seu vício de jogo e bebida.

Ele largou o baralho. Suas mãos tremiam.

– Você pode não acreditar, Lindsay, mas sempre amei sua mãe.

Balancei a cabeça, queria me levantar e bater no meu pai.

– Não podia amá-la, não. Ninguém seria capaz de provocar tanto sofrimento desse jeito em alguém que ama.

– Seria sim. – Ele umedeceu os lábios. – Eu fiz você sofrer.

Ficamos lá parados, congelados no silêncio, alguns minutos. A raiva de tantos anos que já fora apagada voltava galopando para mim.

– Como foi que você descobriu? – ele perguntou.

– Que importância tem isso? Eu ia acabar descobrindo de qualquer maneira.

Ele ficou chocado, como um lutador atingido por um direito no queixo.

– Aquela confiança, Lindsay... foi a melhor coisa que me aconteceu nesses vinte anos.

– Então por que você teve de me usar, pai? Você me usou para chegar até Coombs. Você e Coombs mataram aquele menino.

– Eu não o matei – disse meu pai, balançando a cabeça de um lado para outro, sem parar. – Só não fiz nada para impedi-lo.

Ele suspirou ruidosamente como se estivesse segurado aquele ar dentro dele por vinte anos. Contou que tinha corrido atrás de Coombs e que o encontrou no beco. Coombs estava apertando o pescoço de Gerald Sikes.

– Eu disse que as coisas eram diferentes naquele tempo. Coombs queria dar uma lição de respeito pelo uniforme. Mas continuava apertando. “Ele tem alguma coisa”, Coombs me disse.

Eu gritei: “Solta ele!” Quando percebi que tinha ido longe demais, fui falar com ele. Coombs riu da minha cara. “Esse território é meu, Marty. Se está com medo, dê o fora daqui.” Eu não sabia que o menino ia morrer... Quando Fallone chegou, Coombs deixou o garoto cair e disse: “O filho da mãe estava tentando me atacar com uma faca.” Tom era veterano. Percebeu tudo num instante. Disse para eu sumir. Coombs deu risada e disse: “Vá...” Ninguém nunca disse meu nome.

Meus olhos ardiavam, marejados de lágrimas. Tive a sensação de que meu coração estava rasgando.

– Oh, como pôde? Coombs pelo menos enfrentou. Mas você... você fugiu.

– Eu sei que fugi. Mas na outra noite não fugi. Estava lá ao seu lado.

Fechei os olhos e depois abri.

– É hora da verdade. Você não foi até lá por mim. Você estava seguindo Coombs. Foi por isso que voltou para cá. Não para me proteger... para se proteger. Você voltou para matar Frank Coombs.

Meu pai ficou cinza. Ele passou a mão pelo cabelo espesso e branco.

– Talvez no início. – Ele engoliu em seco. – Mas não agora... Isso mudou, Lindsay.

Balancei a cabeça. As lágrimas escorriam pelo meu rosto e as sequei com raiva.

– Sei que você pensa que tudo que sai da minha boca é mentira. Mas não é. A outra noite, quando ajudei você a escapar, foi o momento de maior orgulho na minha vida. Você é minha filha. Eu amo você. Sempre amei.

Eu continuava com os olhos cheios d’água e saíram palavras da minha boca que desejei engolir de volta:

– Quero que você vá embora. Quero que arrume suas coisas e volte para o lugar onde estive esses vinte anos. Sou uma policial, pai, não a sua florzinha. Quatro pessoas foram assassinadas até agora. Você está envolvido nisso de alguma forma. E não tenho ideia do quanto você sabe, nem do que está escondendo.

Meu pai ficou arrasado. Pude ver no apagar do brilho dos olhos o quanto estava sofrendo com aquilo.

– Quero que saia – eu disse novamente. – Agora.

Fiquei lá sentada, abraçando Martha, enquanto ele foi para o quarto de hóspedes. Poucos minutos depois, ele voltou com as malas prontas. De repente, parecia pequeno e solitário.

Martha levantou as orelhas. Ela sentia que alguma coisa estava errada. Chegou perto dele e ele acariciou gentilmente a sua cabeça.

– Lindsay, sei que dei muitos motivos para você me odiar, mas não faça isso agora. Você tem de tomar cuidado com Coombs. Ele virá atrás de você. Por favor, deixe-me ajudar...

Meu coração estava despedaçado. Sabia que assim que ele saísse por aquela porta, nunca mais o veria.

– Não preciso da sua ajuda.

E então murmurei:

– Adeus, papai.

Frank Coombs encostou tenso num telefone público na esquina da Nona com a Bryant. Com os olhos fixos no Tribunal de Justiça. Tudo levava para aquele lugar.

A dor no ombro latejava pelo corpo todo como se alguém enfiasse um bisturi nas bordas do ferimento. Tinha ficado escondido dois dias, fugiu para San Bruno e se escondeu por lá. Mas a foto dele estava na primeira página de todos os jornais. Não tinha dinheiro. Não podia nem voltar para pegar suas coisas.

Eram quase duas horas da tarde. O sol atravessava seus óculos escuros. Havia uma multidão nos degraus da entrada do Tribunal. Advogados reunidos em grupos, conversando.

Coombs respirou fundo para se acalmar. Merda, preciso ter medo do quê? Ele continuou a olhar só para o Tribunal de Justiça. Eles é que deviam estar com medo.

O revólver da policia estava num coldre preso à cintura, graças ao velho e fiel Tom Keating. O clipe estava cheio de balas com as pontas ocas. Esticou o braço com que atirava. Estava em forma. Podia fazer isso.

Coombs virou para o telefone público. Pôs uma moeda de vinte e cinco centavos na fenda e discou. Não haveria uma segunda oportunidade. Não podia mais esperar. Era a sua hora. Finalmente, depois de vinte e dois anos no inferno.

Ao segundo toque, uma voz atendeu:

- Departamento de Homicídios.
- Quero falar com a tenente Boxer.

Tínhamos feito contato com um dos companheiros de Coombs na prisão que tinha fugido para Redwood City. Eu esperava o retorno da ligação.

Fiquei a manhã toda trabalhando no caso dos assassinatos enquanto revivia na minha cabeça a devastadora cena com meu pai. Será que estava certa em julgá-lo por coisas que tinham acontecido vinte anos atrás? E o mais importante: Qual era o envolvimento do meu pai com Quimera?

Estava acabando de comer um sanduíche sentada à minha mesa, quando Karen pôs a cabeça na porta.

– Ligação na linha um, tenente.

– De Redwood City? – perguntei quando peguei o fone.

Karen balançou a cabeça.

– A pessoa disse que você o conhecia. Que era um velho amigo do seu pai.

Todos os meus músculos se contraíram.

– Passe para a linha quatro – eu disse.

A linha quatro era a comum, que todos compartilhavam.

– Comece a rastrear, Karen. Agora...

Dei um pulo, levantei da cadeira, sinalizei urgentemente para Jacobi na outra sala. Levantei quatro dedos e apontei para o telefone.

Em poucos segundos, o lugar explodiu em estado de alerta. Todos sabiam que devia ser Quimera.

Precisávamos de noventa segundos para conseguir rastrear a chamada. Sessenta para reduzir a zona da cidade. Se é que ele estava realmente ligando de San Francisco. Lorraine, Morelli e Chin correram para a minha sala, tensos.

Tirei o fone do gancho. Na sala do esquadrão, Jacobi também tirou o dele.

– Boxer – eu disse.

– Sinto muito termos perdido a verdadeira diversão naquela noite, tenente. – Coombs deu risada. – Eu queria acabar com você. Do meu jeito especial.

– Por que está ligando para mim? O que você quer, Coombs?

– Tenho coisas importantes para contar a você. Talvez ajudem a entender esses últimos vinte anos.

– Vivo bem com eles, Coombs. Você foi preso por assassinato.

Ele deu uma risadinha amarga.

– Não estou falando dos meus vinte anos... falo dos seus.

Meu coração pulou no peito. Estava falando com um homem que tinha apontado uma pistola para a minha cabeça. Precisava distraí-lo. Deixá-lo com raiva... Qualquer coisa para mantê-lo na maldita linha.

Olhei para o meu relógio. Já tinham passado trinta e cinco segundos.

– Onde é que você está, Coombs?

– É sempre aquela conversinha de polícia, hein, tenente? Estou começando a perder o respeito por você. Você devia ser uma mulher inteligente. Para deixar seu Marty orgulhoso. Então me diga... como é que todas essas pessoas estão mortas e você ainda não entendeu?

Eu podia sentir que ele ria de mim. Meu Deus, como odiava esse homem!

– O que é, Coombs? O que foi que eu não entendi?

– Soube que seu pai abandonou você na época em que fui para a prisão – ele disse.

Eu sabia o que ele estava querendo me contar. Mesmo assim, precisava mantê-lo na linha. Na outra sala, Jacobi escutava, mas também me observava.

Coombs riu com desprezo.

– Você deve ter pensado que seu velho estava transando com alguma garçonete. Ou que tinha deixado algumas promissórias pelas ruas.

Coombs fez voz de simpatia fingida.

– Meu Deus, deve ter sido duro quando ele se mandou e sua mãe morreu.

– Vou adorar prender você, Coombs. Estarei lá quando eles começarem a injetar os líquidos letais em você em San Quentin.

– Que pena que você não terá a chance de fazer isso, meu amor. Mas quero contar uma coisa importante. Preste atenção. O seu velho realmente deixou promissórias. Para mim... eu sou o dono delas. Eu é que fui preso. Por ele. Por todo o departamento de polícia. Sou o dono deles todos. Cumpri minha pena.

Mas quer saber de uma coisa, pequena Lindsay? Eu não estava sozinho.

Cada fibra do meu corpo se retesou. Meu peito quase explodiu de raiva. Olhei para Jacobi. Ele moveu a cabeça como se dissesse: Mais alguns segundos... Segure ele aí.

– Você me quer, Coombs? Vi a foto no seu quarto. Sei o que você quer. Vou encontrá-lo em qualquer lugar...

– Você quer tanto o assassino, que é quase comovente. Mas sinto muito, tenho de recusar sua oferta. Tenho mais um encontro.

– Coombs – eu disse, olhando para o relógio se é a mim que você quer, vamos resolver logo isso. Será que consegue vencer uma mulher, Frank? Eu acho que não.

– Desculpe, tenente. Obrigado pelo papo divertido. Mas está parecendo, com tudo que tem acontecido, que você está atrasada demais. Eu ainda acho que mulheres não combinam com a polícia. É só uma opinião.

Ouvi um clique.

Corri para a sala do esquadrão. Cappy estava falando com a Expedição. Eu torcia desesperadamente para Coombs não ter ligado de um telefone celular. Era mais difícil rastrear celulares.

Mais um encontro... Eu não sabia que ameaça era essa de Coombs. O que faria em seguida? O quê?

– Ele ainda está na cidade – Cappy gritou para mim.

Ele pegou uma caneta.

– Está num telefone público. Estão tentando reduzir o raio agora.

O detetive começou a escrever e então levantou a cabeça. A expressão dele era de completa incredulidade.

– Ele está numa cabine... na esquina da Nona com a Bryant. Nós todos nos entreolhamos e começamos a nos mexer. Coombs tinha ligado de um quarteirão dali.

Pus a minha Glock no coldre e gritei para que chamassem a unidade disponível mais próxima. Saí correndo da sala. Cappy e Jacobi nos meus calcanhares.

Apenas a um quarteirão... O que Coombs ia fazer?

Nem esperei o elevador. Desci pela escada dos fundos com toda a velocidade que minhas pernas permitiam. No saguão, fui empurrando funcionários e civis que estavam por lá para abrir caminho, e passei correndo pelas portas de vidro que davam na rua Bryant.

Havia a massa habitual de pessoas paradas nos degraus da entrada na hora do almoço. Advogados, fiadores e detetives. Olhei para o lado da Nona e estiquei o pescoço para ver se alguém por lá se parecia com Coombs.

Nada.

Cappy e Jacobi me alcançaram.

– Eu vou na frente – disse Cappy.

Então a ficha caiu. Mais um encontro... Coombs estava lá, não estava? Ele estava no Tribunal de Justiça.

– Policia! – berrei, apontando para a multidão que não suspeitava de nada. – Todo mundo parado.

Procurei o rosto dele no meio das pessoas assustadas. Minha Glock escava à mão. Os pedestres olharam para mim surpresos, com os olhos arregalados. Alguns se abaixaram ou começaram a se afastar.

Eis o que eu me lembro do que aconteceu em seguida:

Um policial de farda subiu os degraus e veio em minha direção. Eu mal notei, estava procurando o rosto de Coombs no meio de toda aquela gente.

O homem de uniforme saiu do meio da multidão, com o rosto escondido atrás de óculos escuros e do visor do quepe. Tinha a mão estendida.

Eu focalizei atrás dele, examinando a rua lá embaixo, procurando Coombs. Então ouvi alguém gritar meu nome.

– Ei! Boxer!

Tudo explodiu nos degraus do prédio do Tribunal. Jacobi e Cappy berrando:

– Arma...

Olhei rapidamente para o policial. Naquele instante a coisa mais estranha ficou clara para mim. O uniforme... Ele usava uma farda de patrulheiro que eu não via fazia algum tempo. Concentrei-me no rosto e fiquei chocada, porque era Coombs. Era Quimera. Eu era o encontro que ele pretendia ter.

Alguém me agarrou por trás quando saquei minha Glock.

– Ei! – berrei.

Vi a explosão cor de laranja na arma de Coombs. Duas vezes. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

Então tudo virou uma loucura, uma enorme confusão. Caos. Terror.

Sei que escapei de um tiro antes de o meu corpo ficar paralisado de dor.

Vi Coombs avançar, perder os óculos escuros, com a arma apontada para mim. Ele tropeçou, mas continuou vindo para cima de mim. Os olhos negros brilhavam de ódio.

Então um tiroteio assustador teve início na frente do Tribunal. Uma cacofonia de estampidos altos que ecoavam de todos os lados... cinco, seis, sete, numa sucessão rápida, vindos de todas as direções. As pessoas gritavam e corriam, procurando se esconder.

O uniforme azul de Coombs pipocou com explosões vermelho vivo. Cappy e Jacobi estavam atirando nele. O corpo de Coombs foi jogado para trás, estremeceu com os tiros. O rosto expressava uma dor terrível. O ar ficou pesado com o cheiro de pólvora queimada. O eco de cada disparo detonava meus ouvidos.

Então tudo ficou estranhamente quieto. O silêncio foi espantoso para mim.

– Oh, meu Deus! – Lembro-me de ter exclamado quando me vi caída nos degraus de concreto.

Eu não sabia ao certo se tinha levado um tiro.

Jacobi estava inclinado em cima de mim.

– Lindsay, fique aí. Quieta, não se mexa.

Ele estava com as mãos nos meus ombros e sua voz reverberava no meu cérebro.

Fiz que sim com a cabeça e examinei meu corpo à procura do ferimento. Gritos e gemidos ecoaram em volta, havia pessoas correndo para todos os lados.

Segurei o braço de Warren e lentamente me levantei. Ele tentou me dar uma ordem.

– Lindsay, fique abaixada. Faça o que estou dizendo.

Coombs estava caído de costas, com linhas vermelhas escorrendo da camisa azul.

Empurrei Jacobi e passei por ele. Tinha de ver Coombs, precisava olhar nos olhos dele. Torci para que ainda estivesse vivo, porque quando o monstro desse seu último suspiro, queria que estivesse olhando diretamente para mim.

Alguns policiais fardados formaram um círculo de proteção em volta de Coombs e ordenaram que todos se afastassem.

Coombs ainda estava vivo, ruídos escapavam do peito arfante. Uma equipe de socorro chegou correndo, dois técnicos carregando o equipamento. Um deles, uma mulher, começou a rasgar a camisa ensanguentada de Coombs. O outro apenas tirava a pressão e aplicava uma intravenosa.

Nossos olhos se encontraram. O olhar de Coombs estava opaco, mas então a boca se contorceu num sorriso horroroso. Ele tentou dizer alguma coisa para mim.

A mulher dos paramédicos estava afastando as pessoas e gritava as medições dos sinais vitais de Coombs.

– Preciso ouvir o que ele está dizendo – eu disse à socorrista.

– Dê-me um minuto aqui.

– Ele não pode falar – ela disse. – Dê-lhe espaço para respirar, tenente. Ele está morrendo!

– Preciso ouvir – eu disse de novo e me ajoelhei perto dele.

A camisa do uniforme de Coombs estava cortada no meio e exibia um mosaico de ferimentos feios.

A boca dele tremeu. Ele continuava tentando falar. O que será que queria me dizer?

Cheguei mais perto, o sangue de Coombs manchou minha blusa. Não me importei. Cheguei a orelha bem perto.

– Uma última... – ele sussurrou.

Respirar para ele era uma batalha agora. Era assim que isso ia acabar? Com Coombs levando seus segredos direto para o inferno?

Uma última...? Uma última bala, uma última vítima? Olhei fixo para os olhos dele e vi que o ódio continuava lá.

– Uma última o quê, Coombs? – perguntei.

O sangue borbulhou da sua boca. Ele respirou com força, reuniu suas últimas forças, lutando contra o poder da própria morte.

– Uma última surpresa. – Ele sorriu.



Quimera estava morto. Tudo acabado, graças a Deus.

Não tinha idéia do que Coombs realmente queria dizer, mas tinha vontade de cuspir de volta aquelas palavras na cara dele. Uma última surpresa... Fosse o que fosse, Quimera não existia mais. Não podia mais nos machucar.

Só esperava que ele não tivesse deixado uma última vítima antes de morrer.

– Vamos, tenente – resmungou Jacobi.

Ele me puxou gentilmente.

De repente minhas pernas dobraram, como se eu não tivesse controle nenhum da parte de baixo do corpo. Vi a expressão de alarme no rosto de Warren.

– Você está ferida – ele disse, arregalando os olhos.

Olhei para o lado do meu corpo. Jacobi afastou meu blazer e apareceu um rasgo vermelho, molhado do lado direito da barriga. De repente minha cabeça começou a rodar. Senti uma onda de náusea.

– Precisamos de ajuda aqui! – berrou Jacobi para a equipe de socorristas.

Cappy e ele me ajudaram a sentar no chão.

Eu me vi olhando para Coombs quando a paramédica que fisgara a camisa dele correu para me atender. Meu Deus, aquilo tudo era tão surreal... Tiraram o paletó e puseram um aparelho de pressão no meu braço. Foi como se tudo estivesse acontecendo com outra pessoa.

Fiquei olhando fixo para o assassino, o maldito Quimera. Havia alguma coisa estranha, algo que não estava batendo. O que era?

Livre-me das mãos de Jacobi.

– Preciso ver uma coisa...

Ele me segurou de novo.

– Você precisa ficar aí mesmo, Lindsay. A ambulância já está vindo.

Livre-me de Jacobi, levantei e fui até o corpo de Coombs. Seu uniforme de polícia tinha sido afastado do peito e dos braços. Ferimentos de bala pontilhavam o peito. Mas faltava alguma coisa. Tinha alguma coisa muito errada ali. O que era?

– Oh, meu Deus, Warren – sussurrei. – Olhe.

– Olhe o quê? – Jacobi franziu a testa, sem entender. – O que está acontecendo com você?

– Warren... não tem tatuagem.

Minha mente relembrou. Claire tinha descoberto pigmento da tatuagem do assassino embaixo das unhas de Estelle Chipman.

Pus as mãos por baixo dos ombros de Coombs e virei o corpo dele um pouco. Não tinha nada nas costas. Nenhuma tatuagem em lugar nenhum.

Minha mente entrou em parafuso. Aquilo era impensável... mas Coombs não podia ser Quimera.

Então desmaiei.

Abri os olhos num quarto de hospital, sentindo a pressão da intravenosa enfiada no meu braço. Claire estava ao lado do meu leito.

– Você é uma menina de sorte – ela disse. – Conversei com os médicos. A bala acertou o lado direito do seu abdômen, mas não ficou lá dentro. O que você tem, basicamente, é uma das piores Queimaduras de patinador que vai ver na vida.

– Ouvi dizer que essas queimaduras de skatistas combinam com azul-claro, não é? – eu disse baixinho, e meus lábios formaram um sorriso débil.

Claire fez que sim com a cabeça, dando um tapinha no curativo que tinha no pescoço.

– Foi o que me disseram. De qualquer forma, parabéns... Você mereceu uma tranqüila função burocrática para as próximas semanas.

– Mas eu já tenho uma função burocrática, Claire.

Olhei confusa em volta do quarto de hospital e então sentei na cama. O ferimento doía como se pegasse fogo.

– Você trabalhou bem, menina. – Claire apertou meu braço. – Coombs está morto e agora bem escondido nos quintos dos infernos. Há um monte de gente lá fora que quer falar com você. Vai ter de se acostumar com as honras.

Fechei os olhos, pensando na atenção equivocada que iam me dedicar. Então, mesmo meio tonta, lembrei de repente. O que tinha descoberto antes de desmaiar.

Agarrei o braço de Claire.

– Frank Coombs não tinha tatuagem.

Ela balançou a cabeça e piscou, sem entender.

– E daí?

Falar doía, por isso as palavras saíram sussurradas.

– O primeiro assassinato, Claire. Estelle Chipman... Ela foi morta por um homem que tinha uma tatuagem. Você disse isso.

– Eu podia estar enganada.

– Você nunca se engana. – Pisquei os olhos para ela.

Ela se acomodou no banquinho, com a testa franzida.

– Vou fazer a autópsia do Frankie segunda-feira de manhã. Ele pode ter alguma parte da pele altamente pigmentada, ou alguma descoloração.

Consegui sorrir.

– Autópsia? A minha opinião profissional é que ele levou alguns tiros.

– Obrigada! – Claire deu um largo sorriso. – Mas alguém precisa tirar as balas de dentro dele e compará-las. Haverá um inquérito.

– É.

Bufei e deixei a cabeça cair no travesseiro. O incidente todo, ver o policial vindo para cima de mim, descobrir que era Coombs, o brilho da arma dele, tudo voltou como fragmentos separados.

Claire se levantou e alisou a saia do conjunto que usava.

– Você deve descansar. O médico disse que podem te dar alta amanhã. Volto aqui amanhã de manhã.

Ela se abaixou e me beijou. Depois foi indo para a porta.

– Ei, Claire...

Ela deu meia-volta. Eu queria dizer que gostava muito dela, que era muito grata por ter uma amiga igual a ela. Mas apenas sorri e disse:

– Fique de olho naquela tatuagem.

Passsei o resto do dia tentando descansar. Infelizmente, um fluxo constante de autoridades policiais e jornalistas desfilou pelo meu quarto. Era o crédito por associação, muito irritante. Todos queriam ser fotografados ao lado da policial heroína ferida.

O prefeito passou por lá também, acompanhado pelo assessor de imprensa e pelo chefe Tracchio. Deram uma coletiva de imprensa improvisada no hospital me elogiando, mencionando o grande trabalho feito pelo departamento de homicídios da polícia municipal, a mesma unidade que quase chegaram a tirar do caso.

Terminada toda essa comoção, Cindy e Jill apareceram. Jill levou uma rosa num vaso solitário e pôs na minha mesinha de cabeceira.

– Você não vai ficar aqui tempo suficiente para merecer mais do que uma – ela disse sorrindo.

Cindy me deu uma fita de vídeo embrulhada. Abri o embrulho. Era Zena, a Guerreira. Cindy piscou para mim.

– Ouvi dizer que ela também faz tudo, não usa dublê.

Sentei na cama e levantei os braços doídos para abraçar as luas.

– Não me apertem – avisei com um sorriso.

– Estão dando bons analgésicos para você? – perguntou Jill.

– Estão. Você devia experimentar um dia. Realmente valem o risco.

Ficamos um tempo sem dizer nada.

– Você conseguiu, Lindsay – disse Cindy. – Você pode ser doida de pedra, mas ninguém pode dizer que não é uma senhora policial.

– Obrigada.

– Nem pense que essa história de ter sido ferida vai deixá-la de fora da minha exclusiva. Vou dar um tempo para você se recuperar. Que tal às seis da tarde?

– Certo. – Dei risada. – Tragam uma *enchilada* de frango do Susie's para mim.

– O médico disse que só podíamos ficar aqui um minuto – disse Jill. – Voltamos mais tarde.

As duas sorriram e foram para a porta.

– Vocês sabem onde me encontrar, meninas.

Por volta das cinco, Jacobi e Cappy vieram me ver.

– Estávamos imaginando onde você tinha se metido – Jacobi resmungou, com cara de paisagem. – Você não apareceu para a reunião desta tarde.

Dei um sorriso largo e desci da cama, meio enferrujada.

– Vocês é que são os heróis. Só fiz me jogar no chão para me salvar.

– Merda – disse Cappy, dando de ombros. – Só queríamos dizer que, apesar de o prefeito recomendá-la para receber a Medalha de Honra, nós continuamos amando você.

Sorri, ajeitei a camisola verde do hospital e sentei devagar numa cadeira.

– Vocês viram tudo que aconteceu?

– Quimera atacou você, foi isso que aconteceu – disse Jacobi. – Ele atirou, nós acabamos com ele. Fim da história.

Procurei me lembrar da seqüência dos acontecimentos.

– Quem atirou?

– Eu dei quatro – disse Jacobi. – Tom Perez, de Roubos, estava ao meu lado. Ele deu dois tiros.

Olhei para Cappy.

– Dois – ele disse. – Mas houve disparos de todo lado. O Bureau de Assuntos Internos está

pegando depoimentos,

– Obrigada. – Sorri com gratidão.

Então minha expressão mudou. Olhei séria para os dois.

– Como é que vocês interpretam isso? O mesmo cara que acertou Tasha Catchings e Davidson de uma distância de cem metros com a maior facilidade só me atingir de raspão á queimadura?

Jacobi olhou para mim meio confuso.

– Você está querendo dizer alguma coisa para nós, Lindsay?

Suspirei.

– Estivemos o tempo todo procurando um cara com uma tatuagem, certo? O mesmo que matou Estelle Chipman. O elemento central de ligação do caso.

Os dois menearam a cabeça sem entender.

– Coombs não tinha nenhuma tatuagem. Nem uma marquinha.

Jacobi olhou de lado para Cappy e depois para mim.

– O que está querendo dizer? Que Coombs não é o nosso homem? Que associamos o cara a cada um dos assassinatos, encontramos aqueles recortes de jornal no quarto dele, ele tentou matar você não uma, mas duas vezes... mas que não foi ele?

Minha cabeça não estava funcionando direito. Os acontecimentos do dia, a medicação toda que me deram... Aquilo era titica de galinha comparado a tudo que apontava claramente para de.

– Acho que o que estou querendo dizer é que... Vocês já viram Claire Washburn se enganar alguma vez?

– Não. – Jacobi balançou a cabeça. – Mas não me lembro de você ter se enganado muitas vezes tampouco. Caramba, nem acredito que eu disse isso.

Os dois disseram para eu ter uma boa noite de sono.

– Meu instinto me diz – observou Jacobi, dando meia-volta a caminho da porta do quarto – que, quando passar o efeito dos remédios e você puder ver tudo com mais clareza, vai entender que fez um trabalho excelente.

Sorri para eles.

– Todos nós fizemos.

Não consegui dormir naquela noite. Fiquei deitada de costas, com um lado do corpo latejando, mas também senti o torpor envolvente de dois analgésicos. Olhei em volta aquele quarto escuro, estranho, irreal e compreendi que na verdade eu tinha muita sorte de estar viva.

Jacobi tinha razão. Foi um bom trabalho. Coombs era um assassino. Todos os fatos indicavam isso. No fim, ele estava tentando me matar.

Fechei os olhos e tentei adormecer, mas uma vozinha fraca badalava na minha cabeça. Uma voz que se insinuava no meio de todas as certezas, de tudo que parecia plausível.

Fiz força para dormir, mas a voz ficou mais alta.

*Como é que ele pôde errar o tiro?*

Recebi alta na manhã seguinte.

Jill foi me buscar e parou seu BMW no meio-fio, na frente do Hospital Geral de San Francisco, quando me levaram para fora numa cadeira de rodas. A imprensa estava lá. Acenei para todos os meus novos parceiros, mas me recusei a falar com eles. A próxima parada foi em casa, um abraço em Martha, um banho e troca de roupa.

Quando entrei na sala 350 do prédio da prefeitura, mancando um pouco segunda-feira de manhã, foi como num dia normal de trabalho: todos bateram palmas para mim.

– A bola é sua, tenente – disse Jacobi, dando um soquinho de leve no meu ombro.

– Ora, deixem disso... – eu disse, descartando a homenagem com a mão. – Vamos aguardar o inquérito.

– O inquérito? O que ele vai provar? – ele perguntou. – Faça as honras.

– Tenente – disse Cappy, com expressão de orgulho –, deixamos para você fazer isso.

– Vá em frente, tenente.

Talvez pela primeira vez desde que Mercer me promovera, senti que era a chefe da Homicídios e que todas as dúvidas sobre valor e patente que carreguei comigo a carreira inteira eram referências de uma antiga jornada, que ficaram lá atrás, a quilômetros de distância.

Fui até o quadro com a lista dos nossos casos ativos e apaguei o nome de Tasha Catchings. O de Art Davidson também.

Senti uma alegria serena, mas exultante. Também tive uma sensação de alívio e grande satisfação.

Não se pode trazer os mortos de volta. Não se pode nem entender o sentido de por que as coisas acontecem. Só podemos fazer o melhor possível para deixar os vivos acreditarem que suas almas estão em paz.

Os detetives fizeram uma roda em volta de mim.

Apaguei o nome de Mercer no quadro.

Driblei telefonemas nas duas horas seguintes. Mas a maior parte desse tempo fiquei só sentada à minha mesa, pensando no depoimento que daria. Havia um inquérito pendente sobre o tiroteio de Coombs, prática padrão sempre que um policial disparava uma arma.

Todo o incidente ainda era muito vago para mim. Os médicos disseram que essa falta de lembrança podia durar um tempo. Era uma espécie de choque reprimido.

Tive uma visão daquele uniforme antigo e dos olhos de Coombs como fogo em mim. Os braços dele estendidos, a explosão cor de laranja da arma dele. Eu tinha certeza de que alguém havia gritado meu nome, devia ser Cappy, ou Jacobi, e que depois alguém disse: “Arma...”

E a minha pistola Glock subindo em câmera lenta, sabendo que eu estava um segundo atrasada, vendo a explosão da arma dele. Em seguida o tiroteio, de todas as direções, *pop, pop, pop, pop, pop...* Mas acabei tirando isso da cabeça e retomei o trabalho.

Uma hora depois, eu estava folheando o arquivo de um dos nossos casos mais importantes quando Claire apareceu na porta da minha sala.

– Oi!

– Oi pra você, Lindsay.

Eu conhecia Claire muito bem. Conhecia a expressão dela quando encontrava o que esperava e não tinha mais dúvida nenhuma. E também conhecia o seu olhar quando tudo não era tão certinho.

Dessa vez ela estava definitivamente exibindo aquele olhar de quando tudo não é tão certinho.

– Não encontrou nenhuma tatuagem, não é? – comentei.

Ela balançou a cabeça. A expressão dela não poderia ser mais preocupada do que se tivesse descoberto algum crime de Edmund, ou de um dos filhos.

Fiz sinal para ela entrar e fechar a porta.

– Muito bem, então o que você descobriu?

Ela sacudiu os ombros muito séria.

– Acho que descobri por que Coombs errou o tiro.

Claire sentou e começou a explicar.

– Eu estava fazendo uma histologia de rotina, na *substantia nigra*...

– Em inglês, Claire – interrompi. – *S'il vous plaît? Per favore?* ela sorriu.

– Raspei algumas células do meio do cérebro. Coombs levou nove tiros. Oito pela frente. Um pelas costas. Esse das costas acertou a coluna cervical. Esse é o único motivo pelo qual eu estaria ali, a princípio. Eu procurava uma causa específica da morte.

– E o que você encontrou?

Ela olhou direto para mim.

– Uma acentuada ausência de neurônios... células nervosas vivas.

Endireitei as costas de um pulo. Estava com o coração na boca.

– E isso quer dizer... o quê, Claire?

– Quer dizer que... Coombs estava com mal de Parkinson, Lindsay. E não era o início da doença.

*Mal de Parkinson...* A primeira coisa que pensei foi: *Por isso ele errou o tiro.* Que eu tive uma sorte danada.

Depois, quando vi aquele olhar neutro se transformar em alarme no rosto de Claire, soube que não era tão simples assim.

– Lindsay, alguém no estágio de Coombs da doença de Parkinson não poderia jamais acertar aqueles tiros.

Minha mente voltou para a cena na Igreja de La Salle Heights... Tasha Catchings, derrubada por aquele tiro incrível... E Art Davidson, com um único buraco de bala na cabeça... A bala tinha atravessado o vidro da janela, vinda de um telhado que ficava a pelo menos cem metros de distância.

Fixei os olhos de Claire.

– Tem certeza disso?

Ela meneou a cabeça lentamente.

– Não sou neurologista...

Mas ela continuou, com firmeza total:

– Sim, tenho certeza. Certeza absoluta. O estágio de Parkinson que o dominava jamais permitiria a necessária interação da mão com o cérebro para acertar aqueles tiros. O caso dele estava avançado demais.

Arrepiada e com um princípio de náusea, lembrei tudo que sabíamos sobre o nosso assassino. Estávamos convencidos de que Quimera tinha uma tatuagem. Mas Coombs não tinha nenhuma. Depois ele só me acertou de raspão nos degraus do Tribunal, a uma distância considerada à queima-roupa. E agora isso, *mal de Parkinson*... Quimera era um atirador de elite, fosse quem fosse. Isso era irrefutável.

Nós nos entreolhamos, e eu disse o indizível.

– Meu Deus, Claire, Coombs não é o nosso homem.

– Certo – ela disse. – Então quem é, tenente?



Ficamos muito tempo ali sentadas, caladas, enquanto a compreensão e o pânico eram registrados.

Os jornais, a TV, todas as pessoas lúcidas da cidade inteira estavam comemorando a morte de Quimera. Naquela manhã mesmo, eu tinha apagado os casos de assassinato do quadro na parede.

– Coombs estava tentando me dizer alguma coisa – contei para Claire, lembrando os últimos minutos de vida dele. – “Uma última...”, ele sussurrou, então perguntei: *Uma última o quê?* E tive a impressão de que ele sorriu. “Uma última surpresa”, ele disse. Ele sabia que Quimera ainda estava por aí, Claire. Sabia que nós íamos descobrir. O filho da mãe estava rindo de mim quando deu seu último suspiro. Tem de ser alguém do grupo dele. Há outro louco por aí.

Claire apertou os lábios.

– Lindsay, se eu pudesse apresentar outro tipo de conclusão...

Eu não sabia exatamente o que fazer com aquela nova informação. O desenho tinha se encaixado tão bem... Bay View... Quimera. O arquivo no quarto de Coombs. E o fato de ele ter me atacado. Eu não podia acreditar que tinha me enganado assim. E a pergunta, mais uma vez: Se não era Coombs, quem era?

A última coisa que eu queria fazer era subir e estragar a comemoração de todos os burocratas e autoridades. Mas naquele momento em que Claire e eu ficávamos boquiabertas e incrédulas, o assassino estava lá fora, e devia estar planejando mais um crime. *Meu Deus, isso não fazia sentido.*

– Venha comigo – eu disse, bufando com a dor aguda do lado da barriga.

Fui andando devagar pelo corredor até a sala de Charlie Clapper.

– A volta da heroína.

O rotundo homem da Unidade da Cena do Crime ficou de pé e sorriu.

– Um pouco curvada na cintura, mas, fora isso, você está ótima.

– Charlie, em quanto tempo teremos a bala da arma? – eu quis saber.

– Arma...? – Ele franziu a testa.

– Da arma de Coombs. Quanto tempo vai levar para comparar com a arma que matou Mercer?

– É meio tarde para isso, gata, se está pensando em reduzir os suspeitos. Eu começaria pelo cara que está na mesa de Claire.

– Quando terá o resultado, Charlie? — retruquei. – Em quanto tempo terá a comparação?

– Talvez quarta-feira. – Ele sacudiu os ombros. – Precisamos escanear o interior do cano da arma, fazer uma leitura do...

– Amanhã, Charlie – eu disse. – Preciso disso amanhã.

– Lindsay – ele disse, meio confuso o que está acontecendo?

Virei para Claire e o gosto desagradável de bile recuou para o estômago.

– Temos de levar isso lá para cima.

Pegamos o elevador até o quinto andar. Eu estava tão atônita e assolada por emoções distintas que mal senti a pontada de dor do lado do corpo. Entramos sem aviso na sala do chefe executivo Tracchio. Ele estava escrevendo alguma coisa.

– O que você está fazendo aqui?! – exclamou ele. – Devia estar em casa. Por Deus, tenente, se alguém tem mais do que direito de tirar uma folga...

Não deixei Tracchio terminar a frase. Conteí o que Claire tinha descoberto. De repente,

Tracchio ficou com cara de quem tinha engolido um punhado de ostras estragadas.

– Não acredito nisso, tenente – ele disse. – Você solucionou o caso. Está terminado.

– Você pode não acreditar – disse Claire com firmeza mas eu nunca tive tanta certeza de uma coisa em toda a minha vida profissional. Não há como Coombs ter conseguido acertar aqueles tiros.

– Mas isso é tudo especulação – protestou Tracchio. – As ligações com o assassinato de Sikes... O histórico de Coombs com o grupo Quimera... sua qualificação com armas. Tudo isso é fato. Os seus fatos, tenente.

Ele apontou o dedo para mim, cutucando ponto por ponto da minha própria análise.

– Ninguém mais poderia se encaixar nesse perfil. Não posso discordar das suas conclusões, Dra. Washburn, mas daí a eliminar Coombs...

– Podemos testar o DNA dele com a amostra de pele que encontramos nas unhas de Estelle Chipman – respondeu Claire. – E é exatamente isso que vou fazer. Mas aposto a minha reputação contra a sua que não vão combinar.

– E nesse meio tempo, precisamos reabrir o caso – eu disse.

– Reabrir o caso? – Tracchio engasgou. – Não vou dar essa ordem de jeito nenhum.

– Se Quimera ainda está por aí – insisti ele pode estar planejando outro assassinato neste exato momento. E acho que realmente está.

– Mas ontem mesmo – gaguejou Tracchio – você tinha cem por cento de certeza de que Coombs era Quimera.

– Ontem foi ontem – eu disse. – Já explicamos por que isso mudou. Agora tenho cem por cento de certeza de que Coombs não é Quimera.

– O que vocês me contaram é especulação médica. Quero provas concretas. Façam a comparação do DNA.

– Isso pode levar dias – disse Claire. – Uma semana...

– Então faça a prova de balística – ordenou Tracchio. – Chefe Mercer foi morto com um trinta e oito. Garanto a vocês que Clapper vai provar que foi a mesma arma.

– Estou trabalhando nisso. Mas nesse meio-tempo...

– Não tem meio-tempo, tenente. No que me diz respeito, você fez um excelente trabalho. Pôs a sua vida em risco. Agora devia estar cuidando da sua licença médica, não tentando iniciar outra investigação.

Claire e eu nos entreolhamos.

Então Tracchio pegou alguns papéis, aquele recurso que as autoridades aprendem a usar quando querem comunicar que a reunião acabou. Ele que se danasse.

No corredor, eu disse a Claire:

– Estou prestes a fazer a prefeitura inteira cair em cima de nós. É melhor você ter certeza mesmo.

– É claro que tenho certeza – ela afirmou. – O que você vai fazer?

– Vou esperar o resultado do teste de balística, Claire. E rezar para nada acontecer até lá. Também vou pôr todo mundo de volta na investigação.

– Cindu Thomar, é você?

Aaron Winslow mal podia acreditar no que seus olhos estavam vendo. Quando Cindy abriu a porta do seu apartamento, vestia um conjunto de calça e blazer pretos, sandália preta de salto alto e um colar com um solitário. Logo atrás dela, Aaron viu a sala de jantar, com velas acesas, porcelana, talheres de prata e copos de cristal.

Cindy se aproximou e beijou Aaron. Depois recuou um pouco. Meu Deus, ela estava deslumbrante. Absolutamente radiante naquela noite.

– Muito bem, tenho de confessar uma coisa – disse ela. – Esse conjunto Armani não é meu, é da minha amiga Jill, a advogada. A sandália *Ferragamo* também. Se eu derramar qualquer coisa nesse Armani, ou se arranhar a sandália, ela nunca mais fala comigo.

Cindy sorriu e segurou a mão de Aaron.

– Entre. Não fique com tanto medo. Apesar de eu estar. Hoje à noite vamos comemorar o fim de um cerco horroroso e de um homem terrível.

Aaron começou a rir.

– Você está mesmo linda para essa comemoração.

Cindy prosseguiu, muito animada:

– É, e preparei frango crocante com amêndoas, uma salada de alface romana, pasta *orzo* com ervilha e hortelã. Infelizmente, esse frango é um dos três pratos que sei fazer.

– A sua sinceridade é estimulante – disse Aaron. – De quem é a porcelana? E os copos de cristal?

Cindy deu risada e levou Aaron para a sala de jantar. Nossa, ela estava se sentindo como Bridget Jones.

– Acredite se quiser, mas a porcelana e o cristal são meus. Minha mãe tem me dado presentes de enxoval desde que eu tinha dezoito anos. Achei que Wedgwood e Waterford seriam perfeitos para a nossa noite especial. O rango está pronto. Vamos atacar.

– Posso ajudar a servir esse banquete? – perguntou Aaron.

– Isso seria perfeito. Como tudo esta noite.

E foi tudo perfeito mesmo. Poucos minutos depois, estavam os dois sentados à mesa de jantar com os pratos que pareciam deliciosos à sua frente.

Cindy deu uma batida na taça de vinho.

– Quero fazer um brinde – ela disse.

Naquele instante, Aaron viu um reflexo se movendo no espelho sobre o aparador atrás de Cindy. O coração dele quase parou. Não de novo. Não ali.

– Cindy, não! – ele berrou.

De repente, ele pulou da cadeira e mergulhou de cabeça por cima da mesa de jantar. Só torcendo para chegar em tempo.

Derrubou Cindy e quase toda a porcelana e o cristal junto. Tudo despencou no chão com estrondo bem na hora em que o primeiro tiro despedaçou o vidro da janela da sala de jantar. Mais tiros se seguiram em rápida sucessão. Rifle de repetição. Quimera estava lá. Vinha pegar os dois agora.

Cindy teve a presença de espírito de pegar o fio e puxar o telefone do console no corredor. Apertou o número quatro da discagem rápida, depois o viva-voz, e ouviu a voz de Lindsay.

– Ele está aqui no meu apartamento. Está atirando no Aaron e em mim! — ela berrou. —

Quimera está aqui, e continua atirando!

Isso não podia estar acontecendo, mas estava.

Liguei para todas as unidades disponíveis, depois corri para o apartamento de Cindy. Cheguei lá com a maior rapidez possível. Talvez até mais. Vi Cindy e Aaron na varanda da frente. Havia meia dúzia de carros da polícia parados em volta da casa. Mas eles ainda eram alvos, não eram?

Corri para ela de punhos cerrados. Abracei Cindy e ela ainda tremia muito. Nunca vi Cindy assim tão vulnerável, com tanto medo, tão perdida.

– Graças a Deus que um carro patrulha chegou aqui em poucos minutos, Lindsay. Deve tê-lo assustado e ele fugiu, ou então já tinha ido embora antes.

– Vocês estão bem? – Olhei para Aaron.

A roupa dos dois estava cheia de manchas. Parecia que tinham feito uma guerra de comida. Que diabo tinha acontecido ali?

– Aaron me salvou – disse Cindy baixinho.

Aaron só balançou a cabeça e segurou a mão dela. Havia uma ternura entre os dois que me emocionou muito.

– Ele está perdendo o controle – resmunguei, mais para mim mesma do que para os dois.

Quem quer que fosse Quimera, estava tendo um acesso de fúria. Era óbvio que queria me atingir, ou a qualquer pessoa próxima de mim. Ou talvez estivesse ofendido só de pensar em Aaron Winslow e Cindy juntos. Isso podia ser parte da história.

Já não estava mais planejando seus crimes com tanto cuidado. Agia com descuido e estava abalado, mas ainda era extremamente perigoso.

*E estava solto por aí, em algum lugar. Talvez até nos observando naquele momento.*

– Venham, vamos voltar lá para dentro – eu disse.

– Por quê, Lindsay? – perguntou Cindy. – Foi dali que ele atirou em nós. Quem é esse cara? O que ele quer?

– Não sei, Cindy. Entre, por favor, querida.

Os inspetores já estavam verificando de onde tinham partido os tiros. A Unidade da Cena do Crime procurava determinar o calibre da arma. Mas eu já sabia. E sabia que era ele: *Quimera*.

*Continuo aqui, era o que ele dizia para nós. Dizia para mim.*

O Ford azul de Warren Jacobi parou na frente da casa, vi quando ele desceu e veio correndo falar comigo.

– Eles dois estão bem?

– Estão. Estão lá dentro agora. Meu Deus, Warren. Isso tem alguma coisa a ver comigo. Só pode ser.

Encostei a cabeça no ombro dele um segundo. Meus olhos se encheram de lágrimas e as senti transbordar. Escorreram quentes e ardidas pelo meu rosto.

– Vou matar esse cara – murmurei.

Jacobi me abraçou com mais força. O bom e velho Warren.

Estávamos de volta à estaca zero. Eu não tinha idéia de quem era Quimera. Não sabia por onde devíamos começar a procurá-lo.

Um Lincoln preto subiu a rua, passou pelo bloqueio e parou no meio-fio. A porta abriu e o chefe Tracchio, de cara amarrada, desceu, observando a cena dos disparos.

Seus olhos encontraram os meus, ele engoliu em seco com expressão de culpa e as luzes que piscavam nos carros patrulha em volta da cena do crime se refletiram nos óculos dele.

Olhei furiosa para ele. *Já tem prova suficiente?*

Na manhã seguinte, metade da equipe da Homicídios batia cabeça na sala de conferência, reexaminando cada prova, cada suposição que tínhamos feito. Quando a reunião estava quase acabando, levei Jacobi para um canto.

– Mais uma coisa, Warren. Quero que veja uma coisa para mim. Certifique-se de que Tom Keating *é realmente um inválido em cadeira de rodas*.

Por volta de uma hora da tarde, eu tive de dar uma parada. Precisava pensar fora da caixa. Estávamos deixando passar alguma coisa.

Tinha de conversar com as meninas, por isso convoquei um almoço rápido no Rialto, no quarteirão em frente ao Tribunal de Justiça. Até Cindy disse que ia. Ela insistiu.

Quando Cindy chegou ao Rialto, todas a abraçaram e ficamos com os olhos cheios d’água. Nenhuma de nós conseguia acreditar que Quimera tinha ido atrás de Cindy e Aaron... Mas certamente ele foi.

– Isso é loucura – eu disse quando nos juntamos em volta da mesa, beliscando saladinhas e calzones. – Tudo se encaixava. O passado de Coombs, Quimera, o incidente em Bay View. Tudo apontava para isso. Não podemos ter nos enganado desse jeito.

– O que você tem de fazer primeiro – avisou Claire – é parar de se culpar. O que aconteceu foi horrível. Mas não podemos nos deixar levar por essa emoção toda.

– Sei disso. – Suspirei. – Deve ser isso mesmo que o assassino quer. Meu Deus!

Jill se ajeitou na cadeira.

– Escutem aqui. Coombs tem de estar no centro disso tudo.

São coisas demais que se encaixam. Ele pode não ter apertado o gatilho, mas c se mandou alguém fazer isso? E aqueles babacas amigos dele que foram à reunião em South San Francisco?

– Dois deles continuam desaparecidos – eu disse mas meu instinto diz que não são eles. Que droga, não sei mais de nada. Todos da Homicídios estão embatucados. Coombs era o próprio louco. Quem mais pode ser o outro?

– Você verificou tudo que encontrou no quarto de hotel dele? – perguntou Cindy.

Ela estava estranhamente calada até fazer essa pergunta.

– Verifiquei, mais duas vezes – respondi.

No que parecia ser a décima vez, minha mente voltou ao minúsculo e desarrumado quarto de hotel, a mala cheia de coisas de Coombs do presídio, os recortes de jornais e revistas enfiados embaixo do colchão, os números de telefone na mesa, as cartas dele...

*Só que dessa vez uma coisa se destacou...*

Cindy estava perguntando se tínhamos alguma vez considerado a possibilidade de que alguém estivesse tentando armar para cima do Coombs, mas não respondi. Minha cabeça estava em outro lugar... cravada lá naquele quarto imundo do hotel. Na fila de latas de cerveja e pontas de cigarro no parapeito sobre a cama.

*Havia alguma coisa a mais ali.* Nunca prestei muita atenção.

Semicerrei os olhos olhando para o vazio, tentando visualizar o quarto. Então vi o que estava procurando. E o que talvez tivesse deixado passar.

– Lindsay? – Claire inclinou a cabeça. – Está tudo bem?

– Terra chamando Lindsay... – brincou Jill.

Cindy pôs a mão no meu pulso.

– Lindsay, o que está acontecendo?

Peguei a minha bolsa e me levantei.

– Temos de voltar para o Tribunal. Acho que acabei de descobrir uma coisa.



As provas mantidas sob custódia da polícia são guardadas e trancadas em um depósito no subsolo do prédio.

Fred Karl, o policial do turno diurno, ficou meio irritado com a presença de nós quatro.

– Aqui não é uma sala de estar – ele resmungou ao empurrar uma prancheta para mim, e apertou um botão para abrir o portão de arame. – Você e a Dra. Bernhardt podem assinar e entrar. As outras duas terão de esperar lá fora.

– Prenda-nos, Fred – eu disse, e entramos todas juntas.

O que havia no quarto do hotel de Coombs estava guardado em grandes caixas nos fundos do depósito. Levei as meninas até o lugar, pendurei meu blazer numa barra e tirei duas caixas da prateleira que tinha o número do código do caso de Coombs. Comecei a vasculhar o que havia dentro.

– Você se importa de dizer o que estamos procurando? – perguntou Jill, meio aborrecida. – Que droga que eu não vi?

– Você viu perfeitamente – eu disse, remexendo nas coisas de Coombs. – E eu também vi. Mas nenhuma de nós uniu os pontinhos na hora. Olhe só para isso.

Peguei o brilhante troféu de um atirador mirando com um rifle como se fosse um cálice de prata. Campeão Regional de Tiro Direto a 50 metros, dizia a inscrição na placa. Era isso que eu lembrava da primeira vez que vi o troféu.

Mas o nome em cima mudava tudo.

Frank L. Coombs... então Frank C. Francis Laurence, não Francis Charles.

*Rusty Coombs...* Quem ganhou aquele troféu foi o filho de Coombs.

E de repente todas as suposições e descobertas mudaram para mim. Talvez graças a toda a papelada que eu tinha examinado recentemente, o nome completo de Coombs pai tinha ficado gravado na minha cabeça.

Frank C. era o pai, Frank L., o filho.

“*Não sou meu pai*”, lembrei que Rusty Coombs tinha dito. Eu podia ver o rosto dele agora, a enenação convincente que ele armou para mim e para Jacobi.

– É o filho – cochichei.

Jill caiu sentada no chão, atônita.

– Lindsay, você está me dizendo que esses assassinatos horripilantes foram cometidos pelo filho de Coombs? O menino da Stanford?

Cindy gaguejou:

– Pensei que ele odiava o pai. Pensei que os dois não se falavam.

– Eu também – eu disse. – Ele enganou todo mundo, não foi?

Ficamos as quatro olhando umas para as outras naquele porão escuro. Será que a nova teoria funcionava? Será que ia resistir a uma investigação mais profunda? Surgiu outra imagem na minha cabeça... a van branca. O carro usado na fuga do assassinato de Tasha Catchings... Tinha sido roubado em Mountain View. Palo Alto e Mountain View ficavam a poucos minutos de distância um do outro.

– O dono da van branca – eu disse – ensinava antropologia num colégio da comunidade de lá. Ele disse que levava alunos de outras escolas. Às vezes, alguns jogadores...

Subitamente, as coisas foram entrando em seus devidos lugares.

– Quem sabe um deles não era Rusty Coombs?

Voltei correndo para a minha sala. A primeira coisa que fiz foi ligar para o professor Stasic, do Mountain View Junior College. Só consegui chegar ao seu correio de voz. Deixei um recado urgente para ele ligar para mim.

Digitei o nome Francis L. Coombs no banco de dados do Instituto de Criminalística da Califórnia no computador. Apareceu a antiga condenação do pai, mas nada do filho. Ele não tinha ficha criminal.

Eu achava que se o garoto era frio a ponto de cometer aqueles crimes terríveis, tinha de estar em algum lugar do sistema. Digitei o nome dele no banco de dados do sistema correccional juvenil. Esses registros eram secretos e não podiam ser usados num tribunal, mas nós tínhamos acesso. Depois de alguns segundos, apareceu uma ficha. Bem longa...pisquei diante da tela, sem acreditar.

Rusty Coombs teve encontros com a polícia pelo menos sete vezes desde os treze anos de idade.

*Em 1992, foi apresentado diante de uma corte juvenil por ter atirado no cachorro de um vizinho com uma espingarda de chumbinho.*

*Um ano depois, foi indiciado por crime de vandalismo por matar um ganso num parque de uma empresa.*

*Aos quinze anos, ele e um amigo foram processados por profanar um local público quando pichou dizeres antissemitas numa sinagoga.*

*Foi acusado, mas não condenado, de jogar garrafas de cerveja na janela de um vizinho. O queixoso era negro.*

*Supunha-se que ele fizesse parte de uma gangue do Ensino Médio, os Kott Street Boys, conhecidos pelos ataques racistas contra negros, latinos e asiáticos.*

Fui lendo um por um, estupefata. Então pedi para Jacobi vir até a minha sala. Expliquei tudo para ele. Falei do passado violento de Rusty Coombs. Do nome dele no troféu de atirador. Da van roubada em Mountain View, perto de Palo Alto.

– É óbvio que devem ter afrouxado muito as exigências para admissão em Stanford desde que me candidatei para lá – debochou Jacobi.

– Sem brincadeira, Warren. Por favor. O que você acha? Estou ficando doida, não é? É maluquice minha?

– Não é maluquice que baste para não fazermos outra visita ao garoto – ele disse.

Havia outras coisas que podíamos fazer para ter certeza. Podíamos esperar e ver se o DNA de Coombs pai batia com o que foi encontrado nas unhas de Estelle Chipman. Mas isso levava tempo. Quanto mais eu pensava, mais Rusty Coombs fazia sentido.

Meu cérebro começou a buzinar de novo. Um tremor percorreu meu corpo com a lembrança.

– Oh meu Deus, Warren... *o giz branco!*

Jacobi chegou para a frente e semicerrou os olhos.

– O que é que tem ele?

– O pó branco que Clapper achou em duas cenas dos crimes.

Recordei a imagem de Rusty Coombs, o rosto sardento e os ombros largos de atacante com uma camiseta suada dos Cardinais. Era a epitome de um garoto superior que tinha promovido uma reviravolta na vida, certo?

– Lembra quando o encontramos?

– Claro, no ginásio da Stanford.

– Ele estava levantando pesos. O que os halterofilistas usam, Warren, para firmar a pegada e as barras não escorregarem?

Eu me levantei. Com a imagem vívida na minha cabeça de Rusty Coombs esfregando as mãos grossas e brancas.

– Eles usam giz – disse Jacobi.

Trotando na volta do treino da tarde, Rusty Coombs deu a volta de oito quilômetros da casa do campo ao redor do Campus Sul. Resolveu percorrer os últimos duzentos metros sprint.

Um carro da polícia passou por ele com a sirene ligada. Depois outro, que também passou a toda.

Logo de cara, a visão dos carros da polícia chegou a deixá-lo sobressaltado. Mas, observando os veículos seguindo pela estrada, ele acabou relaxando. Suas pernas musculosas mantiveram o ritmo.

*Estava tudo bem, muito bem. Ele estava seguro ali na Stanford. Um dos poucos privilegiados, certo?*

Retomou o que estava pensando antes de a polícia interromper grosseiramente. Se conseguisse reduzir sua gordura corporal para 7,8 e lançar a bola com efeito das quarenta jardas mais um décimo ou dois, talvez pudesse chegar à terceira rodada de recrutamento da Liga Nacional de Futebol Americano. A terceira rodada significava bônus garantido. Atenha-se ao plano, ele pensou. *As fantasias acabavam se tornando realidade. Pelo menos com as dele era assim.*

Rusty entrou correndo na Santa Ynez, a um quarteirão da casa da fraternidade onde ele e alguns outros jogadores de futebol americano moravam. Quando virou a esquina, parou de chofre. *Que merda é essa... Eles vieram me procurar!*

A rua estava incendiada pelas luzes que piscavam. Carros da Polícia... três deles e mais dois veículos marrons da segurança do campus, na frente da sua casa. Uma multidão na rua. Os policiais da cidade eram proibidos de entrar no campus por qualquer trivialidade. Não, aquilo era maior, *coisa de telão...*

E, num momento nauseante de lucidez, ele soube que estava tudo acabado. Que nem teria a chance de apagar a vaca que matou seu pai. As pernas dele continuavam se movendo, correndo no mesmo lugar.

O que passou na cabeça dele foi a pergunta: *Como é que eles podiam saber? Quem foi que descobriu? Não a Lindsay Boxer!*

Um aluno desengonçado, de bermuda larga vermelha e uma mochila vermelha pendurada no ombro subia a rua na direção dele. Rusty continuou a correr no mesmo lugar.

– Oi, o que está acontecendo aí?

– A polícia está procurando alguém – disse o cara. – Deve ser alguma coisa grande, porque todo mundo está dizendo que a polícia de San Francisco está vindo para cá.

– Não diga! – resmungou Rusty. – Estão vindo lá de San Francisco, é?

Que merda, pensou. Estava chateado. Estava triste também porque tudo ia acabar. Mas ele sempre fantasiou como seria isso.

Deu meia volta e começou a trotar de volta, indo para o Main Quad da universidade. Foi ganhando velocidade, ágil e forte.

Rusty Coombs virou a cabeça para ver passar mais um carro da polícia, com a sirene ligada. Não adiantava mais se esconder. Havia dezenas de policiais ali.

Felizmente, ele tinha planejado o fim perfeito.

Jacobi e eu viajamos céleres pela 101 para Palo Alto, à velocidade constante de cento e cinquenta quilômetros por hora. Placas para Burlingame, San Mateo e Menlo Park passaram voando. Embalados pela adrenalina da vontade de prender aquela aberração em menos de uma hora.

Eu esperava que pudéssemos pegar Rusty Coombs de surpresa. Talvez quando ele saísse de uma aula. Havia milhares de alunos no campus da Stanford. Ele estava armado e era muito perigoso, por isso queria evitar o confronto se fosse possível.

Tinha combinado de encontrar o tenente Joe Kimes do departamento de Crimes Violentos da polícia de Paio Alto na sala do reitor no Main Quad. Quando estávamos chegando a Paio Alto, Kimes ligou de volta. Informou que não tinham encontrado Coombs. Que ele não tinha aulas marcadas para aquela tarde. Que não estava na residência, nem no estádio, onde o time de futebol de Stanford tinha terminado o treino cerca de uma hora antes.

– Ele sabe que tem um mandado de prisão para ele? – perguntei. – O que está acontecendo aí, Joe?

– Aqui é difícil agir discretamente – respondeu Kimes. – Ele pode ter visto os nossos carros.

– Eu estava começando a ficar preocupada. Tive a esperança de conseguir encontrar Coombs antes de ele saber que estávamos atrás dele. Ele gostava de atenção, queria ser um astro.

– O que quer que a gente faça? – perguntou Kimes.

– Quero que ponham a equipe da SWAT daí em alerta. Enquanto isso, tente encontrar o monstro, Joe. Não deixe que escape de nós. E Joe, esse cara é extremamente perigoso. Você nem imagina.

O elevador subiu bem rápido e, quando a porta abriu o Quimera teve a vista do pátio de observação da Torre Hoover a mais de setenta e seis metros de altura do Main Quad da Universidade de Stanford.

Não havia ninguém lá em cima. Ninguém para incomodá-lo, ninguém para matar logo de cara. Apenas o céu todo azul, o domo de concreto, os gigantescos sinos de carrilhão que trovejavam sobre o campus.

Rusty Coombs desligou a energia do elevador com as portas abertas.

Então jogou no chão a sacola de náilon que tinha levado e encostou na parede de concreto, de costas para uma das oito janelas com grades. Abriu a bolsa, tirou seu rifle PSG-1 desmontado de dentro, a mira de atirador de elite e mais duas pistolas, assim como cliques de munição.

Aquilo era outra história. De tirar o fôlego mesmo. A bomba, certo?

Ao sul e a oeste ele avistava montanhas, a silhueta de San Francisco ao norte. Era um dia claro. Tudo calmo, tudo perfeito. O campus da Stanford se estendia diante dele. Alunos andavam como formigas lá embaixo. Os melhores, os mais inteligentes.

Começou a montar o rifle, encaixou o tambor na culatra, aparafusou o descanso para ombro feito sob medida, até que a arma se aninhou em seus braços como um valioso instrumento musical.

Um pardal pousou nos sinos de carrilhão. Ele apontou e apertou o gatilho, só como teste. Clique.

Depois enroscou a mira telescópica no cano. E engatou um clipe com vinte projéteis.

Ficou de cócoras atrás da mureta de cimento. O vento farfalhava no ar como uma lufada que fazia estalar as velas de uma embarcação. O céu estava turquesa, deslumbrante. Eu vou morrer, e sabem de uma coisa? Estou me lixando.

Os estudantes cruzavam os caminhos tranquilamente no campus, liam sentados nos bancos. Ninguém sabia... Quem suspeitava do perigo? Ele podia escolher. Podia imortalizar qualquer um deles.

Rusty Coombs enfiou o cano do seu rifle entre as grades de metal em uma das janelas de dois metros de altura do domo. Espiou pela mira e procurou o primeiro alvo. Os alunos ficaram bem visíveis. Uma menina japonesa bonita de cabelo castanho avermelhado e óculos escuros abraçada ao namorado caucasiano no gramado. Um nerd com blusão amarelo-ovo pedalando uma bicicleta amarela. Ele moveu a mira. Uma aluna negra de tranças alouradas compridas caminhando em direção à livraria dos estudantes. Coombs sorriu. As vezes, até ele ficava espantado com a violência do ódio que sentia. Era suficientemente inteligente para saber que não nutria desprezo apenas por eles, mas por si mesmo também. Desprezava seu corpo bombado, as imperfeições que só ele conhecia, mas, acima de tudo, odiava suas próprias idéias, suas obsessões, o modo de sua mente funcionar. Sentia-se tão completamente solitário, há tanto tempo... Como naquele instante.

Lo longe, avistou um Explorer azul com luzes piscando. O carro parou na frente do prédio da administração. A vaca metida de San Francisco desceu do carro. O coração de Coombs acelerou.

Ela estava lá. Teria uma chance de pegá-la, afinal.

Fixou a mira na bela menina oriental que fazia carinho no namorado. Cristo, ele odiava os dois! Desgraças para suas raças.

Então, mudando de idéia, ele virou o rifle para a crioulinha de trança, com um pingente

dourado em forma de coração pendurado no pescoço e com um brilho nos olhos castanhos.

E só a minha natureza. Ele deu um sorriso debochado e botou o dedo no metal frio do gatilho.

Quimera voltava ao batente.

O exploder parou cantando pneu na frente do prédio da administração. Jacobi e eu descemos e cortamos caminho pela galeria espanhola que dava para o Main Quad.

E esbarramos direto em Kimes, rosnando ordens num rádio de mão. Ele estava junto com o carrancudo diretor do corpo discente, Felix Stern.

– Ainda não encontramos Rusty Coombs – disse Kimes. – Ele foi visto no Quad vinte minutos atrás. Agora desapareceu de novo.

– Em que pé estamos com aquela equipe da SWAT? – perguntei a ele.

– Estão a caminho, nesse momento. Acha que vamos precisar deles?

Balancei a cabeça.

– Espero que não. Não vamos precisar deles se Coomb se assustou e fugiu.

E naquele instante ouvimos tiros. Eu sabia que nenhum policial ia atirar primeiro. Além do mais, o ruído era de disparo de rifle.

– Acho que ele ainda está aqui – constatou friamente Warren Jacobi.

Os gritos dos estudantes em pânico ecoaram pela galeria. Então eles começaram a correr na nossa direção, fugindo do gramado de Quad.

Alguém gritou.

– Ele está na Torre Hoover! O louco filho da puta!

Jacobi, Kimes e eu corremos pelo meio dos estudantes em disparada. Joe Kimes falava no rádio:

– Alguem está atirando! Todo o pessoal da equipe médica para a Torre Hoover agora. Todo cuidado é pouco!

Chegamos ao gramado em poucos segundos. Os estudantes se escondiam atrás das árvores, das colunas, de grandes vasos de flores, qualquer coisa que servisse de proteção.

Havia dois jovens caídos. Um deles era uma mulher negra, com um círculo de sangue se espalhando pelo peito. Maldito Quimera.

– Abaixem-se! Fiquem onde estão! – berrei no Quad. – Por favor abaixem-se!

Mais um tiro foi disparado da torre. E outro, e mais outro. Um rapaz caiu atrás de um banco de ripas.

– Por favor, fiquem abaixados! – gritei de novo. – Todos para o chão!

Fixei os olhos no campanário da torre, procurando por uma silhueta, uma arma, qualquer coisa que determinasse a posição de Rusty Coombs.

De repente, ecoaram mais dois tiros da torre. Coombs estava lá em cima, com certeza. Não havia como proteger tanta gente ali embaixo. Nós estávamos exatamente onde ele queria. Quimera continuava ganhando.

Agarrei Kimes.

– Como posso chegar lá em cima?

– Ninguém vai subir sem escolta da SWAT – retrucou Joe Kimes.

Ele olha fixo para frente, com os olhos arregalados. Berrou no rádio:

– Todas as equipes da SWAT e de socorro para o main Quad! O atirador está na Torre Hoover. Há pelo menos três vítimas.

Olhei nos olhos dele.

– Como faço para subir na torre, Joe? – insisti. – Eu vou de qualquer jeito, por isso diga qual o melhor caminho.

– Tem um elevador no térreo – intercedeu o reitor Stern.



Tirei minha Glock do coldre de ombro e verifiquei a Barreta pequena que tinha prendido no tornozelo. Quimera está lá em cima naquela redoma, disparando sem parar.

Vi um prédio que poderia dar alguma cobertura no caminho. Jacobi segurou meu braço. Mais sabia que não conseguiria me dissuadir.

– Você não me daria um minuto para pegar coletes para você e para mim, não é, tenente?

– Vejo você lá em cima, Warren. – pisquei para ele.

Estão disparei para a torre, correndo abaixada.

Em algum lugar da minha cabeça, um pensamento se insinuou... Por que estou fazendo isso?

Jesus, que sensação boa.

Quimera recolheu o rifle e sentou de costas para a parede de concreto. Deli a pouco o Quad ia virar um inferno. Equipes da SWAT, atiradores de elite, talvez até helicópteros. Ele sabia que estava em vantagem porque não se importava em morrer.

Concentrou-se nos sinos de carrilhão. Sempre gostou daqueles malditos sinos idiotas. Quando badalavam eram ouvidos em todo o campus. E imaginou se teria sinos tocando em seu enterro, quando aquilo terminasse, quando ele não estivesse mais ali. Ah, e. Com certeza.

Então se lembrou que estava sozinho na Torre Hoover e que tinha acabado de matar cinco pessoas. Que dia aquele... que vida ele teve. Ia entrar para história, não tinha mais dúvida disso.

Ficou de pé e espiou pelo lado da parede. De repente tudo tinha ficado muito quieto. Le embaixo. Todos tinham saído do gramado. Logo, uma equipe de técnicos da SWAT, altamente qualificados, entraria em cena e ele só teria de abater o maior número de pessoas que conseguisse. Eles iam ter de fazer por merecer o pagamento de hora extra.

Mais por enquanto, ali em cima, cara, estava tudo lindo...

Então ele avistou Lindsay Boxer! Semicerrou os olhos e olhou pela mira do rifle para ter certeza. A “policia heroína” que tinha matado o seu pai. Ela correu da proteção do prédio da administração, em zigue-zag, abaixada, para a torre. Ele ficou contente com a presença dela. De repente, tudo mudou. Talvez ainda conseguisse completar sua jornada...

Ele seguiu a forma veloz e fechou lentamente o olho esquerdo. Deixou a respiração ficar mais lenta até chegar a um ritmo quase de meditação.

Estava lembrando que o pai tinha levado nove tiros.

Era o que ela merecia também.

Respirou fundo e fixou a mira na blusa branca de Lindsay.

Você é uma mulher morta.

Agora estava tudo calmo no quadrângulo. Rusty Combs devia estar dando um tempo, ou recarregando.

Vamos lá. Você e eu, camarada.

Fui para o prédio que estava na minha frente. Senti uma espécie de histeria controlada. Nada bom. Sabia que eu era um alvo e que Coombs podia atirar.

De repente, ouvi um disparo atrás de mim. Virei e vi Jacobi atirando na torre.

Antes de Coombs poder mirar, mergulhei sob a proteção de grossos galhos de choupo, depois dei uma volta no prédio até ficar a poucos metros da base da torre.

Olhei em volta e vi Jacobi com Kimes. Ele balançou a cabeça para mim. Eu sabia que queria dizer; por favor, Lindsay, fique aí. Não posso te dar cobertura quando você estiver dentro da torre. Pisquei para ele quase me desculpando.

Corri em volta da torre até encontrar uma estrada no lado norte. Subi a escada e me vi num saguão de mármore.

O elevador ficava bem em frente.

Apertei o botão para chamar o elevador várias vezes, com minha arma apontada para a porta. Não se abriram. Soquei o punho inutilmente naquelas portas cromadas e polidas.

– Polícia – gritei. Meu grito ecoou pelos corredores. Precisava de alguém, qualquer pessoa. Não tinha idéia de como chegar, dali, ao topo da torre.

Um funcionário uniformizado da manutenção apareceu, vindo de um dos corredores. Ele se encolheu quando viu minha pistola.

– Polícia! – berrei. – Como faço para ir lá para cima?

– O cara prendeu o elevador – e disse. – A única forma de subir é pela escada de incêndio.

– Mostre-me onde fica. Por favor. É caso de vida ou morte.

O zelador me levou por uma porta e subimos até o terceiro andar, depois fomos para um corredor até a escada estreita.

– Vai enfrentar treze andares. Com porta de incêndio lá em cima. Abre dos dois lados.

– Fique esperando lá no saguão e diga para quem aparecer que estou lá em cima – eu disse enquanto me dirigia para escada estreita. – Isso é questão de vida ou morte também.

– Sim, senhora. Entendi.

Comecei a subir. Treze andares. E não sabia o que esperar quando chegasse ao topo. Meu coração galopava e minha blusa estava grudada nas costas com o suor frio.

O treze da sorte. Cada andar que eu alcançava minha respiração ficava mais difícil e ruidosa. Minhas pernas começaram a doer, de cima a baixo, e eu corro quatro vezes por semana. Não sabia se estava louca de ir lá para cima sem cobertura. Não, droga, eu sabia, sim, que estava louca.

Finalmente, passei do décimo segundo e cheguei ao topo. Meu Deus. Era apenas uma porta de incêndio, de metal maciço, que me separava de Quimera. Meu coração estava explodindo.

Ouvi mais tiros através da porta. Ca-pou, Ca-pou, Ca-pou, Ca-pou. Ele estava em atividade de novo. Fiquei com medo de que alguém mais pudesse morrer. Estava com raiva, furiosa, queria demais pegá-lo. Verifiquei a minha Glock e respirei fundo. Oh Deus, Lindsay... o que quer que faça, trate de fazer rápido.

A porta de incêndio tinha uma daquelas pesadas alavancas de emergência que tinham de ser empurradas para baixo para abrir.

Empurrei com força e sai no pátio de observação.

Fui atingida por uma luz solar ofuscante. Depois ouvi aquele barulho arrepiante, Ca-ping, Ca-ping, Ca-ping... As cápsulas cuspidas pelo rifle caindo no chão.

Corri para o deque e avistei Coombs. Estava ajoelhado diante de uma abertura, com o rifle entre as barras de ferro.

De repente ele se virou para mim.

A arma dele explodiu na minha direção. Um estampido ensurdecedor, clarões com de laranja por toda a parte. Ruído forte de metal batendo no chão.

Mergulhei para longe da porta e dei uma seqüência de quatro tiros. Não sei se acertei nele. Bufeí esperando uma pontada de dor, achando que ele podia ter me acertado. Mas não tinha.

– É muito mais difícil quando alguém está atirando em você – berrei.

Eu estava abaixada atrás de uma Grosa grade de metal. Abrigavam uma coleção de sete sinos enormes. Cada um deles seria capaz de arrebanhar meus tímpanos com uma única badalada. O resto do deque de observação não passava de um pátio com dois metros e meio de largura. Ele dava a volta nos sinos com abertura de observação a cada dois metros na parede, mais ou menos.

Coombs estava do outro lado. Os sinos davam proteção para nós dois.

Ouvi a voz dele, uma fala arrastada fluente e arrogante.

– Bem vinda a Camelot, tenente... Todos aqueles cérebros lá embaixo... e agora você sobe isso tudo só para falar comigo...

– Trouxe meus amigos. Eles não vão querer conversar, Rusty. Vão procurar todos os ângulos para derrubar você com um Tito. Por que morrer assim?

– Não sei, para mim parece um bom plano. Se quiser morrer comigo aqui em cima, fique à vontade – Rusty Coombs respondeu.

Espiei pela grade, para saber onde Coombs estava. Do outro lado do campanário, ouvi quando ele carregou a arma com mais um clipe de munição.

– Ainda bem que é você. Quero dizer, tudo se encaixa, não é? Você apaga meu pai, agora faça a mesma coisa com você.

Sua voz mudou de lugar, como se ele estivesse dando a volta no observatório.

Eu também comecei a andar com a Glockapontada para o canto o campanário.

– Eu não quero que você morra aqui em cima, Rusty.

– Meio lerda para entender as coisas, não é, tenente? Como sempre. Eu lhe dei tudo o que precisava. Os símbolos as Quimera, a van, a ligação para o 911... O que mais tenho de fazer, enviar uma porra de um e-mail dizendo: Ei, caras, estou aqui? Você demorou muito para entender. Ao custo de algumas vias pelo caminho.

De repente, uma rajada de balas fez tremerem a grade de ferro. Os projeteis ricochetearam ruidosamente nos sinos.

Eu me abaixei e protegi a cabeça com as mãos.

– Seu pai já era – berrei. – Isso não vai trazê-lo de volta.

Onde é que ele estava agora? Espiei por uma brecha na grade. Meu cérebro parou.

Lá estava Rusty Coombs. Sorrindo para mim. Aquele sorriso largo, sonso e detestável do pai dele. Vi o rifle enfiado na grade do campanário.

Naquele instante, vi um clarão e senti a pressão fortíssima. Então o impacto poderoso do tiro me jogou para trás.

Cai pesadamente de costas, arrastei-me procurando me proteger, enquanto Coombs dava a volta correndo para atirar diretamente em mim. Meus dedos tatearam procurando a pistola.

Jesus, minha arma... não estava lá!

Coombs tinha acertado a Glock com um tiro!

Ele avançou até ficar sobre mim. Com o rifle apontado para o meu peito.

– Você tem de admitir que eu sei atirar mesmo, não é?

Todos os fiapos de esperança que restava desapareceram. Os olhos dele eram verdes e se incendiavam com uma frieza impávida. Eu odiava demais aquele filho da mãe.

– Não acrescente mais mortes – eu disse, com a boca completamente seca. – As equipes da SWAT devem estar chegando. Se me matar, em cinco minutos será sua vez.

Ele deu de ombros.

– Nesse ponto a que chegamos, será impossível acertar as coisas com o treinador. Pessoas como você – ele olhava para mim sem expressão, – você não tem a menor idéia do que é perder um pai. Vocês, seus filhos da mãe, mataram meu pai.

Vi o dedo dele se mexer, indo para o gatilho, e entendi que eu ia morrer. Rezei mentalmente e pensei: Não quero morrer.

Então ouvimos um barulho ensurdecedor. Como a metade da força de um prédio sendo implodido. Uma estrondosa badalada, seguida por outra e depois mais outra. Tive de cobrir as orelhas para não ficar surda.

Eram os sinos. Estavam tocando, e era o barulho mais forte e alto que eu já tinha ouvido... de longe. Toda a torre tremeu com aquele trovejar.

O rosto de Coombs se contorceu de choque e de dor. Ele cambaleou e, ato reflexo, se encolheu todo para se proteger.

Quando vi que ele estava encolhido, enfiei a mão na perna da calça. Tirei a Berretta do coldre preso a meu tornozelo.

Tudo aconteceu muito rápido, como num filme em que o som está distorcido e mais agudo.

Coombs ao me ver com a arma, girou o rifle para posição de tiro.

Eu disparei a Berreta três vezes e minha mão levantava para trás com cada coice. Os sinos continuaram a dobrar... sem parar.

Três pontos vermelhos apareceram no peito largo de Rusty. Ele foi empurrado para trás com o impacto.

E os sinos de novo. Cada dobre de estourar os tímpanos parecia um martelo estilhaçando meu crânio.

Coombs caiu sentado. Olhou para baixo, viu as perfurações das balas. Piscou com um olhar vidrado, confuso. Ergueu o rifle para mim.

– Você vai morrer também, vadia!

Apertei o gatilho da Barreta. Os sinos badalaram quando uma explosão final acertou o pescoço dele. Coombs grunhiu bem alto e os olhos rolaram nas órbitas.

Percebi que estava com as mãos nas orelhas outra vez. Minha cabeça doía. Engatinhei até Coombs e chutei seu rifle para longe. Os sinos continuavam tocando, não conseguia identificar a melodia, mais talvez fosse uma resposta a minha oração.

Quando ajoelhei ao lado de Coombs, algo atraiu minha atenção.

– Ai está – murmurei.

Uma cauda de réptil enrolada, vermelha e azul, que seguia para o corpo de bode com as cabeças ferozes e imponentes de um leão e de um bode. Quimera... Um dos tiros que dei tinha furado o torso da besta maligna. Ela parecia morta também.

Ouvi gritos a minhas costas, mais continuei ajoelhada ao lado de Coombs. Tinha a sensação de que eu precisava responder o que ele tinha dito no fim. Você não tem a menor idéia do que é... perder um pai...

– Ah, tenho sim – eu disse para aqueles olhos imóveis.

Dessa vez os jornais acertaram. Quimera estava morto. O caso de múltiplos homicídios estava encerrado.

Não havia grande alegria com o resultado final, pelo menos não para mim. A Homicídios não se reuniu para apagar o quadro. Não houve brindes com as meninas. Gente demais havia morrido. E eu tive sorte de não estar entre elas. Claire e Cindy também.

Tirei alguns dias de folga para dar um tempo para a barriga e a mão sararem, e para as equipes de Assuntos Internos terem uma chance de montar o que ocorrera nas cenas dos tiroteios. Sai com Martha, fiz longas caminhadas pelo Marina Green e pelo Fort Mason Park quando o tempo começava a ficar chuvoso e frio.

Quase todo o tempo revivi os acontecimentos daquele caso horrível. Foi a segunda vez que tive de combater com um assassino cara a cara, só nós dois. Por que será? O que isso queria dizer? O que aquilo indicava sobre a minha vida e o que tinha se tornado?

Por um momento, tive uma peça importante do passado de volta, o pai que realmente nunca conheci. Logo em seguida, essa dádiva me foi tirada. Meu pai desapareceu no buraco escuro de onde tinha saído. Eu sabia que talvez não o visse nunca mais.

Nesses dias de descanso, se eu tivesse me lembrado de alguma coisa significativa que quisesse fazer na vida, talvez tivesse dito, vamos experimentar. Se tivesse jeito para a pintura, ou algum desejo secreto de abrir uma boutique, ou a perseverança necessária para escrever um livro... Era muito difícil descobrir até a mais minúscula tendência verdadeira.

Mas no fim daquela semana eu simplesmente voltei ao trabalho.

Bem tarde no primeiro dia, Tracchio interfonou e me chamou para a sala dele. Quando cheguei lá, o chefe ficou de pé e apertou a minha mão. Disse que estava muito orgulhoso, e eu quase acreditei.

– Obrigada – eu disse, e até sorri. – Era isso que você queria dizer?

Tracchio tirou os óculos. Olhou para mim com cara de arrependido.

– Não. Por favor, sente-se, tenente.

Pegou uma pasta vermelha da ponta da sua grande mesa de nogueira.

– Descobertas preliminares sobre a morte de Coombs. Coombs pai.

Olhei para a pasta meio ressabiada. Não sabia se algum burocrata do Assuntos Internos tinha encontrado alguma coisa suspeita.

– Não há nada com que se preocupar – Tracchio garantiu. – Tudo verificado, foi um tiroteio perfeitamente limpo.

Fiz que sim com a cabeça. Então, o que está querendo dizer?

– Mas tem uma coisa que salta aos olhos.

O chefe se levantou e se apoiou nas palmas das mãos na frente da mesa.

– A médica legista tirou nove balas do corpo de Coombs. Três eram da nove milímetros de Jacobi. Duas eram da arma de Cappy. Uma da sua Glock. Duas da vinte milímetros de Tom Perez de Roubos e Furtos. No total, oito.

Ele olhou direto para mim.

– A nona bala não combinou com arma nenhuma.

– Não combinou? – Levantei a cabeça.

Aquilo não fazia sentido. A comissão estava com todas as armas de todos os policiais envolvidos, inclusive a minha.

Tracchio abriu a gaveta da mesa. Tirou de lá um saco plástico que continha um projétil

achatado e cinza, mais ou menos da cor dos olhos dele. Entregou-me o saco.

– Dá uma olhada... Calibre quarenta.

Uma descarga elétrica percorreu meu corpo. Calibre quarenta...

– O engraçado – ele olhou fixo para mim – é que combinou com essas aqui.

Ele apresentou um segundo saco plástico com mais quatro balas, amassadas, achatadas.

– Pegamos essas na garagem e sob as árvores do lado de fora da casa em South San Francisco onde você foi parar seguindo Coombs.

Tracchio continuou olhando fixo para mim.

– Isso tem algum sentido para você?

Meu maxilar ficou pendurado como um peso morto. Não fazia sentido, a não ser que... Relembrei o episódio nos degraus do Tribunal.

Coombs correndo na minha direção, com os braços estendidos. Aquele momento paralisante antes de ver o rosto dele. Atrás dele, o que eu ia lembrar sempre, não podia esquecer: *uma voz, alguém gritando meu nome.*

Na confusão, ouvi um estalo... Depois, Coombs atacou.

*As balas não combinavam. Coombs levou um tiro de revólver calibre quarenta... A arma do meu pai...*

Pensei em Marty, na promessa que fez parado à porta do meu apartamento naquele último dia.

*Lindsay, não vou mais fugir... Meu pai tinha atirado em Frank Coombs naqueles degraus. Ele estava lá por mim.*

– Você não respondeu, tenente. Isso tem algum sentido para você? – Tracchio perguntou de novo.

Parecia que meu coração pulava de um lado para outro do peito. Eu não sabia o que Tracchio sabia, mas eu era sua policial heroína. Pegar Quimera ia apagar o “interino” na frente do seu título. E como ele mesmo disse, foi um tiroteio limpo.

– Não, chefe – respondi. – Não faz sentido nenhum.

Tracchio me encarou um tempo, acenando com a pasta na mão, depois meneou a cabeça e a enfiou embaixo de uma grande pilha de relatórios de outros casos.

Você fez um ótimo trabalho, tenente. Ninguém faria melhor.



Quatro meses depois...

Era uma tarde brilhante e cristalina de março quando todas nós voltamos à igreja de La Salle Heights.

Quase cinco meses após aquele primeiro ataque sangrento, cada marca nas paredes externas fora emassada e pintada com tinta branca. A abertura em arco onde ficava o belo vitral da igreja estava coberta com uma cortina branca, posta lá para o evento do dia.

Dentro da igreja, os figurões da prefeitura sentavam ombro a ombro com paroquianos orgulhosos e suas famílias, reunidos para a ocasião. Câmeras de TV rolavam nas alas laterais, registrando o serviço para os jornais da noite.

O coro, de túnica branca, cantava “*I'll fly away*”, e a capela parecia inchar e ressoar com o poder triunfante das vozes elevadas.

Algumas pessoas batiam palmas no ritmo da música, outras secavam os olhos, emocionadas.

Fiquei de pé, no fundo, com Claire, Jill e Cindy. Estava toda arrepiada, deslumbrada.

Quando o coro terminou, Aaron Winslow subiu ao púlpito, mais imponente e lindo do que nunca, de terno preto e camisa social. Ele e Cindy continuavam namorando e todas nós gostávamos dele, na verdade gostávamos muito dos dois juntos. A multidão se aquietou. Ele olhou em volta da igreja lotada, sorrindo calmamente, e, com a voz impostada, começou a falar:

Poucos meses atrás, a brincadeira dos nossos filhos foi abalada pelo pesadelo de um louco. Eu vi as balas profanando este bairro. Este coro que canta para vocês hoje foi tomado pelo terror. E todos nós pensamos: por quê... Como era possível apenas a mais jovem e mais inocente de nós ter sido alvejada?

Gritos de “amém” ecoaram dos bancos. Cindy sussurrou no meu ouvido:

– Ele é bom, não é? E o melhor de tudo é que é sincero.

– E a resposta é... — declarou Winslow para os fiéis em silêncio – a única resposta possível é que ela era capaz de abrir o caminho para todos nós.

Ele examinou a igreja toda.

– Estamos todos ligados. Todos aqui, as famílias que sofreram perdas e os que vieram apenas para lembrar. Negros ou brancos, somos todos diminuídos pelo ódio. No entanto, todos nos curamos. E prosseguimos. Nós vamos em frente.

Naquele momento, ele acenou com a cabeça para um grupo de crianças pequenas, vestidas com suas melhores roupas, que ladeava a grande cortina branca. Uma menina de tranças, que não devia ter mais de dez anos, puxou uma corda e o pano caiu no chão com uma batida sonora.

A igreja foi inundada pela luz brilhante. Todos viraram a cabeça e engoliram em seco. Onde antes estilhaços pontiagudos de vidro deixavam um buraco, brilhava um maravilhoso vitral, intacto. Muitos gritaram e aclamaram, então todos aplaudiram. O coro começou a cantar um hino baixinho. Foi tão lindo...

Ouvindo aquelas vozes comoventes, alguma coisa se agitou dentro de mim. Olhei para Cindy, para Claire e para Jill e pensei, revivi tantas coisas que tinham acontecido desde a última vez que estive naquele lugar, desde o dia em que assassinaram Tasha Catchings.

Lágrimas encheram meus olhos e senti os dedos de Claire ao meu lado. Ela procurou minha

mão e apertou com a ponta dos dedos. Depois Cindy entrelaçou o braço no meu.

Atrás de mim, Jill segurou meus ombros.

Eu estava enganada – ela cochichou no meu ouvido. – Aquilo que disse quando entrava no centro cirúrgico de cadeira de rodas. Os filhos da mãe não venceram. Nós e que vencemos. Só temos de esperar o final do jogo.

Nós quatro ficamos admirando o lindo vitral. Um Jesus doce conversava com os discípulos, e tinha uma nuvem amarela em volta da cabeça. Quatro ou cinco seguidores iam atrás dele. Um desses, uma mulher, tinha virado para esperar por alguém, de braço esticado...

Ela olhava para a mão estendida de uma menininha negra.

A menina era parecida com Tasha Catchings.

Duas semanas mais tarde, sexta-feira à noite, convidei as meninas para jantar em casa. Jill disse que tinha uma grande notícia a nos dar.

Eu estava voltando do mercado, com sacolas de compras nas mãos. Parei no hall do meu prédio para ver se havia correspondência. Os catálogos e contas de sempre. Já ia para casa quando notei um envelope branco e fino, do tipo padrão de envelope aéreo, com listras azuis e vermelhas, daqueles que vendem nos correios.

Meu coração deu um pulo quando reconheci a letra.

Tinha carimbo do correio de *Cabo San Lucas*, México. Deixei as sacolas com as compras no chão, sentei num degrau e abri o envelope. Tirei de dentro uma folha pautada dobrada. E dentro da folha havia uma pequena foto de polaroide.

“Minha linda filha”, começava a carta escrita com uma letra irregular.

Agora você já deve saber de tudo. Percorri um longo caminho até aqui, mas parei de correr.

Você, sem dúvida, já deve ter uma ideia do que aconteceu naquele dia no Tribunal. Vocês, policiais modernos, esnobam os velhos da antiga como eu. O que queria que soubesse é que não tive medo de que tudo fosse divulgado. Fiquei por aí alguns dias para ver se a história seria revelada. Cheguei até a ligar para você, quando estava no hospital, uma vez. Fui eu sim... Eu sabia que você não queria ouvir falar de mim, mas eu queria saber se você estava bem. E é claro que você está ótima.

Essas palavras não são suficientes para que saiba como eu lamento tê-la desapontado de novo. Eu estava errado quanto a muitas coisas. Uma delas é que não se pode deixar tudo para trás. No momento em que a vi de novo, eu soube disso. Por que levei a vida inteira para aprender uma lição tão simples como essa?

Mas eu tinha razão em uma coisa. Que é mais importante do que todo o resto. Ninguém é tão poderoso para não precisar de ajuda de vez em quando... Mesmo que seja do pai.

Ele tinha assinado “Seu pai burro”, e embaixo, “que te ama de verdade...”

Fiquei ali sentada e li a carta outra vez, me controlando para não chorar. Então Marty tinha finalmente encontrado um lugar até onde nada o seguiria. Onde ninguém o conhecia. Engasguei com a triste compreensão de que talvez nunca mais o visse. Virei a fotografia granulosa.

Lá estava Marty, com uma camisa havaiana ridícula, posando na frente de um barco de pesca caindo aos pedaços, sobre cavaletes, que devia ter uns doze pés, mais ou menos. Havia uma nota escrita embaixo: “Novo começo, nova vida. Comprei este barco. Eu mesmo pintei. Um dia vou pescar um sonho para você...” Primeiro, dei risada. Que bobo, pensei, balancei a cabeça. O que ele conhecia de barcos? Ou de pesca? O mais perto que meu pai já tinha chegado do mar foi quando o designaram para conter a multidão no Fisherman’s Wharf.

E então uma coisa chamou minha atenção.

No fundo da foto, atrás da cara orgulhosa do meu pai, diante dos mastros e cascos da marina azul e do lindo céu... Semicerrei os olhos para decifrar o que estava escrito no casco recém-

pintado do seu novo barco.

Duas palavras simples escritas ali, em letras simples e brancas com a sua própria letra.

O nome do barco: *Minha Flor*.

FIM

## Table of Contents

[Rosto](#)

[Ficha](#)

[Sinopse](#)

[Agradecimentos](#)

[Prologo](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

### [PARTE 3](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)

[Capítulo 103](#)

[Capítulo 104](#)

[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Capítulo 110](#)

[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Epílogo I'll fly away](#)